



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

## **AMOR ENTRE MULHERES**

VERA DE SÁ NOGUEIRA BOTELHO DA COSTA

Orientador de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL**

Coordenador de Seminário de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Ângela Vila-Real agradeço a disponibilidade, a sensibilidade e o entusiasmo com que orientou este trabalho. O seu encorajamento constante constituiu um incentivo fundamental. Não posso deixar também de referir o privilégio que sinto por todos os conhecimentos psicanalíticos que partilhou comigo ao longo dos últimos anos.

A cada uma das participantes deste estudo agradeço a forma entusiasta com que se disponibilizaram, e a riqueza e a coragem dos seus contributos.

À Patrícia, por ter partilhado esta experiência comigo com tanta amizade e dedicação. Agradeço ainda a generosidade invulgar enquanto colega.

Aos meus Pais, por acreditarem tanto em mim. Ao meu irmão, João Maria, por toda a cumplicidade.

À Ana, pelo apoio inestimável ao longo da realização deste estudo. À Zé, por ter sempre uma palavra de compreensão. À Inês, pela amizade que acompanhou todo este percurso.

## RESUMO

A literatura psicanalítica evidencia a falta de estudos sobre o amor na homossexualidade feminina. No âmbito de um estudo qualitativo, esta dissertação pretendeu explorar as relações amorosas de seis mulheres homossexuais, com idades compreendidas entre os 36 e os 53 anos, tendo em conta o desenvolvimento da sua identidade, os seus objectos internos, as suas relações de objecto e as suas identificações. O método, assente na realização de entrevistas semi-estruturadas, permitiu-nos obter narrativas de vida e aceder a estas vivências do ponto de vista do sujeito, sempre através de uma perspectiva dinâmica. Os resultados obtidos, apesar da diversidade de percursos entre as participantes, ajudou-nos a estabelecer uma ligação entre as suas experiências infantis e as suas experiências amorosas no presente. Mais precisamente, pudemos ver o modo como a internalização do casal parental se interliga com as suas relações amorosas actuais. Também observámos a forma como a relação com as figuras parentais, especialmente com a mãe, foi determinante para a escolha do objecto de amor.

**Palavras-chave:** amor, homossexualidade feminina, objectos internos, relações de objecto, identificações.

## ABSTRACT

Current psychoanalytic literature lacks studies on love in female homosexuality. Within the scope of a qualitative study, this dissertation aimed to explore the romantic relationships of six homosexual women, aged between 36 and 53, taking into account the development of their identity, their internal objects, their object relations and their identifications. The method, based on the application of semi-structured interviews, allowed us to obtain life narratives and approach these experiences from the point of view of the subject, always on a dynamic perspective. The results obtained, despite the diversity of pathways between the participants, helped us establish a link between their childhood experiences and their love experiences in the present. More precisely, we were able to see how the internalization of the parental couple is related to their current romantic relationships. We also observed how the relationship with their parental figures, especially with their mother, was decisive to the choice of their love object.

**Key-words:** love, female homosexuality, internal objects, object relations, identifications.

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 1  |
| I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....                             | 2  |
| 1. O Amor em Platão .....                                   | 2  |
| 2. O Amor e a Psicanálise.....                              | 3  |
| 2.1. O Amor na Teoria Clássica.....                         | 3  |
| 2.2. O Amor e as Relações de Objecto .....                  | 4  |
| 2.3. Contributos Recentes para a Compreensão do Amor.....   | 9  |
| 3. A Homossexualidade Feminina.....                         | 12 |
| 3.1. O Feminino na Teoria Clássica.....                     | 12 |
| 3.2. Identidade de Género.....                              | 13 |
| 3.3. A Escolha de Objecto Sexual.....                       | 16 |
| 4. O Amor na Homossexualidade Feminina.....                 | 18 |
| 4.1. Identificações.....                                    | 18 |
| 4.2. Padrões Relacionais na Homossexualidade Feminina ..... | 19 |
| 5. Objectivo do Estudo.....                                 | 20 |
| II - MÉTODO .....   | 21 |
| 1. Delineamento .....                                       | 21 |
| 2. Amostra.....   | 21 |
| 3. Instrumento.....   | 22 |
| 4. Procedimentos.....                                       | 23 |
| III - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....                      | 25 |
| 1. O Desenvolvimento do Eu.....                             | 25 |
| 2. Objectos Internos.....                                   | 30 |
| 3. Relação com as Figuras Parentais.....                    | 35 |
| 4. Identificações.....                                      | 40 |
| 5. O Amor.....  | 42 |
| IV - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....                            | 49 |
| REFERÊNCIAS.....  | 58 |
| ANEXO A – GUIÃO E JUSTIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS .....          | 62 |
| ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....             | 65 |
| ANEXO C – EXCERTOS DAS ENTREVISTAS.....                     | 66 |

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 – Caracterização da Amostra ..... | 22 |
|--|----|

## INTRODUÇÃO

*They should be one being instead of two.*

Platão

A homossexualidade tem sido alvo de variadíssimos estudos, designadamente na Psicanálise. Contudo, parece-nos ser quase exclusivamente abordada do ponto de vista do desejo por um objecto do mesmo sexo, sendo descurada a dimensão do amor romântico. É exactamente esta lacuna e a conseqüente vontade de abordar as relações homossexuais do ponto de vista das relações amorosas que está na base da motivação para a realização deste trabalho. A preferência pela homossexualidade feminina prendeu-se essencialmente com o facto de haver significativamente mais estudos sobre a homossexualidade masculina.

Assim sendo, a presente dissertação procurou explorar, com base na teoria psicanalítica, as relações amorosas de seis mulheres homossexuais, baseando-se essencialmente no desenvolvimento da sua identidade, nos seus objectos internos, nas suas relações de objecto e nas suas identificações.

Esta investigação encontra-se dividida em quatro capítulos distintos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão de literatura subdividida em cinco partes, sendo que começamos por apresentar as ideias de Platão para a compreensão do amor e os contributos da sua obra para a teoria freudiana. Numa segunda parte, retratamos as principais teorias psicanalíticas acerca do amor, desde a teoria clássica até aos contributos mais recentes. A terceira parte incide no tema da homossexualidade feminina, sendo abordadas as principais teorias acerca do desenvolvimento feminino, da identidade de género e da escolha de objecto homossexual. A quarta parte teórica, que se pretendia que fosse a mais extensa, acaba por ser a mais breve, uma vez que se centra no tema específico do amor na homossexualidade feminina, sobre o qual há pouca literatura psicanalítica disponível. Apresenta ainda a importância das identificações para a escolha de objecto amoroso e para a escolha de objecto sexual. Na última parte é proposto o objectivo do estudo. Posteriormente, no segundo capítulo, apresentamos a explicação da metodologia utilizada. O terceiro capítulo descreve os principais resultados encontrados, e o quarto e último capítulo apresenta uma proposta teórica de discussão e as conclusões finais que resumem os principais contributos da investigação.

## I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. O Amor em Platão

No século IV a.C., Platão mostrou-se profundamente interessado em explorar o tema do amor, sendo “O Banquete” a maior expressão desse interesse. Ao longo desta obra, o autor vai introduzindo personagens que oferecem as suas visões filosóficas acerca da natureza do amor.

Fedro, o primeiro orador, utilizando uma linguagem mitológica, considera que o amor é um deus poderoso, que inspira aqueles que amam a actos de coragem e devoção. É o discurso seguinte, de Pausânias, que marca a importante transição para uma linguagem filosófica, através da distinção entre Afrodite celeste e Afrodite popular. Pausânias refere-se aqui à diferença entre o amor nobre, da alma, e o amor das pessoas vulgares, que somente procuram “a satisfação dos impulsos”. Está, portanto, presente a célebre diferenciação entre amor e desejo.

No entanto, é através de Aristófanes que Platão oferece uma reflexão inovadora acerca do amor, caracterizando-o como uma “saudade de um antigo estado”. De facto, para explicar a origem do amor, Aristófanes recorre ao mito das pessoas duplas, segundo o qual todos os seres humanos seriam inicialmente duplos, possuindo duas cabeças, quatro braços, quatro pés, etc. Ameaçado pelo poder que possuíam, Zeus corta-os ao meio, deixando-os incompletos e saudosos da sua outra metade. Alguns destes seres eram homem e mulher, outros eram homens ou mulheres, pelo que é também desta forma que Platão explica o amor heterossexual e o amor homossexual. Assim, Aristófanes salienta o facto de o amor não se reduzir a um impulso físico sexual, mas contemplar também uma procura ligada à alma, uma busca de completude e totalidade. Esta ideia platónica do amor como reencontro vai ser mais tarde central na teoria freudiana sobre o amor.

Sócrates, o último orador, apresenta uma visão radicalmente nova do amor ao explicar que só se pode amar aquilo que não se tem. Como tal, o amor surge aqui como a expressão de uma necessidade que, quando preenchida, dá lugar a uma nova necessidade. Neste sentido, o amor inicial pela beleza física pode ser transformado, através de passos sucessivos, numa forma metafórica de amor, um amor de sabedoria e de virtudes abstractas, numa procura mais ligada à alma.

Platão tece evidentes elogios ao amor divino ao longo da obra. O termo “amor platónico”, ao qual é atribuído habitualmente um carácter assexuado, foi introduzido por Vicino, um importante neoplatónico do Renascimento e mantém-se até aos dias de hoje (Bergmann, 1982). Contudo, uma análise cuidada da sua obra permite-nos perceber que, na realidade, o

filósofo nunca descurou a ligação entre amor divino e amor terreno. Para além disso, podemos observar que Platão procura compreender o amor numa perspectiva relacional e não absoluta, pelo que é possível estabelecer um paralelismo entre os seus contributos e algumas das principais reflexões psicanalíticas sobre o amor, em particular a ideia do amor enquanto expressão simbólica da procura humana pela reunificação.

## **2. O Amor e a Psicanálise**

### **2.1. O Amor na Teoria Clássica**

Bergmann (1982) acredita que Freud contribuiu mais para a compreensão do amor do que qualquer outra pessoa depois de Platão. Com efeito, são inúmeras as referências de Freud ao tema do amor ao longo da sua obra, mais de 130, de acordo com Hitschmann (1952). Contudo, abordou sempre o tema com relutância, não tendo sido capaz de construir uma teoria unificada. Bergmann (1980, 1982, 1988, 1995, 2001) dedicou parte significativa do seu trabalho ao tema do amor e a sintetizar a evolução do mesmo na obra freudiana, tendo identificado três teorias diferentes que, por nos fazerem sentido, nos propusemos a adoptar.

A primeira teoria está presente na obra “Three Essays on the Theory of Sexuality” (1905) e apresenta a ideia inovadora do amor enquanto uma redescoberta do amor infantil. Para Freud, o primeiro objecto de amor sexual da criança é a mãe que o alimenta e responde às suas necessidades de sobrevivência. Durante a latência, o impulso sexual é dividido em duas correntes: a sensualidade e a ternura. A primeira torna-se inconsciente, enquanto a última permanece consciente. Na fase genital, durante a puberdade, se tudo correr bem, um novo objecto substitui o antigo e as duas correntes unem-se novamente. Deste modo, a pessoa amada representa inconscientemente um objecto de amor antigo. Como tal, Freud considera o amor maduro inerentemente conflituoso, na medida em que deve evocar a imagem parental edipiana de forma a gerar paixão, mas esta ligação deve permanecer inconsciente de forma a inibir o tabu incestuoso.

A segunda teoria assenta na descoberta do narcisismo primário, sendo que à ideia inicial do amor como uma redescoberta, Freud (1914) adiciona que a pessoa amada deve também representar um aspecto idealizado do eu. Assim, o autor defende que não só a figura parental, mas também o eu podem ser modelos de um objecto de amor. Neste sentido, define duas fontes de amor. A primeira denominou-a anaclítica, que corresponde, através do mecanismo de deslocamento, a um aperfeiçoamento do amor que no passado se sentiu pelos objectos de amor precoces. O outro tipo de amor seria o narcísico, no qual nos apaixonamos por alguém que se

assemelha a nós, a quem somos, a quem fomos e, por vezes, à pessoa que gostaríamos de ser. Por outras palavras, as escolhas de objecto narcísicas podem corresponder a imagens espelho do eu, a imagens do passado do eu, ou a projecções do ideal do eu do indivíduo. Esta ideia vai ser posteriormente contrariada por Kernberg (1995), que acredita que a projecção do ideal do ego apenas ocorre no amor adolescente. No amor maduro a projecção dá lugar a uma partilha de ideais.

A terceira teoria encontra-se no seu trabalho “Instincts and Their Vicissitudes” (1915), no qual Freud sugere que um ego maduro é um pré-requisito para amar, uma vez que o amor implica a integração de múltiplos impulsos e afectos, inclusive afectos hostis. Assim, é necessária a supremacia da fase genital, na medida em que até esta fase o amor é indistinguível do ódio. Ademais, descreve três opostos para conceptualizar o amor, nomeadamente amar e odiar, amar e ser amado, e amar e indiferença. Para o autor, o amor e o ódio estão intrinsecamente ligados, sendo comum que ambos os sentimentos sejam dirigidos ao mesmo objecto. A oposição entre amar e ser amado corresponderia à transformação da actividade em passividade. A indiferença surge aqui como oposta ao amor e ao ódio, representando a ausência de afecto relativamente a um objecto.

Abraham (1926), à semelhança de Freud, acreditava que o ser humano só teria capacidade para amar de forma madura caso atingisse a fase genital do desenvolvimento psicosexual. Assim sendo, uma vez que a teoria clássica considerava que os homossexuais falhavam em alcançar a posição genital, estes seriam incapazes de amar.

Deste modo, podemos observar que, apesar das referências freudianas sobre o amor se encontrarem dispersas ao longa da sua obra, todas elas partilham entre si raízes nas experiências infantis (Perlman, 1999). Para além disso, apesar de a teoria clássica não ter conseguido apresentar uma teoria coerente sobre o amor, constituiu, como poderemos ver, um ponto de partida fundamental para muitas das teorias psicanalíticas posteriores acerca do amor.

## 2.2. O Amor e as Relações de Objecto

Na sequência dos trabalhos pioneiros de Freud, outros teóricos da Psicanálise desenvolveram as suas teorias a partir do foco nas relações objectais, passando a considerar as representações que se desenvolvem a partir de uma base relacional. A teoria das relações de objecto destaca a importância da primeira relação da criança – a relação com a mãe e com o seio materno –, enfatizando o papel da mãe enquanto objecto de sentimentos de desejo e ternura. Assim procedendo, as reflexões sobre o amor passam também, naturalmente, a incorporar as

experiências pré-edípicas, destacando-se os trabalhos desenvolvidos por Bergmann, Kernberg e Ross.

A propósito da ideia clássica de que o amor maduro requer genitalidade, Balint (1948) vem alertar para a necessidade de distinguir satisfação genital de amor genital. Efectivamente, propõe que o amor genital se torna possível quando a satisfação genital é associada a idealização e a uma forma especial de identificação. A esta forma de identificação denominou-a genital, referindo-se ao facto de o ego assumir certas qualidades do objecto. Os interesses, sonhos e sentimentos do objecto de amor passam a ser tão importantes quanto os nossos. Assim, rejeita a ideia anteriormente estabelecida de um primado genital, considerando que a maturidade emocional não está necessariamente ligada à maturidade sexual e à capacidade para a relação sexual. Kernberg (1974a) vai mais longe ao afirmar que a capacidade para a relação sexual e para o orgasmo não significam maturidade sexual e não têm de representar um nível mais elevado de desenvolvimento psicosexual. Ross (1991) também discorda que o amor seja simplesmente sinónimo de primado da genitalidade, uma vez que envolve igualmente uma busca por uma comunhão intersubjectiva e uma procura pela “alma” do ser amado, o que o torna inacessível a indivíduos intelectualmente imaturos.

Klein (1957), focando-se nas experiências precoces e, em particular, na relação do bebé com a mãe, vem enfatizar o papel da inveja nesta fase de vida da criança, defendendo que quando esta é excessiva constitui um factor determinante na diminuição de sentimentos como o amor e a gratidão. Só quando o seio é investido com prazer se pode tornar o seio bom e servir de base para a capacidade para amar, pelo que a relação não pode ser demasiado determinada pela inveja. Assim sendo, a gratidão, que deriva da capacidade para amar, é essencial no estabelecimento de uma boa relação com o objecto e torna também possível o sentimento de generosidade. Assim, podemos perceber que, ao contrário de Freud, para Klein há um amor generoso desde o início, no sentido em que a gratificação traz a gratidão face ao objecto.

Bergmann (1988) considera que a principal contribuição de Freud para a compreensão do amor reside na consciência de uma ligação entre amor adulto e amor infantil, na ideia de que toda a descoberta é uma redescoberta. Assim, enaltecendo a importância dos contributos freudianos, oferece igualmente algumas reformulações importantes.

Contrariamente a Freud, defende que no amor não procuramos somente reencontrar aquilo que já tivemos, pois muito frequentemente, quando os objectos de amor parentais não foram suficientemente bons, procuramos encontrar no objecto de amor aquilo que os nossos pais não nos deram. Assim, há a esperança de que a pessoa amada vá reparar as feridas infligidas pelos objectos infantis que não foram suficientemente bons (Bergmann, 1988, 1995). Esta reparação é

baseada numa procura por algo bom, não se cinge apenas a um evitamento de algo que correu mal (Perlman, 1999).

Neste contexto, Bergmann (1982) sugere a possibilidade de ocorrerem três cenários distintos: (1) Quando as imagos parentais formam uma base insatisfatória, o amor adulto vai evocar um conflito entre a escolha de objecto baseada nas imagos infantis e as forças do ego que procuram resistir a esta redescoberta. Nestes casos, quando há uma escolha afastada dos protótipos infantis, significa que o ego foi vitorioso relativamente à compulsão à repetição. (2) Contudo, quando as representações infantis foram consideravelmente insatisfatórias, o ego pode não ser capaz de contrariar a compulsão à repetição, pelo que o novo objecto será uma reimpressão dos objectos antigos. (3) De acordo com a mesma lógica, quando as representações parentais foram particularmente boas, não haverá motivo para o ego se tentar distanciar de escolhas baseadas nestes modelos infantis.

Uma outra observação de Bergmann (1995) diz respeito ao facto de algumas crianças possuírem mais do que um objecto de amor primário, sem que nenhum desses objectos seja predominante. Nestas situações, o autor acredita que cada um destes objectos vai ser procurado no futuro, pelo que estas pessoas terão dificuldade em concentrar o seu amor num único objecto e poderão precisar de mais do que um em simultâneo ou sucessivamente. De facto, para estes indivíduos, um só objecto pode não comportar em si o suficiente para gerar satisfação.

Na intenção de explicar a centralidade do amor para a existência humana, Bergmann (1988) recorre às primeiras fases de desenvolvimento da criança propostas por Mahler (1971). Para o autor, a fase simbiótica deixa resíduos de uma vontade de fusão, uma vez que, durante a infância, nos foi revelado que somos dependentes do amor parental. É o desejo de retornar a este estado de dádiva que impele o indivíduo ao amor. No entanto, é também necessário superar as subfases da separação-individação, de modo a que o desejo de fusão não evoque o medo de ser devorado ou o medo de perda da identidade. Neste sentido, o amor é alimentado por desejos simbióticos, mas só pode ser concretizado se a separação e a individuação relativamente à figura materna forem negociadas eficazmente. Altman (1977) e Ross (1991) também assinalam a importância determinante destes processos. Altman (1977), especificamente, acredita que uma relação baseada na dependência pode ser um produto patológico do medo do vazio ou da falta de um sentido de identidade e individualidade, devido a dificuldades experimentadas na fase de separação-individação.

A Psicanálise encarou sempre a relação simbiótica com a mãe e com o seio materno como a expressão máxima da felicidade humana. Bergmann (1995) vai questionar esta noção, pois considera que os indivíduos experienciam a sensação de enamoramento como uma dádiva nunca

antes experimentada. Ross (1991) denuncia precisamente a relutância da Psicanálise em confrontar o amor adulto. Nem todas as relações de amor constituem apenas revivências das relações precoces, na medida em que cada pessoa é nova e única, e traz consigo uma história pessoal diferente, que nos leva muitas vezes a expandir a nossa experiência a níveis inesperados. O autor discorda da ideia tradicional de que o amor se reduz a uma espécie de amor de transferência, a imagens parentais, totais ou parciais, que se impõem e que são redescobertas no presente. O amor caracteriza-se por um objectivo paradoxal. Há o desejo de possuir ou devorar uma pessoa específica, e simultaneamente, de preservar a sua existência. O amor é, portanto, acompanhado de sentimentos contraditórios, que remetem para conflitos antigos, mas também actuais.

Kernberg, embora tenha focado quase exclusivamente as relações amorosas heterossexuais, oferece, ao longo da sua obra, um contributo fundamental para o estudo do amor. Para o autor, a singularidade do amor pode ser explicada psicanaliticamente como um relaxamento ou até uma abdicação de algumas funções e barreiras do ego (Kernberg, 2011). Esta ideia é também partilhada por outros autores (Gabbard, 1993; Bergmann, 1995; Elise, 1998). O ódio desenvolve-se nas relações amorosas exactamente pela necessidade de encontrar e exacerbar diferenças, de forma a preservar a autonomia individual. Os antecedentes desta preocupação podem ser encontrados tanto no período edipiano, como no período pré-edipiano. O amor intenso tingem-se de elementos de agressividade, e as reacções à percepção de diferenças nas relações amorosas adultas são recapitulações de experiências de desenvolvimento infantis (Gabbard, 1993).

Segundo Kernberg (1995), o amor sexual maduro implica a capacidade para relacionar idealização com erotismo e o potencial para estabelecer uma relação de objecto profunda. Neste sentido, enfatizou a importância da integração, na medida em que o amor e o amor maduro, em particular, implicam um ego integrado. De acordo com o autor, o amor e a sexualidade estão intimamente ligados, sendo que o amor sexual maduro é uma disposição emocional complexa que integra diversas componentes. Em primeiro lugar, implica excitação sexual, transformada em desejo erótico por outra pessoa. Segundo, é necessário um predomínio do amor sobre a agressividade e tolerância face à ambivalência natural que caracteriza todas as relações humanas. Em terceiro lugar, deve estar presente uma identificação com o outro, que inclui uma identificação genital recíproca e uma profunda empatia pela identidade de género do outro. E, por fim, deve existir também uma forma madura de idealização, acompanhada de um compromisso com o outro e com a relação. Em suma, Kernberg (1974b) preconiza que a internalização das relações de objecto, e não dos objectos em si, constituiu o principal

organizador do desenvolvimento humano. Assim procedendo, o casal é composto pelas relações de objecto internalizadas, consciente e inconscientemente, por ambas as partes. Mais especificamente, o casal adquire uma identidade própria que vai para além da simples adição entre a identidade de cada um dos indivíduos (Kernberg, 1995).

Bergmann (1995) considera que para amar é preciso vencer alguns obstáculos, designadamente aquele que advém da dificuldade em resolver adequadamente o complexo de Édipo. Também o narcisismo pode limitar a capacidade para amar, uma vez que o objecto de amor é geralmente incluído dentro das nossas barreiras do ego. Como tal, quando a pessoa amada comete um erro ou é socialmente humilhada, a dor é experienciada como se nos pertencesse. O autor assinala igualmente que nos casos em que o amor consiste sobretudo numa projecção do superego, este amor está associado a uma grande dose de idealização. Quando isto sucede, a pessoa sente-se inferior à pessoa amada, persistindo um sentimento de que esta não vai tolerar as suas fraquezas. A inveja e o ciúme, quando excessivos, podem também dificultar a capacidade para amar.

A literatura psicanalítica nem sempre é clara no que diz respeito à distinção entre paixão e amor. Com efeito, Kernberg (1974b) fala indiscriminadamente de condições necessárias à capacidade para nos apaixonarmos e para amar. Considera que, num primeiro estágio, durante os primeiros cinco anos de vida, se deve desenvolver uma normal integração das relações de objecto internalizadas, o que, por sua vez, conduz a uma conceptualização integrada dos outros e permite, em última instância, a capacidade para estabelecer relações profundas com um outro significativo. O segundo estágio corresponde à superação do conflito edípico e das inibições sexuais que lhe estão associadas.

Altman (1977) e Bergmann (1980), por outro lado, privilegiam que é fundamental distinguir entre a capacidade para experienciar a emoção do amor e a capacidade para estabelecer relações de objecto maduras. Numa reflexão sobre o assunto, Bergmann (1980) defende que a primeira evoca aspectos infantis e a segunda requer maturidade. Mais concretamente, associa a paixão às memórias da fase simbiótica, e o amor à necessidade de um ego maduro. A transição entre estar apaixonado e experienciar uma relação amorosa é um processo difícil, para o qual o autor identifica a importância de cinco funções essenciais do ego. Primeiro, o ego deve ser capaz de avaliar as qualidades reais do ser amado. Segundo, deve integrar as representações de antigos objectos de amor com o novo objecto. Terceiro, o ego deve proteger o novo amor do tabu incestuoso. Quarto, deve ter a capacidade de minimizar as exigências do id, o qual persiste na ideia de uma gratificação e satisfação totais. E, por último, o ego deve prevenir relativamente a uma escolha de objecto patológica. Kernberg (1995) acredita que a psicopatologia interfere de

forma severa no desenvolvimento de relações amorosas maduras, podendo impedir, nalguns casos, a criação de uma verdadeira relação de amor, destacando os casos de estruturas de personalidade narcísicas, borderline e masoquistas.

Ross (1991), focando-se na experiência do amor adulto, apresenta uma visão ligeiramente diferente. Acredita que o amor romântico é marcado por uma oscilação entre períodos de paixão e períodos de uma intimidade mais tranquila. Estar apaixonado traduz-se, a partir da idealização e da identificação, numa sensação de realização extraordinária e numa busca pela união, acompanhada simultaneamente de uma frustração intensa e de um grande sofrimento. Este sofrimento advém do facto de o amor não poder ser verdadeiramente correspondido, pois há uma intangibilidade e inacessibilidade aos pensamentos e sentimentos mais profundos do objecto de amor. É esta intensidade da paixão, a qual se expressa num estado alterado de consciência, que força o indivíduo a retornar a um estado normal de consciência, mais compatível com as exigências e as circunstâncias da maior parte das vidas adultas. Para além disso, há momentos em que o indivíduo procura dar a conhecer a sua individualidade e aceder à existência diferenciada do outro. Para o autor, há uma qualidade integrativa nestas duas polaridades emocionais, sendo que as memórias de uma experiência permitem enriquecer a outra, sucessivamente.

### 2.3. Contributos Recentes para a Compreensão do Amor

Stephen Mitchell, importante teórico das relações de objecto e uma das principais figuras da escola da Psicanálise Relacional, publica, em 1997, um artigo intitulado “Psychoanalysis and the degradation of romance”. As ideias que nele apresenta, bem como no livro “Can Love Last?”, publicado após a sua morte prematura e inesperada, vêm animar a discussão psicanalítica sobre o amor. De facto, surgem alguns trabalhos em torno das suas ideias, num misto entre a crítica, a reflexão e a homenagem.

Mitchell (1997) acredita que, na paixão romântica, o objecto de amor personifica ideais de beleza, poder e perfeição. Neste contexto, o autor assinala a tendência da teoria clássica para desvalorizar a dimensão idealizadora do romance e para, conseqüentemente, apresentar uma visão pessimista do amor. Com efeito, a sobrevalorização do objecto de amor era, para Freud (1914), fundamentalmente regressiva e imatura, estando ligada a projecções narcísicas e resultando num obscurecimento da realidade. Contudo, Kohut (1977, cit. por Mitchell, 1997) vem contrariar esta posição, entendendo a fantasia como um elemento enriquecedor da realidade e considerando que a capacidade para idealizar é fundamental para a saúde mental. Schapiro (2002) está de acordo com Mitchell (1997) ao considerar que as fantasias narcísicas são essenciais

à paixão e à permanência do desejo erótico. A realidade não se deve sobrepor à fantasia; realidade e fantasia devem coexistir e a tensão entre ambas é necessária para a vida adulta.

Para Mitchell (1997), o amor comporta uma tensão entre duas necessidades humanas fundamentais: a necessidade de estabilidade e segurança, e a necessidade de aventura e de transgredir barreiras. Assim, está sempre presente uma oposição entre o familiar e o desconhecido, que corresponde, respectivamente, a uma dicotomia entre o amor e o desejo. É a difícil coexistência destas duas necessidades que faz com que o amor viva sempre em risco de se extinguir (Ogden, 2004). O amor sem desejo pode ser terno, íntimo e seguro, mas falta aventura e a sensação de risco que alimenta a paixão romântica. O desejo sem amor pode ser divertido e estimulante, mas falta a intensidade e a sensação de elevação que aprofunda o amor romântico (Mitchell, 2002).

A longevidade da relação amorosa confere um carácter progressivamente mais perigoso e arriscado ao amor, na medida em que envolve uma dependência profunda de outra pessoa e está associada a uma condição de maior vulnerabilidade (Mitchell, 2002). Deste modo, a teoria de Mitchell (1997) acerca do amor vem contrariar a ideia convencional de que é a familiaridade que interfere na diminuição da paixão sexual e do romance. Pelo contrário, o amor tende a desvanecer-se ao longo do tempo pelo facto de as relações longas comportarem mais riscos. Como tal, o ser humano recorre, inconscientemente, a operações de segurança que interferem, muitas vezes, na continuidade das suas relações, e que se podem manifestar ao nível da sexualidade, da idealização e/ou da agressividade (Mitchell, 2002).

No que respeita à sexualidade, correm-se mais riscos num envolvimento com alguém que nos conhece intimamente, do que com uma pessoa desconhecida, que se sabe, inconscientemente, que pode ser substituída. Como tal, a perda da paixão sexual ou a procura de uma aventura sexual fora da relação podem constituir operações de segurança. A idealização nas relações amorosas, por seu lado, corresponde ao acto de imaginação que evidencia as qualidades do objecto de amor, tornando-o desejável. O perigo de se desejar alguém reside no facto de se poder vir a perder essa pessoa. Desta forma, idealizar e, conseqüentemente, desejar alguém inatingível constitui uma defesa contra o desejo por alguém atingível. Também a agressividade se torna mais perigosa em relações longas, na medida em que a sua eficácia é proporcional ao conhecimento que temos acerca do objecto de amor. Assim, a sobrevivência do amor ao longo do tempo não depende do evitamento do ódio, mas antes da capacidade para o tolerar e reparar (Mitchell, 2002). Para Kernberg (2011), a agressividade pode destruir a ligação passional, na medida em que há uma tendência para, através da identificação projectiva, colocar no objecto de

amor características do objecto edipiano e/ou pré-edipiano com o qual se experienciaram conflitos agressivos.

Em suma, a dependência do outro aumenta à medida que a relação evolui e se torna mais segura e, por conseguinte, o amor torna-se mais arriscado. Para que o amor romântico perdure é preciso aceitar a vulnerabilidade a que está associado, o que envolve uma inevitável coragem (Mitchell, 2002). Blechner (2006), embora acredite que esta ideia se aplica a alguns casos, assinala que há muitas relações duradouras que não possuem a segurança e a consistência a que Mitchell se refere.

Goldner (2006), concordando parcialmente com Mitchell, propõe que o que torna o amor romântico perigoso é o facto de que a pessoa que nos regula e sustém, é também a pessoa que nos magoa. Com efeito, todo o objecto de amor é fonte de segurança e conforto, mas também de perigo, sendo, em simultâneo, a causa e a solução para a nossa dor. A autora sugere que as relações longas não são perigosas em vez de seguras. É o objecto de amor que incorpora o perigo e a segurança.

A ideia de que o amor e o romance têm de perdurar ao longo da vida numa mesma relação é questionada por Blechner (2006), que não considera que esta seja a única solução saudável. Há inúmeras formas que permitem que as pessoas tenham relações com significado e vidas amorosas satisfatórias, não existe um modelo único. A este propósito defende que a qualidade dos sentimentos é mais importante do que qualquer norma relativa ao comportamento considerado correcto ou normal, pelo que a Psicanálise deve ser capaz de apreciar as várias formas de amor sem a preocupação em reforçar as normas da sociedade.

Uma outra contribuição importante para o tema do amor diz respeito à internalização do casal parental. A Psicanálise tende a pensar a figura paterna e a figura materna enquanto entidades separadas, diferenciadas e complementares, e não em termos de um objecto único que forma um casal interno. Frisch e Frisch-Desmarez (2010), baseando-se nas suas experiências clínicas, observam que muitos pacientes falam de uma mãe e de um pai internos, mas também de objectos de um casal interno, tal como este foi internalizado durante a sua existência. Como tal, na opinião dos autores, o casal parental interno transcende a mera adição do pai, mais a mãe, tratando-se de uma construção complexa. Acreditam que esta visão contribui para uma compreensão mais rica de determinadas situações clínicas.

Kernberg (1995) fala-nos, como vimos, da importância da internalização das relações de objecto. Contudo, refere-se às relações nas quais o próprio indivíduo participa. Tendo em conta a concepção de Frisch e Frisch-Desmarez (2010) de internalização do casal parental, nós colocamos a possibilidade de que quando outras relações causam uma impressão marcante nos

sujeitos, particularmente a relação entre os pais, estas podem também ser interiorizadas e servir de modelo a relações futuras.

### **3. A Homossexualidade Feminina**

#### **3.1. O Feminino na Teoria Clássica**

Muito embora o início da Psicanálise esteja essencialmente ligado à mulher, à histeria e à sexualidade, são vários os autores que têm evidenciado as dificuldades de Freud no que respeita ao tema do desenvolvimento do feminino. A este propósito, foi acusado de falocentrismo, pelo facto de ter explicado o desenvolvimento psicosssexual da mulher a partir do modelo masculino.

Freud (1905) considera que a ausência de um pénis na menina levaria a um sentimento de inferioridade e a uma conseqüente inveja do pénis. Como tal, contrariamente ao rapaz, a rapariga não correria o risco de ser castrada, uma vez que o foi pela sua condição anatómica desvalorizadora. A maior visibilidade dos genitais do rapaz, comparativamente ao clítoris feminino, tornaria o acesso à masculinidade menos conflituoso, passando fundamentalmente por uma deslocação do desejo pela mãe e por uma identificação com o modelo do pai. Seria ainda facilitado pelo facto de o homem manter a sua zona erógena inalterável desde a infância.

Pelo contrário, o percurso da rapariga em direcção à feminilidade seria consideravelmente mais conturbado. Freud (1931) acreditava que o conhecimento da vagina seria inexistente, mesmo a nível inconsciente, até à puberdade, pelo que só nesta altura se estabelecia a polaridade entre masculino e feminino. Mais do que isso, a libido seria, na sua essência, masculina. Assim, a vida sexual da mulher teria duas fases, tendo, a primeira, um carácter masculino (clítoris) e a segunda um carácter feminino (vagina). Neste sentido, a feminilidade só seria possível após o deslocamento do erotismo do clítoris para a vagina, o qual se acompanhava também da mudança de objecto da mãe para o pai.

Assim sendo, segundo Freud (1931), a mulher reconheceria a superioridade do homem, pelo que, consoante a intensidade da inveja do pénis, podiam resultar situações distintas: (1) a retirada da sexualidade em geral; (2) o desenvolvimento de qualidades masculinas e uma conseqüente escolha de objecto homossexual; (3) e a escolha do pai como objecto e a identificação com a mãe.

Embora a teoria de Freud acerca do feminino apresente evidentes lacunas, as suas ideias constituíram um ponto de partida essencial, na medida em que as teorias posteriores surgem essencialmente por oposição.

Abraham (1922) considera que a inveja do pênis é substituída pela inveja da mãe, pelo facto de possuir uma criança e assinala que há mulheres que sofrem temporária ou permanentemente, na infância ou na vida adulta, pelo facto de terem nascido mulheres.

Contemporâneos a Freud, Jones (1927) e Horney (1933) desafiaram algumas das suas ideias, designadamente a crença numa masculinidade original para ambos os sexos, considerando que a feminilidade seria primária e inata. Horney (1933), especificamente, coloca em causa a inevitabilidade e preponderância da inveja do pênis na vida da menina. A autora discorda ainda da ideia freudiana de que ser mulher e feminina seria sentido como desvalorizador, defendendo que, contrariamente ao proposto por Freud, o sentimento de inferioridade da rapariga não era primário, mas adquirido e culturalmente reforçado.

### 3.2. Identidade de Género

Por oposição à teoria clássica, segundo a qual o género seria determinado biologicamente, surgem diversas teorias alternativas. Aqui, ao contrário do que sucede nas teorias freudianas, é difícil identificar uma teoria unificada e coerente, pelo que apresentamos aquelas que nos parecem mais relevantes para a compreensão do desenvolvimento feminino.

Stoller (1964), um dos autores que revisitou a obra freudiana, introduz o conceito de identidade de género nuclear, referindo-se à percepção de pertença a uma categoria sexual particular, ou seja, de ser masculino ou feminino. Esta sensação não é, como Freud sugerira, determinada por características biológicas, mas antes pelo género atribuído pelos pais, em particular pela mãe, durante os primeiros dois a quatro anos de vida da criança, e que é internalizado, pelo que pode ou não coincidir com o sexo biológico. Chodorow (1989) esclarece que esta atribuição não resulta de intenções parentais conscientes, resulta das experiências relacionais que são internalizadas e estruturadas. Stoller (1968, 1979) observou, portanto, que a identidade de género se estabelece muito antes do que Freud antecipara. Sugere ainda que, devido à ligação intensa e à relação simbiótica com a mãe, a primeira identificação da criança de ambos os sexos é feminina, pelo que, ao invés de uma masculinidade original, há uma feminilidade primária.

Na década de 80, Fast (1984) percebe que à semelhança da inveja do pênis nas meninas, os meninos invejam a capacidade da mulher para gerar bebés. Esta consciência das diferenças anatómicas faz com que ambos os sexos reconheçam as suas respectivas limitações, as quais resultam em sentimentos de perda, de negação e de inveja. Posteriormente, Fast (1990) identifica um período de narcisismo infantil, que precede a descoberta das diferenças sexuais, durante o

qual a criança acredita que pode deter os atributos de ambos os sexos, utilizando identificações cruzadas para formular partes importantes das suas representações internas. Para a autora, as crianças são originalmente bissexuais, não de forma constitucional, mas por se identificarem a nível primário com ambos os pais, pelo que a consciência de género é, nesta fase, inexistente. É a subsequente descoberta das diferenças entre os sexos que leva a criança a renunciar a identificações inadequadas ao sexo a que pertence e que conduz à diferenciação.

Numa linha de cariz objectal, a teoria da identificação materna vem propor que é a relação primária e a identificação da criança com a mãe que definem a identidade sexual a praticamente todos os níveis. Chodorow (1989) parte do princípio de que a mãe responderá aos sinais dos bebés de modo diferente de acordo com o seu sexo biológico, o que determina as diferenças entre homens e mulheres. A autora considera que, no caso particular das meninas, ocorre uma identificação primária dupla por parte da mãe, que se identifica com a sua própria mãe e, por identificação com a criança, se experiencia de novo enquanto criança que é cuidada. Como tal, a identificação da mãe com a menina é mais forte do que com o menino, tornando os posteriores processos de separação e individuação mais difíceis. Assim, contrariamente às teorias anteriores, surge a ideia de que a experiência pré-edipiana difere entre os sexos. Sendo a mãe uma mulher, há para a menina uma continuidade na identificação com a mãe, pelo que obter um sentido de feminilidade por si só não é difícil. A dificuldade reside no facto de, culturalmente, a mulher continuar a ser desvalorizada, em detrimento da superioridade masculina. Mais concretamente, há uma fácil acessibilidade ao feminino, pela proximidade com a mãe, mas esta identificação pode complicar-se por estar socialmente ligada a uma categoria de género à qual é muitas vezes atribuída um valor negativo.

Benjamin (1995) procura enfatizar o papel fundamental das identificações para a construção da feminilidade e da masculinidade. Tal como Fast (1990), defende que há uma fase pré-edipiana sobre-inclusiva, na qual as identificações, tanto das meninas como dos meninos, são cruzadas. Estas identificações com ambas as figuras parentais perduram até o reconhecimento edipiano da complementaridade sexual precipitar uma crise de perda e renúncia (Benjamin, 1995).

A ideia de que as diferenças de género derivam de questões anatómicas é amplamente rejeitada, mas apesar das importantes reformulações à teoria clássica, podemos perceber que permanece uma tendência para estereotipar e polarizar o género (Balsam, 2001). Goldner (1991) vem precisamente desafiar esta tendência, na medida em que não considera que uma identidade de género fixa e consistente seja possível, ou sequer desejável. Ao contrário de Fast (1990), Goldner (1991) não acredita que haja um abandono das características de género incongruentes. Essas perdas não chegam a ser abandonadas, são apenas recalcadas por um conjunto de

processos defensivos, como May (1986, cit. por Goldner, 1991) antecipara. Numa perspectiva relacional, Goldner (1991) considera que o género deve ser pensado em termos sistémicos, na medida em que é o sistema familiar que é internalizado. Os padrões relacionais entre os elementos da família organizam-se em torno do género, o que faz com que este se torne ambíguo e mesmo paradoxal. A criança internaliza estes padrões relacionais, nos quais também participa, e é desta forma que vai organizando a sua experiência de género.

Para Kernberg (1995), a identidade constrói-se a partir de identificações com as relações de objecto. Isto implica uma identificação tanto com o *self* como com o outro na interacção, e uma internalização dos papéis específicos dessa interacção. Como tal, o estabelecimento de uma identidade de género nuclear não pode ser visto como separado do estabelecimento de um conceito integrado do outro.

Aron (1995) defende igualmente que há uma multiplicidade na identidade de género. Para o autor, é necessária uma identidade de género nuclear, mas também é necessário um *self* multigénero que possa sustentar a fluidez das nossas inúmeras identificações. A percepção de ser feminino ou masculino advém das nossas internalizações e identificações.

Sweetnam (1996) enaltece as várias contribuições para o estudo do desenvolvimento do género, mas assinala a divisão entre as teorias que encaram o género como uma entidade rígida, que resulta de identificações fixas, e as que apresentam uma noção de género fluida, que deriva de identificações múltiplas. A autora acredita que ambas as formas de desenvolvimento do género ocorrem, pelo que nenhuma destas teorias é capaz de captar a complexidade do género na sua totalidade. Para explicar como o género se organiza de modo mais rígido ou fluido consoante o contexto, recorre às posições psicológicas propostas por Klein e Ogden, as quais, por definição, não seguem uma linha de desenvolvimento linear. Cada posição está associada a ansiedades, mecanismos defensivos, relações de objecto e simbolizações específicas, que alteram a vivência do género. Na posição esquizo-paranóide, a interacção entre masculinidade e feminilidade é experimentada em termos de objectos parciais, sendo que, através da projecção e da clivagem, há uma rigidez impeditiva da integração do masculino e feminino. Esta separação deriva da ansiedade e do medo de que masculino e feminino se contaminem reciprocamente, pelo que o uso desta defesa pode estar relacionado com a necessidade do sujeito se experienciar de forma separada do outro. Assim, esta organização pode ser útil em determinados contextos, mas não deve persistir, pois envolve uma grande dose de ansiedade. Na posição depressiva surge a integração das identificações femininas e masculinas, pelo que o género se torna um processo dinâmico, marcado por diferentes simbolizações, que lhe conferem um carácter mais fluido.

Uma particularidade do desenvolvimento feminino, em contrapartida com o masculino, é o facto de ser mais fácil para as mulheres quebrarem barreiras de género, ou seja, incorporarem características convencionalmente atribuídas ao sexo oposto (Barden, 2011).

### 3.3. A Escolha de Objecto Homossexual

No início do século XX, Freud (1905) utiliza o termo inversão para se referir à homossexualidade, preocupando-se em distinguir objecto sexual de objectivo sexual. Para o autor, o desenvolvimento psicosexual culmina na fase genital e são as identificações inerentes ao complexo de Édipo que determinam a conseqüente escolha objectal. Sendo a mãe o primeiro objecto de amor da criança, o rapaz nasceria heterossexual, pelo que a homossexualidade masculina seria reflexo de uma incapacidade para se identificar com o pai, pela continuidade da identificação com a mãe. A rapariga, por seu lado, para se orientar heterossexualmente teria de se dirigir ao pai, com o desejo de ter um bebé, e paralelamente teria de se identificar com a mãe. Assim, a escolha do objecto sexual estava intimamente ligada às questões edipianas e uma das características da escolha objectal é que devia ser dirigida ao sexo oposto, pela identificação com o progenitor do mesmo sexo (Barden, 2011). Ainda assim, Freud (1905) não considerou os homossexuais como essencialmente diferentes dos heterossexuais, sendo contra a ideia de os separar do resto da humanidade. Não obstante, assistiu-se a uma tendência por parte de muitos dos seus seguidores para patologizar a homossexualidade (Roughton, 2002; Blechner, 2006).

Socarides (1963), reconhecendo que a escolha de objecto sexual é determinada por factores psicológicos, defendeu que o tratamento psicanalítico para qualquer paciente lésbica devia centrar-se numa mudança da escolha objectal do mesmo sexo para o sexo oposto. Hoje sabemos que género e sexo são diferentes. Embora Freud (1905, 1920) tenha demonstrado que uma mulher masculina e um homem feminino não teriam necessariamente uma escolha de objecto invertida, a Psicanálise deparou-se durante um longo período de tempo com a dificuldade em distinguir o género da escolha de objecto sexual. O homem homossexual era considerado feminino, e a mulher homossexual era considerada masculina (Corbett, 1993). Hoje sabemos que preferência sexual e género não são necessariamente congruentes. Uma mulher masculina pode ser heterossexual, um homem masculino homossexual, e por aí fora (Person, 2002). Para Burch (1993), a identidade de género e a escolha objectal não são equivalentes, mas podem influenciar-se mutuamente e seguir uma linha de desenvolvimento paralela. Zimmerman (2001) acredita inclusivamente que, nalguns casos, um casal heterossexual com uma determinada combinação entre os respectivos géneros pode configurar uma relação disfarçada de natureza homossexual.

Chodorow (1989, 1992) vem oferecer um contributo importante para elucidar a escolha de objecto sexual, incorporando as experiências pré-edípicas na sua compreensão. Segundo a autora, a heterossexualidade e a homossexualidade, tal como a feminilidade e a masculinidade, não são inatas, são produto do desenvolvimento. Propõe que a heterossexualidade masculina é relativamente contínua, uma vez que a mãe é mantida enquanto objecto de amor ao longo da sua juventude. A menina, porém, para se orientar heterossexualmente tem de transferir a escolha de objecto primária para o pai e para o homem em geral. Contudo, a procura afectiva da menina é dupla, no sentido em que a relação da menina com a mãe nunca é inteiramente abandonada. No caso do desenvolvimento feminino não se verifica uma mudança absoluta de objecto e não há uma ligação afectiva exclusiva ao pai. A autora considera mesmo que, devido à intensidade da relação da menina com a mãe, a relação edípica com o pai é muitas vezes secundária ou, no melhor dos casos, afectivamente igual. De qualquer modo, Chodorow (1992) está consciente que o desenvolvimento da heterossexualidade e da homossexualidade tem sempre por detrás uma narrativa individual e única.

Neste contexto, a Psicanálise contemporânea considera que a homossexualidade pode ser expressão de diversas causas etiológicas, que transcendem largamente a resolução do conflito edípico (Zimerman, 2001). Para Kernberg (1995) a escolha de objecto sexual é fortemente influenciada pelas experiências psicossociais precoces e Kirkpatrick (2003) vem afirmar que existem inúmeras vias que levam à heterossexualidade, à homossexualidade ou à bissexualidade, não preconizando a existência de um caminho único e exclusivo.

A homossexualidade feminina, em particular, tem sido notoriamente negligenciada na literatura psicanalítica, ao contrário do que sucede com a homossexualidade masculina (Socarides, 1963), e esta ideia continua a ser válida no presente. Há, no entanto, uma ideia consensual no que respeita a uma maior flexibilidade da homossexualidade feminina, quando comparada com a masculina. De facto, mudanças na escolha de objecto sexual são mais frequentes no caso das mulheres, cuja homossexualidade muitas vezes só se manifesta após um longo período de relações com homens (Notman, 2002). A orientação sexual parece, portanto, ser mais fluida no caso das mulheres (Kirkpatrick, 2003). Para além disso, a pressão social relativamente à homossexualidade feminina é consideravelmente menor (Socarides, 1963).

Benjamin (1995) é da opinião de que, apesar dos inegáveis progressos, a Psicanálise continua a encarar a homossexualidade como um “falhanço” da heterossexualidade. Continua a idealizar o desenvolvimento heterossexual, em detrimento do desenvolvimento homossexual.

## 4. O Amor na Homossexualidade Feminina

### 4.1. Identificações

A identificação é um processo central da teoria psicanalítica desde o seu início, estando na base da formação da identidade e intervindo em todas as relações humanas (Grinberg, 2001). Contudo, há muitas formas das identificações se processarem.

Freud (1905) distinguiu entre identificação primária e secundária. Na primeira, o objecto confunde-se com o próprio eu, regredindo à simbiose com a figura materna. A segunda diz respeito ao estabelecimento de uma relação propriamente dita, que implica um investimento afectivo. Para a teoria kleiniana a identificação é um processo complexo que remete essencialmente para uma relação com um objecto no qual se percebem semelhanças com o ego. Na identificação introjectiva há uma alteração do ego que se torna como o objecto. A identificação projectiva, por seu lado, diz respeito à fantasia de que uma parte do ego foi clivada e colocada no objecto externo, o que leva a uma perda das capacidades reais (Hinshelwood, 1989).

Zimerman (2001) explica que as identificações são resultado de uma introjecção das figuras parentais que assumem a forma de representações objectais dentro do ego, podendo ser também incorporadas pelo superego. O autor identifica seis formas de identificação possíveis, nomeadamente a identificação com a figura amada e admirada, a identificação com a figura idealizada, a identificação com a figura odiada (agressor), a identificação com a figura perdida, a identificação com a figura atacada (vítima) e ainda a identificação com os valores impostos pelos pais.

Assim, a personalidade é constituída por um conjunto de identificações, através das quais o indivíduo se constrói e transforma, assimilando, parcial ou totalmente, aspectos das pessoas mais íntimas, em particular das figuras parentais (Grinberg, 2001; Zimerman, 2001). Neste sentido, podemos considerar que a identificação, ao determinar a construção da identidade e da personalidade, relaciona-se necessariamente com a escolha do objecto de amor e com a escolha do objecto sexual. Mais concretamente, consideramos que as identificações dizem respeito ao amor e dizem também respeito à homossexualidade. Contudo, embora os teóricos sobre o amor e os teóricos sobre a identidade de género e a homossexualidade assinalem frequentemente a preponderância destes processos, o modo como determinam as escolhas de objecto amoroso e de objecto sexual nem sempre é claro.

#### 4.2. Padrões Relacionais na Homossexualidade Feminina

O tema específico do amor na homossexualidade feminina é ainda escasso na literatura psicanalítica. Elise (1998), contudo, oferece um contributo importante ao abordar as diferenças de género e o modo como estas se repercutem nas relações. A autora acredita que o desenvolvimento feminino aponta para uma semelhança no estilo relacional das mulheres heterossexuais e homossexuais, no sentido em que a mulher valoriza a proximidade nas suas relações e tem tendência a “fundir-se” facilmente. Neste sentido, defende que é importante esclarecer que a linha de divisão nos padrões relacionais se situa de forma mais clara entre mulheres e homens, do que entre homossexuais e heterossexuais.

As mulheres tendem a procurar e a suportar a proximidade emocional mais facilmente do que os homens, o que faz com que uma relação entre duas mulheres apresente características específicas (Elise, 1998). Alperin (2001) é da mesma opinião, considerando que a intimidade é mais ameaçadora para os homens, causando-lhes significativamente mais ansiedade. Chodorow (1989) considera que, pelo facto de manterem sempre a relação intensa com a mãe, as mulheres têm necessidades relacionais mais complexas.

Numa relação heterossexual as barreiras mais firmes do homem podem, por um lado, causar alguma frustração à mulher, mas, por outro lado, servem de protecção contra esta fusão de natureza pré-edípiana. Como tal, numa relação lésbica, não havendo barreiras tão fortes, as duas mulheres podem ligar-se de forma intensa. Contudo, esta característica feminina implica que, a dada altura, as duas mulheres tenham que se confrontar com os problemas inerentes a este estilo relacional. Efectivamente, o desejo intenso de uma simbiose leva frequentemente a uma igualmente intensa luta pela separação. A sensação de perder a própria individualidade é ameaçadora e pode originar problemas com a intimidade (Elise, 1998). A capacidade para tolerar a intimidade implica, portanto, um processo de separação-individação bem sucedido, com o estabelecimento de barreiras seguras entre o *self* e o objecto e com a formação de uma identidade e de um *self* separado (Alperin, 2001).

Elise (1998) assinala, porém, que as possíveis semelhanças de estilo relacional em casais de mulheres do mesmo sexo não devem ser confundidas com a ideia clássica de que os homossexuais escolhem narcisicamente uma imagem espelho. Alerta ainda que quando fala de estilos relacionais de género não pretende afirmar que estes estilos se alinhem de modo uniforme, pelo que um casal homossexual pode, por exemplo, revelar padrões de relação tipicamente heterossexuais.

Para Blechner (2006) as relações homossexuais têm sido ignoradas, mas o autor realça a ideia de que alguns casais homossexuais duram uma vida inteira e que, nalguns casos, o interesse romântico e sexual permanece durante a maior parte desse tempo. Efectivamente, a orientação sexual, por si só, não nos diz nada acerca da saúde mental dos indivíduos, nem da sua capacidade para amar (Roughton, 2002).

## **5. Objectivo do Estudo**

Quando falamos de homossexualidade parece que nos referimos somente à sexualidade, descurando a dimensão do amor romântico (Chodorow, 1989). O presente estudo pretendeu precisamente contrariar esta tendência e abordar a homossexualidade do ponto de vista das relações amorosas. Para esse efeito, procurámos explorar os relacionamentos de seis mulheres homossexuais, tendo fundamentalmente como base o desenvolvimento da sua identidade, os seus objectos internos, as suas relações de objecto e as suas identificações. Pelo seu carácter exploratório, não se pretendeu confirmar ou infirmar hipóteses, mas antes contribuir para um conhecimento mais alargado sobre o amor na homossexualidade feminina e eventualmente abrir caminho para investigações futuras.

## II - MÉTODO

### 1. Delineamento

A presente investigação seguiu uma abordagem qualitativa e apresentou um cariz eminentemente exploratório, na medida em que não pretendeu confirmar hipóteses, mas antes aprofundar o conhecimento de uma temática ainda pouco estudada. As metodologias qualitativas constituem uma via de acesso privilegiado à compreensão e à natureza das experiências humanas na sua complexidade (Zepf, 2009). Contrariamente aos métodos quantitativos, a abordagem qualitativa procura obter uma compreensão de cada sujeito na sua individualidade (Hollway & Jefferson, 2008). Assim, pretendendo aceder à dinâmica da vivência do amor entre mulheres, a análise de narrativas constitui-se como a metodologia de investigação mais rica e adequada para este propósito.

Este estudo enquadra-se especificamente numa perspectiva psicanalítica, de acordo com a qual se basearam todas as fases desta investigação. As capacidades e potencialidades da investigação psicanalítica têm sido frequentemente negligenciadas. Não obstante, tratando-se de uma teoria para a qual os significados inconscientes assumem particular relevância, a Psicanálise tem estado desde sempre na origem de alguns dos conhecimentos psicológicos mais importantes (Kvale, 1996). Em contexto de investigação, porém, não se deve adoptar a Psicanálise tal como é aplicada em contexto psicoterapêutico ou analítico; deve adaptar-se o paradigma ao contexto da investigação, procurando utilizar uma “sensibilidade psicanalítica” (Hollway, 2009).

### 2. Amostra

A amostra do estudo foi constituída por seis mulheres homossexuais, com idades compreendidas entre os 36 e os 53 anos. O método de amostragem utilizado foi não aleatório, por conveniência, sendo que o único critério que as participantes tinham de preencher para a sua inclusão na amostra era estar, aquando da recolha das narrativas, numa relação amorosa. Foram posteriormente atribuídos nomes fictícios às participantes, de modo a preservar o seu anonimato.

Devido à selecção da amostra por conveniência obteve-se inadvertidamente uma considerável disparidade nas idades das participantes, sendo que duas delas pertencem inclusive a uma geração diferente. Esta disparidade foi tida em conta e foi também ela alvo de análise, no sentido em que se procurou explorar as semelhanças e as diferenças que derivam especificamente desta distância geracional.

### Quadro 1 – Caracterização da amostra

| Participante | Idade   | Duração da Relação |
|--------------|---------|--------------------|
| Carolina     | 53 Anos | 27 Anos            |
| Isabel       | 52 Anos | 3 Anos             |
| Glória       | 38 Anos | 12 Anos            |
| Raquel       | 38 Anos | 3 Anos             |
| Marta        | 38 Anos | 7 Anos             |
| Bianca       | 36 Anos | 2 Anos             |

### 3. Instrumento

Para a realização da presente investigação recorreu-se à entrevista semi-estruturada que, tal como o termo sugere, não é rigorosamente estruturada, mas também não é inteiramente livre. Este modelo de entrevista pressupõe a existência de questões estabelecidas à priori, mas permite que a sequência em que estas são colocadas se altere de acordo com o discurso do sujeito entrevistado, tornado ainda possível que surjam novas questões no seu decorrer (Kvale, 1996). A ausência de directividade e rigidez permite aceder ao ponto de vista dos sujeitos, sem uma imposição de categorias redutoras da sua liberdade de expressão (Patton, 2002). Trata-se, portanto, de um instrumento flexível, que dá acesso a narrativas, nas quais o sujeito assume o papel de um “contador de histórias”, favorecido pela aplicação de perguntas abertas, ao invés de fechadas. É a natureza da narrativa em si que oferece ao participante a possibilidade de seleccionar e enfatizar as informações que considera mais relevantes (Hollway & Jefferson, 2008). De qualquer forma, o entrevistador pode, sempre que achar necessário, reconduzir a narração do entrevistado ou solicitar o aprofundamento de determinadas questões que considere relevantes para a respectiva investigação (Quivy & Campenhoudt, 2008).

A elaboração do guião da entrevista baseou-se na revisão de literatura sobre a temática em estudo e procurou ir ao encontro dos objectivos a que nos propusemos. As questões foram inicialmente adaptadas de dois trabalhos homólogos sobre o género e a homossexualidade (Candeias, 2011; Silvestre, 2013). Posteriormente, uma vez que estas duas investigações não se centravam nas relações amorosas, foram também acrescentadas outras questões que se relacionam especificamente com a vivência do amor. Esta elaboração foi pensada em conjunto, tendo-se procurado criar questões pertinentes sem nunca colocar em risco a integridade psíquica das participantes (Kvale, 1996). Houve uma questão (“O que é para si o amor?”) que surgiu

espontaneamente aquando da realização de um pré-teste e que, por nos parecer importante, foi acrescentada ao guião inicial. A versão final do guião e a pertinência das respectivas perguntas pode ser consultada no Anexo A.

#### **4. Procedimentos**

Após a elaboração do guião procedeu-se à realização de um pré-teste, cuja entrevista foi analisada em contexto de Seminário para avaliar a pertinência e adequação das respectivas questões. Tendo correspondido ao esperado, as participantes foram contactadas telefonicamente. A cada uma das entrevistadas foi explicado o objectivo geral da investigação e assegurado o anonimato. Foram também informadas da possibilidade de desistir a qualquer momento da sua participação, sem que isso comportasse quaisquer consequências. Explicou-se igualmente a necessidade de gravação áudio das entrevistas, bem como a necessidade de realizar duas entrevistas por cada participante. Todas estas informações estão descritas num termo de Consentimento Informado que foi entregue e assinado por cada uma das participantes, e cujo documento é disponibilizado no Anexo B. De acordo com Hollway e Jefferson (2000), após a audição e transcrição da primeira entrevista, devem-se procurar identificar eventuais incoerências e contradições no discurso dos sujeitos e estas servem depois de base para a formulação de novas questões para uma segunda entrevista. Para além disso, a realização de uma segunda entrevista permitiu-nos tentar explorar e aprofundar temas que tinham sido abordados mais superficialmente num primeiro momento. A uma das participantes, a Isabel, foi somente realizada uma entrevista, devido a indisponibilidade por se encontrar a residir fora do país. No Anexo C são apresentados os excertos das entrevistas que nos parecem mais relevantes para a discussão dos resultados e conclusões. A apresentação das entrevistas integrais pareceu-nos arriscada do ponto de vista da anonimidade das participantes.

O local de realização das entrevistas foi escolhido pelas participantes, de modo a que se pudessem sentir mais confortáveis e seguras. Quatro participantes preferiram ser entrevistadas nas suas casas, enquanto duas optaram por esplanadas. A duração de cada encontro foi variável, justamente pela necessidade de respeitar o ritmo de cada narrativa e a vontade de cada interveniente. No entanto, as primeiras entrevistas tiveram em média uma hora de duração e as segundas entrevistas quarenta minutos. No caso da Isabel, especificamente, a entrevista teve a duração de duas horas. Torna-se importante também assinalar que o desenvolvimento do presente estudo teve sempre em conta que estão envolvidas questões de ordem ética, pelo que o bem-estar das participantes se sobrepôs sempre aos objectivos da investigação.

Após a transcrição das entrevistas, na qual se alteraram ou omitiram todos os nomes de pessoas, lugares e regiões, procedeu-se à análise de conteúdo. Tendo em conta que qualquer conteúdo pode dar origem a diversas interpretações, a análise do material das entrevistas foi realizada em grupo, por forma a enriquecê-la e a torná-la mais fiável. Esta análise baseou-se no método de investigação de inspiração psicanalítica “*Free Association Narrative Interview*” (FANI), de Hollway e Jefferson (2000, 2008).

Esta metodologia baseia-se essencialmente na ideia freudiana da associação livre como meio de aceder aos desejos inconscientes. De facto, procura ter acesso aos significados latentes, através de um enfoque nas associações entre ideias, em detrimento de um foco exclusivo nas palavras. Esta noção parte do princípio psicanalítico de que os sujeitos não são necessariamente transparentes para si mesmos (Hollway, 2009). Para além disso, esta metodologia assinala também a importância de estar atento aos sinais que emergem da própria relação entre investigador e entrevistado. Como tal, para além das transcrições, é fundamental recorrer sempre que necessário às gravações áudio, pois estas permitem-nos dar uma atenção especial a significados que a transcrição, por mais completa e rica que seja, não consegue transmitir. Exemplo disso são as tonalidades, as pausas, os tempos e o ritmo que os participantes conferem a cada momento às suas narrativas. Deste modo, esta metodologia possibilita um acesso à subjectividade de cada participante, na medida em que tem em conta as forças inconscientes e conflituais que vão para além do discurso consciente (Hollway & Jefferson, 2008).

Tendo estas considerações em conta, tentou-se que as transcrições fossem reproduções fiáveis do discursos das participantes, através do uso de sinalizações que representassem as informações derivadas da comunicação não-verbal. Procedeu-se também à audição repetida das gravações, por forma a contactar novamente com as tonalidades específicas de cada momento, que foram anotadas para que pudessem contribuir para a posterior análise de conteúdo. Obtivemos então um conjunto de categorias e de subcategorias, que decorreram não só dos temas que serviram de base à elaboração do guião, mas também de outras temáticas que foram emergindo no decorrer da análise conjunta. A análise não se focou simplesmente no conteúdo manifesto, mas procurou aceder aos processos dinâmicos que estão inerentes a cada narrativa. É a forma como as categorias se relacionam umas com as outras que permitiu responder aos objectivos propostos no presente estudo. Com efeito, procurámos fundamentalmente aceder ao cruzamento entre a realidade objectiva das participantes e os processos dinâmicos inconscientes.

### III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

#### 1. O Desenvolvimento do Eu

##### *Eu Actual*

A **Carolina** considera-se “diferente de muitas outras pessoas”, descrevendo-se como “um pouco marginal”. Refere dificuldades de integração em grupos, as quais relaciona com o facto de ter vivido “em muitos países diferentes” ao longo de toda a sua juventude. Contudo, hoje entende isso como “uma coisa positiva” e está “perfeitamente confortável” (“acho que isso me trouxe uma riqueza”). Considera-se ainda “feminista” e “anarquista”, procurando valorizar-se narcisicamente pela exaltação da diferença face à normalidade (“eu afasto-me do convencional”), estando presente uma atitude de diferenciação agressiva. Define-se como bissexual, pelo facto de nunca ter definido a sua sexualidade (“eu não sou nada”) e apresenta uma imagem de si marcadamente sexualizada (“sempre gostei muito de seduzir”; “era fácil engatar homens (...) dava-me imenso gozo”; “sou totalmente clitoridiana”).

A **Isabel** caracteriza-se como uma mulher discreta (“humilde”; “não gosto de chamar a atenção sobre mim”). Embora apresente uma caracterização positiva de si mesma, associada a um narcisismo positivo (“sou boa pessoa”), demonstra alguma preocupação relativamente à normalidade (“sou uma pessoa banal, comum”). Tem uma grande mágoa em relação ao passado (“aquele tempo que me foi tirado fez-me sempre ficar com uma mágoa muito grande”), ligada à relação com a figura materna. No presente, procura colmatar essa mágoa através dos filhos (“como eu sei aquilo que vivi, não quero de todo que eles vivam ou sintam (...) porque não gostei para mim, não vou repetir!”), sendo que a sua identidade enquanto mãe é essencialmente construída por oposição, fazendo “sempre o contrário” daquilo que a mãe fazia consigo. Revela preferência por “uma mulher ligeiramente mais masculina”, caracterizando-se como feminina (“uma mulher mais feminina como eu acho que não dava”). Isto remete para uma ideia de género mais fixa e polarizada, segundo a qual o masculino e o feminino se complementam. Refere ainda que gosta de liderar no que respeita às questões domésticas (“na casa gosto de ser eu a dominar”).

No caso da **Glória** há uma caracterização que oscila entre elementos positivos (“brincalhona”; “extrovertida”; “amiga do amigo”; “simpática”) e elementos negativos (“muito teimosa, muito orgulhosa”). Considera-se fria “para os de casa”, enquanto que para os de fora é “muito prestável”, o que sugere que quanto maior é a proximidade, menor é a afectividade. A sua homossexualidade surge como um tema interdito, no sentido em que não é capaz de a nomear (“não tinha a necessidade de divulgar aquilo”; “não tenho que andar a bradar aos céus aquilo que

sou”), embora paralelamente pareça haver uma vontade particular de falar sobre o assunto. Define-se ainda como uma pessoa que às vezes sente “necessidade de estar sozinha”, o que aponta para um mecanismo de natureza esquizóide que lhe permite reorganizar-se e centrar-se em si mesma.

Na **Raquel** está também presente uma alternância entre características positivas (“extrovertida”; “amiga do meu amigo”; “honesta”) e características negativas (“quando tenho que me chatear também me chateio”; “tenho o sangue quente”). Está presente uma valorização narcísica sob a forma de uma sensibilidade persecutória (“sou muito intuitiva”; “sou um bocado vidente”). Para além disso, tem dificuldade em tolerar a dúvida e a ambivalência (“gosto de tudo preto no branco”).

A **Marta** começa por se definir como “gay” (“defino-me como gay, não é?”). Sendo que o termo gay se refere habitualmente à homossexualidade masculina, parece haver uma confusão ao nível da identidade de género. Apresenta, porém, um narcisismo positivo (“boa pessoa”), com algumas preocupações relativas ao convencional (“sou uma pessoa simples, não tenho manias, nem nada”). É “um bocado fechada” e sugere ter algumas dificuldades ao nível da exteriorização dos afectos (“eu não gosto de chorar à frente de ninguém”; “sou um bocado fechada”). Preza muito a sua “privacidade”, a qual parece por vezes assumir a forma de um isolamento social (“deixem-me no meu canto que eu gosto de estar sozinha”). Assinala, no entanto, uma importante mudança a nível interno (“sinto-me mais confortável agora, porque estou estável, tenho a minha vida”) associada a um crescente conforto relativo à sua orientação sexual, motivo pelo qual é agora capaz de ser entrevistada (“se esta entrevista fosse para aí se calhar há uns cinco anos atrás, não tinha sorte”).

A **Bianca** descreve-se como sendo “bastante extrovertida” e “bastante aberta”, características que parece valorizar. Contudo, anda “um pouco mais severa” comparativamente ao passado, estando presente a ideia de uma mudança pessoal interna. A agressividade que antes parecia estar dentro de si, é agora dirigida ao exterior (“fiquei um pouco mais intolerante, em relação aos outros”). Vê-se como homossexual (“sou lésbica”), mas não rejeita os homens (“eu não sou daquelas que pensa: ‘não, eu gosto de mulher, então eu não quero, ai, credo, homem, não, bicho, não!’”). Gosta de exposição, denotando uma certa componente exibicionista (“eu sou extrovertida e falo com as pessoas e não me importo de fazer esse trabalho consigo”). As pessoas para ela “têm muito peso” e sente-se rejeitada quando há um corte nas relações (“sofro muito até quando me viram as costas”). Apresenta traços de generosidade (“as pessoas podem-me pedir o que for (...) eu posso estar cansada, estoirada (...) eu faço, não vou dizer que não”), estando sempre disponível para os outros, mesmo que isso signifique anular a sua própria vontade.

Recusar ajuda parece ser equivalente a cortar a relação, pelo que a generosidade surge ligada ao medo de perder as pessoas. Apresenta ainda traços de uma mulher activa, característica tradicionalmente associada ao homem (“sempre que olhava para alguém e me interessava por essa pessoa, ia atrás, corria atrás”).

### *Eu Adolescente*

As dificuldades de integração que hoje a **Carolina** vê como positivas, eram “um problema” na adolescência. Efectivamente, o conforto que sente em adulta contrasta com o desconforto que sentiu enquanto adolescente. Esta “dificuldade de adaptação” era sentida não só em relação aos outros, como também aos próprios países (“não me sentia de parte nenhuma”). Como tal, “foi uma época má” e de grande sofrimento (“aí fui muito infeliz”; “era muito triste”; “era angustiada”; “não me sentia bem na minha pele”), cuja maior parte das memórias parece ter recalcado (“essa é uma nebulosa”). Recorda-se, porém, de ter “episódios estranhos”, nos quais se fechava na casa-de-banho, e com os quais a mãe parece não ter sido capaz de lidar. A mãe leva-a a um psicólogo e juntos determinam que falta à Carolina “a figura do casal perfeito”, pelo que é enviada para Portugal para viver com uns tios e com os avós paternos, não se lembrando da sequência cronológica destes acontecimentos. As recordações adolescentes surgem, portanto, de forma difusa e a dor está ligada ao facto de viver longe dos pais (“não tinha família nuclear, a minha mãe vivia em Barcelona com uma data de gente”). No que respeita à orientação sexual, refere que “os primeiros amores eram rapazes”, embora nunca tenha definido a sua sexualidade (“eu não sou nada”; “tenho essa abertura”). Atribui esta característica à memória da avó materna que, quando ela tinha doze anos, lhe dizia que “o importante é o amor, não interessa o sexo”.

A adolescência da **Isabel** “foi a estudar” e a cumprir as tarefas que lhe competiam, numa atitude de submissão em relação à mãe (“levantava-me às sete da manhã, mesmo com aulas de tarde, ia levar o cão à rua e levar os bolos e tal”). Era “sempre muito obediente”, procurando corresponder às expectativas da figura materna, possivelmente pelo receio de perder o seu amor (“eu fui sempre aquilo que a minha mãe me mandava fazer, me pedia para fazer”). Parece ter tido dificuldades ao nível das identificações (“achei sempre que a minha vida deveria ser diferente daquilo que eu via como exemplo”), rejeitando o seu modelo familiar. Mostra sinais de vontade de separação e de expressar a sua feminilidade, pois já se conseguia rebelar nalgumas ocasiões, contrariando as imposições maternas (“faltava às aulas de vez em quando”; “lá deixei crescer um bocadinho o cabelo”). A ida para Timor parece ter sido um marco importante na sua vida, pois é durante esse tempo que tem o seu primeiro interesse sexual, aos onze anos, por um rapaz (“foi assim uma coisa engraçada”). Para além disso, é dessa época que relembra a família reunida

(“lembro-me de haver jantares ou almoços ao fim-de-semana com a minha avó, os meus tios”). As preocupações acerca da sua orientação sexual dão origem a um conflito interno (“no Secundário comecei a ter, a olhar para as minhas colegas de maneira diferente (...) também olhava para os rapazes. (...) comecei a ter ali um pequeno conflito dentro de mim”).

A **Glória** descreve uma adolescente determinada e de “feitio vincado” (“eu delineava o que é que queria fazer e enquanto não atingisse esse objectivo eu não descansava”). Era responsável (“nunca me meti em confusões”; “nunca me meti em drogas”), sendo tratada como uma adulta por parte dos pais (“eles nunca me punham obstáculos, davam-me conselhos”). Parece, portanto, que a ausência de regras parentais obrigaram a que ela se impusesse limites, eventualmente por se sentir pouco investida e protegida. A crença consciente numa “adolescência boa” parece esconder as preocupações com as mudanças corporais e as fragilidades que sentia (“já tinha o corpo que tenho agora”; “nunca me senti... inferior a nada”). Refere também que nessa altura sempre namorou “com rapazes”, negando a sua homossexualidade (“nem me passaria pela cabeça que eu poderia ter alguma relação com uma mulher”).

Podemos considerar que a **Raquel** recorre à adolescência para se valorizar narcisicamente no presente. O sucesso escolar e desportivo (“era quase tudo cincos”; “aos dez comecei a jogar ténis (...) aos catorze já era federada”), aliados à popularidade (“era muito popular”) surgem como tentativas de camuflar, pela idealização, uma adolescência conflituosa e sofrida. Por volta dos quinze anos começa a questionar-se em relação à sua orientação sexual e, numa primeira fase, há uma tentativa de negação que se manifesta pela projecção da bissexualidade nos outros (“pensava que era normal, que éramos todos bissexuais”). Não partilha os seus conflitos com ninguém (“não desabafei durante muito tempo”) e aos dezoito anos deprime e isola-se (“apanhei uma depressão”). Há aqui um retraimento narcísico que, durante esse período, lhe permite evitar o confronto com a realidade (“isolava-me”; “só dormia quando a noite acabava... quando o Sol nascia é que eu ia dormir”). Está presente uma recusa da sexualidade e uma adolescência tardia, que aponta para dificuldades em se tornar independente. A adolescência surge também ligada a uma mudança (“na adolescência alterei a minha maneira de ser”) relativamente à sua personalidade infantil (“deixei de ser tão calma”). Já não é a criança submissa de outrora, revoltando-se e reagindo precisamente pela necessidade de se autonomizar. O período de desenvolvimento é também marcado por sentimentos de inferioridade manifestos por contradições e por uma necessidade constante de afirmação narcísica (“era gente mais pobre, dava-me menos”; “eu sempre lidei com pessoas desde pobres a muito ricos. Nunca me fez muita espécie as diferenças de classes”).

A **Marta** salienta de novo a normalidade (“foi uma adolescência normal”), mas percebe-se, na sua narrativa, que este período foi intensamente marcado pelos conflitos relacionados com a sua orientação sexual, altura em que percebeu que “gostava mais de mulheres do que de homens”. Descreve que na altura não partilhou com ninguém (“vivi isso para mim”) e que tentava resolver “as coisas sozinha”. Refere que “tinha sempre aquele medo”, o qual associa ao facto de vir “de um meio rural”. Sugere a ideia de um isolamento social, sentindo falta de suporte emocional (“ninguém era homossexual”; “não tinha ninguém com quem falar sobre isso”) e revela preocupações severas com a normalidade (“será que tenho algum problema, será que não tenho?”). Recorria, inclusive, à negação da sua homossexualidade (“não é isto que eu quero”).

A adolescência da **Bianca** surge associada à descoberta do desejo homossexual (“de repente passava uma menininha bonita, eles estavam olhando e estava eu olhando também”). Procura amizades em pessoas mais velhas como forma de se sentir protegida (“eu era muito miúda, mas sentia-me protegida por eles”) e revela uma sensatez quase adulta (“era muito responsável”). Há uma desvalorização da experiência da descoberta da sua sexualidade e homossexualidade (“a sexualidade para mim não era nenhum bicho-de-sete-cabeças”; “nunca tive vergonha”; “nunca tive dificuldade em não ter com quem falar sobre as coisas”).

### *Eu Infantil*

A infância da **Carolina** parece ter sido marcada por dois momentos distintos. Em Angola, “quando tinha seis, sete anos” recorda “uma criança muito feliz” (“foi o melhor período da minha infância”). No entanto, é a partir do divórcio dos pais, quando tem nove anos, que relembra uma infância triste e dolorosa (“a minha mãe não estava bem também, foi muito triste (...) aí era uma criança muito infeliz, chorava imenso”), havendo uma identificação ao sofrimento materno. As poucas referências à sua vida enquanto criança levam-nos a pensar que se trata de um período recalcado.

A **Isabel** enquanto criança assumia uma postura de submissão, sendo bem-comportada, de forma obter a aprovação dos objectos de amor. Descreve uma mistura de traços femininos e masculinos (“eu brincava com panelinhas e *tachinhos*, mas era maria-rapaz, mesmo”). Contudo, parece que era sobretudo a mãe que rejeitava a sua busca pela feminilidade (“tinha uma revolta muito grande, porque a minha mãe não me deixava crescer o cabelo”; “eu queria ter o cabelo comprido”). A partir deste momento não consegue oferecer mais informações acerca da sua vida em criança, pois não recorda mais nada “lembro-me de a minha mãe me acompanhar à Primeira Classe [...] depois não me lembro de mais nada”. Há um recalco maciço (“não me lembro de Festas de Natal, é... [chora]”) desta fase da sua vida, embora a carga emocional presente no seu

discurso e perceptível pelo seu choro compulsivo nos permitam compreender que a emoção e o sentimento destas memórias recalcadas continua presente.

A **Glória** enquanto criança procurava isolar o afecto (“tive uma reacção muito fria quando a minha mãe disse que a minha avó [paterna] tinha morrido”; “não senti”; “foi uma pessoa que morreu”). Destaca-se a importância dos avós neste período (“com os meus avós maternos [...] não tinha nada a ver”), que a faziam sentir-se investida (“eu era a coqueluche”). Há uma infância idealizada, na qual o afecto dos avós parece ocupar o lugar do afecto dos pais (“foi a melhor parte”; “era a menina da avó e do avô”). Refere ainda traços ligados a uma identidade de género masculina (“sempre fui uma maria-rapaz”).

Na narrativa da **Raquel** está presente uma forte idealização da infância (“fui muito privilegiada, porque era filha única e neta única”; “eu tinha tudo!”). Define-se como uma criança submissa, com traços dependentes (“era raro responder mal”; “era calminha”) que procurava aprovação dos objectos de amor. Gostava de brincadeiras femininas e masculinas, o que remete para um eu infantil *bigénero* (“brincar com as bonecas, com as cozinhas”; “os *playmobis*”). A este propósito, parece haver uma identificação à figura paterna (“em pequena brincava com carrinhos [...] porque o meu pai tinha da colecção dele e eu achava muito giro”). O seu lado intelectual resulta numa afirmação narcísica (“li muito [...] as outras crianças devia-lhes fazer alguma confusão”).

As preocupações da **Marta** em relação à normalidade também estão presentes quando fala da sua infância (“uma infância normal”). Considera que era uma criança “alegre” e podemos verificar que procurava testar os limites dos pais (“tinha a minha personalidade e se calhar daí dei mais trabalho do que os meus irmãos”).

A **Bianca** descreve uma “criança comum, normal”, o que evidencia a sua preocupação com a normalidade. Caracteriza-se igualmente como uma criança responsável e conscienciosa (“eu não fazia muito disparate”; “era bem mais calma e mais responsável”), que procurava o apreço dos objectos de amor.

## 2. Objectos Internos

### *Imago Materna*

A **Carolina** considera a mãe uma “boémia”, característica que parece apreciar, e salienta o respeito que tem pela mãe (“tenho muitíssimo respeito [...] não estava habituada a trabalhar [...] e a minha avó não lhe deu ajuda nenhuma”). Contudo, embora refira o abandono da mãe pela avó, não é capaz de nomear o seu abandono por parte da mãe, evitando o confronto com esta

realidade dolorosa, desvalorizando-a. Há uma tentativa de desculpabilização e de idealização da figura materna (“ela teve que, a partir dessa altura, com duas filhas, de montar a sua vida, de repente [...] tiro-lhe o chapéu por isso”) por forma a preservar um bom objecto interno.

A **Isabel** descreve uma mãe austera e castradora (“a minha mãe era uma pessoa muito inflexível e não... não permitia nunca que eu saísse”), com características de liderança (“ela mandava na casa, ela é que dominava”). Refere ainda que a mãe “nunca foi muito afectiva... nunca foi carinhosa”, pelo que apresenta a imagem de uma mãe funcional (“tinha tudo pronto, tudo arrumado, tudo impecável, meu Deus, mas não podíamos levar amigos lá para casa”). Fala igualmente de uma mãe negligente (“possivelmente a minha mãe não estaria tão atenta como seria de esperar [...] se estivesse atenta saberia que naquele dia era ou Feriado ou qualquer coisa... e não havia aulas, mas eu fui na mesma”).

A **Glória** apresenta uma caracterização negativa da mãe (“um feitiço muiiito complicado [...] muito teimosa, muito senhora de si, e as coisas têm de ser como ela quer”), ligada a uma imagem de autoridade (“calculista [...] poderosa, eu quero, posso e mando, eu é que controlo”). Há uma tentativa de justificar as características negativas que atribui à mãe, designadamente a preferência pelo irmão, em seu detrimento, recorrendo às experiências do passado da mãe (“ela era a... renegada [...] se calhar não soube demonstrar ou não soube dar aos filhos”). Refere-se ainda à possessividade e à negatividade da mãe, sobretudo em relação aos filhos (“a minha mãe é uma pessoa muito possessiva... é muito autoritária, é muito... negativa”).

A descrição da mãe da **Raquel** surge sempre por oposição à descrição do pai. Refere uma mãe “mais... certinha, mais betinha, mais... terra a terra”, num tom que sugere a desvalorização e a dificuldade de admiração. Trata-se, portanto, de uma descrição pobre, na qual a intenção parece ser sobretudo salientar as características positivas do pai (“é o oposto. Não tem nada de artista, é uma pessoa muito terra-a-terra, racional... organizadíssima”).

A **Marta** começa por utilizar referências sociais e neutras para descrever a mãe (“era Doméstica”), acrescentando que “é uma pessoa simples”. Refere depois algumas características negativas (“nunca foi uma pessoa... muito de afectos”; “um bocado mais autoritária”; “reservada”), recorrendo a uma racionalização para desculpabilizar a frieza da mãe (“eu sei que a infância dela também não deve ter sido fácil”). Para além disso, apresenta uma mãe independente (“sempre foi senhora de si”), com uma mentalidade “um pouco fechada”.

A **Bianca** apresenta a mãe numa alternância entre qualidades e defeitos. Refere uma mãe idealizada, única, lutadora e activa (“é uma peça única”; “muito batalhadora, muito guerreira”). Descreve ainda a jovialidade de espírito da mãe (“com um humor fantástico e uma cabeça muito jovem para a idade que tem”). Paralelamente, o defeito da mãe diz respeito ao facto de tratar de

forma privilegiada o irmão (“é mimo demais, é coisa demais que a minha mãe tem com ele”; “acho que às vezes ela com o meu irmão falha nesse sentido”), sendo possível descortinar a presença de uma rivalidade fraterna.

### *Imago Paterna*

A **Carolina** refere o conservadorismo do pai (“muito conservador”; “era *sá-carneirista*”; “era homofóbico quando era jovem”). Atribui a natureza destas características à educação rígida do pai, que era um homem “que não se deixava tocar”, sendo pouco afectuoso. Apresenta, portanto, a imagem de um pai tradicional, em cuja família as pessoas “não se tocam, as pessoas não falam de sentimentos, não choram”. Realça ainda a sua inteligência (“era um homem inteligente”).

A **Isabel** fala de um pai “pacato”, que teve uma vida “sem altos e baixos”. Há uma certa passividade associada a esta imagem (“era uma pessoa calma”; “era aqueles pais e tal, na boa”). Não era muito afectuoso, mas comparativamente à mãe “era mais carinhoso”. Quando surge o tema da morte do pai (“faleceu há catorze anos”), há um evitamento, sendo que a Isabel muda imediatamente de assunto, o que sugere que esta morte parece não ter sido elaborada.

**Glória** atribui somente características positivas ao pai, o que remete para uma idealização da sua imagem (“simpático, brincalhão, extrovertido, amigo do amigo”). Quando se refere ao pai há uma inversão de gerações, o que acontece nas duas entrevistas (“era... como eu”; “era uma pessoa mais como eu”). Para além disso, coloca-se de fora da cultura quando diz que o pai “despia a *blusa* dele para dar ao amigo”.

Na **Raquel** está presente uma forte idealização da figura paterna (“um génio incompreendido”; “igual ao Fernando Pessoa”), apresentando a imagem de um pai que “era muito à frente no seu tempo”. Parece incorporar a injustiça que o pai terá sentido (“são pessoas que não podem estar neste mundo”), procurando valorizar-se narcisicamente através da representação positiva que faz do pai (“era uma artista”; “pintava, tocava piano e escrevia, lindamente”). Refere ainda a amizade entre os dois, que aponta para uma grande proximidade (“via-o como um amigo, além de pai”).

A **Marta** caracteriza o pai como “uma pessoa simples” e generosa (“às vezes pensava mais nos outros do que pensava propriamente nele”). Fala de um homem trabalhador (“sempre trabalhou a vida inteira”) que actualmente “sofre de uma demência”. Depois de se reformar e antes de adoecer não era “pessoa de estar em casa”, sendo que “a vida dele era horta, casa; casa, horta, mas era mais horta”. Assim, percebe-se que tem a ideia de um pai activo e afectuoso (“era

uma pessoa mais de afectos”; “foi sempre mais dado”). Há uma caracterização exclusivamente positiva do pai, o que remete para uma idealização.

A **Bianca** começa por oferecer uma imagem contraditória do pai, alternando entre a ideia de um homem rígido e autoritário (“tem aquele feitio meio complicado”; “até parece que foi Tropa”) e ideia de um homem descontraído (“é uma pessoa também extremamente divertida, muito bem-disposta, é extrovertido”). Contudo, acaba por salientar mais o facto de ser um homem rigoroso (“cheio de rigores e comportamentos que ele não abre mão”). A esta figura autoritária surge ainda associada uma certa passividade, que contrasta com a postura activa e lutadora da mãe (“abaixa-se e deixa andar”; “a vida está mal, deixa estar”). É também um homem desligado (“não se prende a nada”), que “leva uma vida um bocado errante” (é artista plástico”; “feitio muito nómada”). Identifica-se conscientemente ao defeito do pai de “ser preguiçoso” e considera que o vê “mais como amigo”, pois com a idade “está mais carinhoso”.

#### *Casal Parental*

A **Carolina** tem dificuldades em configurar um casal parental, que aparece recalcado (“é muito difícil para mim [...] não tenho uma... uma recordação...”), pelo que as imagens que oferece são essencialmente emotivas (“eu *sentia* que havia um ar muito carregado”; “eu *sentia* que havia ali muita dificuldade no casal”). As recordações a que alude apresentam um casal separado, distante (“não me lembro de eles terem estado nunca muito unidos”), não sendo capaz de ter “nenhuma recordação de eles os dois”. Esta separação entre os pais é, nalguns momentos, vivida e lembrada com angústia (“recordo-me de uma fase que eles não dormiam juntos, e que me era extremamente incómoda [...] porque vi que havia uma ruptura”). A participante assinala a ausência de ligação, afecto agressividade (“não os recordo como um casal, nem juntos, nem a gritar”), o que permite perceber que o casal parental internalizado está ligado a uma ideia de distância e desunião.

A **Isabel** oferece a imagem de um casal parental que oscila entre momentos de estabilidade, nos quais os pais se “davam” bem, e momentos de conflito (“por vezes havia assim uns choquezinhos”). Realça, porém, o conflito, cuja responsabilidade atribui às dificuldades advindas de “segurar quatro putos dentro de casa” (“às vezes era muito complicado, e a minha mãe ficava muito nervosa e muito agitada e tal, havia assim uns gritos”), o que remete para um sentimento de culpa. Assinala uma certa assimetria, sendo que a mãe é que “dominava completamente. Tudo e todos (ri). Empregados, marido, filhos, ia tudo ali à frente!”, o que sugere novamente a imagem de uma mãe autoritária e de um pai “pacato”.

A **Glória** apresenta a imagem de um casal parental desavindo, marcado pelo conflito e pela discórdia (“eles sempre chocaram... muito um com o outro”). Reforça a ideia de uma mãe autoritária, possessiva e controladora, que retirava permanentemente poder ao pai, sugerindo a imagem de uma mulher fálica (“o dinheiro, tu recebes e eu é que controlo”). O pai é agressivo (“ele não se privava de... de lhe chamar tudo e mais alguma coisa à frente de quem quer que fosse”), mas a culpa da agressividade do pai é atribuída à mãe, porque “ela também provocava” (“ela em vez de se calar... pica”). A própria infidelidade do pai, que a Glória conhece após a sua morte, é justificada pelo comportamento da mãe (“não posso condenar, porque também sei o que é que está lá em casa”). Assim, há um modelo de uma relação parental conflituosa e mesmo violenta (“lembro-me de ele levantar-lhe a mão umas quantas vezes”), que se une em torno do conflito.

Na primeira entrevista parece haver um evitamento e uma resistência por parte da **Raquel** para abordar o tema da relação parental, recorrendo a uma representação superficial (“davam-se bem no geral”) e pouco comprometedor (“uma discussãozinha ou outra, como todos os casais”). Na segunda entrevista já é capaz de ser mais específica, referindo que “tinham fases que se davam mal”. Os conflitos parentais derivam do facto de ver os pais como opostos (“eram demasiado diferentes [...] isso numa relação é mais mau, que bom”). Enquanto o pai “era muito cabeça de artista” e “não era organizado”, a mãe “é o oposto”. Assim, a diferença e os opostos são, para a Raquel, fonte de discórdia e conflito.

A **Marta** apresenta uma representação de casal parental baseada na ideia da normalidade (“é uma relação normal; “é daquelas relações normais, do dia-a-dia, de um casal”) e do respeito (“sempre houve muito respeito mútuo”). A normalidade é justificada pela ausência de conflito (“em toda a minha vida nunca vi os meus pais a discutir [...] por isso considero... uma relação normal”). Assinala, para além disso, o facto de que o pai “sempre esteve praticamente fora”, porque “trabalhava em Lisboa”, só estando em casa aos fins-de-semana.

A **Bianca** começa por referir que nunca cresceu “com aquela família feliz *papai-mamãe*”, pelo facto de os pais se terem separado quando tinha cerca de sete anos de idade. Não obstante, as memórias anteriores à separação apresentam uma relação “bastante tempestuosa”, na medida em que “eram feitos muito diferentes” e “batiam-se muito assim ideias”. Explica que “havia sempre muito choque”, pelo facto de se tratar de duas pessoas “de personalidades muito fortes, muito vincadas”. No momento da segunda entrevista refere que a relação entre os pais era “péssima”, mas oscilava entre momentos de maior união e momentos de grande discórdia (“havia momentos em que eu via que os dois tinham uma amizade fantástica, outros em que, meu Deus do céu, eu parecia que estava num campo de guerra”). Recorda “momentos de eles sorrirem

muito, de aparecerem nas fotos como um casal apaixonadíssimo, e vê-los mesmo a sorrirem, a brincarem”, mas considera que no final da relação “aquilo era um estado de guerra mesmo, era impressionante”. Como tal, o conflito crescente entre os pais é o motivo pelo qual acredita que ficou “feliz da vida” quando se separaram (“porque a própria relação deles connosco muda”).

### 3 - Relação com as Figuras Parentais

#### *Relação com a Figura Materna*

A relação da **Carolina** com a figura materna é marcada pelo abandono após o divórcio com o pai, quando tinha seis, sete anos (“acabou por me mandar para Portugal”), o qual não é capaz de nomear. Há um sentimento de culpa associado a este abandono (“a minha irmã ficou com a minha mãe, porque a minha irmã era uma criança saudável”). Refere uma relação marcada por emoções fortes e contrastantes (“de muitos beijinhos, muito agarradas [...] muito terna, mas de gritos e de ódio enorme”) à qual associa a ideia de ser “uma relação vermelha” e tipicamente “sul-americana”. A relação parece ser pautada por uma simetria hierárquica (“a minha mãe sempre foi minha amiga”; “deixou-me a casa e deixou-me em cima da mesinha de cabeceira uma caixa de preservativos”), possivelmente potenciada pelo facto de a avó ter retirado à filha o direito de ser mãe, igualando-as.

A **Isabel** descreve uma relação com a mãe que “foi sempre muito problemática”. A Isabel adoptava uma postura submissa, fazendo “tudo para que ela estivesse agradada” e “para ela ficar muito contente e não estar mal disposta”. Parecia procurar evitar o conflito com a mãe, que utilizava a ameaça (“tu se fizeres e se *aconteceres*, eu ponho-te fora, faço, *aconteço*”), pelo que “vivia amedrontada”, demonstrando receio em contrariar a mãe. Relata um episódio, no qual “trouxe um ponto de Matemática com ‘Mau’”, pelo que a mãe “chagou tanto o juízo” ao seu pai que este “agarra num cinto”, deixando-a “com o rabo negro”. Trata-se, portanto, de uma mãe sádica (“já não bastou o ralho que ela me deu que ainda teve que picar o meu pai”). Para além disso, descreve uma relação com uma mãe controladora e possessiva (“não acreditava em mim [...] para todo o lado que eu fosse ela ia atrás”), e uma relação de negligência (“nunca me acompanhou assim à escola”) e com falhas ao nível do afecto (“nunca foi [...] muito afectiva... nunca foi carinhosa”). Já em adulta e mãe de três filhos, parece haver uma competição com a mãe relativamente às respectivas qualidades maternas (“eu sou a maior [...] porque tu não trabalhavas [...] tinhas empregada [...] eu trabalhando consigo ser de outra maneira”).

A **Glória** descreve uma relação negativa com a mãe (“não temos uma relação muito boa”), na qual o interesse substitui o afecto (“ela joga comigo um pouco por interesse... e eu

também tenho que jogar um bocadinho com ela também por interesse. Apesar de gostarmos uma da outra, atenção”). Durante a infância a Glória rejeita a mãe, preferindo a avó (“ia para a minha avó e se fosse preciso ficava os três meses lá e não vinha à minha mãe e se ela me quisesse ver que fosse lá”), pelo que se percebe que procurava um ambiente de afecto e carinho. Actualmente parece haver uma luta de forças entre as duas (“não me liga, mas eu também não lhe ligo [...] acaba por ser ela a dar o braço a torcer”), quase em forma de competição. Descreve uma relação marcada pela frieza (“sempre foi muito fria nesse sentido, não gosta de beijinhos e abraços”) e por um sentimento de injustiça (“para ela nunca faço nada de jeito [...] é muito injusto”). É também uma relação marcada pela rivalidade fraterna (“o filho... levanta-lhe a mão... a filha é que anda para trás e para a frente com ela e a filha é que é a porca”; “o irmão é que era o menininho”), parecendo haver uma procura pelo amor do objecto (“é a Glória que é chamada para tudo [...] é a Glória que faz tudo”). Está presente uma relação com uma mãe sádica (“dizer que eu não *valo* nada, que eu não presto para nada”; “à frente de qualquer pessoa ela rebaixa-me”). Após a morte do pai, a mãe confronta-a relativamente à sua homossexualidade e “desde aí pôs a N. de parte”, não aceitando a sua orientação sexual (“pediu-me pela memória do meu pai para largar a N.”). Assim, há uma certa contradição, no sentido em que a mãe despreza e critica a filha, afastando-a, mas simultaneamente mostra-se dependente da relação com a filha (“age comigo com cinismo, quando precisa de mim procura-me, quando não precisa manda pedras”).

A **Raquel** oferece uma descrição pobre da sua relação com a figura materna (“sempre fui mais chegada ao meu pai que à minha mãe”). Refere que houve uma aproximação entre as duas após a morte do pai (“ficámos mais amigas”), embora a amizade as coloque numa posição de igualdade. Parece haver uma mãe exigente ao nível das preocupações sociais (“ela queria que eu tirasse Direito”), pelo que a Raquel, numa procura pela sua aprovação, acede à vontade materna (“meti-me no curso que a minha mãe queria que eu fosse”), anulando a sua própria vontade. Acaba por desistir do Curso e deprimir, o que coincide com as suas preocupações relativamente ao desejo homossexual, que a mãe rejeita e não quer aceitar (“a minha mãe não reagiu bem”; “levou-me ao psicólogo”). Assim, parece ser uma relação pautada pelo receio de desiludir a mãe, que não aprova a filha.

A relação da **Marta** com a figura materna remete para uma ideia de distância (“nunca foi uma relação muito próxima”; “manteve sempre a distância [...] era como antigamente”; “eu nunca me habituei a falar de assuntos mais íntimos com a minha mãe”). A Marta refere uma relação “um bocado controversa”, na qual o autoritarismo da mãe (“era um bocado mais autoritária”) inibia a procura da figura materna (“a maior parte das vezes que eu chegasse ao pé da minha mãe e que fosse contar-lhe arreava-me [...] a minha mãe arreava-me bem”), o que sugere uma relação

com uma mãe sádica. A Marta, embora por vezes tentasse contrariar a vontade da mãe, adota uma postura essencialmente submissa (“mandava-me fazer, eu tinha que fazer”), descrevendo uma relação na qual “havia sempre aquele controlo... se chegava muito tarde a casa ou não chegava”. É também uma relação marcada pela falta de afecto (“não sou pessoa de chegar ao pé da minha mãe e dar-lhe dois beijos”) e pela necessidade de respeito (“sempre tive muito respeito pela minha mãe”). A característica principal desta relação prende-se, porém, com a distância afectiva entre ambas (“se tinha algum problema [...] a minha mãe era a última pessoa que eu iria contar [...] porque nunca senti aquela proximidade”). Esta distância torna-se ainda mais evidente pelo facto de que a homossexualidade da Marta e o seu relacionamento amoroso nunca foram conversados (“ela sabe perfeitamente que [...] vivo com a R. e nós quando lá vamos... dormimos na mesma cama”). De facto, é um assunto interdito, sendo que a mãe prefere evitar o confronto directo com a realidade e sobretudo com temáticas de cariz mais íntimo (“ela depois também não é pessoa para chegar ao pé de mim e... ter esse tipo de conversas”). Devido à falta de proximidade entre ambas, a Marta considera que se iria sentir “muito desconfortável a falar sobre isso”, uma vez que falar da sua orientação sexual implicaria quebrar uma barreira de distância que pautou desde o início esta relação. Assim, há um fingimento relativamente a este assunto, que possivelmente ainda acentua mais a distância.

A **Bianca** descreve uma relação com a mãe de grande proximidade, considerando-a a “melhor amiga” e explicando que estão “juntas todos os dias”, o que aponta para a ideia de uma relação anaclítica (“é com ela que eu desabafo, é com ela que eu estou o dia todo”). Este modelo de relação contrasta, no entanto, com uma certa ausência da mãe ao longo do seu crescimento (“faltava um pouco a presença da mãe”; “podia não estar muito presente, mas sempre foi-me esclarecendo tudo”). Está presente uma rivalidade fraterna e um sentimento de injustiça (“eu faço tudo, aquele não faz nada, mas aquele leva aqueles mimos”; “achava que estava sendo muito injusta comigo”), que remete para a procura pelo amor do objecto. A Bianca denota alguma preocupação e ansiedade relativamente à grande proximidade com a figura materna, referindo que houve um excesso de protecção (“pecou no sentido de não cobrar mais da gente”; “ela ia aparando sempre as quedas”). Assim, tem consciência de uma ligação baseada na dependência, mas não é capaz de a contrariar (“de vez em quando exagero, estou demasiado... disponível”; “eu sou incapaz de lhe dizer que não”). Numa altura em que consulta uma psicóloga, refere que concordou “com ela quando ela disse que de facto era prejudicial [...] essa coisa de querer abraçar e não e nada vai acontecer-te”, mas perante a persistência da psicóloga acerca desta problemática considera que “bater no ceguinho também já é demais”, resistindo à ideia de uma mudança no seu modelo relacional. Esta disponibilidade quase ilimitada parece relacionar-se com o receio de

perder o amor da mãe (“posso não gostar do que ela fala [...] mas jamais... falaria num tom acima”). Relativamente à sua homossexualidade afirma que falou “logo, de cara” (“nunca escondi nada”), mas acredita que foi mais fácil pelo facto de que a irmã mais velha “já tinha aberto o caminho”, explicando que a mãe “nunca se meteu”.

### *Relação com a Figura Paterna*

A relação da **Carolina** com o pai é marcada por três momentos diferentes, de acordo com a fase de desenvolvimento, mais especificamente a infância, a adolescência e a idade adulta. Efectivamente, antes “era complicado”, porque tinham “sido muito diferentes”. A Carolina explica que “quando era miúda ele nunca” lhe “ligou” e que houve uma separação, em forma de abandono, após o divórcio dos pais (“separou-se da minha mãe e separou-se de mim, nitidamente”). Lembra-se de “ter estado um ano sem saber dele” e de “chorar de emoção” quando o viu, não tendo sentido “isso da parte dele”, o que sugere frieza. Quando o pai descobre a sua homossexualidade “ao princípio engoliu em seco” e “teve um choque enorme”, recordando que “ele ficou tristíssimo”, pelo que a Carolina terá sentido que desapontou o pai (“um homem que nunca chorava, chorou. À minha frente”). Mostrou-se relutante em aceitar a homossexualidade da filha, considerando que “precisava de ajuda, de um médico, de ajuda psiquiátrica ou psicológica”, na ideia de que “isto era uma doença”. Quando vem frequentar a Faculdade em Portugal percebemos que há uma fase em que vive com o pai e que é marcadamente conflituosa, sendo que o pai assume uma postura controladora, (“tinha que justificar demasiadas coisas”; “se eu chegava tarde começava a insinuar que as mulheres não podiam sair até tão tarde, a insinuar que eu estava a portar-me como uma *puta*”). É na sequência destes acontecimentos e de uma discussão, que a Carolina sai de casa (“a meio da noite peguei nas minhas coisas e saltei pela janela e fui-me embora”). É só quando a Carolina tem “um trabalho seguro” que há uma mudança na relação entre ambos, pois já se sentia “mais segura” e “mais autónoma”. Aqui, relata que se sentiu “importante na consideração dele” e que ele a tinha “como uma pessoa inteligente”. Explica que o pai “começou a aceitar várias coisas”, designadamente que ela “fosse de Esquerda”, “que não acreditasse em Deus” e que “fosse homossexual e que vivesse com a D.”. Neste contexto descreve uma relação que se tornou “extremamente positiva e muito importante [...] já em adulta”, de cariz sobretudo intelectual (“trocávamos muitas opiniões”). Esta transformação do modelo relacional parece ter reparado algumas das feridas infligidas no passado. A Carolina considera que “isto foi uma conquista enorme” e sentiu-se, pela primeira vez, respeitada e admirada pelo pai. A morte do pai é experienciada como a perda de uma parte do *self* (“eu tive uma sensação de amputação, como se

tivessem amputado uma parte de mim”), o que sugere a existência de uma relação e ligação de natureza anaclítica.

Contrariamente à Carolina, a **Isabel** oferece uma descrição pobre e superficial da sua relação com a figura paterna (“foi sempre boa”). Refere a impulsividade do pai que “reagia assim, quente”. Contudo, estas reacções do pai são, para a Isabel, responsabilidade da mãe que o deixava “com os ouvidos cheios”. Fala, portanto, de uma relação que foi sempre “calma”, uma vez que “ele era assim muito pacato”.

A **Glória** refere uma relação conflituosa com o pai (“sempre chocámos muito”), que explica pelo facto de terem “feitos iguais”. Diz que sempre teve “uma relação fria com ele”, mas que “sentia que ele tinha orgulho” em si. Ao contrário da mãe que lutava contra o facto da Glória ser maria-rapaz, considera que o pai queria apenas que ela “estivesse bem”. Explica que estavam chateados quando o pai morreu, acreditando que ele “apareceu a uma amiga” sua e que só “a partir daí descansou”. Embora nunca tenha falado com o pai acerca da sua homossexualidade, diz que prefere “acreditar que ele aceitava”, o que sugere que idealiza a sua relação com o pai.

A **Raquel** fala de uma relação de grande proximidade com a figura paterna (“sempre fui mais chegada ao meu pai que à minha mãe”), parecendo privilegiar a relação com o pai, em detrimento da relação com a mãe (“conversávamos de todos os temas, inclusive sexuais, em que eu estava mais à vontade para falar com o meu pai desses assuntos do que com a minha mãe”). Diz que o pai era o seu “melhor amigo” e no que respeita à sua homossexualidade diz que a reacção do pai “foi boa” (“interessava era ser feliz, só tinha pena, porque estava a ver que não ia ficar com netos”).

A **Marta** considera que sempre teve um “melhor relacionamento” com o pai do que com a mãe, apresentando a ideia de um pai permissivo e atento às necessidades da filha (“só não fazia as vontades se não pudesse”; “se eu precisava de alguma coisa, fazia”). Refere que “era a filhinha do papá” e que o pai “era uma pessoa mais [...] de afectos”, o que sugere a ideia de uma relação afectuosa. Em relação à sua orientação sexual “nunca lhe disse nada”, mas acredita que “se houvesse alguém que lhe tivesse que dizer, dizia-lhe”. Contudo, a relação actualmente é marcada pela dor causada pela demência do pai que “já praticamente não reconhece os filhos”.

O pai da **Bianca** “mora fora de Portugal”, pelo que “é uma relação mais afastada”. Explica que “antigamente era pai e filha, agora é mais uma questão de amigos” e que, pelo afastamento físico, é uma relação “um bocado virtual”, mas de alguma proximidade emocional (“pela internet a gente agora se dá muito bem, nós damos risada, sinto muito à vontade com ele para falar sobre tudo e... é essa a relação afectiva que nós temos”). Ao contrário do que sucede na relação com a figura materna, é capaz de contrariar o pai (“a gente briga quando tem que brigar,

fala e tal. Nunca faltando ao respeito, mas sendo um pouquinho ríspido”). Considera que o pai “tinha uma predileção” por si e a “mãe pelo menino”. No entanto, não sendo capaz de se sentir privilegiada em detrimento do irmão, apresenta uma ideia contraditória, ao dizer que o pai não a “favorecia” e que “a rigidez era para ambos”. Refere que estão actualmente a recuperar “aquele carinho paterno”. A partilha da sua homossexualidade não foi conversada (“eu delicadamente levei ele num bar... gay (ri), com *show* de travestis e tudo o mais”), tendo sido assim que assumiu a sua orientação sexual.

#### 4 – Identificações

A narrativa da **Carolina** permite-nos perceber que rejeita identificar-se ao pai, pela sua educação tradicional e dificuldades no afecto, preferindo conscientemente identificar-se à emotividade da mãe (“não sou assim [fria] porque a minha mãe não é assim, a minha mãe é sul-americana, os sul-americanos são muito emotivos”). Quando se pretende que fale especificamente das pessoas que mais a marcaram, faz referência ao pai, pelo que parece haver uma identificação de natureza mais superficial, baseada em questões intelectuais que marcaram grande parte da relação entre ambos. Contudo, a principal figura de identificação da Carolina é a avó materna (“a minha avó foi muito marcante para mim”), fortemente idealizada, sobre a qual tece os maiores elogios (“era uma mulher excepcional”; “os grandes costureiros de Paris [...] ofereciam-lhe vestidos”; “muito inteligente”; “muito sensível”). Salienta que a avó “teve uma vida fora do normal”, o que se relaciona com a sua rejeição face à normalidade. Apresenta a ideia de uma mulher forte, inteligente e ligada ao poder (“uma mulher com uma personalidade fortíssima”; “era uma mulher líder”) que “tinha a mania da política”, sugerindo a imagem de uma mulher fálica. Há uma evidente admiração pela avó, na qual os aspectos negativos são desvalorizados (“era alcoólica”) ou admirados (“um dia apanhei-a com alfinetes num boneco”). Percebemos depois que a avó é na verdade uma figura materna (“para ela eu era a filha dela, mais nova”; “ela tinha dois filhos, eu era a mais pequenina”), que rivalizava com a mãe da Carolina, retirando à filha o direito de ser mãe.

No caso da **Isabel** está presente uma identificação inconsciente à mãe no que remete ao modo como se posiciona nas suas relações. Efectivamente, descreve que em casa gosta de “dominar”, característica que tinha atribuído anteriormente à figura materna (“dominava”). Embora conscientemente apresente uma imagem negativa da mãe, inconscientemente podemos perceber que incorpora esta característica. Por outro lado, parece estar também presente uma identificação mais superficial ao pai (“pacato”), no sentido em que se descreve como “calma”, o

que sugere a presença de identificações cruzadas. No entanto, a mãe é descrita como a pessoa que mais a marcou. Mesmo no que respeita à identidade de género, apesar de a mãe contrariar a sua feminilidade, caracteriza-se como “feminina”.

No que respeita às identificações às figuras parentais, podemos perceber que a **Glória** se identifica a um nível consciente e mais superficial com a figura paterna, uma vez que se descreve de modo semelhante ao pai (“eu era muito parecida com o meu pai”). A um nível mais profundo e inconsciente verifica-se que há uma identificação à mãe, que se repercute inclusivamente no modo como a Glória se posiciona no amor. A identificação ao pai parece funcionar como uma defesa contra a identificação à mãe, porque esta identificação é rejeitada. Para além dos pais, considera que os avós maternos “foram muito importantes” no seu crescimento, pelo que “essas quatro pessoas” são as que a marcaram mais (“nunca me identifiquei com ninguém exterior, nem me identifico com muita gente da minha família”). No entanto, embora se perceba que o afecto dos avós foi fundamental no seu desenvolvimento, a narrativa da Glória não nos permite conhecer possíveis identificações aos avós.

Embora a **Raquel** desvalorize a relação com a figura materna, podemos perceber que há uma forte identificação à mãe, no sentido em que apresenta as mesmas preocupações relativas às classes sociais (“não sabia ler e escrever e não me dizia nada”; “é obrigatório, a *Eneida*, a *Odisseia*, a *Iliada*”). No entanto, é também evidente uma identificação ao pai, que é idealizado, (“em pequena brincava com os carrinhos [...] porque o meu pai tinha da colecção dele e eu achava muito giro”), que remete para questões ligadas à identidade de género. Para além disso, a Raquel faz inúmeras referências a Professores (“eram amigos, humanos e preocupavam-se”), parecendo estar à procura de modelos de identificação, por dificuldades nas identificações às figuras parentais. A avó parece ter sido também extremamente marcante (“almoçava todos os dias com ela”), mas não nos é possível perceber se houve alguma identificação.

A narrativa da **Marta** não nos permite aceder em concreto às suas identificações. A construção da sua identidade de género, porém, aponta para uma identificação ao pai e ao modelo masculino, uma vez que queria vestir “calças”, contrariando e rejeitando a vontade da mãe.

No que respeita à **Bianca** podemos observar que há uma identificação consciente e de cariz mais superficial à teimosia e à preguiça do pai. Contudo, há uma grande idealização da figura materna, que sugere a presença de uma identificação de carácter mais inconsciente e profundo.

## 5 - O Amor

### *Definição de Amor*

A **Carolina** começa por definir o amor como “um sentimento” e “uma sensação de [...] carinho muito, muito, muito forte”. Apresentando uma descrição progressivamente mais sensorial e regressiva, considera o amor “uma ligação de entranha”. Diz que o amor “une” e que “é uma união muito forte”. Assinala o facto de não ser racional e se tratar de “uma coisa que se sente”. Acrescenta ainda que o “amor a sério é uma união tão forte, tão forte, tão forte, que [...] não permite afastamento durante muito tempo [...] exige proximidade”, remetendo-nos para uma ligação emocionalmente profunda.

Para a **Isabel** o amor requer dedicação (“é dedicar-me àquela pessoa”) e é uma troca, no sentido em que “é dar e receber, de tudo”. Esta partilha não é “só afectivamente, como economicamente, como de amizade, de cumplicidade, de companheirismo, de diversão, de coisas em comum que se goste”, pelo que exige reciprocidade. É também estar atento e “saber das necessidades da outra pessoa e perceber”, enaltecendo a importância do apoio e da presença (“estar lá”).

A **Glória** diz que não sabe o que é o amor, porque na relação dos pais nunca viu isso. Liga o amor ao ver e ao demonstrar, e não ao sentir, ao sentimento (“a minha maneira de demonstrar o meu amor à N., neste caso, a pessoa que está comigo, não é a mais adequada”). Há, portanto, uma confusão entre amor e agressividade (“sempre vi o amor de outra maneira... não é... hum... brigas, confusões, dos meus pais, etc.”). Assim, teoricamente consegue definir o amor (“se eu lhe disser que... é pá, é óbvio que o amor é o carinho, a entrega... a amizade entre um casal”), mas revela as suas dificuldades em demonstrar o afecto.

Para a **Raquel** “o amor é tudo”. Endeusa o amor (“o amor é Deus”), atribuindo-lhe um carácter sagrado e qualidades mágicas (“o que há de mais sagrado”; “é a luz”), o que remete para uma imagem idealizada do amor.

A **Marta** oferece uma definição racionalizada do amor, baseada no “respeito” e no “companheirismo”. Assinala a mudança que o amor exige (“uma pessoa quando se relaciona tem que se mudar”), no sentido de tentar “que os feitos das pessoas se encaixem e não haja aquele choque”. Assim, o amor implica uma transformação e uma adaptação recíprocas, para que duas pessoas se possam complementar.

A **Bianca**, devido à morte súbita e inesperada de uma ex-namorada, mostra-se desapontada com o amor. Assim, o amor surge idealizado no passado (“acreditava que podia-se morrer de amor”), mas no presente é desvalorizado (“já deixei de acreditar um pouco”).

Actualmente, o amor é real (“já não crio grandes expectativas”; “gosto de amar com clareza e com respeito”), tendo deixado de “ter aquela poesia”. Assim, há uma adaptação à realidade.

#### *Descrição da Companheira*

A **Carolina** refere que a mulher se transforma “noutra pessoa quando bebe”. Procura compreender o que está por detrás do alcoolismo da D., referindo que “é o melhor antidepressivo que existe”, o que a leva a pensar “que as pessoas não são suficientemente felizes”, estando presente a culpabilidade. Refere que a D. “sempre bebeu”, mas não pensa que “ela fosse alcoólica”, pois bebia “aos fins-de-semana” para se divertirem. Considera que o alcoolismo da D. se relaciona “com o fórum íntimo dela, insegurança, alguma falta de auto-estima”, descrevendo uma mulher insegura e frágil. Diz que se fecha e “não dá muitas hipóteses a conversar sobre” a necessidade de procurar ajuda para o seu problema. Acrescenta ainda que é uma “mulher mais masculina” do que ela e que “gosta de cozinhar”.

A **Isabel** apresenta uma imagem fundamentalmente negativa da namorada, começando por dizer que é “uma pessoa muito centrada em si mesma, muito egocêntrica”, que “precisa de protagonismo”, e caprichosa (“como os putos quando querem muito um brinquedo [...] e o conseguem obter, depois já não lhes ligam nenhuma”). Diz também que “não é uma pessoa muito afectuosa, só quando tem intimidade, ou proximidade”. A descrição da Isabel deixa adivinhar algumas características histriónicas, no sentido em que mostrou “ser uma pessoa bastante activa nesse campo, mas no fundo não é”. Considera que a P. “não consegue viver... sem um determinado estatuto de vida”, pelo que não sendo “independente monetariamente [...] depende do marido”. Trata-se, portanto, de uma mulher casada, que vive a sua homossexualidade e a sua relação com a Isabel em segredo. A Isabel apresenta a ideia de que são “muito diferentes, no fundo”, sendo a P. uma pessoa “muito dispersa” e “incapaz de fazer uma limpeza”. Apresenta ainda a ideia de uma mulher clivada (“saí de Lisboa, saí da minha casa [...] como estava noutra sítio... eu mudei”) e que utiliza uma “máscara” protectora, no sentido em que “a outra pessoa não afecta, não interfere”. Descreve-a como uma mulher masculina (“ela é completamente gay”; “ela compra muita roupa masculina”) e salienta o seu “poder de argumentação fantástico” (“consegue-a convencer de que esta almofada é preta”). Diz tratar-se de uma mulher “fria, calculista e má”, “oportunista” e “mentirosa”, que “evita a discussão”, parecendo não se querer confrontar com a realidade. Considera-a “mais realista” e “mais racional”, assinalando as diferenças entre ambas. Estas diferenças manifestam-se também na necessidade da P. em estar sempre “num patamar acima, para ser apreciada, para ser valorizada”, o que aponta para uma estrutura de personalidade narcísica e perversa. A Isabel, pelo contrário, não gosta de ser “o

centro das atenções”. A única caracterização positiva que a Isabel oferece surge quando diz que a P. “tem bom coração, mas [...] tem maus valores”. Ficamos também a saber que a P. “tem um filho”, o qual a Isabel sente que “é um empecilho”.

A **Glória** apresenta a ideia de uma companheira que é instável, que “tem mudanças de humor... tão depressa está bem-disposta”, como “manda tudo para o ar” e “passa-se”, o que sugere uma certa labilidade emocional. Refere que a N. “descarrega, principalmente em cima das pessoas que gosta”. Descreve-a como “sincera”, “brincalhona” e “muito divertida” e explica que ela “não vê maldade em nada”, considerando-a ingénuo. Assinala ainda o facto de que a N. “detesta chamar à atenção”.

A **Raquel** oferece uma descrição da namorada fundamentalmente baseada nas semelhanças entre ambas (“somos da mesma geração, nós somos do mesmo ano, somos muito parecidas”; “temos o mesmo nome”; “temos a mesma idade”). As poucas diferenças que apresenta são negadas e assumem um carácter somente positivo e complementar, não sendo nunca apresentadas como possível fonte de discórdia ou de conflito (“há coisas em que eu não sou tão boa, mas que ela é. Portanto complementamo-nos”). Trata-se, então, de uma descrição comparativa, na qual a individualidade da R. enquanto pessoa separada é quase imperceptível, referindo apenas que ela “descobriu a sexualidade muito tarde”.

As características da companheira da **Marta** são quase inexistentes na sua narrativa, percebendo-se apenas que a R. “é um bocado fechada” e que consegue ser mais fechada do que a Marta, tendo dificuldade em conversar.

A **Bianca** fala de uma companheira que “vê a vida de uma maneira muito recta”, sugerindo pragmatismo e uma postura racional. Utiliza o termo “bicho-do-mato” para se referir ao facto de que “não é uma pessoa que tenha amigos”. A este propósito, considera que são o oposto uma da outra (“muito diferente de mim nesse aspecto”), pois “não se dá com ninguém”. Fala de uma mulher que é controladora (“tem que controlar tudo o que faço”) e “bastante *chatinha*”. Outra diferença entre ambas diz respeito ao facto da Bianca assumir uma postura de evitamento do conflito (“eu fico quietinha”), enquanto a C. é “extremamente agressiva” e “passa-se completamente”. Por outro lado, refere que a companheira “é adorável” e se preocupa consigo, apreciando também a sua intelectualidade e inteligência (“extremamente intelectual”; “inteligente”). Diz que a C. não lhe “conta nada do passado dela”, sendo “uma pessoa muito fechada”, o que também contrasta com as características com que a Bianca se descreve.

### *Relação Amorosa Actual*

A **Carolina** conhece a D. por partilharem o mesmo grupo de amigos, relatando um primeiro encontro sexual entre as duas quando vivia num quarto alugado (“um dia levei a D. lá para casa [...] e tivemos uma noite”). Conta que a D. “tinha que chegar a casa antes da mãe acordar” e que sempre ficou “furiosa com essa história”, pelo que possivelmente se sentia abandonada. Posteriormente, de forma casual, vão viver juntas e “passado quase um ano” têm “nova aventura sexual”, começando a namorar (“Já vivíamos juntas, mas passámos a dormir juntas”). A sexualidade marca o início da relação (“um sexo arrebatador, caíamos [...] da cama constantemente”; “havia muito mais paixão”; “dedicava-se muito mais tempo ao acto sexual”). Actualmente fala de uma relação que “é um bocado rotineira”, sendo habitual fazerem “amor ao fim-de-semana”, o que a Carolina explica dever-se ao facto de a D. beber à noite (“temos sexo de manhã, não é à tarde, nem é à noite. E é por isso. Porque ela bebe”). E nessas alturas a Carolina costuma “estar um bocado zangada com ela”, deixando “de lhe ter respeito, de certa maneira”. Vê-la “como uma alcoólica” é “degradante” e deixa-a triste (“entristece-me sobretudo muito”). Há um grande sentimento de culpa associado ao alcoolismo da D. (“Será que ela não é suficientemente feliz comigo e precisa de beber?”), pelo que lhe pede frequentemente “para tentar procurar a ajuda”, mas a D. “não aceita”. Como tal, explica que a “relação à noite é complicada [...] por isso”, havendo um contraste entre a sua calma (“eu fico no quarto”), cuja atitude é afastar-se, e a agitação da D. (“ela não fica sossegada”). Assim, hoje em dia descreve “uma relação tumultuosa por causa do problema da D., mas fora isso é uma relação mais calma, muito tranquila”, considerando que “essa estabilidade é importantíssima”. Casaram-se recentemente por “puro romanticismo”, no sentido de “pôr alguma carga romântica a uma coisa que existe já há muito tempo”. Está presente ainda a ideia de uma relação anaclítica (“teria uma enorme dificuldade em viver sem ela”; “é uma muleta”) e a participante refere que é “aquela que está à espera de ser alimentada”, no sentido em que a D. faz a comida que ela gosta. Diz que tomam conta uma da outra (“a D. toma conta de mim”; “eu também tomo conta dela, deixe estar”).

A relação da **Isabel** tem logo à partida características muito particulares e que a diferenciam das restantes participantes, no sentido em que se trata de uma relação que mantém em segredo com uma mulher que é casada com um homem. Conhece a P. através do *Facebook* e há logo uma desilusão inicial, pois “só depois de estar completamente envolvida” emocionalmente é “que soube que ela era casada”. Efectivamente, a P. disse “sempre que vivia com uma mulher”. Neste contexto, a Isabel apresenta uma certa ambiguidade, não sendo capaz de definir a sua relação. Percebemos que é uma relação com muitas limitações que lhe causam

sofrimento (“não dá para ter... para aspirar a mais, não dá para ter uma continuidade [...] não dá para nada”). Procura quantificar o sentimento para ser capaz de tolerar, considerando que a P. gosta quarenta por cento de si e “sessenta por cento” da “vida que tem”, “de luxo”. Assinala a dependência afectiva e a dificuldade em se desligar (“associo àquilo que sinto pelo cigarro”; “como se fosse uma droga... um hábito”). É uma relação “muito conturbada”, marcada por sucessivas separações e aproximações (“para o raio! Não quero saber”; “depois ela liga-me [...] fico *consoladinha*”). Nalguns momentos a Isabel procura desculpabilizar a P. (“neste momento eu sei que a mãe é uma senhora doente oncológica”). Pelo contrário, a P. desvaloriza a situação em que deixa a Isabel, dizendo “que há muitas pessoas como ela”, “que vivem uma relação extramatrimonial”. A participante refere ainda que é “enganada”, sugerindo mesmo que “havia um *modus operandi* que era notório que havia ali alguém”, quase sugerindo que era planeado e, portanto, perverso. Reconhece que é uma relação “que é autodestrutiva”, sentindo-se impotente para o contrariar. Ademais, quando está a “discutir com ela”, “ela está calada”, agredindo com silêncio e aparente indiferença. A Isabel diz que chegou “à conclusão” que aquilo que sente por ela “é pena”. Procura encontrar uma justificação para estar nesta relação (“se ela se atravessou à minha frente foi para que eu aprendesse qualquer coisa e ela, sobretudo ela, aprendesse mais, que... aprendesse a ser menos... menos como ela é... não adiantou muito [...] adiantou qualquer coisa, porque eu já percebi que houve ali alguma melhoria”), colocando-se numa posição quase onnipotente e reparadora.

A **Glória** diz que “ao início era uma pessoa muito possessiva” e que “não lhe dava liberdade para nada”. Conta que no princípio da relação, a N. “ainda gostava de outra” e que “chorou muitas vezes” no seu “ombro pela outra”, o que aponta para uma componente de cariz masoquista. Como tal, considera que teve “que a conquistar” e que, por esse motivo, “não estava muito segura”, tendo “medo de a perder”. Considera que a esse respeito “mudou bastante”, mas que já se chatearam “várias vezes”. Descreve uma relação com “altos e baixos”, cujos conflitos ultrapassam porque falam bastante. Fala de “uma relação monótona”, na qual já estão “um pouco acomodadas uma à outra”, e cujo “dia-a-dia é o normal... de um casal”. Está também presente a ideia de que à medida que a proximidade aumenta, com o passar dos anos, a intimidade diminui, ou seja, torna-se mais difícil para a Glória demonstrar o seu afecto (“não demonstro... o meu carinho, a minha afectividade da melhor maneira, apesar de gostar muito dela”). Actualmente considera que estão bem (“neste momento estamos bem”), desvalorizando o facto de se verem pouco por incompatibilidade de horários (“só nos vemos mesmo à noite”).

A **Raquel** conta que conheceu a R. numa Discoteca e que ficou “com uma paixão indescritível”, “de caixão à cova” (“entretanto não nos separámos mais”; “deixei de comer, deixei

de dormir, enquanto ela não foi minha”). Apresenta a imagem de uma relação visivelmente idealizada, “excelente a todos os níveis” (“com a R. nem o céu é o limite”). Podemos perceber que é uma relação de natureza narcísica (“a gente é mesmo almas gêmeas”; “temos o mesmo nome”; “somos do mesmo ano”) e anaclítica (“a nossa vida é vinte e quatro sobre vinte e quatro horas juntas”). Vivem isoladas socialmente (“temos muito poucos amigos”) e vivem e trabalham “lindamente” juntas. Apesar de ser “uma relação muito em cima”, a Raquel acredita que conseguem “dar espaço uma à outra”. As diferenças nunca aparecem como fonte de conflito, contribuindo, pelo contrário, para uma complementaridade (“há coisas que somos muito diferentes, mas que fazem com que nos *complementamos*”). Contudo, as poucas diferenças que a Raquel nomeia são todas de carácter mais superficial (“na decoração não temos um gosto nada parecido”), pelo que parece haver uma negação das diferenças e uma consequente recusa da realidade.

A **Marta** fala de um “bom começo de relação”, no qual “houve aquelas surpresas todas [...] a paixão”, sugerindo romantismo. Percebemos que se trata de uma relação rotineira (“chega uma altura que a relação começa a cair um bocado na... na rotina”), pelo que “esteve assim um bocado tremida”. Considera que se afastaram um pouco e após essa distância emocional deram “uma segunda oportunidade”, tentando que as “coisas resultassem”. No entanto, a Marta oferece uma descrição vaga (“as coisas estiveram um bocado complicadas”), assinalando o respeito como valor de base fundamental (“tentamos sempre que haja o respeito”). A narrativa em torno da relação baseia-se muito nas questões práticas do dia-a-dia e na divisão das tarefas domésticas, sendo pouco aprofundada. Considera que a relação “agora não está tão rotineira” e que com a R. conseguiu “buscar essa estabilidade”, sentindo-se “muito mais feliz”.

A **Bianca** conta que conheceu a C. “através do *Facebook*”, e que só percebeu que “ela tinha alguém” quando “já havia um envolvimento emocional”. No entanto, quando começam o relacionamento vão imediatamente viver juntas. Embora fale de um início de relação “muito gostoso”, considera que isso pode ter sido prejudicial (“não nos deu tempo de nos conhecer a sério uma à outra”). Refere actualmente uma relação “*super* conturbada” e muito marcada pelo conflito (“a gente bate muito de frente uma com a outra”). Fala de uma namorada que a procura proteger em demasia (“exige muito de mim [...] aquelas preocupações normais de saúde”), considerando que “é uma exigência quase de mãe para filha e não de namorada para namorada”. Como tal, a Bianca irrita-se face a esta postura maternal. Para além disso, a Bianca assinala as dificuldades relacionadas com o facto de a C. ser catorze anos mais velha (“chocamos um *pouquinho* por causa disso”), colocando a hipótese de que a “diferença de idades” a faz sentir-se “muito insegura”, tendo receio que a Bianca “pule fora da relação”. Diz que a C. é

“extremamente ciumenta” em relação ao seu passado e que é essa “insegurança” que “às vezes dá cabo de tudo”. A participante sente-se injustiçada, pois considera que não lhe dá “motivo nenhum para isso”. Nos conflitos, assume uma postura mais passiva e de evitamento, inibindo a agressividade (“tenho tendência a ficar quieta”; “eu detesto conflito”), enquanto a C. assume uma postura activa e agressiva (“começa a chamar nomes [...] a ser muito dura nas palavras”). Explica ainda que se sente “encurralada”, controlada e “sem espaço” (“eu fumo e ela implica [...] me deixa atada [...] não posso fazer nada”). No entanto, percebe-se também que é uma relação que “tem altos e baixos”, que “funciona melhor” quando estão sozinhas, como a C. gosta, e não há a presença de terceiros (“há uma relação muito *bacana*”). Percebe-se que a vida da C. se centra quase exclusivamente nesta relação (“a vida dela sou eu e os gatos”), isolando-se socialmente e sentindo-se “invadida” quando a Bianca recebe “gente em casa”. É o facto de terem “feitos completamente opostos” que dá origem à discórdia. Assim, “aquela paixão” inicial “já teve a sua época”.

#### IV – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Dentro do **Desenvolvimento do Eu** e no que respeita ao *Eu Actual*, podemos perceber que duas das participantes, a Carolina e a Isabel, apresentam a ideia de que o presente é melhor do que o passado, sendo que este último aparece recalcado e ligado a experiências de negligência e abandono por parte dos objectos de amor primários. Torna-se importante assinalar que estas participantes pertencem à mesma geração, pelo que actualmente estão numa fase de vida diferente das restantes entrevistadas. A Marta e a Bianca, por seu lado, falam de uma mudança pessoal interna, que lhes permite uma melhor adaptação à realidade externa.

Relativamente ao *Eu Adolescente*, destaca-se a presença de um doloroso conflito interno em todas as participantes no que se refere às preocupações com a percepção do desejo homossexual. Estas preocupações estão associadas ao medo de perder o amor dos objectos e também ao facto de pertencerem socialmente a um grupo minoritário. Embora Socarides (1963) defenda que a pressão social relativamente à homossexualidade feminina é consideravelmente menor comparativamente à homossexualidade masculina, podemos perceber que todas relatam relacionamentos com rapazes durante este período, na tentativa de negar a sua homossexualidade e se adequarem aos padrões da normalidade. A Glória, a Marta e sobretudo a Raquel recorrem ao isolamento social como forma de tolerar o conflito.

No *Eu Infantil*, à excepção da Carolina, cuja narrativa não nos dá acesso a essa informação, percebemos que todas as restantes participantes falam de crianças submissas e particularmente bem-comportadas que procuram avidamente o apreço e a valorização dos objectos de amor. A Glória e a Raquel, as duas participantes que referem a importância dos avós durante a infância, descrevem um período infantil essencialmente idealizado, ligado ao facto de se sentirem valorizadas por estas figuras, desvalorizando assim o sofrimento relativo à relação com as figuras parentais.

Neste sentido, destacamos que o **Desenvolvimento do Eu** é sobretudo marcado por uma constante preocupação por parte destas mulheres relativamente àquilo que é convencional, e que, no caso específico da Carolina, aparece sob a forma de uma atitude de diferenciação agressiva. O facto da cultura e até da própria Psicanálise continuarem a idealizar a heterossexualidade, em detrimento da homossexualidade (Benjamin, 1995), pode estar relacionado com as dificuldades internas assinaladas.

Relativamente aos **Objectos Internos**, embora não seja possível identificar um modelo de mãe comum a todas as participantes, podemos encontrar semelhanças importantes entre algumas delas. A Isabel, a Glória, a Marta e a Bianca atribuem características masculinas à figura

materna, sugerindo uma inversão dos papéis tradicionais de género e a representação interna de uma mãe fálica, pré-edipiana. Efectivamente, a *Imago Materna* é associada a autoritarismo, austeridade, liderança, independência e actividade. Para além disso, tirando a Carolina e a Bianca, falam de mães essencialmente frias, com dificuldades ao nível da expressão dos afectos, característica que conscientemente desvalorizam, mas que vão inconscientemente internalizar. Uma vez que a representação da figura materna é maioritariamente negativa, podemos também observar na Carolina, na Isabel, na Glória e na Marta uma tendência para desculpar as suas componentes negativas, referindo-se a um passado doloroso que justifica e retira a importância a qualquer comportamento, designadamente a negligência e o abandono experienciados pela Carolina e pela Isabel. A Carolina e a Bianca recorrem inclusivamente à idealização da figura materna. Nos casos da Bianca e da Marta, que têm ambas um irmão mais novo, a imagem da mãe está também ligada a uma forte rivalidade fraterna pela busca do amor do objecto primário.

Relativamente à *Imago Paterna* podemos verificar uma tendência para a sua idealização, presente nos casos da Glória, da Raquel e da Marta, sendo particularmente intensa na narrativa da Raquel. Assim, atribuem quase exclusivamente características positivas ao pai. A Isabel e a Marta descrevem pais afectuosos, sobretudo quando comparados às mães, o que sugere novamente uma inversão do lugar do masculino e do feminino. Pelo contrário, a Carolina apresenta a imagem de um pai afectivamente distante e frio e a Bianca a ideia de um pai rigoroso e desligado, pelo que se aproximam mais do modelo tradicional de masculinidade. No entanto, a Isabel e a Bianca referem a passividade, tradicionalmente feminina, da figura paterna, que contrasta com a actividade das respectivas figuras maternas.

As representações de *Casal Parental* da Glória, da Raquel e da Bianca apresentam algumas semelhanças entre si, na medida em que está presente uma relação particularmente marcada pelo conflito e a discórdia. Para a Raquel e a Bianca o conflito entre os pais deriva do facto de serem opostos, pelo que a diferença se assemelha a algo que é negativo e prejudicial. Podemos observar ainda que, à excepção da Carolina, todas as participantes apresentam uma relação parental na qual a mãe ocupa uma posição de dominância, actividade e pragmatismo, que contrasta com a passividade dos respectivos pais. Deste modo, é possível perceber que as participantes internalizaram modelos relacionais que contrariam aquilo que é convencional. A Carolina distingue-se ao ter dificuldades em configurar uma relação entre os pais, assinalando fundamentalmente a distância, a desunião e a ausência de afecto e agressividade, o que nos remete para uma ideia de indiferença. Esta ideia vai ao encontro da teoria de Freud (1915), segundo a qual a indiferença é oposta ao amor e ao ódio, e se manifesta por uma ausência de afecto e de emoções.

Na **Relação com as Figuras Parentais** e, neste caso, na *Relação com a Figura Materna* podemos observar que a Isabel, a Glória e a Marta adoptam uma postura visivelmente submissa e, por vezes, até masoquista face ao autoritarismo e sadismo da mãe. Assim, referem relações problemáticas e negativas com a figura materna. Outra característica presente nestas três participantes diz respeito ao facto de referirem relações distantes e desprovidas de afecto, sendo que esta distância afectiva parece também evidenciar-se no caso da Raquel. De facto, a Raquel fala de uma relação na qual procura a aprovação da mãe. Contrastando com esta distância, a relação descrita pela Bianca apresenta características de uma relação anaclítica e ambivalente, no sentido em que a dependência é sentida como positiva e como negativa, remetendo-nos para dificuldades ao nível da separação-individação. A Carolina apresenta também uma relação com características particulares, na medida em que fala de uma relação intensa com a mãe, de amor e ódio, e está presente um sentimento de culpa, responsabilizando-se por ter sido abandonada. Para além disso, como podemos verificar na subcategoria das *Identificações*, a participante oscila entre a mãe e uma avó que ocupa internamente o lugar da mãe. A rivalidade fraterna presente nas narrativas da Glória e da Bianca marca também as suas relações com a figura materna, no sentido em que rivalizam com os irmãos em torno do amor primário. Assim, a dificuldade ao nível dos afectos parece ser a característica principal que marca a relação com a mãe. Contudo, apesar de todas estas relações serem sentidas como problemáticas, podemos ver, até pelo investimento nas suas narrativas, que a mãe e a relação com a mãe ocupa um lugar privilegiado. Isto pode estar relacionado com a ligação mais forte entre a mãe e a menina, do que entre a mãe e o menino, descrita por Chodorow (1989), que leva muitas vezes a dificuldades nos processos de separação e individuação. Esta problemática é particularmente evidente no caso da Bianca.

No que respeita à *Relação com a Figura Paterna*, a Isabel, a Glória, a Raquel e a Marta referem uma relação mais afectiva e positiva, relativamente à relação com a mãe, sendo particularmente idealizada pela Raquel. Ademais, a Glória, a Raquel, a Marta e a Bianca mostram que se sentem especialmente apreciadas e valorizadas pelo pai, o que também acontece com a Carolina na idade adulta. Para a Isabel a relação com o pai parece ocupar um lugar particularmente secundário.

Relativamente às **Identificações** e, ao contrário do que é privilegiado pela teoria clássica, segundo a qual a homossexualidade feminina resulta de uma identificação com o pai (Freud, 1905), a maioria das participantes parece ter estabelecido identificações mais profundas e modificadoras com a figura materna, tirando o caso da Marta, que é inconclusivo. Efectivamente, é possível perceber que há identificações cruzadas (Benjamin, 1995), embora as identificações ao pai pareçam ser, contrariamente às identificações à mãe, de natureza mais superficial e consciente.

Isto leva-nos a concordar que não existe um percurso único que conduza à homossexualidade, pelo que a escolha do objecto sexual deve ter em conta as várias dinâmicas psíquicas (Chodorow, 1989). No entanto, torna-se importante assinalar que todas estas mulheres descrevem mães com características de género ligadas ao masculino, pelo que as identificações à mãe constituem sobretudo identificações a aspectos da personalidade masculina, que continuam a ser mais valorizados pela sociedade, em detrimento dos femininos (Chodorow, 1989).

Se pensarmos nas formas de identificação descritas por Zimmerman (2001), podemos observar que na Carolina e na Bianca está presente uma identificação com a figura idealizada. A Isabel e a Glória, por seu lado, identificam-se com a figura odiada, enquanto que a Raquel se identifica com os valores impostos pela mãe. É possível verificar ainda que, para além das identificações ao objecto, também encontramos identificações que dizem respeito à posição que se estabelece nas relações. Deste modo, há uma multiplicidade de identificações, que assumem expressões distintas de acordo com a experiência individual.

No que se refere à *Definição de Amor* podemos observar que cada uma das participantes recorre a uma perspectiva específica para o definir. Para a Carolina é um sentimento e surge ligado a uma ideia regressiva de união. Para a Isabel exige troca e reciprocidade. A Glória fala da demonstração do amor. A Raquel apresenta uma imagem idealizada, equiparando-o a Deus. E a Bianca idealiza o amor no passado, tornando-o real no presente. Contudo, apesar das diferentes concepções de amor apresentadas, é possível perceber que todas elas estão intimamente ligadas às suas respectivas experiências amorosas actuais. Como tal, podemos considerar que a ideia de amor e a relação amorosa do presente se influenciam reciprocamente.

Relativamente à *Descrição da Companheira* podemos perceber que a Carolina evidencia sobretudo os problemas da mulher, designadamente o alcoolismo e a infelicidade, pela qual se culpabiliza. A Isabel, a Marta e a Bianca, por outro lado, oferecem descrições fundamentalmente negativas das respectivas companheiras. Na Isabel, em particular, o desejo por um objecto de amor inatingível pode constituir uma defesa contra o desejo por alguém atingível, mas que se pode perder (Mitchell, 2002). Para além disso, percebemos que fala de um objecto de amor que é simultaneamente a causa e a solução para a sua dor (Goldner, 2006). A Glória apresenta uma caracterização positiva da companheira, embora com algumas semelhanças à descrição que faz de si mesma, parecendo haver uma coexistência entre o desejo pelo objecto e a identificação ao objecto. A Raquel, por sua vez, foca-se na igualdade entre ambas, o que aponta para uma escolha de objecto narcísica, que remete para a ideia clássica de que os homossexuais escolhem uma imagem espelho do eu (Freud, 1914).

No que respeita à *Relação Actual* começamos por assinalar que a descrição da Raquel é a única na qual há uma ausência de conflito. De facto, a Raquel descreve uma relação idealizada, de natureza fundamentalmente narcísica. A ausência da agressividade e do ódio, que caracteriza todas as relações humanas (Kernberg, 1995), impede-a de preservar um sentido de individualidade (Gabbard, 1993). Pelo contrário, todas as outras participantes referem a presença de conflito nas suas relações, que derivam de problemáticas diferentes. Na Carolina a principal fonte de conflito é o alcoolismo da companheira e está presente a ideia de uma relação de carácter marcadamente dependente, o que pode estar relacionado com a longevidade da relação que, para Mitchell (2002), acentua a vulnerabilidade e o medo da perda do objecto. Esta dependência pode ser um produto do medo do vazio, uma vez que fala de pais abandonantes. Para a Isabel o conflito advém da própria natureza indefinida da relação e, tal como para a Bianca, da dependência afectiva que caracteriza a relação. Para a Glória, o conflito surge por ciúmes e possessividade, enquanto que para a Marta parece ser a rotina a génese da discórdia. Esta rotina está presente também na relação da Carolina e da Glória.

Centrando agora a nossa discussão na interligação da informação disponibilizada pelas várias categorias e subcategorias, podemos começar por assinalar a influência do casal parental interno na relação actual das participantes. É possível verificar que em todas as participantes a internalização da relação parental se repercute de forma clara na sua relação actual, embora de diferentes modos em diferentes proporções. Com efeito, a Carolina, tendo um modelo parental negativo, baseado na separação, indiferença e desunião, configura no presente uma relação de natureza anaclítica e dependente, pelo que se trata de uma configuração construída por oposição ao casal parental interno. No casal parental da Raquel são as diferenças entre o pai e a mãe que dão origem ao conflito. Assim, tal como a Carolina, configura uma relação actual por contradição, na qual ela e a namorada são iguais. Efectivamente, procura anular e eliminar quaisquer diferenças entre ambas, uma vez que as diferenças são sentidas como nocivas para qualquer forma de relação. A Bianca, pelo contrário, vai repetir o padrão internalizado, ao estabelecer uma relação com uma pessoa que considera diferente de si, não sendo capaz de contrariar o estilo relacional internalizado. Relativamente à Isabel, podemos também perceber uma compulsão à repetição, no sentido em que a assimetria presente na sua relação actual, relembra a assimetria evidente na relação entre os seus pais, na qual a mãe dominava e controlava a relação. No caso da Glória podemos perceber que as dificuldades ao nível dos afectos que observava no casal parental têm consequências na sua experiência amorosa actual, sendo que a participante estabelece de forma consciente esta ligação. A Marta, por seu lado, fala-nos de um casal parental monótono, sendo a monotonia a ideia mais marcante da sua relação amorosa.

Neste sentido, a importante ideia proposta por Frisch e Frisch-Desmarez (2010) de noção de casal parental interno enquanto uma unidade própria que vai para além da adição do pai, mais a mãe torna-se aqui bastante evidente. Na revisão de literatura, e partindo da teoria de Kernberg (1995) relativamente à internalização das relações de objecto, colocámos a hipótese de que as relações marcantes, até aquelas em que o indivíduo não participa, particularmente as relações entre o casal parental, podem também ser interiorizadas e servir de modelo para relações futuras, nalguns casos pela construção de uma oposição. De acordo com as narrativas das seis participantes podemos perceber que é, de facto, possível estabelecer esse paralelismo, embora ressalvemos que não pensamos que as relações amorosas sejam necessariamente cópias fidedignas das relações entre os pais. Propomos apenas que os aspectos do casal parental que causam uma impressão mais marcante nos indivíduos vão muitas vezes ser internalizados sob a forma de um estilo relacional característico e é esse estilo relacional que vai servir de modelo no futuro, seja em forma de repetição, seja em forma de oposição.

Uma outra observação importante diz respeito à influência dos objectos de amor e das relações com as figuras parentais na escolha do objecto amoroso. Bergmann (1982), embora se tenha referido apenas às relações heterossexuais, defende que quando as imagos parentais formam uma base particularmente insatisfatória, o novo objecto de amor será uma reimpressão dos objectos antigos, uma vez que o ego não foi capaz de contrariar a compulsão à repetição. Esta ideia está visivelmente presente nos casos da Carolina e da Isabel, cujas companheiras possuem características da sua avó (alcoolismo) e da sua mãe (sadismo), respectivamente. Esta situação pode também ser observada na relação amorosa da Bianca, cuja companheira a faz sentir-se “sem espaço” e parece depender afectivamente dela. Este estilo relacional e mais concretamente a luta pela separação relembra precisamente a sua relação com a figura materna. Há ainda um paralelismo evidente entre a sua relação com a mãe e a sua relação actual, uma vez que a Bianca anula e inibe a agressividade em ambos os relacionamentos. A Marta também escolhe uma companheira “fechada”, à semelhança da descrição que apresenta da mãe. Na Raquel, embora escolha uma imagem espelho de si, a idealização da figura paterna e da relação com o pai assemelha-se à idealização excessiva da sua relação actual, havendo mesmo um obscurecimento da realidade (Freud, 1914). Por outro lado, há casos em que os objectos internos não foram suficientemente bons, mas procuramos encontrar num novo objecto aquilo que os nossos pais não nos deram (Bergmann, 1995). É o que sucede com a Glória que, embora tenha dificuldades em demonstrar o amor, tem uma companheira mais afectuosa que contrasta com a frieza dos seus pais. Neste caso, a escolha de um objecto afastado dos seus protótipos infantis,

significa que há a esperança de que este objecto actual possa reparar as feridas infligidas pelos objectos antigos (Bergmann, 1982).

Deste modo, podemos perceber que em todas as outras participantes se denota uma associação clara entre os objectos de amor antigos e os novos objectos de amor. No entanto, esta associação, à excepção do caso da Raquel, diz fundamentalmente respeito à imago materna e à relação com a mãe, evidenciando novamente a ideia de que a figura paterna ocupa um lugar mais secundário no seu desenvolvimento. Efectivamente, se pensarmos nas suas identificações, que apesar de cruzadas, são mais intensas e profundas com a mãe, podemos colocar a hipótese de que o objecto de amor actual lhes permite configurar repetições de objectos e relações antigas na tentativa de as reparar e transformar, o que na maior parte dos casos se revela ineficaz. Não obstante, as relações actuais das participantes não se apresentam exclusivamente como revivências das relações precoces. Há conflitos antigos que são revividos, mas há também conflitos actuais e novos que são específicos de cada relação, e que advêm da diversidade inerente ao ser humano (Ross, 1991).

## **Conclusões Finais**

Embora o amor homossexual seja experienciado de forma única por cada participante, foi-nos possível encontrar alguns paralelismos relativamente ao desenvolvimento da sua identidade e sobretudo relativamente ao modo como as suas experiências infantis se reflectem nas suas experiências de amor adulto.

Em primeiro lugar pudemos concluir que a maior parte das participantes eram crianças submissas e adultas. Verificámos também a presença de um grande conflito interno que marcou a descoberta adolescente do desejo homossexual, rejeitando a sua homossexualidade e estabelecendo relacionamentos com rapazes, o que pode estar relacionado com o medo de perder o amor do objecto primário, mas pode também evidenciar a idealização do desenvolvimento heterossexual, em detrimento do homossexual. Para além disso, observámos que há uma predominância de características associadas à masculinidade em todas as mães, com as quais as participantes se identificaram mais profundamente. Percebemos também uma tendência para a idealização da figura paterna, embora esta surja de forma mais secundária. Todas as relações actuais descritas apresentam características e estilos relacionais únicos, pelo que a ideia proposta por Elise (1998), de uma ligação particularmente intensa nas relações amorosas entre mulheres, é observada nas relações de três participantes (Carolina, Raquel e Bianca). No entanto, seriam precisos modelos de relações heterossexuais e homossexuais masculinas para podermos

estabelecer uma comparação e perceber se, de facto, se trata de um estilo relacional tipicamente feminino e das relações lésbicas. Uma outra conclusão importante, que responde a uma hipótese que nos propusemos colocar, diz respeito à associação entre o casal parental interno e a relação actual, no sentido em que o modelo de relação entre os pais que foi interiorizado se manifestou na vivência amorosa presente. Foi-nos ainda possível concluir que os objectos internos de pai e mãe e as relações de objecto que com eles estabelecem, sobretudo com a figura materna, foram determinantes na escolha do objecto de amor.

Em suma, tratando-se de um estudo exploratório, as conclusões que apresentámos não são generalizáveis nem pretendem caracterizar todas as relações lésbicas. Procurámos antes dar um contributo para um maior conhecimento sobre as relações amorosas entre mulheres que, esperemos, abra caminho a estudos futuros sobre o amor homossexual. Embora a ligação entre amor infantil e amor adulto (Freud, 1905) seja evidente, a forma como esta se processa não é linear e constitui apenas uma parcela explicativa do amor entre mulheres. Mais especificamente, cada objecto de amor incorpora múltiplas possibilidades de diferença e igualdade, de masculinidade e feminilidade e uma relação amorosa pode servir uma multiplicidade de funções (Benjamin, 1995).

### **Limitações do Estudo**

Esta investigação apresenta algumas limitações, designadamente o facto de as relações amorosas terem sido abordadas através da perspectiva de apenas um dos elementos de cada casal, dificultando o acesso à relação amorosa na sua totalidade. No entanto, esta foi uma decisão consciente, uma vez que receámos pôr em causa a integridade psíquica das participantes e, particularmente, gerar eventuais conflitos nas suas próprias relações. Para além disso, há uma forma de limitação logo à partida, uma vez que o amor se apresenta como um tema particularmente complexo e talvez isso explique o motivo pelo qual são poucos os autores que sobre ele se debruçam.

### **Recomendações para Estudos Futuros**

Kernberg (1995) diz-nos que o casal é composto pelas relações de objecto internalizadas, consciente e inconscientemente, por ambas as partes que o constituem. Neste sentido, decorrente de uma das limitações assinaladas, parece-nos importante a realização de um estudo que contemple narrativas das duas mulheres que configuram o casal homossexual como forma de

aceder de forma mais fidedigna à dinâmicas que o caracteriza. Para além disso, um estudo comparativo entre casais heterossexuais, casais homossexuais masculinos e casais homossexuais femininos pode também ser útil, no sentido de oferecer eventuais estilos relacionais específicos que caracterizem cada uma destas relações.

## REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1922). Manifestations of the female castration complex. *International Journal of Psychoanalysis*, 3, 1-29.
- Abraham, K. (1926). Character-formation on the genital level of libido-development. *International Journal of Psychoanalysis*, 7, 214-222.
- Alperin, R. M. (2001). Barriers to intimacy: An object relations perspective. *Psychoanalytic Psychology*, 18 (1), 137-156.
- Altman, L. L. (1977). Some vicissitudes of love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 25 (1), 35-52.
- Aron, L. (1995). The Internalized Primal Scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5 (2), 195-237.
- Balint, M. (1948). On genital love. *International Journal of Psychoanalysis*, 29, 34-40.
- Balsam, R. (2001). Integrating male and female elements in a woman's gender identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49 (4), 1335-1360.
- Barden, N. (2011). Disrupting Oedipus: The legacy of the Sphinx. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 25 (4), 324-345.
- Benjamin, J. (1995). *Like subjects, love objects: Essays on recognition and sexual difference*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Bergmann, M. S. (1980). Symposium on object relations theory and love. On the intrapsychic function of falling in love. *The Psychoanalytic Quarterly*, 49 (1), 56-77.
- Bergmann, M. S. (1982). Platonic love, transference love, and love in real life. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 30 (1), 87-111.
- Bergmann, M. S. (1988). Freud's three theories of love in the light of later developments. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 36 (3), 653-672.
- Bergmann, M. S. (1995). On love and its enemies. *Psychoanalytic Review*, 82 (1), 1-19.
- Bergmann, M. S. (2001). Finding an object. *Modern Psychoanalysis*, 26 (1), 3-13.
- Blechner, M. J. (2006). Love, sex, romance, and psychoanalytic goals. *Psychoanalytic Dialogues*, 16 (6), 779-791.
- Burch, B. (1993). Gender Identities, Lesbianism, and Potential Space. *Psychoanalytic Psychology*, 10 (3), 359-375.
- Candeias, C. (2011). Homossexualidade masculina: uma ou várias? Dissertação de Mestrado não publicada, ISPA-IU, Lisboa, Portugal.
- Chodorow, N. J. (1989). *Feminism and psychoanalytic theory*. New Haven: Yale University Press.

- Chodorow, N. J. (1992). Heterosexuality as a compromise formation: Reflections on the psychoanalytic theory of sexual development. *Psychoanalysis & Contemporary Thought*, 15 (3), 267-305.
- Corbett, K. (1993). The mystery of homosexuality. *Psychoanalytic Psychology*, 10 (3), 345-357.
- Elise, D. (1998). Gender configurations: Relational patterns in heterosexual, lesbian, and gay male couples. *Psychoanalytic Review*, 85 (2), 253-267.
- Fast, I. (1984). Women's capacity to give birth a sex-difference issue for men? *Psychoanalytic Dialogues*, 4 (1), 51-68.
- Fast, I. (1990). Aspects of early gender development: Toward a reformulation. *Psychoanalytic Psychology*, 7, 105-117.
- Freud, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality. U.S.A.: Basic Books, 2000.
- Freud, S. (1914). On narcissism: An introduction. Standard Edition. Retrieved from PEP Archive database.
- Freud, S. (1915). Instincts and their vicissitudes. Standard Edition. Retrieved from PEP Archive database.
- Freud, S. (1920). The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman. Standard Edition. Retrieved from PEP Archive database.
- Freud, S. (1931). Female sexuality. *The International Journal of Psychoanalysis*, 13, 281-297.
- Frisch, S. & Frisch-Desmarez, C. (2010). Some thoughts on the concept of the internal parental couple. *International Journal of Psychoanalysis*, 91, 325-342.
- Gabbard, G. O. (1993). On hate in love relationships: The narcissism of minor differences revisited. *The Psychoanalytic Quarterly*, 62 (2), 229-238.
- Goldner, V. (1991). Toward a critical relational theory of gender. *Psychoanalytic Dialogues*, 1 (3), 249-272.
- Goldner, V. (2006). "Let's do it again": Further reflections on eros and attachment. *Psychoanalytic Dialogues*, 16 (6), 619-637.
- Grinberg, L. (1976). *Teoria da identificação*. Lisboa: Climepsi, 2001.
- Hinshelwood, R. D. (1989) *A dictionary of kleinian thought*. London: Free Association Books.
- Hitschmann, E. (1952). Freud's conception of love. *International Journal of Psychoanalysis*, 33, 421-428.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). Narrative, discourse and the unconscious: A case study of Tommy. In: M. Andrews et al. (Eds), *Lines of narrative: psychosocial perspectives* (pp. 136-148). London: Routledge.

- Hollway, W. & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In: Given, L. M. (Ed.) *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods*.
- Hollway, W. (2009). Applying the “experience – near” principle to research: psychoanalytically informed methods. *Journal of Social Work Practice*, 23 (4), 461-474.
- Horney, K. (1933). The denial of the vagina. *International Journal of Psychoanalysis*, 14, 57-70.
- Jones, E. (1927). The early development of female sexuality. *International Journal of Psychoanalysis*, 8, 459-472.
- Kernberg, O. (1974a). Mature love: prerequisites and characteristics. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 22 (4), 743-768.
- Kernberg, O. (1974b). Barriers to falling and remaining in love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 22 (3), 486-511.
- Kernberg, O. (1995). *Love relations: Normality and pathology*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Kernberg, O. (2011). The sexual couple: A psychoanalytic exploration. *Psychoanalytic Review*, 98 (2), 217-245.
- Kirkpatrick, M. (2003). The nature and nurture of gender. *Psychoanalytic Inquiry*, 23 (4), 558-571.
- Klein, M. (1957). Envy and gratitude. *Psyche*, 11 (5), 241-255.
- Kvale, S. (1996). *Interviews – An introduction to qualitative research interview*. U.S.A.: Sage Publications.
- Mahler, M. (1971). A study of the separation-individuation process: And its possible application to borderline phenomena in the psychoanalytic situation. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 26, 403-424.
- Mitchell, S. A. (1997). Psychoanalysis and the degradation of romance. *Psychoanalytic Dialogues*, 7 (1), 23-41.
- Mitchell, S. A. (2002). *Can love last? The fate of romance over time*. New York: W.W. Norton.
- Notman, M. T. (2002). Changes in sexual orientation and object choice in midlife in women. *Psychoanalytic Inquiry*, 22 (2), 182-195.
- Ogden, T. H. (2004). Review essay: The fate of romance over time. *Psychoanalytic Dialogues*, 14 (3), 373-379.
- Patton, M. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Perlman, F. T. (1999). Love and its objects: On the contribution to psychoanalysis of Martin S. Bergmann. *Psychoanalytic Review*, 86 (6), 915-963.
- Person, E. S. (2002). The homosexualities. *Annual of Psychoanalysis*, 30, 43-53.
- Platão (s/d). *O Banquete*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Ross, J. M. (1991). A psychoanalytic essay on romantic, erotic love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39, 439-475.
- Roughton, R. E. (2002). Rethinking homosexuality: what it teaches us about psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 50 (3), 733-763.
- Schapiro, B. A. (2002). Psychoanalysis and romantic idealization: The dialectics of love in Hardy's "Far from the madding crowd": In memory of Stephen A. Mitchell. *American Imago*, 59 (1), 3-26.
- Silvestre, A. (2012). Dinâmica da representação familiar em mulheres homossexuais. Dissertação de Mestrado Não Publicada, ISPA-IU, Lisboa, Portugal.
- Socarides, C. W. (1963). The historical development of theoretical and clinical concepts of overt female homosexuality. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 11, 386-414.
- Stoller, R. (1964). A contribution to the study of gender identity. *International Journal of Psychoanalysis*, 45 (2/3), 220-226.
- Stoller, R. (1968). The sense of femaleness. *The Psychoanalytic Quarterly*, 37 (1), 42-55.
- Stoller, R. (1979). A contribution to the study of gender identity: Follow-up. *International Journal of Psychoanalysis*, 60, 433-441.
- Sweetnam, A. (1996). The changing contexts of gender: Between fixed and fluid experience. *Psychoanalytic Dialogues*, 6 (4), 437-459.
- Zepf, S. (2009). Psychoanalysis and qualitative psychotherapy research – Some epistemological remarks. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 37 (4), 645-664.
- Zimmerman, D. E. (2001). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed Editora.

## ANEXO A – GUIÃO E JUSTIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS

### **1. Gostava que me falasse um pouco de si... Como é que é como pessoa?**

Esta questão dá início à entrevista e pretende que o sujeito se descreva livremente, de forma a poder salientar as diferentes características da representação de si e da sua relação com os outros.

### **2. Como recorda a sua vida?**

Esta pergunta pretende que o sujeito construa a sua narrativa de vida e dê conta dos eventos mais marcantes.

### **3. Como é a sua família?**

Esta questão procura obter uma descrição da família do sujeito. Permite situar o sujeito no seu ambiente familiar, dar conta das suas identificações e conhecer o ambiente afectivo.

### **4. Fale-me dos seus pais...**

**a) Como é a sua relação com eles? b) Como vê a relação entre os seus pais? c) Como é cada um deles?**

Este grupo de perguntas permite aceder ao modo como o sujeito se situa na relação com os pais e com cada um deles. Dá também acesso ao casal parental interno, e às imagos materna e paterna.

### **5. Quando é que se apercebeu da sua orientação sexual?**

### **6. Qual é a posição dos seus pais face à sua orientação sexual?**

### **7. Contou que era homossexual? Porque é que contou/não contou?**

Estas questões abordam de forma clara a orientação sexual do sujeito e como se foi experienciada essa descoberta, o impacto que esta teve para o sujeito e para os que lhe são próximos em termos de aceitação.

### **8. Como era em criança?**

### **9. Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância?**

Estas questões pretendem que o sujeito recue até à sua infância, permitindo ao entrevistador perceber qual a tonalidade afectiva deste período. Possibilita que o sujeito fale acerca de aspectos que marcaram este período.

**10. Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?**

Esta pergunta remete para dificuldades experimentadas ao longo da vida do sujeito e para a sua eventual resolução. Pretende-se perceber se estes períodos estão relacionados com momentos de crise relativamente às suas relações amorosas.

**11. E em relação à adolescência... foi um período difícil?**

**12. E quando o corpo começou a mudar... como é que foi para si essa experiência?**

**13. Apaixonou-se, na adolescência?**

**14. E o seu primeiro relacionamento amoroso, foi com quem, com que idade...?**

Estas questões remetem para as mudanças físicas e emocionais que caracterizam o período da adolescência. Pretende-se perceber de que modo estas transformações físicas foram experimentadas e a existência ou não de conflitos ligados às identificações com os pares e à escolha de objecto sexual.

**15. Há alguns homossexuais que falam num sentimento de isolamento... já alguma vez sentiu isso, em relação a um período da sua vida?**

Esta questão aponta fundamentalmente a ideia de uma eventual falta de suporte social e emocional durante o período em que os sujeitos se apercebem da sua orientação sexual.

**16. Fale-me um pouco dos seus relacionamentos mais significativos.**

Com esta questão, pretende-se aceder ao modo como são estabelecidas as relações de objecto do sujeito, ao longo da vida e perceber quais as características do objecto que são determinantes para a sua escolha. Pretende-se também conhecer as relações que o sujeito considera mais importantes.

**17. E a sua relação actual... já estão juntas há muito tempo?**

**18. Como é que é a vossa relação?**

**19. Como é que define o amor?**

**20. O que espera de uma relação?**

Este grupo de questões foca-se especificamente no tema do amor e pretende sobretudo conhecer a relação actual e identificar eventuais estilos relacionais. A pergunta relativa à definição do amor surgiu espontaneamente após a realização da primeira entrevista e foi acrescentada ao guião inicial. Pretende-se ainda perceber qual o modelo de relação ideal do sujeito.

**21. Ao longo da sua vida, quem foram (ou são) as pessoas mais significativas para si ou que o marcaram de alguma forma?**

Esta pergunta procura dar a conhecer as principais figuras de identificação do sujeito.

**22. No contexto deste trabalho, é importante nós percebermos como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao feminino... portanto, nesse sentido, o que é que acha dos homens... e o que é que acha das mulheres?**

Esta pergunta pretende aceder à forma como os sujeitos percebem e como se colocam face ao masculino e ao feminino.

**23. Obrigada por ter colaborado. Gostaria de dizer alguma coisa que eu não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso?**

Esta questão confere ao sujeito a possibilidade de manifestar, caso queira, opiniões, comentários, ou acrescentar dados que considere relevantes para a análise da sua história de vida.

**24. Para terminar, houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?**

Esta pergunta pretende salientar conflitos que não tenham ficado patentes nas respostas do sujeito, assim como revelar aspectos da relação estabelecida com o entrevistador.

## ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

### Consentimento Informado

O presente documento pretende constituir um termo de consentimento informado relativamente à participação num trabalho de investigação no âmbito da dissertação do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica.

O estudo visa explorar a temática das relações amorosas na homossexualidade feminina, sendo que os dados serão recolhidos através da realização de duas entrevistas gravadas em formato áudio.

Todos os dados de identificação serão mantidos anónimos e confidenciais e a sua colaboração será inteiramente voluntária. Poderá desistir a qualquer momento da sua contribuição, sem que daí advenha qualquer consequência.

Depois de ter compreendido o acima referido, declaro que aceito participar nesta investigação.

Assinatura da participante:

---

Assinatura da investigadora:

---

(Vera Botelho da Costa)

Lisboa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

## ANEXO C – EXCERTOS DAS ENTREVISTAS

### Carolina – Primeira Entrevista

**E: Eu pedia-lhe que me falasse um bocadinho de si... Como é que é como pessoa?**

C: (Ri) Não sei... Como é que eu me definiria... (...) Sou diferente de muitas outras pessoas, acho eu, sou um pouco marginal. Mas sobretudo porque vivi em muitos países diferentes e tenho muitas, tenho, hum... bases culturais muito diversas. E isso torna-me uma pessoa que não se integra facilmente em... em grupos. Que sempre, sempre me considere bastante diferente das outras pessoas.

**E entende isso como...**

Entendo isso como uma coisa positiva... hoje em dia entendo isso como uma coisa positiva. Mas quando era adolescente isso era uma, isso era um problema para mim, porque não me integrava, tinha dificuldade em fazer amigos, tinha dificuldade em ter grupos.

**Isso causava-lhe sofrimento...**

Causava-me... desconforto. Olhava para os outros e não me identificava em nada. Também... e isso também em relação aos países. Não me sentia de parte nenhuma. E isso tornou... fez com que eu tivesse muita dificuldade de adaptação. Na época... no meu desenvolvimento e no meu crescimento. Agora com a idade... estou perfeitamente, estou muito confortável, pelo contrário, acho que isso me trouxe uma riqueza... E... e nisso sou muito tolerante, muito tolerante. Muito tolerante relativamente às diferenças. Muito intolerante relativamente à... a tudo o que é muito conservador, muito fechado. Não entendo isso.

[...]

**Então... mas ainda não me disse... qual é a nacionalidade dos seus pais?**

O meu Pai é português, a minha Mãe é colombiana. A minha Mãe é colombiana... E... e pronto, e depois estivemos três anos em Angola e foi um período da minha infância... foi o melhor período da minha infância. Adorei viver em Angola, adorei. Adorei viver em Angola. [...] Pronto, e depois daí... os meus pais separaram-se quando eu tinha nove anos... e fomos para a Suíça, a minha Mãe separou-se do meu Pai, fomos para a Suíça. A minha Avó não aceitou, a minha Avó vivia na Suíça, não aceitou a separação. Hum... foi muito complicado para a minha Mãe. E depois passado um ano acabámos por, ela descobriu Barcelona e fomos para Barcelona. Em Barcelona eu tive enorme dificuldade em integrar-me. Para mim foi muito difícil.

**Com que idade foi isso?**

*Aí eu tinha... pronto, essa é uma nebulosa, eu tenho uma nebulosa, não me lembro muito bem das datas, mas foi antes de, foi para aí nos anos setenta. Não me lembro muito bem, porque essa foi uma fase que eu não gostei nada. Tinha uma enorme dificuldade em integrar-me, depois puseram-me numa escola espanhola, eu não sabia falar, falava espanhol, mas não dominava a língua e... e não gostava daquilo, pronto. E foi uma época má, foi uma época má. Aí fui muito infeliz. Muito infeliz, muito infeliz, tive muitas dificuldades. E... de modo que a minha Mãe achou que... os meus pais acharam... Aí puseram-me em psicólogos... Eu tinha mesmo... estava mesmo com problemas, a minha Mãe achou que eu estava com problemas por causa deles se terem separado. E que precisava estar num ambiente onde houvesse um casal que me desse, quer dizer, alguma segurança e que eu deixasse de pensar, isso suponho que também o psicólogo terá dito que isso era importante... eu ver que um casal se podia dar bem. Porque os meus pais separaram-se, mas antes de se separarem foi... eles nunca fizeram nada à minha frente, mas eu sentia que havia um... um ar muito carregado. Não dormiam juntos, pronto... Foi muito... pronto, eu sentia que havia ali muita dificuldade em... em... no casal. E então a minha Mãe acabou por me pôr, mandar para Portugal, vim para Portugal. Hum... E fui para casa de uma Tia, pronto, um casal exemplar, que, neste caso, era um casal exemplar e estive em casa da minha Tia...*

[...]

### **Gostava que me falasse um bocadinho mais sobre os seus pais... O seu Pai... como é que era a sua relação com o seu Pai...**

*A minha relação com o meu Pai tornou-se extremamente positiva e muito importante para mim... já em adulta. Já em adulta e estou-lhe a falar desde os anos oitenta, desde que acabei a Faculdade. Não, quando acabei a Faculdade não. Quando eu comecei a trabalhar e já com uma posição estável de trabalho, não sei, quando já tinha um trabalho seguro e já me sentia também mais segura e... mais apta a...*

### **Mais autónoma...**

*Mais autónoma. E aí a relação com ele passou a ser uma boa relação. Passou a ser uma relação de muita conversa, falávamos muito... Trocávamos muitas opiniões, porque nós éramos muito... tínhamos sido muito diferentes até... Ele foi educado por uma família muito conservadora, ele era muito conservador. Hum... quando começou a haver aqui partidos políticos, ele integrou-se logo naquele que era o PPD, ele era sá-carneirista... E eu... só lia "O Capital", eu sempre fui de Esquerda. Quer dizer, desde que me lembro, não é? E isso... isso era complicado. Hum... mas agora, comecei... adquirir também alguma segurança e conseguia conversar com ele e ele aceitava. Começou a aceitar tudo... Começou a aceitar várias coisas. Começou a aceitar que eu não fosse, hum... não tivesse a mesma tendência política que ele, que fosse de esquerda... Começou a... aceitou que eu não acreditasse em Deus, coisa que para ele era... ele era muito Católico. E aceitou que eu fosse homossexual e que vivesse com a D. e isto foi uma conquista enorme e deu a possibilidade de ele me... respeitar. Respeitava-me.*

*Respeitava-me e respeitava a minha opinião e tinha-me... eu sentia que ele me tinha como uma pessoa inteligente. Antes disso, quando era miúda não. Comecei a sentir-me... senti-me importante, hum... importante na consideração dele. Senti que ele tinha respeito por mim, pronto.*

### **Mas antes disso... como é que era?**

*Antes, não. Quando eu era miúda ele nunca me ligou... ele nunca me deu muita atenção, não. Quando era muito pequenina, sim. Mas depois de se separar, não. Quando ele se separou, separou-se da minha Mãe e separou-se de mim, nitidamente. Quando ele foi para o Brasil, eu lembro-me de ter estado um ano sem saber dele, sem o ver, ou dois... e ele, quando o vi desatei a chorar de emoção e eu não senti isso da parte dele.*

[...]

### **Mas então houve uma melhoria na vossa relação...**

*A nossa relação ficou de adultos, cúmplice... Não era... Ele não se deixava tocar... Porque... era da educação dele. Os meus tios também são assim, não são pessoas que se toquem, não... que só dão um beijinho e assim muito ao coiso, assim muito ao de leve e... e as pessoas não se tocam, as pessoas não dizem... não falam de sentimentos, não choram. Pronto. Ainda bem que... Eu não sou assim porque a minha Mãe não é assim, a minha Mãe é sul-americana, os sul-americanos são muito emotivos e... e portanto... eu agarrava-o, mas ele afastava-me sempre! Portanto... a minha relação com ele foi sobretudo uma relação intelectual. Passou a ser sobretudo não uma relação de tacto, mas uma relação intelectual. Porque eu tenho-lhe... Mesmo que ele tenha morrido, tenho-lhe ainda um enorme carinho. A relação com a minha Mãe... é uma relação sul-americana, típica... É... é tempestuosa. É. De muitos beijinhos, muito agarradas, muitos beijinhos, muito não sei quê, muito terna, mas de gritos e de ódio enorme. Portanto, é de extremos. É. É vermelha, é uma relação vermelha, é (ri).*

[...]

### **Como é que lembra a relação entre os seus pais, de casal?**

*Tenho muita dificuldade, porque eles separaram-se quando eu tinha nove anos. Percebe? É muito difícil para mim. Não tenho uma... uma recordação...*

### **Mas há assim algum episódio em particular do qual se recorde?**

*Eu recordo-me de uma fase em que eles não dormiam juntos, e que me era extremamente incómoda. Porque vi que havia uma ruptura.*

### **Sentia uma ruptura...**

*Senti essa ruptura. Nunca os vi, não me lembro de eles terem estado nunca muito unidos, verdade seja dita. Não tenho nenhuma recordação de eles os dois, não tenho, não tenho...*

### **E a experiência do divórcio... Como é que foi vivida por si, na altura?**

*Eles cortaram, não só eles cortaram as relações completamente, como a minha Mãe saiu... hum... mas isso por um lado deu-me, fez com que... eu tenho uma imagem da minha Mãe de... tenho muitíssimo respeito. Porque ela não tinha meios de, não estava habituada a trabalhar, não é? Nada. E de repente foi-se embora e a minha Avó não lhe deu ajuda nenhuma. E portanto ela teve que, a partir dessa altura, com duas filhas, de montar a sua vida, de repente. E portanto dou-lhe, tiro-lhe o chapéu por isso. Nessa altura isso era muito difícil. Tudo o que eu sei relativamente à relação de eles os dois, hum... não são episódios que eu tenha... que eu tenha vivido ou sentido. São acontecimentos que me foram contados... por ela ou por ele... por terceiros. Da minha, como lhe estou a dizer, não recordo neles... não os recordo como um casal, nem juntos, nem a gritar. Só tenho esta memória de o meu Pai a dormir noutra cama. Não me lembro, não me lembro.*

### **Gostava que me falasse um bocadinho... das suas primeiras experiências amorosas...**

*Pois é muito engraçado, é engraçada. Eu nunca... nunca... As coisas a mim aconteceram muito natural... quer dizer, devem acontecer naturalmente de todas as maneiras, mas é assim... Eu não... eu quando era miúda e comecei a ter os primeiros amores eram com rapazes. Não tinha, não eram raparigas, eram rapazes. Mas uma vez na Suíça, a minha Avó vivia na Suíça... E a minha Avó tinha uma coisa muito engraçada... quando eu era adolescente, com doze anos, a minha Avó dizia-me que – porque a minha Avó tinha uma grande amiga que era lésbica – e a minha Avó teve um namorado que era homossexual (ri) e a minha Avó era muito aberta relativamente a estas coisas e dizia-me, constantemente dizia-me: “O que é importante é o amor, não interessa o sexo. O que importa é o amor.” E então... eu nunca refreei, nunca... achava que, pronto, isso para mim era normal, é o amor. E um dia... com ela na Suíça, num apartamento qualquer que eu já não me lembro bem... foi dormir a casa uma amiga minha... e dormimos na mesma cama e houve ali um... um flirt, não aconteceu nada, não foi... não, não... já não me lembro bem do que é que aconteceu, mas pronto... houve uns beijinhos, houve uns toques, umas carícias. E... e a partir daí eu fiquei receptiva à possibilidade de isto poder acontecer. E, portanto, nunca me fechei, não... não defini a minha sex..., nem defino, não sou homossexual, eu sou bissexual. Quer dizer, eu não sou nada, sou... tenho essa abertura e... e deixei sempre que acontecesse... Se me sentia... podia sentir-me atraída por mulheres, como podia sentir-me atraída por homens. Há diferenças, hum? Mas deixei sempre... e depois aconteceu outras vezes... aconteceu naturalmente.*

[...]

### **Então e a primeira relação...**

*Sexual? Com uma mulher?*

### **A primeira relação...**

*Pá... Quer dizer, o meu primeiro amor... foi tão forte, tão forte, tão forte que... era um rapaz, era um rapaz bastante mais velho do que eu e... foi tão forte, tão forte, tão forte que quando ele me deixou eu fiquei sem voz... (Ri). Fiquei mesmo afónica, sem voz, não falava. Foi um... um desgosto enorme (ri).*

### **Lembra-se que idade tinha?**

*Tinha treze ou catorze anos. Treze anos.*

[...]

### **Então e a primeira experiência sexual?**

*A primeira experiência sexual também foi com um homem. Foi muito engraçada... por acaso foi muito gira, porque a minha Mãe deixou-me a casa. E foi-se embora com a minha irmã. Percebeu que ali ia... ia ser a minha primeira noite. Foi-se embora, deixou-me a casa e deixou-me em cima da mesinha de cabeceira uma caixa de preservativos. (Ri) E então tive relações com um rapaz também mais velho que eu... Hum... Mas não senti... É engraçado, ele achou... Eu não tive sangue, não... Eu montava a cavalo e tenho impressão que uma das vezes em que montava a cavalo tive um rompimento do íman e... porque mais nova tinha tido já sangue, não é? Não tive sangue e ele achou que eu não era virgem. Mas... também o achou, porque achou que eu estava muito descontrainda. Mas a verdade é que... para lhe dizer a verdade... nunca tive orgasmos com homens. Nunca.*

### **Nunca teve orgasmos...**

*Não. Era... gostava... Porque eu sempre gostei mais da sedução do que do acto sexual. (...) Eu acho que a... eu tenho muito mais prazer com uma mulher do que com o homem. Tenho mais prazer com o homem em fazer a sedução, mas tenho mais prazer em fazer... em ter sexo com uma mulher, não há dúvida nenhuma. Por várias razões. A sedução com os homens, não sei porquê, eu acho que isso é mais, hoje em dia já não, hoje em dia já não sou assim, porque já não tenho essa capacidade, não é? Mas eu era uma rapariga que... quando eu era nova tinha, pronto, como é que lhe hei-de dizer? Era fácil enganar homens. Não tinha muita dificuldade, e dava-me imenso gozo. Gostava imenso.*

[...]

### **Mas não tinha prazer...**

*Não era não ter prazer! Tinha... nunca tive orgasmos. Prazer, sim, mas orgasmos nunca. Nunca. Eu sou definitivamente, eu não tenho dúvida nenhuma de que sou totalmente clitoridiana. Gosto de ser... gosto de clitoris,*

*pronto. Isso é uma coisa. Outra coisa com mulheres, que não encontro nos homens, é... hum... a carícia, o mais, mais tempo... mais tempo, no clímax, no antes... Hum... mais sossego, mais relaxe, mais calmo, é mais tranquilo. Hum... Não há dominação. Quer dizer, eu não entendo as... não gosto das relações... da... na relação entre homens e mulheres, e mesmo entre duas mulheres, não gosto da relação de dominador dominado. E na relação com os homens vejo muito isso acontecer. Nem que seja pelo facto de o homem estar em cima. Sempre tive necessidade, sempre que estive com um homem, de estar eu por cima. Com mulheres... acho... gosto dessa relação de igual, igual. Não necessariamente em cima. Ao lado. Gosto da relação ao lado uma da outra. E gosto disso de não haver o dominante nem o dominado, de ser mais igual e de ser mais, de haver mais carinho no acto.*

[...]

### **E a adolescência... como foi a sua adolescência?**

*Foi essa época toda horrível para mim. Todo o tempo que vivi em Portugal com os meus avós e com os meus tios. Com os meus tios não foi assim tão mau, mas com os meus avós foi horrível. E depois... e depois... fui para Barcelona... e pronto e depois a minha adolescência foi, não foi... não foi, não era feliz, eu era uma criança muito infeliz. Não me lembro muito bem, porque é uma época que apaguei da minha memória, por várias razões. Apago da memória, porque tenho muitas experiências de vida, também. Isso também, de certa maneira, limita a memória. Mas também porque não me quero lembrar muito. Tinha... tinha... era muito triste, como é que é triste? Era angustiada. Não estava bem na minha pele, não me sentia bem na minha pele. Não me adaptava a lado nenhum. Em Portugal eu parecia que era, sei lá... Não estava em casa com... Eu já não tinha família nuclear, a minha Mãe vivia em Barcelona com uma data de gente, sempre rodeada de uma data de gente.*

### **A Carolina tem uma irmã...**

*Eu tenho uma irmã. Sim, mas é que a nós separaram-nos nessa altura, a minha irmã ficou sempre com a minha Mãe até... até ser grande ficou com a minha Mãe.*

### **É filha do mesmo Pai...**

*Hum-hum. Quando eles se separaram a minha Mãe pegou em nós as duas e fomos para a Suíça, depois fomos para Barcelona, e a minha irmã ficou com a minha Mãe, porque a minha irmã era uma criança saudável... Saudável de... de... sem problemas. A mim é que me... me... vim para cá. Sozinha. Sem a minha irmã. Quando vim para cá tinha onze, doze.*

[...]

**Mas a Carolina considera que era problemática e... que foi por esse motivo que não ficou na altura com a sua Mãe?**

*Sim. Não fiquei, não fiquei, porque tinha... hum... tinha episódios estranhos, tinha episódios estranhos. Dizia que me ia atirar pela janela, era, era... tinha, hum... chorava... fechava-me na casa-de-banho... a minha Mãe levou-me, levaram-me a um psicólogo, mas eu achava que o psicólogo era um idiota... e era. Fazia aqueles testes psicotécnicos ou lá o que é, mas eu não falava quase nada, não dizia quase nada. E acabaram por achar, o psicólogo e a minha Mãe, que... se calhar os problemas que eu tinha era pelo facto de não estar com um Pai e Mãe... e que precisava... que me faltava a figura do casal perfeito. Foi por isso que me mandaram para Portugal. Mas não sei por que razão é que estive em casa dos meus avós, porque esse não era casal perfeito nenhum. Estive em casa dos meus avós uns tempos e depois fui para casa da minha tia. Foi uma fase difícil, foi uma fase difícil.*

### **Então falemos agora sobre a relação actual... como é que começou?**

*Pois nós estávamos na Faculdade, eu tinha, foi nessa altura que eu comecei a ter um sentimento de integração nalgum país. Na Faculdade, em Portugal. E... e... e conheci dois rapazes e uma rapariga, a Z. e outros dois rapazes, que também, por sinal também são homossexuais, e... e estávamos sempre juntos, os quatro. Chamavam-nos a pastilha elástica, estávamos sempre juntos, andávamos por todo o lado juntos, e começámos, íamos muito ao Chiado e lá conhecemos a D. E a D. era uma rapariga super divertida... muito mais independente que nós, porque nós estávamos a estudar, ela já estava a trabalhar... só tem mais um ano do que eu, mas... E... e... a D. começou a andar connosco... Quando acabámos a... a escola, a Faculdade, pronto, andávamos com a D. muito, pronto, a D. a certa altura foi destacada... para a L., para dar aulas na L. E eu, queria sair de casa do meu Pai, já tinha tido alguns problemas também, hum... em casa com o meu Pai e fui... viver com ela.*

### **Mas já estavam juntas enquanto casal... nessa altura?**

*Deixe-me, deixe-me ver... Eu... eu tive uma discussão muito grande com o meu Pai, nessa altura. Estava na Faculdade ainda. Tive uma discussão muito grande com ele e fui-me embora. De casa. Saí de casa. Fui para casa da Z., viver. Com a Mãe e com a Avó. Estive um mês em casa da Z. E depois disso... decidi que... queria ser independente, mas consegui fazer com que o meu Pai me... desse algum dinheiro, porque eu não devia ter dinheiro nenhum. Ainda trabalhei... trabalhei também, já não me lembro... não sei bem. E fui para casa, para P., aluguei um quarto, de uma rapariga. Uma rapariga que tinha um apartamento alugado em P. e aluguei-lhe um quarto, portanto partilhava a casa com ela. E... e um dia... levei a D. lá para casa (ri). E tivemos um... pronto tivemos um... uma noite. Só que a D., que era uma coisa que eu não percebia, sempre foi muito difícil entender isso, às quatro da manhã tinha que se ir embora, porque tinha que chegar a casa antes de a Mãe acordar. Eu nunca tinha percebido esse tipo de coisas. Não percebia isso: “ – Então olha, vai-te embora”, sempre fiquei furiosa com essa história (ri), de ela se ter de ir embora por causa dos pais.*

### **Isso chateava-a...**

*Chateava-me imenso (ri). Nunca tive de fazer nada disso. E então, pronto, e então já tinha tido um... uma relação de sexo com ela. Por acaso até foi gira... E... E passado uns tempos eu perguntei-lhe se ela não se importava que eu fosse viver com ela. Não tinha nada! Já tinha acabado a... a Licenciatura, estava à procura de trabalho... inscrevi-me também como Professora, que na altura podia-se inscrever e por acaso saiu-me a sorte grande, mas já... mesmo que não tivesse saído, já eu tinha decidido ir para casa, viver com ela. Viver com ela sem nenhuma relação. Nós tínhamos tido sexo, mais nada. E... passado um ano de estar a viver com ela... menos de um ano, mas quase um ano... hum... tivemos uma nova aventura sexual e decidimos que, pronto, íamos começar a... a namorar. Pronto. Já vivíamos juntas, mas passámos a dormir juntas. Foi assim...*

### **Houve paixão...?**

*Foi, foi. Quando começámos, nessa altura. Foi, foi. Foi mesmo paixão. Foi mesmo paixão. Era um sexo arrebatador, caíamos... está a ver, é engraçado eu estar a dizer-lhe que gosto de sexo com mulheres que é calminho, mas por acaso nessa altura caíamos da cama constantemente... rebolávamos de tal maneira na cama que caíamos (ri).*

### **Fale-me um bocadinho da vossa relação...**

*(...) Hum... Há momentos em que estamos mais, hum... mais emotivas do que outras... Não... não é... Também é um bocado rotineira, é um bocado rotineira, há rotina, há um bocado rotina. Há rotina, porque... nós normalmente fazemos amor ao fim-de-semana, é difícil, é um hábito que criámos, mas tem a ver com outros aspectos, tem a ver também com o facto de a D. beber. Que é... normalmente temos sexo de manhã, não é à tarde, nem é à noite. E é por isso. Porque ela bebe e depois já não... mesmo que ela lbe apeteça, às vezes apetece-lhe com copos, mas eu... eu estou zangada! Nessas alturas costumo estar um bocado zangada com ela.*

### **Fica zangada quando ela bebe...**

*Fico. Fico zangada porque... fico zangada porque já não é ela. Ela deixa de, transforma-se noutra pessoa quando bebe. Já não é a mesma pessoa e então... perco-lhe, deixo de lbe ter respeito, de certa maneira. Mas é que a bebida nela não é uma bebida. Uma coisa é... já me aconteceu embebedar-me com ela e aí a coisa até é engraçada. Mas se eu não me embebedar com ela eu olho para ela e vejo-a... como uma alcoólica e é degradante. Entristece-me. Entristece-me sobretudo muito. A raiva que eu tenho é de ela não ser capaz de superar isso. E é de sentir-me de alguma maneira culpada, por poder ter alguma coisa a ver com isso.*

### **Sente-se culpada...**

*Sim, porque... Porque os sinais... Não sei, pronto... Procuro, procuro... Procuro tentar perceber... Não consigo, é uma coisa, hum... A minha Avó era alcoólica, eu tenho uma vivência com o alcoolismo de há muitos anos. A minha Avó era alcoólica, hum... E eu sempre achei que as pessoas alcoólicas por um lado têm, são pessoas inteligentes e são pessoas muito sensíveis... E são pessoas diferentes também. Mas por outro lado, com ela, fico a pensar: “Será que ela não é suficientemente feliz comigo e precisa de beber?”. Porque a bebida... e isso eu sei, porque também li e também procurei saber mais sobre... sobre esse assunto... hum... funciona como um antidepressivo. E as pessoas... e é o melhor antidepressivo que existe. É muito melhor que qualquer comprimido. As pessoas bebem para esquecer. Para não pensar. Para não terem que pensar. Para não sentirem. E isso, hum... faz-me pensar que as pessoas não são suficientemente felizes. É inevitável, não é racional. É inevitável, não é racional. Quando digo que... tenho pena que ela não faça um esforço para tentar... não beber ou para tentar procurar a ajuda. Eu estou farta de lhe pedir.*

### **Conversam sobre isso...**

*Sim. Eu converso sempre que posso sobre isso. Mas ela não dá muita... não dá muitas hipóteses a conversar sobre isso. Ela fecha-se. Ela não aceita. Quer dizer, ela não aceita.*

### **A D. já bebia quando se conheceram?**

*Ela sempre bebeu. Mas quando a conheci não penso que ela fosse alcoólica. Ela bebia muito. Bebia muito como nós, como eu bebia também... ao fim de semana para nos divertirmos. Mas não era alcoólica, não estava... não era uma coisa constante.*

### **Mas questiona-se... acerca da motivação da D. para beber...**

*Pois justamente. Passo a vida a pensar sobre isso, mas ainda não encontrei uma resposta. Eu penso que tenha a ver com o fórum íntimo dela, insegurança, alguma falta de autoestima... Não sei se foi levada a isso, também... Se entrou num circuito... não sei. Há personalidades, não sei, pode ter a ver com a personalidade dela. Mas também acho que isso aí já não...*

### **Interessa-me perceber a vossa relação... a vossa dinâmica...**

*Pois, a nossa relação. A nossa relação à noite é... é complicada por isso. Quando ela está com os copos. Se estiver poucachinho não é grave. Mas se estiver demais eu começo... aí afasto-me, a minha atitude é afastar-me. E ela está num sítio e eu estou noutra. Fico a ler, fico a ver televisão e ela normalmente ela não fica sossegada... eu sou mais calma do que ela. Ela fica a ver... na janela a fumar ou vai para a cozinha, vai para a sala e eu fico no quarto... e afasto-me. E... e as nossas relações depois são no dia a seguir quando ela acorda, porque ela também não acorda cedo. Tenho que esperar que ela esteja acordada e... e então é uma sessão de ternura e de carinho e... e*

*de sexo e às vezes... melhor do que outras vezes. Depois de vez em quando também acontece haver uns frissons fora desses momentos, que são os mais engraçados. E então ou estamos a tomar duche ou... fogem à rotina. Quando se foge à rotina é mais sexual.*

### **Carolina... como é que definiria o amor?**

*(...) É uma pergunta difícil, porque o amor é, é, é, é... é um sentimento. Entendo o amor como um sentimento, entendo o amor como um... uma sensação de... hum... de carinho muito, muito, muito forte. Uma... uma ligação de entranha. Para mim é uma coisa, é muito difícil... não é racional. Eu penso que o amor é uma coisa que se sente. Não é uma coisa que se consiga descrever. É uma coisa que se sente. E é de entranha. Sente-se dentro. Sente-se... hum... e... e... e une. É uma união muito forte. Tão forte... um amor, amor a sério é uma união tão forte, tão forte, tão forte que... hum... não permite afastamento durante muito tempo.*

### **Afastamento físico.**

*Físico. Exige proximidade.*

### **Carolina, há pouco - não se proporcionou - ia pedir-lhe que me falasse de como é que foi quando contou à sua família... aos seus pais da sua orientação sexual. Como é que foi?**

*Não no meu caso a minha família entende, a minha família, quer dizer, excepto o meu Pai e a minha Mãe, os outros não manifestam nada, não entram em nada. A minha irmã, sim. A minha irmã, por exemplo, tem alguma dificuldade. Aceita porque aceita, a minha irmã tem alguma dificuldade, porque a minha irmã foi... é católica. E... para ela isso é... não é muito natural. Hum... mas... nunca disse nada. Eu sei. Ela, por exemplo, não gosta de nos ver dar um beijinho, isso incomoda-a. Mas também a incomoda ver um rapaz e uma rapariga a darem um beijinho. Ela é muito... ela é mais conservadora. Hum... e portanto para ela não... mas ela aceita-me como irmã e isso ultrapassa. O resto: a minha Mãe... a minha Mãe sempre foi muito boémia e portanto nunca podia não aceitar uma coisa destas. É contra os seus princípios não aceitar isto. Mas... mas também não... não é... Mas ela teria preferido que eu estivesse com um homem. Teria preferido que eu estivesse com um homem. Conseguir entender melhor uma parelha, um casal heterossexual do que um casal homossexual. Faz-lhe um bocadinho confusão, mas eu também acho porque ela gosta da penetração e acha que há aí qualquer coisa que falta. O meu Pai... engoliu. Ao princípio engoliu em seco, o meu Pai teve um choque enorme. Chorou, perguntou-me se eu precisava de ajuda, se precisava de ir a um psicólogo... O meu Pai foi... era homofóbico quando era jovem! Hum... e acabou por aceitar com... com o facto de ver... que nós... éramos duas pessoas normalíssimas e que estávamos muito bem uma com a outra e acabou, como era um homem inteligente, por aceitar isso como uma coisa normal, mas... no início foi muito difícil. Muito difícil. Nunca me chegou a fechar, não foi assim como outros pais que eu conheço e que sei que fizeram, que pura e simplesmente mandaram os filhos embora. Houve. Eu conheço*

*casos desses. Não foi o caso. Mas foi um caso, ele ficou tristíssimo, estou-lhe a dizer, um homem que nunca chorava, chorou. À minha frente.*

### **Quando lhe contou...**

*Não, foi pior. Ele apanhou, não, o filho da minha Madrasta viu-nos, e foi-lhe contar. (Ri) Portanto foi pior. Soube por outras pessoas. Hum... e depois conversou comigo, mas conversou a chorar, e achava que eu precisava de ajuda, de um médico, de ajuda psiquiátrica ou psicológica, sei lá, alguma ajuda. Achava que isto era uma doença.*

### **À sua Mãe... foi a Carolina que contou?**

*Tem graça, não sei, não sei. Não me lembro, não me lembro. Não sei, porque a minha Mãe sempre foi minha amiga, terá acontecido naturalmente ao longo da minha vida, das experiências que eu fui tendo. Aconteceu.*

### **Voltando agora à sua relação com a D. (...) O que é que sente pela D.?**

*Amor.*

### **Há quanto tempo estão juntas?**

*Vinte e sete.*

### **E casaram recentemente.**

*Hum-hum (sorri).*

### **Como é que surgiu o casamento?**

*Olha, tem graça. Foi, foi... Foi... foi romântico, foi. Foi uma questão romântica. A D. já me tinha, há uns anos atrás já me tinha falado disso, mas eu achava: “É uma grande parvoíce, agora casar... nem pensar nisso.” Não faz parte da minha, eu sou... uma pessoa, como é que é... anarquista e... e... feminista (ri) e sei lá mais o quê (ri). Casar não fazia parte dos meus planos, não é? E, portanto, não ligava, não... ela dizia isto e eu nem sequer lhe dava muita importância. Mas de repente, um dia... não foi há muito, foi há quatro, cinco meses, não foi há muito tempo, hum... estávamos as duas num bar e ela... olhou assim para mim, pegou-me nas mãos, assim, foi muito romântico e perguntou-me: “– Porque é que não casamos?”, e eu... e eu disse que sim. Foi, foi romântico. Foi puro... puro romanticismo. Não íamos mudar nada de nada. Era um passo. Era tornar... sei lá, era... uma coisa... era, era, era... como se está três dias sem comer quase nada ou... ou a comer só carne e de repente diz: “Olha, hoje vou comer um belo de um chocolate, vai-me dar muito prazer, vai iluminar o dia”.*

*Pronto, foi uma iluminação, deu um... deu um brilho e... e foi trazer... pôr alguma carga romântica a uma coisa que... que existe já... já há muito tempo. Foi. Foi isso.*

### **Carolina – Segunda Entrevista**

[...]

**E: Carolina, quando me falou da sua saída de casa, penso que para ir viver com a D, referiu que se zangou com o seu Pai. Lembra-se porque é que se zangou com o seu Pai... nessa altura?**

*C: Tenho a memória fraca, eu. Hum... Eu zanguei-me com o meu pai, porque, porque, porque, porque, ah, porque ele interferiu na minha vida, na minha liberdade. Interferiu na minha liberdade. Hum... já tinha que justificar, para já tinha que justificar demasiadas coisas, depois ele já tinha percebido que eu tinha casos de homossexualidade e também já me tinha repreendido, quer dizer, já tinha sido muito duro por causa disso. Hum... e... e depois era, ele era, se eu chegava tarde começava a insinuar que as mulheres não podiam sair até tão tarde, a insinuar que eu estava a portar-me como uma puta e coisas do género e pronto. E numa dessas vezes fiquei tão furiosa, tão furiosa, tão furiosa que a meio da noite peguei nas minhas coisas e saltei pela janela e fui-me embora. Foi assim (ri).*

**Mas estava a viver com o seu Pai.**

*Hum... Pois... Quando é que eu fui viver com ele...?*

[...]

**Carolina, ao longo da sua vida quem são as pessoas mais significativas... mais marcantes para si...?**

*A minha Avó... materna... e o meu Pai. A minha Mãe, sim, mas a minha Mãe está viva, é diferente, a gente tem um sentimento diferente pelas pessoas que já morreram do que pelas pessoas vivas. Acho que, mas sem dúvida nenhuma a minha Avó... a minha Avó foi muito marcante para mim.*

**Porque é que foi tão marcante para si?**

*(...) Olhe, porque era uma mulher excepcional, era uma mulher excepcional. Foi uma mulher que teve uma vida fora do normal. Casou cinco vezes. Era linda. Os grandes costureiros de Paris, estou-lhe a falar mesmo de grandes costureiros, o Yves Saint Laurent, esses grandes costureiros, ofereciam-lhe vestidos só para ela os... andar com eles. Era uma mulher lindíssima, diziam que ela era parecida com a Lauren Bacall, não sei se sabe quem era, e a Ava*

*Gardner, eram actrizes de cinema. Era muito bonita. E... e pronto, e era uma mulher com uma personalidade, ela era bonita, mas não era... muitas vezes as mulheres bonitas são estúpidas, esta não. Esta era uma mulher com uma personalidade fortíssima, era uma mulher muito inteligente, era uma mulher muito sensível. Depois tinha coisas, tinha coisas de sul-americana. Nunca foi. Foi criada em França, foi criada na Europa. Mas tinha coisas, tinha coisas de... coisas de índia, tinha coisas de índia que... por exemplo... místicas, tinha coisas místicas. Agarrava nas mãos e lia as mãos e parecia que entrava em transe. Hum... fazia, às vezes fazia bruxaria. Gostava muito de política, tinha a mania da política, não sei bem porquê. E houve um Presidente qualquer do Magreb, já nem sei, já nem me lembro bem, que ela não gostava nada e então um dia apanhei-a com alfinetes num boneco, tinha coisas assim. Era uma mulher com uma personalidade muitíssimo forte, era uma mulher com uma capacidade de conversar, de... era líder, era uma mulher líder. Pronto e... e marcou-me imenso. Era alcoólica... e por isso, e para ela eu era a filha dela, mais nova. Para ela eu era, não tinha dúvida nenhuma, ela tinha dois filhos, eu era a mais pequenina. Era a filha dela. Tratava-me tal e qual*

### **Sentia isso.**

*Sim, sim. Ela tratou-me sempre, aliás ela entrava em rivalidade com a minha Mãe, porque ela é que era a minha Mãe. A minha Mãe deve-me ter tido também muito nova... e eu creio que a minha Avó então também teve um papel importante quando eu era bebé. E por isso... Era por afecto, quer dizer, era por uma questão afectiva, e porque ela era uma mulher que tinha uma personalidade muito forte e que se sobrepunha às outras pessoas, portanto sempre se sobrepôs, aos filhos, sempre, sempre criou entre eles alguma inimizade para poder ela ter um papel mais importante no meio deles. Era assim, era muito, muito... muita personalidade.*

### **E a Carolina admirava-a.**

*Eu admirei-a sempre. Sempre.*

### **Qual foi o período mais feliz... e o menos feliz da sua vida?**

*Hum... eu tive dois momentos em que creio que fui muito feliz, que foi quando era, quando tinha seis, sete anos em Angola, era uma criança muito feliz e... e depois quando, quando, quando vim para Portugal na segunda vez, portanto quando entrei na Faculdade e que, passado um tempo, quer dizer, não sei exactamente em que altura, mas foi quando me senti fazer parte de alguma coisa. Quando, quando me senti que era portuguesa. E isso fez-me sentir muito reconfortada. Fez-me sentir integrada (sorri). E que conseguí ter amigos que também, também me fizeram sentir integrada num grupo. Tinha amigos muito, muito... onde a relação de grupo era muito forte e foi a primeira vez que eu senti que fazia parte de alguma coisa... socialmente, que não era só parte da minha Avó, por exemplo, ou da minha Mãe, não é? Mas que já tinha um mundo próprio. Devia ter vinte e poucos anos. E o mais triste para mim foi as duas vezes que, foi quando estive... em Espanha, quando estive em Espanha antes de vir*

*para cá a primeira vez... que devia ter para aí dez, onze anos, quando saímos de Angola. E a minha Mãe também andava perdida, a minha Mãe andava perdida, a minha Avó fechou-lhe as portas, fomos para Espanha, para Barcelona. Eu não gostava nada de Barcelona, detestava Barcelona... fora de... a minha Mãe não estava bem também, foi muito triste, muito triste, aí era uma criança muito infeliz, chorava imenso, fechava-me na casa de banho... A minha Mãe teve que me levar a um psicólogo, estava mesmo muito... muito... muito em baixo.*

[...]

**Relativamente à sua relação com a D., que... já é uma relação longa... eu queria pedir-lhe que me falasse um pouco mais sobre a vossa relação, sobre a forma como tem evoluído, até...**

*Inicialmente era uma coisa de... que... onde, onde... hum... havia muito mais paixão! Não sei... havia muito mais envolvimento sexual. Hum... dedicava-se muito mais tempo ao acto sexual, também... e a experiências e... a experimentar coisas e... hum... também, hum... saíamos mais... Mas eu também acho que esta evolução é uma evolução natural também de idade. É uma evolução conjunta, tem a ver também com a idade. Hoje em dia a relação é uma relação que é tumultuosa por causa do problema da D., mas fora isso é uma relação muito calma, muito tranquila. É... é, quer dizer, essa estabilidade é importantíssima. Eu, por exemplo, teria uma enorme dificuldade em viver sem ela. Não... já... é uma muleta. Mesmo. É uma muleta para mim. E eu acho que eu para ela também. É muito complicado imaginarmo-nos uma sem a outra. Mesmo em coisas pequenas. Quer dizer, imagine você, que mesmo se eu fizer uma viagem, estiver três ou quatro dias fora já sentimos a falta uma da outra. Dois ou três dias fora é o suficiente. Eu, por exemplo, estou a dormir... e ela não está a dormir comigo... não durmo tão bem. Faz-me falta qualquer coisa. Portanto já é parte de mim. Portanto, nesta altura, e isso é muito diferente, porque antes não era assim... antes é... antes é... é... é um parceiro importante, é um parceiro sexual com mais... vitalidade nesse aspecto. Mas hoje... é um braço meu (ri). A sério. Faz parte de mim. Como faz... mais forte ainda do que as relações que podemos ter com as pessoas do nosso sangue. Que também é igual. Quando o meu Pai morreu eu lembro-me, o meu Pai morreu e eu tive uma sensação de amputação, como se tivessem amputado uma parte de mim. E isto é a mesma coisa e se calhar ainda mais forte. Nesta altura acho que já vivi mais tempo com a D. do que com os meus pais.*

**E assim mais em termos práticos... da vossa relação... como tem sido a evolução?**

*Tenho ideia de que sempre foi mais ou menos igual. As rotinas... a D. cozinha. Ela gosta de cozinhar. Eu faço as tarefas mais chatas da casa, mais atenta à arrumação, que ela é muito desarrumada. Mais preocupada em limpar o pó... limpar os pratos. Ela também, pronto. Como é que eu hei de lhe dizer? Aqui há uma definição de papéis, como é natural. Ela assume o papel... hum... mais... hum... de certa forma de dona de casa, porque eu sou aquela que estou à espera de ser alimentada... fico sentada e ela traz-me as coisas. Hum... mas eu depois*

*também tenho esta... também sou empregada, não é? (Ri). Da dona de casa! Também sou empregada da dona de casa (ri). Mas há uma divisão de papel, há uma divisão de papéis. Não lhe diria... não penso... nunca... não penso que seja uma divisão de papéis tipo de sexo, hum? Eu quando comecei a sair a sítios de... de... onde iam mulheres... tive... tive, conheci uma rapariga que... que fazia musculação, ela era muito musculada. E ela disse-me uma coisa que eu fiquei muito chocada com ela. Porque ela achava que nas relações entre mulheres havia um homem e uma mulher. E ela era o homem. E há pessoas que pensam assim. Há pessoas que pensam assim. Mas eu... eu acho que são pessoas que se identificam, que são mulheres que são lésbicas, porque se identificam com os homens. Mas... eu não entendo, eu não consigo, eu... para mim isso, eu não me agrada isso. Aliás, por isso é que eu lhe contava que o nosso sexo era assim [coloca as duas mãos lado a lado] e não uma em cima da outra. A mim isso eu não... eu sei que a D., por exemplo, é mais masculina do que eu. Mas eu não me revejo com ela como uma relação de duas mulheres... hum... equiparadas a um casal heterossexual. Não quero isso, porque justamente o que eu não quero, o que eu me afasto é justamente do... do... dessa definição de papéis.*

### **Mas também há casais heterossexuais nos quais a mulher parece adoptar uma postura mais masculina...**

*Sim, não. Há casais em que a mulher... em que o papel dela é mais masculino do que o homem. Isso também é verdade. É verdade. Não, mas não é disso que eu me afasto. Eu afasto-me do convencional. Do convencional. Aliás, porque eu nunca... eu nunca quis ter namorado, hum, marido, eu nunca me imaginei casada com um homem nesse... e fazer o papel de mulher. Nem pensar. Eu quero é que tomem conta de mim, não quero ser eu a tomar conta de homens. Eu gosto que tomem... a D. toma conta de mim. Eu gosto que ela tome conta de mim. Eu também tomo conta dela, deixe estar (ri). Sou mimada. Sou mimada. (...) É, é. No dia-a-dia ela toma conta de mim. Faz as coisas que eu gosto... a comida que eu gosto... Sim. Ela toma conta de mim. Isso mudou. Também antigamente tomava mais, ela antigamente trazia-me pequenos-almoços à cama, agora já não... (ri). Antigamente mimava-me mais do que agora. Agora já está... já estou conquistada.*

[...]

### **Entrevista Isabel**

**E: Queria começar por lhe pedir que me falasse um bocadinho de si... como é que é como pessoa?**

*I: Hum... Sou uma pessoa que gosta de ser humilde. Que não gosto de chamar a atenção sobre mim, gosto de estar muito quietinha no meu canto. E... gosto muito de ajudar as pessoas. E sou... sei lá, acho que sou boa pessoa. Bons princípios, bons valores. Tento ser correcta sempre, embora às vezes também não seja, não é. Mas acho que sim, que sou uma pessoa banal, comum, mas... com bom fundo.*

### **Como recorda a sua vida?**

*Hum... Como... com alguma... angústia, porque gostaria de ter feito muitas coisas que não fiz... e gostaria que tivesse sido de outra forma. Tinha planeado um pouco, naquela altura, portanto com quinze, vinte anos, planeei a minha vida de uma determinada forma que depois não foi nada assim. Com alguma... alguma tristeza, por não ter feito aquilo que ambicionava. Mas pronto, anda-se para a frente com aquilo que se tem e normalmente sou um bocadinho saudosista, mas gosto de pensar, pronto, não pode ser assim, adiante.*

### **Que coisas são essas a que se refere?**

*Olhe, estou-me a referir ao facto de ter casado... não era bem isso que eu pretendia, mas pronto, também me apaixonei pelo meu ex-marido. Mas era sobretudo também para sair de casa, porque a vida em casa era um bocadinho difícil. Ok, eu era uma teenager, mas a minha Mãe era uma pessoa muito inflexível e não... não permitia nunca que eu saísse, hum... tinha que estar sempre em casa! Sempre a limpar a casa! Sempre a tomar conta do, enfim, do cãozito que tinha na altura. Levantar-me cedo, porque a minha Mãe na altura, hum, fazia bolos para fora e eu ia levá-los. Levantava-me às sete da manhã, mesmo com aulas só de tarde, ia levar o cão à rua e levar os bolos e tal e tal, pronto, de trabalho. E eu não queria assim esse tipo de vida para mim. Até porque eu tinha dois irmãos mais novos... e... e às vezes era complicado, porque éramos muitos em casa e não sei quê e eu queria era sair dali, queria paz e sossego e tal, pronto. E então achei sempre que a minha vida deveria ser diferente daquilo que eu via como exemplo... embora os meus pais fossem pessoas respeitáveis e tratavam-me bem, mas não era aquilo que eu queria para mim, de todo.*

### **Sentia que queria uma coisa diferente.**

*Sentia, mas como não tinha... vamos lá ver, talvez eu volto um bocadinho atrás. Eu no Secundário comecei a ter, a olhar para as minhas colegas de maneira diferente. Mas também olhava para os rapazes. E comecei a ter ali um pequeno conflito dentro de mim. Mas como na família era tudo uma família muito convencional, tradicional, muito... a minha Mãe sempre dizia: “Nunca houve nenhum divórcio na família”, pronto. Portanto, a minha direcção era só aquela, não havia outra, mesmo. E eu mesmo que pensasse de outra forma... nem pensar mudar de rumo. Portanto eu fui sempre aquilo que a minha Mãe me mandava fazer, me pedia para fazer. Fui sempre muito obediente, e tal. Até conhecer o meu ex-marido e tive muitos namorados e não sei quê. Mas nunca foi realmente aquilo que eu esperava. E pronto, e depois casei na ilusão de poder ter... sair mais, não sei quê.*

[...]

### **Que idade tinha na altura?**

*Quarenta e um. E a C. tinha trinta e um e... fui directa a casa da minha Mãe, contei ao meu filho, contei à minha Mãe. Cheguei à Bélgica contei ao meu marido, que não acreditou, que dizia: “Oh, isso é coisa que dura seis meses e pronto”. E passado um mês a C. foi para lá viver comigo. E viveu oito anos e tal.*

### **Já vamos falar um pouco dessa relação, mas como é que foi a reacção das pessoas a quem contou?**

*É pá, surpreendentemente... olhe o meu filho começou a chorar, porque foram dois acontecimentos no mesmo dia. Foi o facto de a Mãe e de o Pai se separarem, que ele não estava a contar. E foi o facto de a Mãe ter conhecido uma outra pessoa, independentemente de ser homem ou mulher para ele parece-me que não foi relevante. A minha Mãe eu estava à espera assim de uma cena, mas eu estava mesmo decidida, portanto não quis saber se ela reagia mal ou bem. Mas surpreendentemente a minha Mãe abraçou-me e disse-me: “Minha filha, pronto, se estás bem, se estás feliz, tudo bem”. Mas, estrelinha, tenbo que pôr aqui um aparte, eu penso que deve ter tido influência o facto de a minha Mãe naquela altura estar a ter uma... uma relação, tinha um namorado, para aí vinte anos mais velho do que ela, mas uma pessoa impecável, que tem duas filhas, uma das quais é gay também. Portanto, provavelmente já devia ter havido conversa sobre isso e digamos que a mente dela já estava mais... receptiva a esse tipo de acontecimento. Embora por ela nunca na vida, porque foi o que ela me disse, “Nunca na vida eu imaginei que tu fosses assim, porque tu tiveste sempre tantos namorados.” E também pela aparência física. Até lhe digo mais, que é aquilo que eu acho, uma mulher que gosta de mulheres não tem que ser necessariamente masculina. Porque é que é? Porquê? Eu acho que eu é que sou a verdadeira gay, porque eu gosto de mulheres independentemente de se vestirem à homem. Porque os homens são homens. Sem ter que estar com aqueles gestos, tal, não sei quê, só porque gosto de mulheres. Disparate! Mas normalmente esse tipo de mulheres gosta de mulheres mais femininas. Portanto tem que as haver como eu. E eu reconheço, não percebo porque é que elas são assim, mas reconheço, que é estranho isso também, que gosto, pronto, será mais o meu género uma mulher ligeiramente mais masculina. Uma mulher feminina como eu acho que não dava. Está a ver, se for assim niquenta nas coisas da casa como eu isso já me faz um bocado confusão. Porque na casa gosto de ser eu a dominar. Pronto, foi sempre assim que agi.*

### **Fale-me um bocadinho mais da sua família, para eu poder contextualizar melhor...**

*É uma família tradicional, com... fui a primeira divorciada da família (sorri), hum... teve que ser, pronto, mas é uma família banal, tradicional, com uma árvore genealógica, enfim, como tantas outras, sem grandes... uma família de Lisboa, da classe média. Pronto.*

### **Com quem é que vivia?**

*Com os meus pais e... tinha mais três irmãos, somos quatro. A mais velha é rapariga, depois eu e mais dois rapazes. E... Pronto, uma família de trabalho. O meu Pai trabalhava, a minha Mãe estava em casa, vivia em casa, pronto, tinha empregada. E não trabalhava e geria tudo em casa, fazia tudo, fazia tudo, e era uma pessoa muito versátil, também cozinhava, também costurava, também me ensinou a costurar e a bordar e essas coisas todas... Portanto ela mandava na casa, ela é que dominava. O meu Pai não. O meu Pai, pronto, era aquele, era um homem pacato, levava o ordenado para casa e a minha Mãe é que geria tudo. Era. Ela é que dominava.*

### **Mas fale-me um bocadinho deles como pessoas... como é que eles eram?**

*Eles... davam-se bem, davam-se bem. Eram pessoas educadas, corteses, gostavam de se vestir bem, não sei quê. Pessoas delicadas e que cumprimentavam toda a gente... muito considerados, sempre foram muito considerados. Era uma família banal, portuguesa.*

### **Davam-se bem.**

*Sim, davam, davam. Embora, lá está, quatro filhos... a casa não era muito grande... e por vezes havia assim uns choquezinhos, sobretudo porque o meu Pai a uma determinada altura da vida trabalhava por turnos e... e então trabalhava às vezes da meia-noite às oito e tinha que dormir e segurar quatro putos dentro de casa para não fazerem barulho... às vezes era muito complicado, e a minha Mãe ficava muito nervosa e muito agitada e tal, havia assim uns gritos, mas enfim.*

### **E a sua relação com eles?**

*Olhe a minha relação com a minha Mãe foi sempre muito problemática. Mas pronto. Eu fazia tudo para... para que ela estivesse agradada. Se ela saía eventualmente eu e a minha irmã íamos limpar a casa, para ficar tudo bonitinho, para ela ficar muito contente e não estar mal disposta, porque ela ficava mal disposta com facilidade, pronto (sorri). O meu Pai não, o meu Pai era bonzinho, era bonzão! Era aqueles pais e tal, na boa. A minha Mãe não, a minha Mãe às vezes era terrível, estou-me a lembrar agora de um episódio, porque eu estive em Timor e em Timor houve uma vez uma altura que eu trouxe um ponto de Matemática com “Mau” e a minha Mãe chagou tanto o juízo ao meu Pai, tanto, tanto, tanto, depois de me chagar a mim, foi chagá-lo a ele. E o meu Pai não faz mais nada, agarra num cinto, dá-me tantas, tantas que eu fiquei com o rabo negro. É pá, e eu aquilo custou-me imenso, sabe? Fiquei muito magoada com a minha Mãe, porque já não bastou o ralho que ela me deu que ainda teve que picar o meu Pai, que o meu Pai depois reagia assim, quente. Isto para dizer que ela é que dominava completamente. Tudo e todos (ri). Empregados, marido, filhos, ia tudo ali à frente! Era terrível, era (ri).*

### **Então mas descreve a relação com a sua Mãe como problemática...**

*Porque ela não era... (...) ela teve uma... por acaso ainda no outro dia falei com ela sobre esse assunto. Porque ela teve uma... infância... juventude... pá, a minha Mãe é de 1937, portanto imagine, já era muita... muito complicado saírem, olharem para um rapaz, aquilo era o fim do mundo. E eu acho que ela fez o mesmo... comigo, com a minha irmã não fez, porque ela não lhe permitia isso. Enquanto que a minha irmã dizia: “Eu vou sair”, aqui a P. dizia: “Mãe, posso sair?”, e a resposta era sempre não, pronto. E ela, a minha irmã saía, porque dizia: “Eu vou sair”, comunicava, não pedia, pronto. E eu... parva... ficava sempre medrosa, porque ela: “Ai, tu se fizeres e se aconteceres, eu ponho-te fora, faço, aconteço” e então vivia amedrontada. E... e eu achei sempre que ela não... não devia ter agido comigo daquela forma... de me castrar a juventude. Porque ela completamente retirou-me a adolescência. Porque eu, claro, tinhas as minhas obrigações, tinha que fazer, tinha que estudar, pronto... mas não tinha... a outra parte da diversão, do convívio, não tinha, não tinha!*

### **Sentia que ela não lhe permitia isso.**

*Não permitia que eu saísse, pronto! Ela lá ficava muito enervada, pronto, ou gostava muito de, lá está, dominar e não queria perder o controlo sobre ninguém. Muito menos sobre mim, que achava que eu era muito namorada e que um dia destes ia aparecer grávida em casa, quando eu nunca tive nada senão a partir dos dezoito anos, portanto, não era por aí, mas ela não sabia. E não acreditava em mim. Para todo o lado onde eu fosse ela ia atrás, para ver se eu ia mesmo. Eu lembro-me de ver. Eu... eu cantava no coro, e eu, ao Sábado íamos para o coro, porque era a minha única soltura, eu não saía mais, porque ela não deixava. Eu tinha uma amiga que morava dois prédios acima, que tinha uma vizinha que tinha bilhetes do cinema de graça. Pois ela não me deixava ir, eu morava... é como se fosse daqui ali à praia. Portanto ela não me deixava ir, não me deixava sair! Para que veja, eu estava com casamento marcado... em Junho, e em Fevereiro fazia dois anos que eu estava a comemorar o meu namoro com o G., o meu ex-marido. E eu cheguei a casa era uma e meia da manhã, tinha estado na Discoteca que era no cimo da rua e a minha Mãe quis-me bater, porque eu estava a chegar muito tarde. Com casamento marcado, com vinte e dois anos, mas pronto. E eu reconheço que nesse dia me enchi de forças, é verdade, não me orgulho desse meu acto, mas acho que foi o culminar... da revolta de tantos anos de submissão, no fundo, da minha parte, porque também fui parva, mas pronto. E então a minha Mãe quis-me bater assim que eu entrei a porta... e eu pousei as minhas coisas e disse: “Bate. Então bate. Bate que eu também dou.” Foi a minha reacção. E a minha Mãe aí tremeu. Parou, foi-se deitar e depois andou a contar à família toda aquilo que eu tinha dito e tal, está a ver, pronto. E eu, pensei assim: “Foge... afinal... se eu já tivesse reagido assim há mais tempo... talvez tivesse sido diferente.”, mas pronto, já era tarde demais, não é, já eu tinha casamento marcado, já tinha vinte e dois anos, já tinha passado esse tempo todo (sorri). E então esse... esse tipo de atitude que ela teve comigo sempre, porque, ah!, convém dizer que eu que trabalhava, mas deixava o meu ordenado em casa.*

### **Começou a trabalhar com que idade?**

*Dezoito. Dezassete, ainda tinha dezassete, mas pronto. Foi quando terminei o Secundário, comecei a trabalhar, comecei a ganhar muito dinheiro, por acaso ganhei, nas Finanças e não sei quê, e então... dava-lhe sempre, porque trabalhava quatro semanas, e dava-lhe o ordenado de três semanas, ficava só com um para mim. Portanto ajudava em casa, não é. Para todos os direitos, para todos os efeitos eu tinha os mesmos direitos, não é?! Porque também contribuía, pronto. E... portanto isto para dizer que ela me tirou essa fatia de tempo, não é? Eu passei a minha infância e saltei da minha infância logo para os vinte e dois anos de deparar-me que afinal de contas a escolba, eu não posso dizer que tenha sido errada, porque gosto muito dos meus filhos e gostei muito de ter sido Mãe... e dessa experiência e tudo o mais. Mas aquele tempo que me foi tirado fez-me sempre ficar com uma mágoa muito grande... porque acho que é o melhor tempo que nós temos. E, portanto, voltando atrás ainda, aquilo que a minha Avó lhe fez foi isso, foi o que ela fez também. E ainda na semana passada, estava eu a dizer há bocadinho, falei com ela sobre esse assunto e lhe disse: “Mas porque é que tu, se não gostaste, fizeste o mesmo? Normalmente a gente quando não gosta, age de forma diferente.” Eu estou a fazer isso com os meus filhos, estou farta de lhes dizer: “Vocês não se casem, ou se se casarem não tenham filhos logo.”*

### **Talvez porque...**

*Porque os meus filhos vêm, e porque a minha relação com eles é uma relação de tal maneira... que eles podem estar a fazer a maior asneira, mas contam-me. Dizem-me onde estão, com quem estão e eu digo: “É pá, três da manhã, eu vou-vos buscar”. Prefiro do que andem por aí sozinhos e não sei quê. Eles têm um namoradinho, a minha filha mais nova que gosta muito, “Ai, agora tenho lá um coleguinha, Mãe”. Então não é tão bom? Partilharem e a Mãe saber. É evidente que eu não saberei aquela intimidade de, pronto. Eu sei o principal. E sei aquilo que me sossega. E como eu sei aquilo que vivi, não quero de todo que eles vivam ou sintam... porque não gostei para mim, não vou repetir!*

### **E como foi essa conversa com a sua Mãe?**

*“Ai filha, pois, eu sei, mas fui educada assim, era mais forte do que eu... na na na, na na na.” “Então mas não tinhas vontade de mudar?!”, porque a minha Mãe depois é uma pessoa... e foi aí que eu lhe disse – porque a minha Mãe não trabalhava, fazia aqueles bolos naquela altura, mas depois deixou de fazer, pronto, portanto era uma pessoa que estava só em casa. Portanto, sim, ela fazia coisas em casa, mas não era de morrer cheia de trabalho, aí não sei quê! E então eu disse: “Então eu sou... uma vitoriosa. Porque eu trabalho fora, eu tenho três filhos, eu giro duas casas... sei lá!”. Comecei a ter ajudas de empregadas recentemente... de há coisa de um ano para cá. Portanto era eu que fazia tudo. “É pá, eu sou... a maior, não é... porque tu não trabalhavas! Tinhas que gerir a casa e tinhas empregada. E eu trabalhando consigo ser de outra maneira, portanto é só uma questão de vontade... acho, não é? A gente quando quer, faz as coisas. Ou não tinha muito tempo para reflectir ou... não sei, não sei, não... não sei. Ela não... depois enfia os pés pelas mãos, depois há determinados assuntos do... do género*

*afectivo, de... de, de afectivamente a minha Mãe nunca foi, nunca foi muito afectiva.... nunca foi carinhosa... foi talvez quando nós éramos bebés, mas depois, não. Não era de dar um abraço, dar uns beijos, não era, nunca foi. Seca, seca, seca. De toque! De toque, nunca foi.*

### **E o seu Pai?**

*O meu Pai era. O meu Pai era, curiosamente era. Era bastante. E, portanto, a minha Mãe, sim senhora, tinha tudo pronto, tudo arrumado, tudo impecável, meu Deus, mas não podíamos levar amigos lá para casa. Portanto era um mundo... era assim um isolamento, assim uma coisa que... que eu, lá está, fiz sempre o contrário, “Sim, sim, tragam amigos cá para casa que eu gosto imenso, imenso, imenso”, percebe? Para colmatar aquele lado que eu... gosto de juventude, gosto! E os amigos dos meus filhos diziam sempre: “Ai que bom. Gostamos tanto da tua Mãe, é pá, quem me dera ter a tua Mãe, tão porreira, tão porreira!”. Eles gostavam que eles dissessem isso, não é. Porque acho que sim, que é importante. Portanto eu fiz a eles aquilo que não tive. E acho que deve ser assim, não é.*

### **Então e a relação com o seu Pai...**

*A relação com o meu Pai foi sempre boa. Foi sempre boa. Claro, havia aquelas... coisas de ele ficar com os ouvidos cheios e reagir. Que era inevitável. Mas foi sempre uma relação calma, porque ele era assim muito pacato. Ele também trabalhava... depois chegava a casa... via o seu noticiário... jantava, ia beber o seu cafezinho e pronto, e ficava ali... era uma pessoa calma. Teve assim uma vida muito... se vir uma linha, não é, é assim uma linha muito... muito direitinha. Sem altos e baixos, e não sei quê, era, era muito pacato.*

### **Mas diz que era mais afectivo...**

*Era, era. Era mais carinhoso... Não era assim muito, muito, mas era mais um bocadinho.*

### **Fale-me um bocadinho da sua infância...**

*Ó pá, olhe eu era... maria-rapaz. Eu tinha as pernas tortas e usava botas ortopédicas. E quando me chateavam eu dava pontapés. Eu brincava com panelinhas e tachinhos, mas era maria-rapaz, mesmo. E... tinha uma revolta muito grande, porque a minha Mãe não me deixava crescer o cabelo e então ia para o Cabeleireiro e dizia sempre à cabeleireira: “Corte o cabelo à minha filha à Joãozinho”. Era assim. Porque o meu cabelo era muito... tipo Mafaldinha (ri). Pronto. E então para não ter muito trabalho – o da minha irmã não, que era liso – mas o meu era (exemplifica) e então tinha que ser assim. E eu acho que fiquei muito revoltada... com essa história. Porque eu queria ter o cabelo comprido! Eu queria fazer uns totós e tal e não podia, pronto. Mas era uma miúda muito... para já eu era gordúissima, era muito gorda! Era. Hum... Eu lembro-me de a minha Mãe me acompanhar à*

*Primeira Classe, para aí no primeiro dia... depois não me lembro de mais nada. Não me lembro de mais nada. Nada!*

### **Da sua infância...**

*Da minha infância! Eu não me lembro de festas de Natal, é... (chora). Não me lembro de festas de anos... não me lembro de festas de Natal (a soluçar), de... estranho isto. Parece que houve assim um... Não tenho, Credo, não tenho... (chora).*

### **Portanto tem essa memória do primeiro dia de aulas...**

*Sim, porque a minha Mãe nunca me acompanhou assim à escola, ok, a escola também era no fundo da rua, mas antigamente era assim. E... e... lembro-me da minha Mãe... eu era distraída, muito cabeça no ar e lembro-me de a minha Mãe estar a ajudar-me a fazer os trabalhos de casa... e eu... sei lá, tipo perguntar: “Então, quanto é que são dois mais dois”, e eu: “Cinco”, trás!, uma galbeta, era logo. Até tinha a Mãe de uma amiga minha que me dizia - ainda no outro dia me cruzei com a senhora - assim: “Ai eu tinha tanta pena de si, a sua Mãe dava-lhe tantas bofetadas”, porque eu era, estava com a cabeça no ar, pronto, claro.*

### **E aprender com essa pressão nem sempre ajuda, não é... antigamente...**

*Era assustador. É terrível. Por acaso achei piada que ainda aqui há uns dias, acho que foi no Facebook, vi lá... uma coisa qualquer de uns Pais que tinham ido a tribunal, porque tinham dado umas cintadas no filho. E eu pensei: “Ok, está bem, olha se fosse no meu tempo, meu Deus, meu Deus, não é”. Sim... e portanto eu ia para a escola sozinha, vinha e tal, mas não me lembro assim de mais nada. Não me lembro. Lembro-me de um dia ter ido para a Escola Primária e... era Feriado, devia ser Feriado... não havia ninguém a ir para a escola, era só eu sozinha. E fui... e depois vi que não havia lá ninguém e voltei para casa. Portanto a escola era da Primeira à Quarta Classe, já não me recordo qual era o ano em que eu estava, possivelmente Terceira Classe, não sei. Isto para dizer... isto para dizer um pouco... que possivelmente a minha Mãe não estaria tão atenta como seria de esperar. Porque se estivesse atenta saberia que naquele dia era ou Feriado ou qualquer coisa... e não havia aulas, mas eu fui na mesma, pronto. Hum... E vim para casa... não me lembro de mais. São coisas que de vez em quando... mas não me lembro assim de mais nada. Não me recordo assim de nada de transcendente. Lembro-me que fui para Timor, fui muito contente, gostei imenso, com onze anos. Estive lá dois anos, adorei, adorei, adorei.*

### **Lembra-se dessa época...**

*Aí lembro-me de tudo. Lembro-me de ser Natal, lembro-me de ser o Carnaval, porque nós aqui estávamos habituados a ter frio, nessas alturas, e lá era calor. Nem parecia que era Carnaval, nem Natal, nem nada.*

*Hum... dos passarinhos, das galinhas, disto e daquilo, de plantas, de flores, de tudo. Foi uma experiência muito enriquecedora para mim, por acaso.*

### **Foram todos...**

*Fomos todos, sim. Fomos todos, o meu irmão mais novo ainda era muito pequenino... ainda usava fraldas, está a ver. Primeiro foi o meu Pai e depois fomos nós, com a minha Mãe, com os quatro de avião, pronto. E depois voltámos... nessa altura rebelei-me um bocadinho, lá deixei crescer um bocadinho o cabelo para fazer dois totós, tenho fotografias, lembro-me. Mas foi, mas é curioso falar nisto, não me recordo, lembro-me de haver jantares ou almoços ao fim-de-semana, com a minha Avó, com os meus tios, em que os meus pais ficavam a tarde toda a jogar canasta e não sei quê. E... e nós a ver televisão... a ver o que havia... as coisas que havia naquela altura, pronto. E... e era só.*

### **E com os seus irmãos... lembra-se, por exemplo de brincar com eles...**

*Sim, sim. Brincava muito com a minha irmã... sim, sim, sim. Brincava na rua. Às vezes saía de manhã, assim de férias, mas mais novita... saía de manhã, ia para a rua, tinha vontade de fazer chichi, fazia na rua! Punha a minha irmã e uma amiga minha a tapar de um lado e do outro dos carros e fazia ali que era para não ir a casa senão já não saía! E beber água do poeiro também... para não ter que ir a casa, senão já não saía. E quando a minha Mãe não nos deixava sair, ficávamos em casa, tipo escondidas dentro do roupeiro, dar cabo das prateleiras, o que era igual a ralbetes e mandar vir depois e não sei quê. Pronto, lembro-me, mas nesse aspecto foi giro e divertido. Depois tinha os meus irmãos mais novos, que eu achava imensa piada. Curiosamente aqui há... um mês e tal... houve um senhor que era, que tinha e que tem ainda, um café lá na rua da minha Mãe e que gostava muito de filmar e fotografar momentos... com toda a gente. E então ele foi buscar uns pedaços de uns vídeos quando eu tinha... é pá, foi quando eu vim de Timor, portanto eu tinha uns treze, catorze anos... com os meus irmãos pequeninos! Oh meu Deus, que giro, que giro! A família, o meu Pai, que entretanto já faleceu.*

### **O seu Pai já faleceu.**

*Já. Faleceu há... há catorze anos. É, foi giro, foi giro ver aquilo. Por acaso gostei de ver. Na altura também namorava, houve várias fases, está a ver, portanto ele filmava e fotografava durante vários anos e então foi muito giro eu ver o meu ex-marido na altura e como eu era, morena, assim de cabelo escuro, gira, acho eu, é giro. É, foi muito giro, a minha irmã, os meus irmãos... foi muito giro (sorri).*

### **Então e a sua adolescência... já me falou um bocadinho...**

*A minha adolescência foi... foi... foi a estudar, não é? Faltava às aulas de vez em quando, as tais coisas para eu poder sair. E de vez em quando vinham uns postais para casa e havia cenas, pronto, enfim. Era a única forma que eu tinha de poder sair um bocadinho com os meus colegas, não é. Não ia fazer nada de mais, ia para o café. E... Mas passou-se... tive uns namoricos, aqui ou outro, namorei com o que viria a ser meu marido. Gostei muito dele na altura, tinha catorze anos e tal. Tive... tive... uns amigos que eram, minhas amigas que eram amigas desde que eu era miudita, da rua, mas entretanto elas começaram a sair só as duas, porque como a minha Mãe não me deixava sair... eu pronto... eu ficava em casa. Hum... trabalhar, a fazer, a limpar pó, a limpar casas-de-banho, todos os dias religiosamente tinha que se fazer isso. Sei lá, não me lembro assim de mais nada de relevante durante a minha adolescência. Foi basicamente isso.*

### **Então e o seu primeiro interesse sexual... lembra-se?**

*Aiii, lembro-me, devia ter os meus dez anos. Devia ter os meus dez anos. Ou onze anos. Foi pelo... filho do meu vizinho em Timor. Que eram os senhorios da nossa casa... o rapaz até era timorense e... sei lá que idade ele teria, mais velho do que eu, com certeza. Mas foi assim... primeira vez. E depois eu muito assustada, porque não estava a perceber muito bem o que é que estava a sentir, foi assim uma coisa engraçada. Tinha eu onze anos.*

[...]

### **Mas essa pessoa estava lá... estava cá...?**

*Não, estava cá. Essa pessoa estava cá, vivia cá. E só depois de eu estar... completamente envolvida com ela é que eu soube que ela era casada. E que tinha um filho, não, que tinha um filho eu sabia que tinha. Porque essa pessoa disse-me sempre que vivia com uma mulher.*

### **Só soube a verdade depois de estar envolvida...**

*Sim, um envolvimento não físico, não físico, mas emocional. Ela contou-me a verdade. Hum... acabei a relação com a C. assim de uma forma... da qual não me orgulho muito... pronto... Mas disse-lhe francamente que... não lhe disse francamente que tinha outra pessoa, não. Mas disse-lhe que já não a amava. E foi muito mau, foi uma grande discussão, foi assim... pronto, mau. E eu depois saí de casa, que era a casa que nós tínhamos alugada na praia e pronto e envolvi-me então, sim senhora, em Setembro, mais a sério com a outra pessoa, não sei quanto. Mesmo já sabendo que ela era casada e tudo o mais, mas as coisas estavam... enfim, a correr bem! E eu estava iludida, pensando que... sei lá... e pronto e a C. sofreu muito e eu... fêz-lhe muito mal, mas nestas coisas é assim, há sempre quem sofra. E foi aí que a gente se separou a sério, foi nessa...*

### **Mas mantém uma relação com essa pessoa...**

*Mantenho. Mantenho uma relação, mas... da qual eu não sei definir. Não sei definir...*

**Não tem necessariamente que definir... gostava só que me falasse um bocadinho sobre a relação...**

*É pá, é uma relação muito, muito complicada...*

**Há quanto tempo começou?**

*Há três anos. E é uma pessoa muito centrada em si mesma, muito egocêntrica, muito... muito como... os putos quando querem muito um brinquedo, imenso, imenso, imenso, imenso e o conseguem obter, depois já não lhes ligam nenhuma. É assim... e... e depois não é uma pessoa muito afectuosa, só quando tem proximidade ou intimidade, mas que ela também não quer muito, nem procura muito... vive bem sem. Embora me tivesse mostrado ser uma pessoa bastante activa nesse campo, mas no fundo não é, acho eu. Pelo menos é aquilo que me parece. E é... uma pessoa que não... que sabe o que quer... hum... quanto a mim eu acho que não será o que lhe convém, mas... é uma pessoa não consegue viver... sem um determinado estatuto de vida. E portanto não abdica desse estatuto de vida nem para... viver... uma paixão, um amor ou... ou... para ser feliz, pronto. E como não é uma pessoa independente monetariamente, porque não trabalha, depende do marido, é uma pessoa que nunca dará esse passo. Por isso é que eu estava a dizer que não consigo definir a minha relação, porque eu nunca sei... nunca sei, não, já soube, agora não sei... no fundo é uma relação... porque não dá... não dá para ter... para aspirar a mais, não dá para ter uma continuidade, não dá para ter... combinar uma saída, não dá para nada, não dá!*

**Porque tem certamente muitas limitações...**

*Porque é casada, porque tem a Mãe a cargo, porque tem o filho, porque tem... enfim, aquelas coisas de casa para tratar.*

**Mas sentiu, inicialmente...**

*Que ela tinha muita disponibilidade! Tinha muita disponibilidade, é uma pessoa que... ainda chegou a ir ter à casa de praia algumas vezes. Portanto de Lisboa à praia ainda é um bocado, mas ela ia. Agora nem aqui vem (ri).*

**Mas sentia que havia paixão de ambas as partes?**

*Ab, sentia. Sentia e ainda sinto! Eu sinto que ela gosta de mim. Mas... vamos ver, cem por cento, ela gosta de mim cinquenta por cento, não é? Mas gosta mais, vá, cinquenta vamos pôr-lhe quarenta para pôr sessenta por cento na vida que tem. Não abdica dela. Uma vida boa, de luxo, de... enfim, mas pronto. Portanto isso será mais importante para ela do que... viver uma paixão ou viver comigo ou... Nós somos muito diferentes, no fundo. Ela é*

*uma pessoa que não... é incapaz de fazer uma limpeza... tem que chamar alguém para o fazer, porque... não o faz. E eu sou uma pessoa muito prática, gosto muito das coisas muito certinhas e de fazer as coisas com alguma antecedência, e preparar... Ela não, é tudo à última da hora, muito dispersa, muito...*

### **Mas ainda se sente apaixonada por ela?**

*É uma pergunta muito curiosa, porque... eu tenho alturas que não. E tenho alturas que sim. E as alturas que sim eu penso que isto deve ser mais, se calhar, uma, entre aspas, dependência, ... eu associo àquilo que sinto... por esta pessoa... como àquilo que sinto pelo cigarro. Sinto que é uma droga para a qual eu... eu já estou tão habituada a funcionar de determinada forma... que quando não acontece... por acaso, curiosamente, ultimamente não tem acontecido e eu não tenho sentido muita falta, mas pronto, mas era assim que me sentia, um pouco, antes... hum... era como se fosse uma droga... um hábito... Mas tenho a consciência de que me faz mal, que me tem feito mal...*

### **Que a tem feito sofrer...**

*Muito. Muito.*

### **É por esse motivo que fala em dependência e compara ao cigarro... por persistir numa coisa que considera que lhe faz mal...**

*Como o cigarro. Tal e qual, tal e qual. Se calhar como a pessoa que bebe, também sabe e tem consciência que faz mal e tal e não sei quê e continua lá e continua lá. Até um dia ter um clique, pronto.*

### **E já teve esse clique?**

*Já tive esse clique... e depois como fui operada... ela voltou a aparecer e foi lá e... quaaaaase que voltámos ao mesmo, quase. Foi na semana passada em Coimbra, que a Mãe foi fazer o tratamento, ela pediu-me para ir com ela, eu acabei por ir... A Mãe ficou de um dia para o outro no Hospital, portanto eu fiquei a dormir no Hotel com ela, portanto envolvemo-nos... de uma forma muito estranha... porque foi a primeira vez em três anos que houve um envolvimento tão intenso. Verdade. Muito estranho, isso. Hum... ou seja, de uma forma tão... hum... dada. Mesmo! Sem máscaras, sem... nada! Foi muito estranho. Para depois logo a seguir, no dia a seguir... voltar à máscara que ela tinha antes. O que me baralha.*

### **Qual é a máscara...?**

*A máscara da... que a outra pessoa não afecta, não interfere, não faz nada, não... pesa nada na... na vida.*

**Isso deve ser muito difícil para si... viver um momento de grande intensidade, como descreve, e no dia a seguir...**

Muito, muito... no dia a seguir... e foi o que ela disse, porque eu depois confrontei-a com isso: “Como é que tu consegues ser tão assim, depois de teres estado tão assim?! Como é que é possível isso?!”. E ela disse: “Foi só porque saí do meu... ambiente. Saí de Lisboa, saí da minha casa. E como estava noutra sítio eu... mudei.” Portanto, ali ela é assim... e naquele espaço em que ela é assim eu não entro de forma nenhuma. E sei que ela não é feliz, mas também sei que depende dela. E como a escolha dela é aquela, embora... neste momento, o que não acontecia aqui há tempos, talvez, mas neste momento eu sei que a Mãe é uma senhora doente oncológica... não está nada bem, pelo contrário, coitada, Deus queira que sim, que eu me engane, mas eu acho que ela não vai durar muito mais tempo... e sei que monetariamente... tudo o que ela puder proporcionar à Mãe ela fá-lo... e eu entendo! Se calhar faria o mesmo, não sei. Não preciso, porque eu sou independente, não preciso. Mas se calhar nas circunstâncias dela eu faria o mesmo, ou seja, continuaria a ter a minha vida e a pensar na minha vida da mesma forma para poder dar o melhor à minha Mãe, ab sim. Mas quando eu lhe falei – já não falo, desisti – mas quando eu lhe falava do facto de ela poder mudar... a conduta dela, enfim, ou se não tivesse a Mãe a cargo, portanto, de uma forma subtil... não, também não mudaria. Não, porque tem o filho. E eu digo-lhe: “Sim, mas o filho continua a ser teu filho, o filho continua a ser filho do Pai, tudo o que o Pai tem o filho continuará sempre a ser usufruário” – acha que é assim que se diz? – “de todos os bens que o Pai tem, mas não, porque nunca sairia de Lisboa, nunca iria viver comigo para a Bélgica, porque nós somos muito diferentes, porque na, na, na, na, na, na. Portanto... é uma relação que está morta logo à partida, porque ela não assume. E até me disse outra coisa: que há muitas pessoas como ela. E eu disse-lhe: “O quê?!”. Há muitas pessoas, não sei se muitas mulheres, penso que será mais, que são casadas e que vivem uma relação extramatrimonial, seja com homens, seja com mulheres, mas o que me pareceu no fundo é que haveria com mulheres, não é, e que não assumem a sua homossexualidade por conveniência. Por conveniência económica.

[...]

### **Então mas como tem sido a sua relação ao longo destes três anos?**

Tem sido uma relação muito conturbada, porque... Aquilo que eu sinto, aquilo que eu sinto e aquilo que eu acho, que foi sempre aquilo que eu achei, embora ela tivesse negado... é que... eu fui a primeira mulher que ela teve... porque ela também, tal como eu, foi uma pessoa que estava [interrupção - telefonema]. Hum... ela foi... a primeira relação que teve foi comigo. E foi comigo que se assumiu e foi comigo que percebeu que era mesmo isto que ela também queria... E... quando percebeu isso, hum... embora gostasse de mim – isto é a conclusão que eu tiro e eu acho que estou certa – teve... a ideia de: “É pá, se é realmente isto que eu quero e estou na descoberta, como é que eu me vou prender a uma pessoa só?”. Tem que descobrir, mas não é só com uma. Tem que descobrir com várias. Portanto andou, literalmente, a disparar em várias frentes. A atirar o charme a várias pessoas. Portanto ela teve... ela tinha que passar por aquela experiência de gostar de uma pessoa... sentir que era aquilo mesmo, ter a certeza que era aquilo que gostava... mas não queria cingir-se àquela pessoa só. Tinha que ter outras. E portanto foi o que

ela fez durante a relação. À parte de estarmos longe, à parte do marido... perceber eu, perceber, porque percebia, porque a conduta dela era tão óbvia, tão... notava-se tão bem que ela estava já mais distraída quando começava a pôr muitas fotografias no Facebook é porque havia ali alguém a quem ela se queria mostrar. Portanto havia um *modus operandi* que era notório que havia ali alguém. E por várias vezes isso aconteceu. Até que aconteceu uma vez que eu percebi que era aquela pessoa e confrontei-a e ela negou e depois mais tarde disse-me que sim, que eu tinha razão e que eu tinha percebido, que era mesmo, pronto. E... e que eu continuo ainda hoje a achar que aquilo está mal resolvido, mas pronto. E houve n pessoas com quem ela se envolveu, e que me magoou, mas que negava e que eu lhe dizia: “Não é possível, porque eu estou a ver o filme todo, como é que tu consegues negar uma coisa que é tão óbvia?!”. E ela é uma pessoa tão jeitosa para [interrupção]. E então... o que é que eu estava a dizer? Isso não me fez ficar muito bem, nem muito feliz, nem muito... segura... de mais uma vez ter feito uma escolha errada. Ela negava o óbvio, porque era tão perceptível que ela estava... a enganar-me, fosse como fosse estaria sempre a enganar-me, e eu confrontava-a com isso e ele negava. E mentia, descaradamente. E é uma pessoa com um poder de argumentação fantástico. E que consegue mentir... é pá... de uma coisa que está a ver que a almofada é branca... e ela consegue-a convencer de que esta almofada é preta. Mesmo estando a olhar para ela e a ver que a almofada é branca! Eu acho que ela... até já mente... com a convicção que está a dizer a verdade, é uma pessoa muito estranha. E depois continua. Até um dia... ser ela própria... que não diz tudo, mas pronto, diz cinquenta por cento daquilo que se passa, e diz, sim senhora, que eu tinha razão. Porque, lá está, estava na descoberta. Ela precisava... perceber que era realmente aquilo que ela gostava, e era.

### **E neste momento?**

Pois, neste momento ela diz que está muito com a cabeça, hum... na Mãe... e acredito que sim, que ela tem um ritmo alucinante, apesar de não trabalhar, tem. E eu que sou muito acelerada, não consigo acompanhar. Hum... mas que não quer... compromissos. Aliás, no fundo ela nunca quis, mas... pronto, agora ela fala abertamente do caso, não quer compromissos. E não quer sobretudo uma pessoa que, hum... que a salte em cima, entre aspas, que a... hum... que a percebe, que a conhece! E que sabe como ela é e que... está sempre a cobrar, entre aspas, o facto de ela andar por fora, pronto. É isso. O marido dá-lhe a liberdade toda que ela quer, portanto não sou eu, eu no meu papel tão pequenino, que vou estar a fazer com que ela aja como sempre agiu.

### **Mas vai mantendo esta relação...**

Vou mantendo, tenho os meus picos de altos e baixos e penso assim um dia, ainda ontem pensei: “Para o raio! Não quero saber.” E depois ela liga-me: “Ah, então e tal, não sei quê”, conversa de chacha, pronto. Depois fico consoladinha, porque ela me ligou. Mas depois ponho-me a pensar: “Mas porquê? Mas porque é que tu és assim, Isabel? Isto não leva a lado nenhum. Mas porque é que continuas com isto?”. Porque eu já tive o meu clique e voltou. Portanto é porque não tive. Mas eu reconheço que isto é uma coisa, isto é uma relação que eu posso dizer,

*com toda a certeza, que é autodestrutiva. Para ela não, porque ela, pelos vistos, é uma pessoa que consegue dominar muito bem, ela é mais realista do que eu... eu também sou, ela é mais racional. Ela é mais racional, eu sou mais emotiva. Hum... quando eu estou a discutir com ela, porque lbe estou a dizer: “Ai, porque fizeste, aconteceu”, ela está calada, não diz nada, não diz nada. É uma pessoa que não discute. Diz as coisas de uma forma fria, como eu lbe costumo dizer a ela: “Tu és fria, calculista e má.”*

### **Ela evita a discussão...**

*Ela evita a discussão. Não quer dizer que não pense, não quer dizer que não fique zangada, não quer dizer que não... que aquilo não mexa com ela, não... Hum... como eu costumo dizer ela é uma pessoa... fria, calculista, oportunista, mentirosa... que tem bom coração, mas... tem maus... maus valores, talvez. Parece que tem bons valores... ela dá... ela não dá... ela diz que é uma pessoa com bom fundo... ela diz que é uma pessoa muito, hum... concentrada no... no bem para os outros e não sei quê... mas não é... ela não é! É tão estranho! Eu nunca na vida conheci uma pessoa assim. Que fosse... tão auto... centrada... porque ela é muito... ela é tão egocêntrica que no outro dia foi comprar um fato de treino, aquilo nem era um fato de treino, com calções e não sei quê... para ir à escola do filho levar o lanche para todos os miúdos verem, ela tem que ser popular, nem que, nem que seja entre os miúdos de sete anos.*

### **Para todos os miúdos verem o quê?**

*O equipamento do... Real Madrid ou lá o que era aquilo. Pronto. Para os amigos do filho verem... portanto ela neste momento não consegue ser popular com pessoas da idade dela, portanto tenta captar a atenção dos miúdos. Para os miúdos falarem: “Ena, a Mãe do V. tem o fato de treino não sei do quê!”. Porque ela gosta muito de futebol, pronto. Ela é uma pessoa que tem que estar sempre, ou precisa, se calhar, de estar sempre... num patamar acima para ser apreciada, para ser valorizada, pronto. E eu já lbe disse isso, isso decorre do facto de estares em casa, “E como estás em casa e és uma doméstica”, disse-lbe isso mesmo para magoar... porque lbe disse mesmo para magoar... “Tu és uma doméstica que não evoluíste, tiraste um curso de arquitectura, mas estás em casa. E tu precisas que te valorizem e então fazes essas coisas, hum... compras tudo o que queres de marca, ela tem centenas de pares ténis! Centenas da marca xpto, que lbe custam cento e tal euros e não sei quê! Porque é uma forma de... de escape.” Pronto, arranjando-se e não sei quê... chamando à atenção, porque ela é uma pessoa muito alegre e não sei quê, mas se houver outra pessoa muito alegre, que a ofusque, ela fica... caladinha no seu canto, não diz nada. E nunca mais quer sair com essa pessoa, porque não foi ela o centro das atenções. Vê como nós somos diferentes? Eu enquanto que gosto de estar ali quietinha, que não deem por mim, pronto, estou ali na boa, ela precisa do contrário, brilhar! Isto é de tal maneira que houve um dia que nós combinámos... sair, já aqui há muito tempo. E eu tinha ido ao cabeleireiro, isto há um ano atrás, tinha ido ao cabeleireiro, tinha cortado o cabelo, tinha comprado uma roupa nova, tinha usado uns saltos, que é coisa que eu até nunca uso, nem nada, tinha-me arranjado! Estava*

*mesmo... bem! Chego a casa dela é o marido que me abre a porta: “É lá, ui... hoje vens...!”. Ela abre-me a porta: “Olá.” E depois passado um bocado... íamos sair, já não sei onde... e eu disse-lhe assim: “Então não gostaste do meu corte de cabelo?”. Ela: “Ab, está giro.” Depois foi-se arranjar... arranjou-se duplamente melhor do que era hábito... “Estou gira?”, e eu: “Sim.”. “Ab, não dizes mais nada?”, e eu: “Tanto quanto tu me elogias a mim”, que por acaso eu passo a vida a elogiá-la a ela, ela não me elogia a mim nun-ca! Porque tem que ser sempre ela. E eu perguntei-lhe: “Eu faço-te sombra? (...) Eu faço-te sombra por qualquer motivo? Hum... precisas de estar sempre acima? Sempre acima de toda a gente?”*

### **Sente que há uma competição...**

*Da parte dela, sinto. Uma vez passou... uma vez estávamos num bar... com umas amigas... e depois saímos, ela tinha deixado o carro estacionado não sei aonde. Elas foram-se embora, nós também. Pois ela passou com o seu Mercedes descapotável, à frente do bar, sem necessidade nenhuma, que a gente já se tinha ido embora, só para a verem. Só para verem que ela tinha um Mercedes descapotável e não sei quê. E eu ali enfiada, só com vontade de esconder a cara... percebe? E depois perguntei-lhe: “Mas porque é que tu precisas disto?”. “Não, não, não é nada disso!”, depois nega. Mas é óbvio que ela precisa de protagonismo.*

### **O que é que considera que sente por ela?**

*(...) (Suspira) Essa pergunta é muito difícil... O que é que eu considero que sinto por ela? Por acaso tive uma conversa com uma amiga um dia destes à noite e cheguei à conclusão que aquilo que sinto por ela é pena... e que acho que se calhar ela se atravessou no meu caminho para eu lhe poder, hum... se calhar é um bocadinho, da minha parte, de falta de humildade, mas eu vou dizer na mesma. Acho que se ela se atravessou à minha frente foi para que eu aprendesse qualquer coisa e ela, sobretudo ela, aprendesse mais, que... aprendesse a ser menos... menos como ela é... não adiantou muito. Pelo que eu tenho visto não adiantou muito, adiantou qualquer coisa, porque eu já percebi que houve ali alguma melhoria. Pelo menos funcionou em relação ao filho. Porque ela tem um filho e aquilo que eu sinto é que eu apareci na vida dela para ela perceber o que é ser mãe, o que é ter um filho e o que é abdicar de si em detrimento de um filho! Porque quando se tem um filho... nós deixamos de ser nós... a nossa prioridade passa a ser o nosso filho. Para uma pessoa como ela isso não aconteceu. Portanto ela continua a ser ela, o marido continua a ser o marido e o filho é apenas um empecilho. E eu estou-lhe a dizer isto com conhecimento de causa. Aquela criança foi uma criança que nasceu eu não sei se de propósito, se foi uma coincidência, não sei. Aquele miúdo é uma mais-valia, é um passaporte para ela ter a vida que tem... isso eu sei que é. E sei que é um empecilho, porque ainda um dia destes o miúdo disse assim, com sete anos, oito anos: “Tu tratas melhor o cão do que me tratas a mim.” Porque o cão é o “meu amor” para aqui, o “meu amor” para ali e o filho: “E tu és um chato! E tu és um chato! E és um estúpido! E és um...” – como é que ela diz? – “... um atrasado mental!”. Percebe? É uma pessoa muito... de tal maneira virada para ela e para as coisas dela, porque o filho lhe tira o*

*tempo que ela queria ter, o filho obriga-a a perder a cabeça, porque o filho não come e o filho, coitado, sente necessidade de carinho, sente necessidade de atenção, sente necessidade de ter tempo... e ela não tem, nem ela, nem o Pai. Passam a vida a empurrar um para o outro. E eu apareci na vida destas almas...*

### **Aquilo que eu sinto é que isto tudo mexe muito consigo...**

*Mexe. É sobretudo aquele miúdo que me apetecia salvar daqueles dois pais, porque a criança precisa de estrutura, disciplina e de amor e carinho e tudo o mais. Precisa de sentir equilíbrio e aqueles pais não lhe sabem dar equilíbrio, sabem-lhe comprar roupas de marca e tudo, mas não... E então estava a falar com essa minha amiga e se calhar chegámos à conclusão, se calhar não, chegámos a essa conclusão, que se calhar o meu aparecimento nesta relação, neste trio, seria como... para abrir os olhos àqueles pais e verem que a forma como eles tratam aquele filho é tão errada, mas tão errada, mas tão errada! Talvez seja esta a minha missão, não sei, espero que sim. Portanto aquilo que eu sinto não sei muito bem. Gosto de estar com ela e não sei quê... gosto muito de estar com ela, curioso, mas quando ela não está com a família. Quando somos só nós as duas, que é muito pouco, é raríssimo isso acontecer. Se eu quiser estar com ela tenbo que ir para casa dela... porque ela aqui não vem ter comigo.*

[...]

### **O que é o amor para si?**

*Amor. Olhe, é sentir se calhar aquilo que eu sinto, não sei se estou errada ou se estou certa. Mas é dedicar-me àquela pessoa... hum... entre aspas perder, porque não é perder, o meu tempo com essa pessoa, hum... e é dar e receber. Porque é dar e receber... não é? Porque quando dá e recebe está contente, porque aquilo que deu também está a receber, porque no fundo... por acaso esta minha relação com a P. deu-me para pensar sobre realmente o que era o amor. Se tiver... se estiver satisfeita e feliz com aquela pessoa, porque aquilo que lhe dá, ela também lhe dá a si... está bem. Se isso não acontece e é só uma pessoa a dar... não, portanto amor realmente é dar e receber. De tudo! Não só afectivamente, como economicamente, como de amizade, de cumplicidade, de companheirismo, de diversão, de coisas em comum que se goste. Tudo isso é amor, porque, ok, pode falhar uma ou outra coisa, não é, mas as pessoas têm que estar, podem até ser o oposto, mas têm que estar na mesma onda. E saber das necessidades da outra pessoa e perceber, é tão fácil, não é? Para algumas é. Pois, para algumas é, que eu já percebi, nunca na minha vida tinha encontrado uma pessoa tão complicada como esta, que me fez pôr a balançar até sobre a minha sanidade mental. Que às tantas já era eu que duvidava das minhas capacidades, “Mas será que tu estás bem, Isabel? Tu não estás a pensar bem. Tu não estás a raciocinar. És tu que estás errada.” Mas não sou, não sou. Eu acho que é isso: amor é dar e receber, de tudo. De tudo. E estar lá... não é?*

**Ao longo da sua vida... quem são ou foram as pessoas mais marcantes, importantes para si?**

*Sem dúvida foi... o meu ex-marido, sim, que aprendi muito com ele. Sim, uma pessoa correctíssima, impecável, uma pessoa bem disposta, não sei quê... Os meus filhos, claro, cada um com o seu feitio, sim. Foram mais marcantes de formas variadas, sim. A minha Mãe, claro, teve muita influência na minha vida. E... e a C.! (ri) E a C. Foi uma pessoa com quem também aprendi a ser mais afectiva. Isso é bom de realçar. Porque a C. era uma pessoa muito necessitada de afecto. E dava muito também. E também queria receber muito. E eu não... não estava muito habituada a dar assim muito... e habituei-me com ela e foi muito bom. Portanto aprendi qualquer coisa com ela.*

[...]

### **Glória – Primeira Entrevista**

**E: Queria pedir-lhe que começasse por me falar um bocadinho sobre si... Como é que é como pessoa?**

*G: Sou uma pessoa brincalhona... extrovertida... amiga do amigo... (...). Simpática, acho eu. Teimosa, também sou muito teimosa, muito orgulhosa... Basicamente é isso.*

**Então e como é que recorda a sua vida?**

*Desde pequena?*

**Sim, se quiser.**

*Tive uma infância boa. Tive... a maior parte da minha infância era com os meus avós... maternos. Adorava estar com eles e... posso dizer que tive tudo, de tudo. Hum... adorava, adorava... adorei a minha infância. Pronto, não podia... Tinha... uma família unida... tinha... tinha amor, tinha carinho.*

**Fale-me da sua família...**

*É assim a minha família neste momento está... está... está dividida, porque... eu perdi o meu Pai... perdi os meus avós maternos... que adorava, não é... foram... foi... num ano e meio foi tudo seguido.*

**Isso foi recente?**

*Foi há... o meu Pai fez seis anos, a minha Avó fez sete, o meu Avó fez oito. Foi tudo... foi tudo seguido. Hum... A morte que mais me marcou foi a da minha Avó, mesmo no dia 24 de Dezembro, hum... é um dia muito complicado para nós. Hum... os meus avós paternos não... só lidei com a minha Avó, não... o meu Avó não conheci, mas não... não tinha muita ligação com ela, pouco ou nada havia, e não tínhamos aquela ligação... ela era uma pessoa muito fria... e eu... quando gosto, gosto, quando não gosto estou no meu canto, não me*

*chateiem que eu não chateio ninguém. E... e pronto, era basicamente isso, não tinha muita ligação com ela, tanto que tive uma reacção um bocado, muito fria. Era pequena, lembro-me de ser pequena, mas tive uma reacção muito fria quando a minha Mãe disse que... a minha Avó tinha morrido. Não... não senti. Foi uma pessoa que morreu. Hum... Pronto e basicamente é... é isso. Entretanto depois da morte dos meus avós a família descambou um bocado... assuntos de família... que aquilo não interessa a ninguém, não vale a pena comentar, porque são coisas que tentamos esquecer e... enquanto a minha Mãe não conseguir resolver, tem que ser ela, mais ninguém vai resolver...*

### **Então e os seus pais... fale-me um bocadinho dos seus pais...**

*(...) Como pais eu era muito parecida com o meu Pai, a gente chocava bastante. Feitios iguais e... sabe que isso é complicado, não é? A minha Mãe tem um feitio muiiito complicado... Hum... é muito teimosa, muito senhora de si, e as coisas têm de ser como ela quer, porque se não for, hum... Não temos uma relação muito boa, temos uma relação Mãe e filha, ela joga comigo um pouco por interesse... e eu também tenho que jogar um bocadinho com ela também por interesse. Apesar de gostarmos uma da outra, atenção.*

### **Mas o que é isso de jogar por interesse...?**

*É pá, do estilo... o meu Pai ter falecido, eu ter tratado de tudo, ter andado em Bancos, Cartórios, tudo e mais alguma coisa que possa imaginar para tratar de um Funeral e no fim de o meu Pai estar a ser enterrado a minha Mãe dizer que eu não valho nada, que não presto para nada. Pronto, é do estilo... percebe?*

### **Mas porque é que acha que ela disse isso?**

*... Não sei, a minha Mãe... sempre chocou muito com o meu Pai, lá está, o meu Pai tinha o meu feitio, ou eu tinha o feitio dele e... e o meu irmão é que era o menininho, o menininho e agora está-se a revelar o contrário, porque... qualquer coisa que acontece é a Glória que é chamada para tudo, é a Glória que resolve tudo, é a Glória que vai com ela às compras, é a Glória que faz tudo. O meu irmão... E... e ela como chocava muito com o meu Pai, não sei, nós somos muito parecidos, mesmo... e... não sei se ela via alguma coisa, não sei... Não faço a mínima ideia... tento entender porque é que ela não... tem essas atitudes comigo... não chego a conclusão nenhuma. Nunca lhe fiz mal nenhum, não é? É minha Mãe, gosto dela. Não compreendo certas atitudes dela. E é isso...*

### **Então mas como é que tem sido... como é que foi a relação com os seus pais...?**

*Como eu lhe disse eu e o meu Pai sempre chocámos muito, sempre chocámos, não... Eu... eu sentia que ele tinha orgulho em mim, sentia, falava com os amigos dele: “A minha filha está na Tropa e não sei quê...”, e nunca tive razão de queixa. Partia-me a cabeça com muita coisa e às vezes com razão. Mas eu admitia, não admitia à frente*

*deles, porque sou uma pessoa muito orgulhosa também, mas reconhecia para mim que eles tinham razão em muita coisa. E... sempre tive uma relação fria com ele. Mas eu notava, dele para mim... que ele gostava, que se sentia bem e que quando havia alguma coisa gostava de partilhar e... não o fazia, porque como ele não se dava muito bem com a minha Mãe... dava-me a entender que ele não queria que eu tomasse o partido dele, para não afectar a minha Mãe, portanto preferia meter-se à parte para eu tomar sempre o partido dela. Não sei.*

### **Sentia isso...**

*Sentia isso. E senti que comecei a juntar mais as peças desde a morte dele. Porque... ele partiu nós estávamos chateados e... ele já apareceu a uma amiga minha, a querer matar saudades e enquanto eu não acreditei no que estava a pensar e a sentir... que gostava dele e enquanto não o disse com sentimento... ele não descansou. Eu tive que o dizer... pronto. E ele a partir daí descansou.*

### **Apareceu à sua amiga de que forma?**

*Ela consegue... pronto. Vê e fala. E então... (...). Com a minha Mãe... se eu disser que nunca foi aquela relação chegada de Mãe e filha... beijinhos e abraços... não, sempre fui muito fria nesse sentido, não gosto de beijinhos e abraços. Para os de casa, para os de fora sou muito prestável, dispo a minha roupa para dar aos meus amigos.*

### **Porque é que diz isso em relação aos de casa?**

*É pá, porque olhe... eu com o meu irmão não me dou... que ele tem um feitio muito complicado.*

### **Qual é a vossa diferença de idades?**

*Um ano e qualquer coisa... mais velho. Eu tenho trinta e oito, ele fez trinta e seis agora. Hum... Eu nunca me dei muito bem com ele... desde pequena. E sempre... sempre brigávamos... e a minha Mãe sempre... Como a minha Mãe sempre tomava o partido dele... eu se calhar comecei a ganhar aquela... “ela não gosta de mim... e o meu Pai não gosta de mim” e se calhar um bocado revoltada com a vida e com tudo. E... a nossa relação nunca foi muito saudável. Nunca me faltou nada... a nível de carinho... comida na mesa... dinheiro... tudo e mais alguma coisa. Nunca deixei de ir onde queria ir e de fazer o que sempre quis fazer... porque eles nunca me proibiam, davam-me conselhos. Mas nunca houve aquela coisa de... eu chego a estar uma semana sem falar com a minha Mãe, por exemplo... Não... Penso “Não me liga, mas eu também não lbe ligo”... e acaba por ser ela a dar o braço a torcer e a ligar, porque eu acabo por não ligar. É o meu feitio, sou assim.*

### **Com os seus avós maternos como é que era?**

*Ab, não com os meus avós maternos era... não tinha nada a ver. Eu era a menina querida deles, eu era a coqueluche.*

### **Sentia isso...**

*Sentia e via e... notava e... sentia-me bem. Por isso é que eu todas as férias do Verão, os três meses, ia para a minha Avó e se fosse preciso ficava os três meses lá e não vinha à minha Mãe e se ela me quisesse ver que fosse lá.*

### **Sentia-se lá bem...**

*Muito bem, muito bem. Era uma coisa incrível.*

### **Então e a sua adolescência... como é que foi?**

*Foi boa. Sempre fiz o que quis. Dei muita cabeçada, não é, como é óbvio. Mas sempre fiz o que quis e... foi boa, foi boa. Posso dizer que foi boa.*

### **É uma fase de mudança...**

*Sim, mas posso dizer que nunca me meti em confusões, nunca... me meti em... situações que nunca conseguisse resolver. Nunca me meti em drogas, nunca... sempre fui uma pessoa nesse sentido muito... eu delineava o que é que queria fazer e enquanto não atingisse esse objectivo eu não descansava. Pronto e... desde... desde que me lembro, não da Primária, mas... se calhar até mesmo da Primária, que já tinha um feitiço vincado, mas... lembro-me de... sempre lutar por aquilo que queria e eles nunca me punham obstáculos, davam-me conselhos... muitos deles aceitava, outros não... e... e pronto... e... posso dizer que foi boa, foi uma adolescência boa.*

### **E lembra-se de quando se apercebeu do seu primeiro interesse sexual?**

*Lembro, lembro. É assim, eu tive... não relações sexuais, mas tive um relacionamento de três anos com um rapaz... que era meu vizinho... onze anos, onze, doze. Aquilo nem era nada, não é? Depois namorei seis meses com outro rapaz... e... e depois surgiu, pronto... um relacionamento com outra mulher. E desde aí, desde então... (ri), nunca mais virei com os homens.*

### **Como foi isso para si... perceber que gostava de mulheres?**

*Eu não tinha essa percepção, não é? Sempre namorei com rapazes, não é, na altura não tinha. Sabia o que era, óbvio. Nota-se, tudo se sabe. Mas... nunca tinha... mas nem me passaria pela cabeça que eu poderia ter alguma relação com uma mulher. Mas olhe, surgiu... surgiu um torneio... fui convocada para esse torneio... entretanto fiquei na casa dela... e pronto, surgiu. Aconteceu. E... aí houve envolvimento. Com os rapazes nunca houve.*

[...]

### **Contou a alguém na altura... acerca da sua orientação sexual?**

*Hum... para além das pessoas do futebol que treinavam comigo, que sabiam, não é? Apesar dela nunca querer que ninguém soubesse que ela era, ainda hoje, ainda hoje, nesse aspecto ela é muito reservada. As pessoas não são parvas, sabem que ela anda com A, B ou C, mas da boca dela nunca ninguém soube. Hum... contei. De família acho que não, que não... não são parvos, não é? A minha Mãe sempre desconfiou, porque não é normal, uma mulher ir lá todos os dias... hum... ligar e pronto. Agora... que me lembre inicialmente não contei a ninguém, as pessoas foram-se apercebendo, foram comentando... eu fui ouvindo os comentários. Se me perguntassem... confirmava, não tinha que mentir. Mas também não tinha a necessidade de divulgar aquilo...*

### **E a sua família...**

*Os meus pais desconfiavam e a minha Mãe após a morte do meu Pai confrontou-me.*

### **Como é que isso foi?**

*Perguntou-me o que é que eu tinha com a N. e... e eu disse-lhe “somos amigas”, e a minha Mãe não acreditou. E eu disse que gostava dela, e ela desde então pôs a N. de parte, nunca mais quis saber da N. E... a relação entre eu e a minha Mãe se já era fria, mais fria ficou... E pronto, desde aí, é desde aí que eu digo que... ela age comigo com cinismo, quando precisa de mim procura-me, quando não precisa manda pedras. E eu tenho que, e eu jogo com ela também à base do cinismo. Apesar de eu saber que ela é minha Mãe e gosta de mim, não é, e quer o meu bem. Mas às vezes é muito... ela é muito exagerada e... e cansa. Cansa muito. E posso agradecer-lhe a ela se calhar o facto de ter tido... não sei, o esgotamento, não sei. Por causa de estar desempregada, todos os dias me ligava se eu já tinha arranjado alguma coisa e muitas das vezes tinha de lhe dizer que tinha ido a uma entrevista para ela... acalmar um pouco.*

### **Então a reacção dela foi cortar com a N.**

*Cortar de vez.*

### **Isso deve ter sido difícil para si...**

*Foi. Para mim foi. [Interrupção]. Custou-me um bocado porque... porque ela quando precisava era a N. que ia com ela para todo o lado... Hum... quando foi o Funeral do meu Pai não quis ir com mais ninguém, quis ir comigo e com a N. Hum... e pronto, senti ali que... não... ela ficou muito cínica com ela.*

### **Até essa altura nunca tinham conversado sobre o assunto...**

*Não... nunca me tinha confrontado com nada. Sempre desconfiou, como é óbvio... mas nunca me confrontou com nada. E o meu Pai, o meu Pai não era pessoa de me confrontar. O meu Pai... se fosse eu que me chegasse ao pé dele e lhe dissesse que andava com a N. ele apoiava-me. Acredito que ele tivesse... que fosse homem para dizer “És feliz...”.*

### **Com os seus avós alguma vez falou sobre isso?**

*Não, não, não. Por uma questão de respeito. Porque é assim... a minha Avó adorava a N., adorava. Qualquer coisa a N. tinha que estar presente. Hum... nunca... nunca, pronto, em relação aos meus avós sempre a trataram... lindamente, nós íamos lá à quinta, punham mesa com tudo e mais alguma coisa para nós lancharmos, pá, uma coisa incrível. Ainda hoje a minha Tia... a irmã da minha Avó que faleceu, pergunta sempre por ela, como é que ela está, se está tudo bem. Mas por uma questão de respeito, a idade também é outra, não vale a pena estar a comentar. A minha Mãe só soube da minha boca porque me confrontou. E... e... e é o que eu costumo dizer, se a minha Mãe sabe... estou-me a borrifar para os outros. Se a pessoa teoricamente mais importante para mim já sabe... estou-me a borrifar o que é que aquele pode pensar de mim, o que é que esta pode pensar de mim, o que é que os outros podem pensar.*

### **Eu há pouco não perguntei, mas... os seus pais ainda estavam casados?**

*Sim, sim, sim. Os meus pais... iam fazer trinta... chegaram a fazer trinta e... cinco ou trinta e seis anos de casados.*

### **Como era a relação entre eles?**

*É assim... eles sempre chocaram... muito um com o outro. A minha Mãe sempre teve uma personalidade muito forte... hum... eu quero, posso e mando. O dinheiro, tu recebes e eu é que controlo. O meu Pai não podia comprar nada extra que ela já lhe partia a cabeça... Ela é que dominava... pronto, sentia-se a... a poderosa. E... chocavam muito, chocavam... E agora para o fim, hum... ainda chovavam mais. Ele não se privava de... de lhe chamar tudo e mais alguma coisa à frente de quem quer que fosse. Passava-se... dantes ainda tolerava, ainda aguentava, agora para o fim já não aguentava, pronto. E... e ela também provocava... provocava um bocadinho essas situações. Porque ela em vez de se calar... pica. E depois ouve o que quer e o que não quer. Mas sempre... sempre os vi às... às turras um... uns com os outros.*

### **É isso que recorda...**

*É. Por isso é que eu sou assim.*

### **Assim como?**

*Fria. Hum... gosto muito de fazer as coisas por mim. Não gosto muito de ouvir o conselho dele, dela, porque... porque ela é como é. E ela às vezes quer mais... ela não tem noção do que é que a vida está cá fora. Por isso só se preocupa é que está doente, não tem condições para estar a trabalhar... (...) Eu tenho que arranjar um ou dois part-times, ou seja, eu não posso dormir, eu tenho que trabalhar, para não lhe pedir dinheiro. Pronto, para ver o estilo. E eles sempre... pronto, nunca tiveram uma... desde que eu me lembro, nunca tiveram uma relação muito... saudável. Aguentaram o casamento. Tanto que a minha Mãe no ano em que o meu Pai faleceu, no Natal... ela contou-nos que ele... andava a depenicar de fora, pronto, ela tinha conhecimento, a minha Mãe tinha conhecimento... mas nunca fez nada, pronto. Acomodou-se à situação. Chateavam-se muitas vezes, chegavam a estar meses sem falar.*

### **O que é que a G. sentiu... quando a sua Mãe contou isso?**

*(...) Não me admirei... porque acredito que o meu Pai já estivesse um bocadinho farto também. Mas, por um lado, fiquei chocado, porque... é meu Pai, não é? E ter outra mulher... ainda para mais a minha Mãe sabendo, porque ela ligava lá para casa e a minha Mãe é que atendia o telefone e ela desligava-lhe o telefone na cara... achei que foi uma falta de respeito, perante a minha Mãe... não foi correcto. Não gostava, não queria... divorciava-se. Era preferível. Hum... não gostei da atitude. Mas pronto, não posso condenar, porque também sei o que é que está lá em casa, não é?*

### **Mas como é que os descreveria... como pessoas?**

*O meu Pai era... era como eu. Simpático, brincalhão... extrovertido... amigo do amigo. Ele despia a blusa dele para dar ao amigo... se fosse preciso. É... tem o meu feitio... daí nós chocarmos. A minha Mãe era uma pessoa mais... (...) mais fria... não sei... não sei... porque, lá está, a minha Mãe também não tinha... o que eu sinto em relação ao meu irmão... que o meu irmão era o menino querido... a minha Mãe sentia em relação... aos pais. O meu Tio era o menino querido, o meu Tio era a coqueluche e ela era a... renegada. E se calhar... não... não soube demonstrar ou não soube dar aos filhos... a melhor... (...) não querendo fazê-lo se calhar puxou mais para ele. Neste momento o filho... levanta-lhe a mão... e a filha é que anda para trás e para a frente com ela e a filha é que é a porca, é que é a... a tudo e mais alguma coisa.*

### **A sua Mãe chama-a de porca...**

*Chamou ao início. (...) Desrespeitou-me um bocado. A mim e principalmente à N. Não... pronto, não gostava da maneira como ela a tratava. Agora... os meus pais chocavam... chocavam muito. O meu Pai era uma pessoa como eu... e a minha Mãe era uma pessoa... calculista, hum... poderosa, eu quero, posso e mando, eu é que controlo, eu é que mando. Tentava... dominar um pouco a casa. E chovava muito com o meu Pai por causa disso.*

*Porque ele tinha o feitio dele... ela tinha o feitio dela... e tem... e aquilo havia brigas de sete e meio. Porque ela é uma pessoa muito... ainda hoje é...*

**Então e agora... fale-me um bocadinho da sua vida amorosa...**

*[...] Pronto, entretanto conheci a N. e já lá vão doze anos.*

**Como é que se conheceram?**

*Hum, nós já nos conhecíamos do Futebol. E sempre... sempre gostei muito da N. Não só como adversária... mas como pessoa, hum... dava-me a entender que era uma pessoa também muito brincalhona, muito bem-disposta, muito amiga do amigo... Só que ela tinha uma relação, com a S., e nesse aspecto eu sempre fui uma pessoa de... eu não quero que se metam no meio de uma relação minha, também não me vou meter no meio de uma relação de outra pessoa. Não deixava de não lhe falar... falava-lhe sempre.*

**Mas já estava interessada nela?**

*Ao início não, ao início não. Mas depois comecei... como nós tínhamos muitos jogos, não só torneios, como... começou a haver aquela coisa de a querer conhecer melhor. Mas sempre dentro do respeito, porque nunca me meti no meio da relação. Uma curiosidade. Tanto que ela teve com outra rapariga também onze anos. Hum... mas... nunca me meti. A outra rapariga tinha ciúmes... meus... ela vem-te sempre cumprimentar e não sei quê... mas eu nunca... nunca me privei disso, porque... não só a conhecia... não posso dizer que tinha aquele interesse por ela... tinha aquela curiosidade... de a conhecer melhor. Não ia deixar de lhe falar, só porque a outra, a companheira não gostava de mim, não é... Agora... eu já a conhecia do Futebol e depois... entretanto ela acabou com a S. ... ela foi à Discoteca com as... as jogadoras da equipe dela... E eu fui à Discoteca com as jogadoras da minha equipe... e foi lá que a gente começou. Mas já nos conhecíamos... já conheço a N. há mais de vinte anos.*

**E como é que ela é?**

*É Gémeos.*

**E o que é que isso significa?**

*O que é que isso significa? Não é dupla personalidade... é... ela tem mudanças de humor... tão depressa está bem-disposta, que é brincalhona... e ri e chora e tudo e mais alguma coisa... manda tudo para o ar. Vai... andando... que eu já te apanho... Não lhe digam nada que ela... passa-se. E... e descarrega, principalmente em cima das pessoas que gosta. Eu, a Mãe, a Prima. E então... é uma pessoa muito brincalhona também... muito divertida e... (...) deixa... é... deixa que a pisem... muito... não vê maldade em nada e eu às vezes tento-lhe*

abrir os olhos “Cuidado...”. Ela era uma pessoa muito... ela não deixava que, que, que... “Fizeste-me isso, agora vou-te fazer pior.”. Agora não, “Fazes-me isto, então podes-me continuar a fazer que eu deixo”. Hum... É feíto dela e... e não consigo mudar. Não... nem vou mudar, porque não vale a pena.

### **E como é a vossa relação...?**

Tem... tem havido altos e baixos, não é, como é óbvio. Já nos chateámos várias vezes... ela já esteve... para se ir embora uma vez ou outra... E... e... é pá, por... por porcarias, por ciúmes... por ciúmes.

### **Ciúmes...**

Dela comigo. Porque é assim... e de eu com ela, atenção. Porque eu ao início era uma pessoa muito possessiva. Não queria que ela... estivesse com ninguém e... e... pronto e... e haviam pessoas que sabiam que eu era assim... uma pessoa possessiva... e ainda me picavam mais. E eu, parva, caía na esparrela, em vez de ignorar. Estatelava-me ao comprido e... tivemos já por... ao início... uma ou duas vezes... foi muito complicado, e depois é assim, ela ao início ainda gostava da outra... e chorava ao meu ombro pela outra... foi... foi... foi complicado, porque até aos primeiros seis, sete meses andei sempre naquela... com a tal de precaução... Ela vai-me deixar a qualquer momento, porque a outra basta estalar os dedos e ela vai-se embora. Mas depois felizmente ela... caiu em si e viu que a outra realmente tinha sido passado. E foi quando ela se conseguiu entregar a cem por cento, hum... (...) É isso, basicamente.

### **Mas hoje em dia... como é a vossa relação?**

Acaba por ser já uma relação monótona... não é? Já estamos um pouco acomodadas uma à outra, hum... Mas... temos os nossos altos e baixos na mesma. Mas estamos bem, neste momento estamos bem. Estamos bem...

### **Glória, o que é para si o amor... como definiria o amor?**

(...) O que é que é para mim o amor? (...) Sabe que a N. faz-me essa pergunta... E eu... nunca lhe sei responder... o que é o amor. E... vou-lhe dizer o mesmo: não sei o que é o amor. Porquê? Porque eu... dos meus pais nunca vi isso... e se calhar a minha maneira de demonstrar o meu amor à N., neste caso, a pessoa que está comigo não é a mais adequada. Ela tenta-me fazer ver que o amor é de outra maneira. E eu como sempre vi o amor de outra maneira... não é... hum... brigas, confusões, dos meus pais, etc., hum... se eu lhe disser que... é pá, é óbvio que o amor é o carinho, a entrega... a amizade entre um casal, independentemente de ser gay ou não... respeito, sinceridade... Para mim isso é o amor, não é? Tirando o acto. Isso é o colmatar de tudo e... isso para mim é o amor. Mas o demonstrar o amor se calhar não o faço da melhor maneira.

### **Porque é que acha que não o faz da melhor maneira?**

*Porque... sou uma pessoa muito fria... e... nunca soube o que era o amor, porque nunca vi isso... em casa, percebe? E... para mim eu transmito às outras pessoas o que vi em casa. Não deve ser assim, que eu tenho que ver por outro prisma, não é?*

### **E porque é que acha que a N. lhe faz essa pergunta?**

*É pá, porque ela diz que eu não lhe dou atenção, mas isso também... também vai um pouco de ciúme da parte dela. Tem mais importância, por exemplo, o gato tem mais importância para mim do que ela... Que... que... passa-se dias – mentira – que eu não lhe dou um beijo. Hum... e então... se calhar é a minha maneira de ser. Não sou uma pessoa muito de andar aos beijos e aos abraços e... e... é nesse sentido que ela diz que isso não é o amor.*

### **A Glória terá a sua forma de amar...**

*Exacto. E eu respeito... Ao início não lhe dava liberdade para nada... confesso, admito. E... chateámo-nos uma vez e foi complicado por causa disso, por causa do meu feitio. Eu mudei bastante o meu feitio... tive que o fazer não só por mim... mas por ela. E... eu era uma pessoa muito: “Tu és minha, não és de mais ninguém. Não sais com ninguém, porque podem... podem... podes ir para outras pessoas e eu não te quero perder.”, e então era muito assim. E... e... e ela faz-me ver que o amor realmente é... pronto, tem que haver, há cumplicidade, há amizade, não há... traições... há confiança a cem por cento de ambas as partes. Mas se calhar não demonstro... não demonstro... o meu carinho, a minha afectividade da melhor maneira, apesar de gostar muito dela... e apesar de não a querer perder. E ter medo de a perder. Gostaria de mudar nesse sentido... gostaria de mudar nesse sentido... Hum... mas... se não o fiz até agora, dificilmente o irei conseguir fazer. Se é de mim... porque se o tentasse fazer agora iria estar a ser cínica. Iria estar a provocar uma situação... a forçar uma coisa. Pronto, vou tentando demonstrar de outras maneiras... tentando contornar... a situação de outra maneira. Mas se calhar às vezes não é a melhor maneira de a tentar contornar, mas olhe... é o que se pode arranjar (ri).*

### **G., há alguns homossexuais que falam num sentimento de isolamento... já alguma vez sentiu isso, em relação a alguma fase da sua vida?**

*Senti. Às vezes sinto necessidade de estar sozinha. Preciso mesmo de estar sozinha. Preciso, às vezes preciso.*

### **Mas já se sentiu alguma vez isolada... no sentido de...**

*Não, não, não, não, não. É assim, eu tenho consciência que... a nossa sociedade é muito... retrógrada nesse sentido e... se bem que agora, pronto, a juventude já vai aceitando melhor, né? As coisas estão a mudar. Mas até mudarem completamente ainda há muito passo a dar... e é assim temos que respeitar quem aceita e quem não*

*aceita. Temos de saber viver em sociedade, não é? Tento fazer isso. Não tenho que andar a divulgar a minha vida a ninguém... não tenho que andar a bradar aos céus aquilo que sou, hum... as pessoas, se me perguntarem, não vou ter problemas em confirmar... Aceitam, aceitam, não aceitam... paciência. Hum... mas não... não, não me preocupa muito. Não me preocupa muito, hum... o que a sociedade pode pensar. Nunca, nunca... a N. já não é assim. A N. já não é assim, já gosta mais de... que não lhe perguntem... que é para ela não responder. Não... nada de... chamar à atenção. Detesta chamar à atenção. Eu se for preciso já dou barraca em qualquer lado para... mas não sou pessoa de andar a divulgar aquilo que sou. Mas também não me privo de ir com ela a qualquer lado... beijos, não, lá está, respeito pela sociedade. Mãos dadas também não, respeito à sociedade. Mas não me privo de ir com ela a qualquer lado! Quando ela me diz: “Olha, aquelas estão a olhar para a gente.” “E? (...) Estão-te a comer algum bocado, não? Então pronto!”. Eu não me preocupo com isso. Ela já se preocupa com isso.*

[...]

### **Glória – Segunda Entrevista**

**E: Glória... queria começar por lhe perguntar... qual foi o período mais feliz e o menos feliz ao longo da sua vida?**

*G: O período mais feliz que eu tive foi... foi a minha infância, sem dúvida, porque tinha os meus avós, tinha... tinha tudo, ao fim ao cabo. O mais infeliz... foi desde o momento em que comecei a perder as pessoas que eu mais gostava... o meu Avó, a minha Avó, o meu Pai. Foram os momentos mais... mais infelizes para mim. Comecei a perder um pouco do sentido da vida, de... a desinteressar-me de certas e determinadas coisas, certas épocas como o Natal para mim deixou de fazer sentido... já não... já não ligava, sempre liguei muito ao Natal, porque a minha Avó era uma pessoa muito ligada ao Natal. Mas desde o momento em que ela faleceu, precisamente no dia 24 de Dezembro, para mim... pronto. Mas foram, foram... a minha infância, sem dúvida, foi a melhor parte e... e os objectivos que eu criava... ia sempre conseguindo concretizá-los.*

**Que objectivos eram esses?**

*É assim, é óbvio que quando nós somos pequenos é, temos aqueles sonhos, não é, quero ser isto, quero ser aquilo, quero ser o outro, mas desde o momento em que eu disse “Quero ser Militar”... e consegui... para mim foi um... o maior sonho concretizado.*

[...]

**Então e... a propósito até, já falámos um bocadinho sobre isso e já sei que foi um período feliz para si... mas como foi a sua infância, como é que a Glória era em criança?**

*Eu era o que sou hoje. Era uma pessoa alegre, divertida, brincalhona... E, pronto, era a menina da Avó e do Avó. E sempre me senti bem... pronto, tirando o, sempre tive tudo e sempre muito mimada... era a menina querida.*

### **E a adolescência... quando o corpo começou a mudar... como foi isso para si?**

*Sempre aceitei muito bem, sempre aceitei. Nunca tive muitos problemas com isso, não... nunca liguei muito àquilo que os outros pudessem dizer e falar e tudo o mais, porque sempre fui uma Maria-Rapaz, eu queria era brincar e estava-me a borriçar para o que os outros pensassem ou não. Pronto, a minha Mãe é que não gostava muito (ri), “Tu és uma Maria-Rapaz e não sei quê, o teu irmão está em casa, aqui ao pé de mim, e tu andas sempre na rua!”. As pessoas são diferentes, pronto. Mas sempre fui muito brincalhona... sempre... nunca liguei muito àquilo que as outras pessoas podiam dizer ou pensar. Sempre passei um bocadinho ao lado disso. Desde o momento em que fui para a Tropa, pronto, ainda mais o meu... a minha personalidade se venceu. Eu com doze, treze anos, vá, catorze, já tinha o corpo que tenho agora. Pronto, mas nunca me senti... inferior a nada, nunca senti que alguém pudesse ter alguma... algum impacto em relação a isso, nunca.*

### **A sua Mãe reagia ao facto de ser Maria-Rapaz... E o seu Pai?**

*Ah, não ligava. Deixa, deixa-a viver. Ele queria era que eu... estivesse bem. Não, não... Pronto, nunca me disse “Não faças isso, porque não sei quê!”, isso era mais da minha Mãe. Ainda hoje. Mas não. O meu Pai não teve... nunca tive problemas em relação a isso.*

### **Ao longo da sua vida quem foram... ou são... as pessoas mais significativas para si ou que a marcaram mais?**

*Os meus avós... para mim foram muito importantes... no meu crescimento. E com, com o feitio que tinham os meus pais, não é? Ao fim ao cabo essas quatro pessoas... para mim foram, foram, pronto, a minha Mãe neste momento com o feitio que ela tem, mas continua a ser minha Mãe, não é, tenho que... tenho que respeitar isso... Mas... foram os meus avós, sem dúvida... maternos e... e o meu Pai que já não está cá. Foram pessoas importantes na minha vida... na minha adolescência, no meu dia-a-dia... e... pronto, não me vou referir a primos, tias e tios, porque não... não... fazem parte da família, mas nunca estavam comigo a cem por cento... portanto essas quatro pessoas foram, e neste momento a minha Mãe... são as pessoas que me marcam mais. É assim... nós temos amigos, não é? Mas eu posso contar pelas mãos os amigos que tenho. Eu tenho conhecidos. Tenho amigos dos copos, tenho amigos de trabalho, tenho amigos... mas tenho poucos amigos que eu diga estão ali para mim, um dia que eu possa eu estou sempre. Mas... não considero pessoas do exterior que sejam mais importantes e acho que ninguém deveria fazer isso. Mas tenho amigos que são importantes na minha vida, é óbvio, mas nada substitui a minha família. Nunca me identifiquei com ninguém exterior, nem me identifico com muita*

*gente da minha família. Cada um tem a sua personalidade, não é, eu tenho a minha e... e cada vez mais está mais vincada e... e não penso pelos outros, penso por mim. Mas... os meus avós, pronto e a minha Mãe o meu Pai foram as pessoas que mais me marcaram.*

### **Gostava que me falasse um bocadinho mais dos seus pais... como é que eles são?**

*É assim, a minha Mãe é uma pessoa muito possessiva... é muito autoritária, é muito... negativa, posso considerá-la um pouco negativa. Hum... talvez por ser muito possessiva, querer que tudo de bom aconteça e... o meu Pai era uma pessoa mais, como eu, mais pacata, mais... deixem-me estar no meu canto que eu não faço mal a ninguém... era muito comunicativo, era muito brincalhão também, pronto, o meu Pai era... eu era o meu Pai, pronto.*

### **Quando refere que a sua Mãe era muito possessiva... a que é que se refere?**

*A tudo. A tudo. Trabalho, dinheiros... tudo. Tudo. Principalmente aos filhos.*

### **Em que é que isso se...**

*Eu sinto, porque... porque... desde que o meu Pai, principalmente desde que o meu Pai faleceu, hum... o meu irmão está lá em casa com ela e eu tenho a minha, não é... e... o meu irmão não faz nada e eu é que sou a... a salvaguarda dela. Mas nunca faço nada de jeito... para ela nunca faço nada de jeito. Ou faço sempre as coisas de má vontade... ou, pronto e... é muito injusto. É muito. Ainda a semana passada fui lá abaixo com ela depois de uma noite de trabalho... e, pronto, só não a deixei sozinha lá em baixo porque... porque... Porque foi a vontade que me deu, à frente de qualquer pessoa ela rebaixa-me, não, não...*

### **Porque é que acha que ela faz isso consigo?**

*Não sei. Ela fazia isso com o meu Pai. E... daí eles não se darem muito bem. E se calhar como eu sou muita parecida com o meu Pai a nível de feitio e a nível de tudo ela tenta fazer o mesmo comigo.*

### **E como é que o seu Pai reagia quando isso acontecia?**

*Eles chateavam-se muitas vezes, ficavam muitas vezes chateados e... pronto ele... ao início lembro-me de ele levantar-lhe a mão umas quantas vezes... não gostava, pronto. Acho que por mais mal que um casal se dê nunca... nunca deve chegar a esse ponto. Mas... chateavam-se muitas vezes e ele... ou ia ter com os amigos, ou... pronto. Mas quando se chateava chateava-se mesmo a sério. Ele também tinha a personalidade dele... mas a dela é mais complicada.*

### **Como é que isso era para si... esses episódios?**

*Se calhar por isso é que eu às vezes sou um bocado revoltada... porque... pronto, não gostava e sentia-me mal. Eram meus pais e... é óbvio que nunca gosto de ver um Pai bater numa Mãe... ou vice-versa. Por mais mal que um ou outro possa fazer, acho que a violência é o último acto que se pode ter no... num relacionamento. O último e o único, porque quando chega à violência, esquece. Nunca gostei muito, pronto, é óbvio que nunca gostei, mas sempre tentei meter-me à parte para não... apanhava sempre por tabela, mas nunca... tentava-me abstrair um bocado.*

### **De que forma é que apanhava por tabela?**

*Ab, porque a minha Mãe depois descarregava logo em cima de mim, que eu não fazia nada, que era isto, que era aquilo! E tentava-me abstrair.*

**Eu depois da nossa primeira conversa fiquei a pensar naquela questão, que a G. me falou, de a sua Mãe a ter confrontado sobre a sua orientação sexual apenas após a morte do seu Pai. Não sei se a G. alguma vez pensou sobre isso...**

*Não, sinceramente não e... pensar, pensar, pensei, não é? Se ela já desconfiava, porque é que nunca me confrontou? Não sei, não faço a mínima ideia. Ela chegou-me a dizer que tinha comentado às vezes com o meu Pai e que o meu Pai que dizia... que ela é uma porca e não sei quê! Mas é assim, eu não estou a ver o meu Pai... fazer isso. Ele não está cá para o comprovar e eu não sei dizer "Tens razão, ele dizia isso", não é? Agora... se... se ela já desconfiava... não sei porque é que não me confrontou antes. Da mesma maneira que eu lhe disse após a morte do meu Pai... é assim, não sei, sinceramente não sei. Também fiquei surpreendida por ela me ter perguntado, porque já o podia ter feito e... e logo na altura que foi. E depois pedir-me pela memória do meu Pai para eu largar a N.*

### **Ela pediu-lhe isso.**

*Pediu e eu... claro que não o fiz, não é? Nunca o iria fazer... por memória dele, nem por memória de ninguém, nem por nada. Porque ele não está cá... para dizer se aceita ou se não aceita... Por isso não... não o vou julgar nesse sentido. Prefiro acreditar que ele aceitava. Nunca tinha pensado, sinceramente, o porquê de ela ter feito essa questão só depois do falecimento do meu Pai, não sei, não... Se calhar, porque... não sei, penso eu... se ele estivesse cá poderia dar-me apoio e ela sentiria-se sozinha e quando... ele já não estando cá... eu sou mais poderosa, eu vou dizer o que quiser, porque ele já não está cá para confirmar.*

[...]

**Queria que me falasse um pouco mais da sua relação com a N. Como é que se dão... essas coisas...**

*É assim, como todos os casais... não é... temos as nossas brigas... coisas que não... que não... que são fáceis de ultrapassar, porque falamos bastante, hum... conversamos... mais ela comigo do que eu com ela, porque eu sou, nesse sentido sou uma pessoa mais reservada, mas... não, damo-nos bem e o nosso dia-a-dia é o normal... de um casal... penso eu. Agora nem tanto que ela quando chega eu estou a dormir (ri), só nos vemos mesmo à noite, mas... tirando isso, não... estou bem, estamos bem.*

**Como é isso de só se verem à noite?**

*É pá, é assim, ela tem aceitado bem. Tem a ver com o meu trabalho. Porque eu trabalho de noite, entre à uma da manhã, saio às oito e ela como está a trabalhar durante o dia, eu quando chego de manhã tento descansar um bocado e ela... prefere não me acordar, porque depois pega novamente à noite e então... só me chama para jantar. É o bocadinho depois que estou com ela. (...) Mas de resto é... é uma relação saudável... com altos e baixos, como é normal.*

**Como é que tem evoluído a vossa relação... desde o princípio...**

*Noto diferença. Noto diferença, porque ao início, apesar de já a conhecer há muitos anos... ao início tive que a conquistar. Ela tinha vindo de uma relação... também de muitos anos e... ainda estava tudo muito aceso, não é, na memória dela. Tive que a conquistar aos poucos nesse sentido, mas pronto, tem, tem, tem, é normal que neste momento haja já um... um comodismo... mas acho que isso já é normal numa relação. Mas ao início foi complicado... porque tive que lutar contra ela e contra a outra.*

**Como é que isso foi?**

*Para mim foi complicado. Porque ela chorou muitas vezes no meu ombro pela outra. E tive que engolir muito sapo, aguentar muita coisa, porque estava sujeita a que a outra estalasse os dedos e que a N. se fosse embora.*

**E como é que geriu isso?**

*Olhe, joguei muito à retaguarda, com muita calma. Eu era uma pessoa muito possessiva, não vás para aqui porque alguém te pode ligar e tu já não voltas, não vás para aqui, porque. Isso gerava muitas discussões entre nós... tive que acalmar bastante nesse sentido, hum... mas, pronto, é óbvio que ao início não estava muito segura, não é. Porque a qualquer momento podia... podia perdê-la.*

**Ela ainda estava ligada a outra pessoa.**

*Também foram onze anos, não é. Foram onze anos. E... também foi complicado. Hum... pronto, é assim, não conhecia bem a N. nesse sentido, não é, não sabia até que ponto é que... ela podia voltar ou não para a outra, tendo havido traição da parte da outra... Não sei, a gente nunca sabe o que é que vai na cabeça das outras pessoas, não é. E não a conhecia bem nesse sentido para dizer “Não, podes ir que ninguém te leva de mim”. Pronto, é óbvio que, sim, sentia a minha insegurança. Não estava a cem por cento.*

### **Depois as coisas foram mudando...**

*Foram, foi melhorando. Depois da operação dela foi melhorando. Partiu o pé a jogar à bola.*

### **E qual é a relação entre ela ter sido operada e as coisas melhorarem...?**

*É... segunda ela... dantes se acontecia alguma coisa pensava logo na outra. E nesse momento em que foi operada... pensou em mim. Foi quando ela disse que “Podes estar descansada, que a outra já não me diz nada.” Foi a partir daí que eu comecei a acalmar e... e a tentar... Só a partir daí é que eu comecei a... a meter os pés mais paralelos um ao outro e disse “Podes ter o outro mais paralelo, não vale a pena”.*

### **Isso aconteceu mais ou menos quanto tempo depois de terem começado a relação?**

*Seis, sete meses. Começámos a andar em Janeiro, ela partiu o pé em Junho, mais ou menos seis, sete meses. Se calhar por ela ter sido tão sincera e de me dizer sempre que ainda gostava muito da outra... não sabia até que ponto é que se a outra dissesse alguma coisa ela não voltava... é assim... de tão sincera que ela era... se calhar... Quando nós começámos a relação foi sempre uma coisa que pedimos uma à outra, sinceridade, honestidade, fidelidade. Andar com alguém por pena, não ando. Não gosto, não gosto, acabou. Hum... Traição também não, também não gosto. Como eu não sou assim, também não gosto que sejam comigo. E... sempre foi uma coisa que pedimos uma à outra... desde o início da relação.*

[...]

### **Raquel – Primeira Entrevista**

**E: Vou começar por lhe pedir que me fale um bocadinho de si... Como é que é como pessoa?**

*R: Como pessoa... Sou extrovertida, sou amiga do meu amigo, sou honesta, sou sociável, sou comunicativa. Hum... sou organizada, mas não sou metódica. Hum... quando tenho que me chatear também me chateio, pronto. Tenho o sangue quente. Pronto, acho que as características gerais estão lá.*

### **Como é isso de ser organizada, mas não ser metódica?**

*Sou organizada, porque não gosto da confusão total. Mas não sou metódica ao ponto de pôr as meias por cores, como há pessoas que fazem isso. A R. faz, se for preciso. Mas não vivo no meio da confusão, isso não consigo.*

### **Como é que recorda a sua vida?**

*Sei lá! Altos e baixos, fases boas, fases menos boas. Sei lá... hum... tenho uma família pequena. Não tenho muitos amigos. Tenho a minha Mãe e... já não tenho o meu Pai. E... e pronto. E tenho a R.*

### **Fale-me da sua família...**

*Os meus pais, então a minha Mãe trabalhou [...], um sítio muito complicado, e quando rebentou aquela confusão entretanto a minha Mãe conseguiu-se reformar, foi o melhor que ela, pronto, foi um timing até bom. O meu Pai era Professor... entretanto teve uma doença grave. Escondeu as feridas nos pés e... e apanhou septicémia, que é... a infecção geral do organismo e já não conseguiu-se salvar.*

### **O seu Pai não contou a ninguém, na altura...**

*Não. Escondia as feridas das pernas. E dos pés.*

### **Porque é que acha que ele fez isso?**

*Porque o meu Pai era um génio incompreendido. Era igual ao Fernando Pessoa. São pessoas que não podem estar neste mundo. Muito menos neste país. Talvez noutra país ele conseguisse viver. Aqui não. Era muito à frente no seu tempo.*

### **Porque é que diz isso?**

*Porque sei. Porque sei, ele também dizia, não escondia.*

### **Como é que era o seu Pai?**

*Era um artista! Pintava, tocava piano e escrevia, lindamente.*

### **E como é que era a sua relação com ele?**

*Via-o como um amigo, além de Pai. Com a minha Mãe, a minha Mãe é uma pessoa mais... certinha, mais betinha, mais... terra a terra. É carneiro, é mais terra a terra. O meu Pai era Gémeos. Gémeos é tudo no ar. Mas sempre fui mais cbegada ao meu Pai que à minha Mãe... E a minha Mãe, agora, desde que o meu Pai faleceu, ficámos mais amigas.*

### **E a relação entre os seus pais...**

*Entre eles? Davam-se bem, no geral. Uma discussãozinha ou outra, como todos os casais. Mas davam-se bem.*

### **Davam-se bem...**

*Sim.*

### **Raquel, e a sua infância...**

*A minha infância foi muito privilegiada, porque era filha única e neta única. Da parte da Avó paterna. Pronto, em relação aos meus avós maternos, como eram do Norte e da Aldeia e do mundo rural tinha muito pouco convívio.*

### **Via-os pouco.**

*Via pouco. Nem quase todos os Verões íamos. Íamos para aí uma semana de dois em dois anos. Pronto, também achava muita piada, gostava muito do meu Avô materno. Porque ele além de ser rural era um homem mais à frente no seu tempo. Era Presidente de Junta, toda a gente o respeitava, toda a gente o conhecia. Era um homem muito humano, deu sopa às pessoas na Guerra Mundial e antes de emigrarem para as França e para as Alemanhas. E se eu dissesse que era neta do meu Avô ali não pagava um tostão em lado nenhum. Quase que me batiam. E ofereciam-me chocolates e... nem podíamos andar na rua! O ideal era nem andar na rua, senão levávamos com os emigrantes todos a toda a hora. A minha Avó não me dizia nada. Era uma mulher tacanha, não sabia ler e escrever e não me dizia nada. A minha Avó paterna, que era lisboeta, e... e era licenciada, tinha um bom emprego no Ministério e tinha algum nível de vida. O meu Avô paterno também morreu cedo, ela ficou viúva cedo, ainda o cheguei a conhecer, mas morreu quando eu tinha para aí seis. Mas pronto, também era um homem mais frio, também não tinha assim ligação, não me lembro bem. Agora a minha Avó paterna era uma pessoa espetacular. Levava-me para todo o lado.*

[...]

### **Passava muito tempo com ela...?**

*Passava. Eu almoçava todos os dias com ela. Quando entrei no Ciclo, depois, almoçava sempre na minha Avó, não almoçava na escola. A partir do Ciclo.*

### **Então a sua infância...**

*Eu era uma privilegiada, eu tinha tudo! Era boa aluna. Gostava de desporto. Andei no Judo, andei na flauta, andei no piano. Mais... Podia ter acesso a actividades extracurriculares, porque os meus pais só tinham uma filha e era, e também a minha Avó, eu era neta única, a minha Avó só tinha um filho.*

### **E em relação à adolescência... como é que foi?**

*Pronto, depois aos doze entrei na adolescência parva. Andei uma fase que era tudo preto, era toda vanguarda, crachás e toda de preto. Mas foi só um ano, depois passou-me... a maluqueira. Era... era muito amiga do desporto. Entretanto comecei a jogar ténis aos dez. Fui federada, para aí aos... catorze já era federada. Não fazia muitos campeonatos, porque não havia aqui muito nesta zona. E... era também jogadora de Vólei da selecção da escola. Chegámos a ganhar os Distritais, a minha escola ganhou. Também gostava muito. Era uma aluna normal... se... o Ciclo ainda era boa aluna, era quase tudo cinco. Mas o Secundário, pronto, coincidiu com a mudança de idade... e era uma escola muito grande, era uma escola muito complicada, havia de tudo, havia droga, havia tudo, era tudo às claras... e eu choquei-me. E não gostava da maior parte dos Professores e certas disciplinas não me diziam nada. Só gostava mesmo de, da área de Humanidades. Só História, Português, Geografia e... e por aí, Inglês, Línguas. Pronto, eu não gostava daquela escola, mas tentava viver dentro do que tinha. Porque eu estive num Colégio até à quarta classe, depois é que fui para a, para a oficial, no ciclo. Mas não gostava dessa escola secundária muito. Tinha muito mau ambiente, gente muito baixa. Pronto, havia gente do meu nível, tentava-me dar também mais intimamente com gente do meu nível. Mas era muito popular! Falava com toda a gente da escola, do mais rico ao mais pobre, de brancos a pretos. Era muito popular. E como fazia parte também da Selecção era uma figura da escola, portanto era uma figura conhecida.*

[...]

### **Raquel e quando é que se apercebeu... pela primeira vez de um interesse sexual?**

*É assim, namoricos de brincadeira logo no Ciclo, de brincadeira. Mas a minha orientação sexual eu só comecei a perceber... quinze, dezasseis anos. Sim, comecei a perceber. Mas eu pensava que era normal, ter atracção pelo sexo oposto... não pensei que era mesmo... o que vim a ser, não é?*

### **Querida dizer ter atracção pelo mesmo sexo...**

*Sim, sim, sim. Mas pronto, na altura não me apercebi, pronto pensava que era normal! Sonhar com raparigas... ou ter vontade de agarrá-las... não... pronto, pensava que era normal, que éramos todos bissexuais, nessa linha. Depois aos dezoito, dezanove comecei a perceber que não era.*

### **Começou a perceber o quê?**

*Não! Que não era normal a atracção, tinha uma explicação. Eu não gostava era de homens, pronto, gostava era de mulheres. Não podia comparar uma coisa que era... um amendoim com um bife do lombo do melhor que há.*

### **E como é que foi... perceber isso?**

*Foi complicado, foi muito complicado. Muito complicado. Muito. Não disse a ninguém, guardava para mim e metia para mim e foi muito mau... porque metia para mim. Não desabafei durante muito tempo.*

### **Durante quanto tempo?**

*Eu fiquei sem desabafar... para aí dois anos.*

### **Que idade tinha na altura?**

*Entre aí os... dezoito. Dezoito, dezanove e meio. Para aí um ano e meio. Depois comecei a ir contando, à minha melhor amiga... em casa... pronto.*

### **Contou em casa...**

*Sim, sim, contei em casa.*

### **Como foi a reacção dos seus pais?**

*A da meu Pai foi boa, a da minha Mãe não. (...) A do meu Pai foi boa. Disse-me na altura que interessava era ser feliz, só tinha pena, porque estava a ver que não ia ficar com netos, pronto. Mas a minha Mãe não reagiu bem. Pensou que era uma fase, que eu estava confusa e levou-me ao psicólogo. Mas eu não precisava do psicólogo. Entretanto apanhei uma depressão.*

### **Apanhou uma depressão... nessa altura.**

*Apanhei. Apanhei, porque juntamente com isso meti-me no Curso que a minha Mãe queria que eu fosse. [...] ela queria que eu tirasse Direito. E eu até tinha tido uma cadeira de Direito no 10º ano e até tinha corrido bem. Mas eu não gostei do Curso, nem do ambiente. Não gostei. Mas fiz o 12º ano em Lisboa, já. Que eu detestava aquela escola e consegui fugir no 12º para Lisboa.*

### **Esteve um ano no Curso de Direito.**

*Não. Só fiz até ao 1º Semestre. Depois enchi-me de coragem, disse que já não ia mais, que não era isso que queria, que para o ano tinha que pensar noutra Curso. E entretanto já estava com uma depressão, também já não conseguia estudar fosse o que fosse (ri).*

### **Como foi essa depressão?**

*Foi um bocado cavada. Um bocado cavada, eu não saía. Isolava-me, os meus amigos tocavam-me à campainha ou rede fixa, nessa altura não havia telemóveis, e eu dizia sempre para os meus pais: “Não estou. Qualquer coisa, não estou.”.*

### **Isolou-se...**

*Isolei-me. Isolei-me totalmente. Para me encontrar a mim própria.*

### **Para se encontrar a si própria...**

*Sim, sim. Consegui-me encontrar a mim própria. Pronto, mas não desejo a ninguém. Uma depressão, não desejo a ninguém. É muitíssimo mau, a pessoa esquece-se de tudo, de comer, de dormir, eu não dormia. Eu só dormia quando a noite acabava... quando o Sol nascia é que eu ia dormir. Pronto, desregulamento total, nem comer, nem dormir, nem... nem tomar banho! Tinha alturas que nem tomar banho, nem sabia que isso existia. Porque estava sempre no meu mundo. Sempre em casa. Lá ia um bocadinho à janela, para apanhar ar e tal, mas estava sempre em casa. Tirando o meu Pai e a minha Avó não falava com mais ninguém. Entretanto comecei a falar com uma amiga minha, que já a conhecia desde os catorze, que era minha vizinha, era a que vivia assim mais perto, e... e pronto, como ela era mais adulta de cabeça - tinha mais um ano que eu, mas já era mais adulta - convidava-me às vezes para almoçar, lá me fazia sair de casa, ia-me buscar, pronto, sempre arejava um bocado.*

### **E a sua Mãe, nessa altura?**

*E tinha uma outra amiga também, que estava em Gestão, era uma grande aluna, também, entrou com 17, depois perdeu-se, também... agarrou-se à heroína. E... ela também me dava algum suporte e às vezes ia comigo para o psicólogo.*

[...]

### **Raquel, então, mas estávamos a falar da sua experiência de depressão. E a sua vida amorosa. Vamos voltar ao seu primeiro interesse sexual...**

*Eu achava que sentia interesse por rapazes. Mas assim que experimentei com mulheres depressa percebi que não.*

### **Então mas quando é que foi assim o seu primeiro interesse por uma mulher?**

*Foi pela minha melhor amiga. Foi uma ganda bronca.*

### **E isso foi com que idade?**

*Foi no Verão do 12º. Portanto a gente tinha 17 anos.*

### **E porque é que foi uma grande bronca?**

*Foi uma ganda bronca porque era uma amiga minha. E ela não era como eu. Ela era hétero. E para ela foi só uma experiência. Para mim, não. Para mim foi um “abre olhos”.*

### **Então mas envolveram-se...**

*Sim, sim. No Verão. Ela tinha casa de praia.*

### **E apaixonou-se?**

*Na altura, sim. Foi os pés pelas mãos. Pois.*

[...]

### **Então mas como foi essa experiência?**

*A seguir... a seguir coincidiu com... começar a sair muito à noite e apanhar uma depressão. A seguir. E... aí percebi que só olhava para mulheres.*

### **Então mas como é que tem sido a sua vida amorosa... como é que as coisas decorreram?**

*Decorreram... esquisito. Porque eu tinha amigos do mundo hétero e eu não conseguia entrar no mundo gay. A única pessoa que eu descobri foi um rapaz que era nosso amigo na escola, que era um bocadinho mais velho, que no Carnaval apanhou uma bebedeira de caixão à cova e que contou-me! E eu na altura não consegui dizer “Olha, eu também sou”, mas fiquei muito contente por ele ter desabafado connosco. “Agora estás muito mal e eu vou chamar alguém para te levar a casa”. Chamámos o namorado de uma amiga nossa, que já era um homem na altura, e levou-o para casa.*

### **E isso foi importante para si... ele ter contado...**

*Foi. Foi para eu ter um... de alguém também da minha geração... que era. E foi a primeira pessoa que eu soube. Entretanto... a minha melhor amiga começou-se a aperceber e... e não me dizia nada. Sabia e não me dizia nada. Porque quando a gente está a sair à noite a nossa melhor amiga percebe... para quem é que está a olhar. Ela via que eu não olhava para homens, que só olhava para mulheres. Portanto... ela foi a primeira pessoa que eu contei. E ela disse: “Eu já sabia, amiga. Dá cá um abraço.” Portanto, ela não me virou as costas.*

[...]

### **Então e a seguir...**

*[...] E... mas pronto, depois conheci a R. e percebi, não, isto é de caixão à cova. Foi difícil, porque ela não sabia o que era bem. Já tinha tido uma experiência com uma rapariga... e uma curtezinha com a M., que é uma amiga*

*nossa, e estava com ela na noite em que a conheci. Era uma amiga da R., muito amiga, podemos contar com ela, além da O. e da D., mas não podemos contar com muito mais gente (ri). E um amigo nosso que trabalha em Sevilha. Temos muito poucos amigos. Mas a minha relação com a R. é uma coisa que é... é tudo. É a cumplicidade, é o companheirismo, é... é trabalhar junta, porque nunca tinha tido essa experiência.*

[...]

### **Então mas como é que conheceu a R.?**

*Na discoteca. Estava com essa minha primeira namorada, mais a actual dela, que era a brasileira e até estava assim mais para o murcha, o ambiente estava assim um bocado caído, era só malta muito novinha... só estava mesmo malta de vinte e tal anos. E de repente a R. começa a brincar, a apalpar uma da frente, depois eu dizia “Olha, vê lá estou eu aqui e vai dizer que somos nós”, depois aconteceu isso e ela disse “Não, mas fui eu”. Pronto, gerou-se ali uma brincadeira de propósito, o objectivo da R. era brincar com a ex-namorada da M., que era essa que ela apalponou, e se calhar conhecer outras pessoas. E consegui. Porque entretanto começámos a conversar, ela apresentou-se, foi muito engraçado, porque ela disse que era Raquel, eu também era Raquel, tinha a minha idade, eu não acreditei, pensava que ela tinha vinte e cinco. Na altura a gente tinha trinta e três anos. Ela disse Raquel, Raquel, trinta e três, trinta e três, eu assim, ó meu Deus, isto é uma anedota, isto não me está a acontecer. Mas entretanto não nos separámos mais. [...] e eu quis levar a R. a casa. Consegui... levá-la a casa e ficámos a conversar como se nos conhecêssemos desde crianças... até o Sol raiar. Eu fui para casa com os olhos a arder. Tive que fazer a autoestrada de óculos de Sol com os olhos a arder... quando acordei eram duas da tarde, a R. já me estava a telefonar. Entretanto tinha um namorado que mandou logo a andar. [...] Eu depois fiquei... com uma paixão indescritível, pior que a minha primeira namorada, fiquei mesmo passada. Deixei de comer, deixei de dormir, enquanto ela não foi minha. Mas passado duas semanas pedi-lhe em namoro, enchi-me de coragem, depois de um jantar que ela deu a uns amigos meus e a uns amigos dela que eram gays também. Enchi-me de coragem, foi num Sábado, dia sete de Fevereiro. Portanto a gente conheceu-se no fim de Janeiro, não demorou muito. E... e pronto. E... e aos poucos dei-lhe espaço, porque ela não... não tinha a minha maturidade. Vivía na casa dela, mas como os pais também viviam no mesmo prédio teve que ser tudo muito devagar. E ao fim de nove meses é que começámos a viver juntas. Entretanto em 2011 ela fica desempregada em Fevereiro e... eu despeço-me em Julho, pronto. Passado uns meses, Dezembro, não... fizemos um, começámos com o nosso negócio em Agosto de 2012. Ainda andámos um bocadinho a bater mal com a falta de emprego, mas como ela tinha o subsídio dava para viver. Eu também dava para viver que a minha Mãe dava-me mesada e só este Verão é que ela disse que ia contar aos pais.*

### **Como é a vossa relação?**

*É pá, excelente a todos os níveis e... e... ao ponto de poder ser minha Sócia de trabalho! Excelente a todos os níveis, excelente, excelente, excelente, eu não vou arranjar ninguém... como ela em nenhuma parte do mundo. Nem na Austrália, não... é impossível! Porque somos da mesma geração, nós somos do mesmo ano, somos muito parecidas... temos muitas coisas em comum... desde jogar ténis, ping-pong, futebol... praia... férias em países quentes, ela não gosta de frio, eu também não. Sei lá... muita coisa em comum... a música, só gostamos dos mesmos estilos, a dança. Tudo. Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. A comida... Tudo! Tudo. Não há explicação, pronto. Não há explicação. Nós basta estar abraçadas que o mundo pode estar a desabar que a gente fica bem. Um abraço chega, portanto... O dar a mão... é uma sensação... é o céu, pronto. Com a R., olhe, nem o céu é o limite. É a frase que eu disse, quando... quando eu a conheci. E é a frase que vai ficar para nós. Conosco nem o céu é o limite, a gente é mesmo almas gémeas, não há dúvida. E eu se não tiver a R. não quero mais ninguém na minha vida, nunca mais eu tenho uma relação! Isso pode escrever. Nunca mais. (...)*

### **O que é que procura numa relação?**

*Dar-me bem a todos os níveis. Ser tudo compatível. Desde a parte... da amizade... social... sexual... a parte carinhosa, tudo, o background, a cultura... tudo. Tudo. O maior número de coisas que sejam compatíveis com a minha pessoa. Não é preciso ser uma fotocópia minha, não é, que isso também não é bom, o espelho... não é bom. Mas que seja uma pessoa que seja mesmo compatível a todos os níveis. E que haja respeito, honestidade e verdade. Isso é obrigatório.*

### **Como é que a R. define o amor?**

*O amor? O amor é tudo. O amor é Deus. É o que há de mais sagrado... na vida. É tudo, é a luz.*

[...]

### **Qual foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?**

*Períodos, períodos. Intercalado com períodos bons e períodos maus. Sei lá... fui muito feliz na infância... e muito feliz até aos dezassete anos. Na altura em que descobri que havia alguma coisa que eu tinha que resolver não foi um período nada bom.*

[...]

### **Ao longo da sua vida quem são ou foram as pessoas mais significativas para si?**

*Pai, Avó, a minha Mãe, a minha Tia mais velha, porque agora também já não me dou com ela, houve uns problemas com a minha Mãe e eu tomei a posição da minha Mãe, que achei que estava correcta. A minha Tia e a minha prima, que ela também só teve uma filha. Hum, mais... amigos de infância, os que ficaram, essa S. que eu lhe contei que me ajudou muito na depressão... a J. que, pronto, por contingências da vida não me posso dar com*

*ela mais proximamente, porque houve problemas na vida dela... Essa minha amiga que foi a primeira pessoa que eu contei, a que está em Inglaterra. Hum... amigos rapazes tenho um ou outro, mas não sou muito chegada, mas é mesmo pela vida, porque eles acabam por se afastar, ou porque vivem mais longe, ou porque têm empregos mais longe. Não é por nada, não tenho nada contra rapazes. Aliás o meu melhor amigo era o meu Pai, senão não podia... não é, não podia gostar minimamente de ter amizades com homens. E... as namoradas que tive, que ficaram minhas amigas. E um ou outro Professor que me marcou.*

### **Teve Professores que a marcaram...**

*Sim, a Professora de História e o Professor de Latim. Porque além de serem excelentes Professores, eram amigos, humanos e preocupavam-se. Com... connosco, com os alunos, com o que é que sentíamos, com o que é que estávamos a passar... numa idade muito difícil como é a adolescência. Portanto marcaram a diferença em relação aos outros que queriam era debitar matéria e queriam lá saber se estávamos bem ou mal.*

### **R. fale-me um pouco mais da sua relação.**

*Mais... somos muito cúmplices. Hum, coincidiu uma recessão económica... unimo-nos ainda mais com a recessão económica. Ao ponto de conseguir criar uma start-up, não é, somos empreendedoras, trabalhamos lindamente juntas... Ela mais numa área de vendas e de fazer propriamente dito o produto... Eu mais numa área de internet e de marketing. Hum... eu mais como condutora, porque alguém tem de conduzir... ela mais como vendedora, tem imenso jeito e... sei lá... somos amigas, somos cúmplices, somos companheiras...*

### **Como é a vossa vida...**

*A nossa vida é 24 sobre 24 juntas, uma vez que trabalhamos e vivemos juntas. Portanto é uma relação muito em cima. Mas conseguimos dar espaço uma à outra. Se eu quiser estar no computador umas horas ou a ver um programa de televisão umas horas e ela quer estar a fazer um bolo ou um prato especial... cada uma está no seu espaço. Vivemos bem separadas, mas devido às contingências estamos 24 sobre 24 muito próximas.*

### **Raquel, alguns homossexuais falam num sentimento de isolamento. Já alguma vez sentiu isso?**

*Senti quando descobri a minha orientação sexual, uma vez que não tinha amigos nenhuns gays. Não tinha um elo de ligação com o mundo gay. Foi muito difícil, ao ponto de apanhar uma depressão. Não foi só isso a depressão. Foi causada por vários factores. Esse, o facto de ter-me metido num Curso que a minha Mãe queria e que eu não queria, que eu não gostava e... o meu Pai começou a ficar doente, pronto. Que era uma pessoa que era muito próxima a mim e que eu via como um amigo meu, além de Pai. Era o meu melhor amigo. Conversávamos de todos os temas, inclusive sexuais, em que eu estava mais à vontade para falar com o meu Pai desses assuntos do que com*

*a minha Mãe. Ainda quando era hétero... supostamente, pronto, porque eu não sabia, ainda tive uma relação com um rapaz, na altura ainda estava no Curso de Direito e tive uma relação com um rapaz nove meses. E os meus pais chegaram a conhecê-lo, cheguei a apresentá-los aos meus pais.*

[...]

### **Raquel – Segunda Entrevista**

**E: Raquel, queria que me falasse um bocadinho mais sobre a sua infância... Como é que era em criança?**

*R: Em criança... Eu era uma criança calma. Não era assim muito... de fazer birras nem... nem de pedir coisas, hum... em excesso. Era uma criança que tive que aprender a brincar sozinha e entretinha-me muito bem a brincar sozinha, coisas diferentes... desde televisão... a brincar com as bonecas, com as cozinhas, gostava muito... os playmobis e havia outros também, pini-pons. Tinha uma boneca também, que era a Nancy, também gostava muito, não era a Barbie, nunca gostei. Acho que já tinha uma personalidade muito forte em pequena e... e não me metia assim em confusões, era raro responder mal... fazia amizades na escola, normalmente. Demorava algum tempo a ganhar a confiança, mas sempre fui muito sociável e era calminha.*

**Porque é que diz que acha que já tinha uma personalidade forte nessa altura?**

*Porque o que era moda para uns, não era moda para mim. Não ia atrás do que tudo gostava, eu tinha que gostar, não. Eu só gostava daquilo que gostava. Não gostava de Banda Desenhada... li sempre... prosa. Nunca li Banda Desenhada, tirando a Mafaldinha, um ou outro, mas não gostava, não. E... e livros li. Li muito 'Os Cinco', 'Os Sete', 'Uma Aventura'... lia esse tipo de livros. Mas Banda Desenhada, não. As outras crianças devia-lhes fazer alguma confusão, mas a mim não me fazia nenhuma, e não mudava a minha maneira de ser.*

[...]

**R., acerca da sua família... falou-me dos seus pais... mas eu gostava que me falasse um bocadinho mais sobre a relação entre eles... Como é que era?**

*Entre eles... hum... tinham fases que se davam mal. Tinham. Tinham. O meu Pai era muito cabeça de artista, não era organizado. A minha Mãe é o oposto. Não tem nada de artista, é uma pessoa muito terra-a-terra, racional... organizadíssima. E o meu Pai era exactamente o oposto. Portanto tinha que haver discussões. Eram demasiado diferentes. (...) E eu penso que isso numa relação... é mais mau que bom. Também tanta diferença, também não. Mas pronto, tirando isso... eu não... não era atingida assim directamente... que me lembre. Em*

*criança, não. Na adolescência já me... alterava um bocado mais. Já mexia mais comigo, as discussões. Mas em criança, não.*

### **Na adolescência considera que mexia consigo...**

*Já, já me enervava mais. Sim. Porque eu depois na adolescência alterei a minha maneira de ser. Deixei de ser tão calma... e tão na minha. Já as coisas já... já me transtornavam mais, o ambiente à minha volta já me fazia... reagir.*

### **E reagia?**

*Sim, às vezes reagia e... e fartava-me! Mas tinha o refúgio da minha Avó e ia para casa da minha Avó, que era a dois minutos da dos meus pais, a pé. Quando acabava que estava a ficar já muito incomodada... pegava em mim e ia para a minha Avó. Às vezes também ia para a minha Tia e para a minha prima, ao fim-de-semana... pronto, também era uma companhia agradável. (...) Mas tirando isso, não... nada assim que me... que me afectasse.*

### **Então mas sente que houve essa mudança na adolescência...**

*Sim. Sim. Deixei de ser tão Zen. Que eu era uma criança Zen. As pessoas até comentavam que eu era diferente. Parecia uma adulta, já. Depois na adolescência já não tanto, já dizia o que pensava... se não era para dizer, ups, já disse... E pronto, e assim. Mas não era assim de... de... de mau comportamento na escola, nem agredia ninguém, nem... nem nada disso. Mas já não era uma pessoa tão calma como era na... na infância.*

[...]

### **Fale-me dessa relação... a actual...**

*A relação actual... então, eu acho que já lhe disse quase tudo... Tem vindo a evoluir muito, porque o facto de estarmos as duas na situação de desemprego e criarmos uma mini empresa, familiar, nossa... fez com que tivéssemos que trabalhar juntas, que é uma parte que não existe em todos os casais. Existe acho que até numa minoria. E isso é uma coisa que junta muito a pessoa, porque é o facto de viver junta, é o facto de trabalhar junta, são 24 sobre 24. Torna-se uma relação muito próxima, muito cúmplice, muito amiga e... e a parte amorosa também não sofre com isso, porque há espaço para cada área da vida. Somos muito parecidas, somos da mesma geração, temos o mesmo nome, temos a mesma idade. Uma diferença de seis meses é quase a mesma idade. Temos uns gostos muito parecidos, em algumas coisas, outras não. Na decoração não temos um gosto nada parecido. Às vezes discutimos porque eu não gosto de cores muito garridas, não gosto das coisas muito cheias, gosto de linhas abertas, direitas, tudo muito Zen. Mas depois, pronto, temos a parte da Meditação, que também gostamos as duas de meditar, de medicinas alternativas, de Yoga, de Reikis. Pronto, isso também é muito importante, porque nem todas as pessoas gostam desses assuntos. A nível de música ela gosta mais de anos oitenta, eu gosto mais de música electrónica...*

*Mas pronto, não é por aí, porque eu também cedo, consigo ouvir anos oitenta, ela também gosta de ouvir música electrónica. Pronto! As coisas fluem conforme o que vai apetecendo... São vinte e quatro sobre vinte e quatro. (...) A nível de gastronomia também temos o gosto parecido, de viagens também temos o gosto parecido... de desportos também temos os gostos parecidos. Há uma grande cumplicidade... penso que é essa a palavra. (...) Pronto, depois também há coisas que somos muito diferentes, mas que fazem com que nos complementamos. Pronto, era... já agora, uma chamada de atenção, que isso também é muito importante! Por exemplo, ela não tem carta de condução, nem gosta de conduzir. Enerva-se, não gosta de trânsito, não gosta de, pronto, não aprecia, a estrada, os carros. E eu adoro conduzir. Eu tenho a carta desde os deztoito, já sei conduzir desde os dezassete... pronto, adoro carros. Mesmo em pequena brincava com carrinhos também, pode acrescentar isso na infância. Agora esqueci-me, porque o meu Pai tinha da colecção dele e eu achava muito giro também brincar com carrinhos. Tinha também um para andar com pedais, além das bicicletas, que também achava muita piada. E... também é isso. Há coisas em que eu não sou tão boa, mas que ela é. Portanto complementamo-nos. Eu não sou tão boa para arrumar a casa e... e para as roupas e... mas isso ela é boa para fazer essa parte da organização da casa e das roupas. Eu sou melhor a cozinhar... e complementamo-nos. Ela é melhor a limpar... eu sou melhor, sei lá, a montar... aparelhagens, monto tudo o que for preciso e computadores, electrónica, isso tudo é comigo. Pronto, portanto também é: cumplicidade e complementaridade. São essas duas palavras. Uma não pode estar sem a outra. Estava-me a esquecer da complementaridade. Que há coisas que eu não sou tão boa... e ela não é tão boa em certas coisas que eu... para mim é mais intuitivo. Mesmo que não saiba estou ali às voltas e acabo por montar a aparelhagem e acaba por funcionar muito bem.*

### **Então e a nível dos sentimentos...**

*A paixão ainda existe desde o início, eu acho que sim, que se manteve. Não... pronto, mais controlada, mais... ninguém está numa casa diferente, estamos na mesma casa mas o... o romantismo está lá sempre... sempre, seja num gesto, seja num presente... seja numa surpresa... está sempre presente. Pode não estar com tanta intensidade como no início, mas como trabalhamos e temos que viver juntas, também há partes da vida que, pronto, que também são muito importantes, não... não descurando a parte amorosa, claro, que não pode ser descurada. Porque a paixão é que alimenta o amor também... e vice-versa.*

[...]

### **Marta – Primeira Entrevista**

**E: Queria começar por lhe pedir que me falasse um bocadinho de si... Como é que é como pessoa?**

M: *É assim... (...) Eu defino-me como gay, não é? Embora já tenha tido relacionamentos com homens... mas como me sinto realizada é com uma mulher, não é com um homem.*

**Mas para além da sua orientação sexual... como é que se define enquanto pessoa?**

*Acho-me uma boa pessoa. Amiga de quem... sempre que posso ajudar, se for possível, sempre ajudo a pessoa. Tenho o meu trabalho, tento ser o mais responsável no trabalho e sou. Pelo menos até agora nunca tive problemas em relação a isso. Sou uma pessoa simples, não tenho manias, nem nada. Já fui uma pessoa muito de sair. Neste momento não (ri), prefiro estar em casa, no sossego da casa. Defino-me assim.*

[...]

**Então e a sua família... fale-me um bocadinho da sua família...**

*A minha família... A minha família é muita grande. Tanto da parte do meu Pai, como da parte da minha Mãe é, pronto, são... são muitos tios. Embora não tenha contacto com a maioria deles, sempre tive mais contacto com a família da minha Mãe, que estavam mais perto, mas pronto, hoje em dia cada um praticamente seguiu a sua vida. Agora com quem eu tenho mais contacto... é com os meus irmãos, com os meus pais e é com a... com a... com uma das sogras de um dos meus irmãos. É mais ou menos isto.*

[...]

**Então e... os seus pais? Fale-me um bocadinho dos seus pais.**

*Os meus pais... A minha Mãe sempre foi Doméstica a vida inteira, o meu Pai sempre trabalhou a vida inteira, reformou-se há uns anos atrás e infelizmente agora sofre de uma demência, pronto, está em casa, portanto a minha Mãe é que está a tratar dele agora.*

**E a sua relação com os seus pais...**

*É assim... eu, pronto, o meu Pai sempre esteve praticamente fora, porque o meu Pai trabalhava em L., pronto, e eu em L. só estou a morar para aí há coisa de seis anos. Pronto, eu estava na... porque eu sou de A., não sou de cá, pronto. A nível do dia-a-dia foi sempre mais com a minha Mãe, com o meu Pai sempre mais ao fim-de-semana. Mas sempre tive um melhor relacionamento com o meu Pai do que tive com a minha Mãe, não é. Não tenho razões de queixa da minha Mãe, mas com o meu Pai era diferente (ri).*

**Porque é que diz que era diferente?**

*Não sei, porque o meu Pai se eu precisava de alguma coisa fazia e a minha Mãe nesse aspecto era um bocado mais autoritária (ri).*

### **Era...**

*Era, era. A minha Mãe era um bocado mais autoritária. Também nunca foi assim uma pessoa muito de afectos e o meu Pai sempre foi já mais, não sei se era também por causa de estar a semana toda fora que era uma pessoa mais, pronto, de afectos. Eu era a filhinha do papá (ri).*

### **E a relação entre os seus pais...**

*É uma relação normal. Claro que as relações de antigamente não têm nada a ver com as relações de hoje em dia, mas sempre houve muito respeito mútuo, de ambas as partes, pronto. Pelo menos nunca vi os meus pais à briga, nem nada assim do género.*

### **Então mas fale-me um bocadinho mais sobre cada um deles...**

*... Olhe a minha Mãe, como é que eu hei-de explicar? Falar como? No seu dia-a-dia...?*

### **Aquilo que quiser contar-me...**

*Como eu disse a minha Mãe, pronto, era Doméstica, esteve, passou a vida dela... a tratar da casa e... a tratar dos filhos, pronto. É uma pessoa simples. O meu Pai, pronto, passou a vida dele a trabalhar (ri), estava aos fins-de-semana em casa. Pronto, também era uma pessoa simples. Nunca fomos ricos, mas também nunca, pronto, nunca nos faltou nada, o essencial em casa. Pronto, estava aos fins-de-semana em casa, também era, quando estava em casa era uma pessoa participativa.*

### **E a sua infância... Como foi a sua infância?**

*Foi uma infância normal. Ia para a escola, tinha os meus colegas... brincava com eles... estudava... eh, considerada aquela infância normal. Não tive uma infância muito problemática, embora, digamos... que eu tinha a minha personalidade e se calhar daí dei mais trabalho do que os meus irmãos (ri).*

### **Porque é que considera isso?**

*Porque ela queria que eu fizesse assim e eu fazia diferente, ou...*

### **A sua Mãe?**

*Sim, se ela queria que eu vestisse saia, eu queria dizer que queria vestir calças, contrariava um bocado (ri), mas de resto foi sempre tudo normal.*

### **Então e... e a sua adolescência...**

*Foi uma adolescência normal, digamos... (...) Claro que foi na, na adolescência que se calhar tive mais, comecei a ter mais a percepção de que... se calhar que gostava mais de mulheres do que homens.*

**Quando é que acha que teve essa percepção?**

*Eu acho que tive sempre, não é? Só que é assim, eu vim, venho de um meio rural, é completamente diferente, embora que as coisas hoje em dia as coisas estão mais abertas do que estavam antigamente. Nunca... é assim, se calhar a primeira vez que eu disse que gostava a alguém que fosse do meu rol de confiança... já devia ter para aí uns deztoito, dezanove anos. Em meios fechados, na província... e então aquele medo e isso tudo...*

[...]

**Então e quando é que se apercebeu de um primeiro interesse sexual, lembra-se?**

*Isso... isso é daquelas coisas que já... que já nasce com a pessoa, não é? Não é uma pessoa “Ah, logo vou ser gay”, não é bem assim.*

**Não, mas quando é que sentiu interesse por alguém, pela primeira vez...**

*Ah desde logo da adolescência, isso senti... isso se calhar devia ter para aí uns treze, catorze anos (ri).*

[...]

**Teve relacionamentos com homens antes disso?**

*Já, já tive! Aliás antes de estar com a R. eu estive quase para casar, só que pela parte que começou a falar em casamento e na-na-na para aqui, para ali, eu vi que aquilo não era... a minha área (ri) e sabia que aquilo nunca iria dar, pronto, resultado, pronto.*

**Porque é que sabia que não ia dar resultado?**

*Para já as nossas personalidades eram... um pouco diferentes. É assim, hoje em dia a pessoa tenta, pelo menos ao... tenta ser feliz, não é? Pode não ter riqueza ou isso tudo, pronto, mas a nível, amorosamente nós tentamos ser felizes. E eu sabia que podia ser feliz com ele, mas não ia ser feliz a cem por cento, porque não era com ele que eu iria sentir-me realizada.*

**Mas por ser ele ou por ser um homem?**

*Por ser um homem... também. Também contou.*

[...]

**A M. contou aos seus pais da sua...**

*Não. É assim, eles também não são burros nenhuns, não é? E principalmente quando eu virei-me e disse: “ – Olha eu vou para L., vou morar com a R.”, eles não são burros. E quando vou lá a casa tratam, se calbar até trata melhor ela do que trata a mim (ri).*

### **Quem trata melhor a R.?**

*A minha Mãe (ri). Sim (ri). Mas pronto, eu nunca me assumi perante eles, mas eles também não são burros, obviamente que sabem. Provavelmente para ter a certeza: “ – Olha, Mãe, eu sou gay.”, nunca lho disse. Mas de certeza que sabem, não é?*

[...]

### **Mas porque é que não contou da sua orientação sexual?**

*Porque a minha Mãe digamos que é um bocado... como é que eu hei-de explicar... a mente dela ainda é um pouco... um pouco fechada. Pá, se calbar provavelmente tive algum receio... não contar para não... não... para não me chatearmos e coisas assim do género. Preferi não contar, independentemente... ela sabe perfeitamente que desde que estou aqui que vivo com a R. e nós quando vamos lá... dormimos na mesma cama, sempre dormimos, nunca foi tu vais para aqui e tu vais para aqui, sempre dormimos na mesma cama... e se tiver que partilhar o meu copo com ela partilho, à frente deles, faço isso tudo à frente deles, sem problemas alguns, mas ela chegar ao pé de mim e perguntar: “ – Então mas que relacionamento é que tens?”, isso nunca foi. Porque ela depois também não é pessoa para chegar ao pé de mim e... ter esse tipo de conversas! Porque a minha Mãe sempre foi um bocado autoritária em relação a ela, pronto, nunca foi muito de fazer perguntas e coisas assim do género, pronto. Se calbar se o nosso relacionamento fosse mais... fosse mais, mais... como é que hei-de explicar, fosse mais juntas, se houvesse mais cumplicidade era diferente. Mas também nunca tive muito essa cumplicidade. Com a minha Mãe, nunca lho disse, não é?*

### **E com o seu Pai?**

*O meu Pai... se calbar tinha mais sorte (ri). Só que a minha Mãe, pronto, lá está, o meu Pai sempre viveu, praticamente viveu em L., não é, porque lá só estava ao fim-de-semana e o meu relacionamento com o meu Pai era completamente diferente com o da minha Mãe. Na altura nunca lhe disse nada, mas se... se houvesse alguém que lhe tivesse que dizer, dizia-lhe. Não tinha problemas nenhuns em dizer. Independente agora... o meu Pai se calbar há coisa de uns três anos... pronto teve um, teve um... começou a sofrer de uma demência. Eu estar a falar para ele ou não... eu para ele sou a irmã dele, pronto. Já praticamente não reconhece os filhos nem nada disso.*

[...]

[...] *Mas se calbar já tinha aí alguns indícios... da demência. E entretanto ele foi operado... à próstata e, pronto, o meu Pai desde que se reformou, o meu Pai não é pessoa de estar em casa, pronto, parado ou ir para o café. Não era disso, o meu Pai arranhou uma hortazita e a vida dele era horta, casa, casa, horta, mas era mais horta. Que às vezes a minha Mãe ouvia-a lá a ralbar com ele: “– Tens de arranjar isto aqui em casa!”, e ele não, só queria a horta.*

[...]

### **Esses momentos também devem ser difíceis para ele...**

*É difícil para ele, foi extremamente difícil para ele, nos momentos que se apercebeu... nunca na minha vida tinha... eu nunca tinha visto o meu Pai a chorar e houve, pronto, quando começou a ficar assim havia momentos que ele estava um bocado mais lúcido... e eu dava por ele a, mas lá está, nesse aspecto, nesse aspecto eu sou muita parecida com ele eu se tiver que chorar eu não gosto de chorar à frente de ninguém, prefiro isolar e ele era assim. Escondia logo a cara e ia-se logo embora e em relação a isso não havia nada a fazer. Não é fácil para ele. Por momentos, nem que seja por cinco ou dez segundos ele tem percepção de como é que, de como é, não é? E de como ficou... não é? É mesmo assim.*

### **Falemos agora um bocadinho da sua vida amorosa...**

*A minha vida amorosa agora está estabilizada, pronto, estou com a R. Já há sete anos.*

### **Como é que se conheceram?**

*Nós conhecemo-nos através da net.*

### **E depois marcaram um encontro...**

*Não, é assim, nós começámos a falar, naquela, foi na altura que eu tinha acabado o meu relacionamento, não é, não tinha ninguém, lá está, lá eu não conheço... como é que eu hei-de dizer... o meu rol, pronto, de amizades, pronto, que eu tivesse conhecimento, ninguém era homossexual, era diferente. Também queria... pronto... contactar com alguém... não propriamente atrás de um relacionamento, mas poder falar disso, pronto...*

### **Lá não lhe era tão fácil...**

*Não. E nós, pronto, começámos a falar. Na altura quando começámos a falar nunca foi, pronto, com essa, com esse intuito, conhecemo-nos, às vezes ela ia lá ter comigo, às vezes vinha eu cá ter com ela, só ao fim depois de se calbar uns dois ou três meses é que nós começámos depois a... a... envolvermo-nos. Até lá, nunca. Pronto e hoje em dia, pronto, é uma vida normal, pronto. Já tivemos os nossos altos, já tivemos os nossos baixos, porque depois chega uma altura que a relação começa a cair um bocado na... na rotina. Em certas coisas a culpa foi minha,*

*noutras foi dela, mas pronto, tentamos conversar e com que as coisas, pronto, resultassem, pronto. Porque ao fim de um certo tempo a... a relação começa a cair numa rotina e às vezes é mau, não é? Tem o seu lado mau. Mas pronto, acho que agora já ultrapassamos e tentamos com que isso, pronto, não aconteça. Porque ela também é um bocado fechada, eu também sou um bocado fechada (ri), já não sou tanto (ri), pronto, mas tentamos com que isso não aconteça.*

### **Conversam sobre essas coisas...**

*Conversamos. Na altura, a nossa relação houve uma altura, para aí se calhar há um ano atrás, esteve assim um bocado tremida. Se calhar afastámo-nos um pouco da outra, cada uma praticamente era “Bom dia, boa tarde, como é, estás bem, não estás?”, fazíamos a nossa vida, a vida normal aqui em casa, íamos para a cama, dormíamos, pronto, e era assim.*

### **Tornou-se rotineira...**

*Rotineira. E pronto... E as coisas estiveram um bocado complicadas e... mas pronto. Conversámos. E demos uma, pronto, digamos uma segunda oportunidade à relação. Fizemos com que as coisas resultassem, não deixar que as coisas caíssem na rotina, pronto, outra vez, novamente. Tentar conversar mais, se houver algum problema. Pronto, eu a nível de trabalho por acaso, por acaso estou bem, não tenho... tenho uns padrões excelentes para mim, principalmente a minha patroa que agora não está lá, porque, pronto, teve problemas de saúde e não pode estar lá. Mas pronto eu via se calhar ela como uma segunda Mãe. Sempre me trataram como mais uma colega de trabalho do que propriamente como empregada. Mas ela o trabalho não, já é totalmente diferente, para já é uma empresa maior, pronto é uma empresa maior, antes de ir para a A estava em C, pronto andou assim a saltitar e onde trabalha muito dinheiro é para esquecer. Também chegar aqui em casa e dizer, pronto, aconteceu isto lá no trabalho, pronto, fechava-se também um bocado. Os problemas depois também vieram daí, mas pronto. Acho que essa fase mais... negra (ri) já passou.*

### **E como era no princípio da relação? Estavam apaixonadas?**

*Sim, estávamos. Também se não tivéssemos cada uma seguia a sua vida (ri).*

### **Como era... no princípio?**

*Ah, era giro. Como eu disse, o primeiro ano eu ainda estava a trabalhar lá e ela estava aqui. Pronto, todos os fins-de-semana, eu vinha cá passar todos os fins-de-semana, saía à sexta do trabalho, arrancava e passava cá o fim-de-semana. Mas ela, como ela trabalha ao fim-de-semana, as folgas dela, a maior parte das vezes, calha durante a semana. Ela a maior parte das vezes ia lá ter, não me dizia nada, ia lá ter, ia-me lá fazer uma*

*surpresa! É uma... uma... foi um bom começo de relação. Pronto, com aquele romantismo, houve aquelas surpresas todas, isso tudo... a paixão...*

### **Então mas fale-me um bocadinho de como tem sido a vossa relação...**

*Damo-nos bem, acima de tudo, pronto, tentamos sempre que haja o respeito, porque acho que o respeito é a base de tudo. Cada uma levanta-se de manhã... vai cedo para o seu trabalho, pronto, durante o dia comunicamos através de mensagens ou... à hora de almoço eu dou-lhe um toque para saber como é que estão as coisas... se é preciso alguma coisa, perguntar se queres que eu leve aqui alguma coisa ou queres alguma coisa e eu digo-lhe: “ – Olha preciso disto, vai-me lá buscar.”. Aqui em casa fazemos o nosso dia-a-dia normal, pronto, a maior parte das vezes a nível de cozinhar cozinho eu mais. Mas a nível de limpeza, pronto, é mais ela, tentamos dividir mais ou menos as tarefas. Pronto, comemos juntas, por norma ao almoço não, porque eu estou sempre a trabalhar ao almoço. Ao jantar tentamos sempre jantar... sempre juntas. Depois assistimos à nossa novela em conjunto!... e vamos dormir com os nossos gatos! (ri). É aquela, pronto, lá está, já são seis ou sete anos, acho que são sete, eu com os anos nunca fui lá muito boa (ri), pronto, agora não está tão rotineiro, não deixamos que as coisas caiam tanto na rotina. Mas é aquele dia-a-dia, pronto, de um casal normal. Conversamos: “ – Então, como é que foi o teu dia? Como é que não é... Então como é que estão as coisas lá por baixo?”, pronto, é assim, ao fim ao cabo (ri).*

[...]

### **Então e a sua primeira relação, Marta...**

*A minha primeira foi com um homem. Com dezasseis, anos. Quinze, dezasseis anos.*

### **E como foi?**

*Aquelas relações normais... lá está, eu também quando me relacionei com os homens não me relacionei por relacionar. Gostava, não é? Mas, lá está, eu chegava àquela fase, aquela altura que eu se calhar chegava... e faltava qualquer coisa, pronto!*

[...]

### **Marta... Há homossexuais que falam num sentimento de isolamento... Sentiu isso?**

*Antes de vir para cá. Se calhar lá, eu era um bocado... é assim, mas era eu própria que me isolava... a mim própria, não é? Porque eu nunca tive falta, pronto, de pessoas, de amigas ao meu lado, porque isso eu... sempre dei-me bem com as pessoas, relacionava-me muito bem com as pessoas. Mas havia alturas que eu precisava do meu isolamento. Precisava de estar sozinha, não queria estar... lá está, se calhar também... se calhar derivado àquelas alturas que eu sentia mais falta, pronto, ou pensava mais “não é isto que eu quero”. Ao fim ao cabo... Porque depois chega uma altura que, pronto, hoje em dia o assunto é mais... mais aberto. Mas antigamente não era. E*

*nós, tudo o que ouvíamos a falar dos relacionamentos gay, isso é mau, isso é, não sei quê, isso é uma doença, pronto, ouvia-se um pouco aqueles disparates todos, não é? E chega uma certa altura que nós também, se calhar eu questionava: “Será que tenho algum problema, será que não tenho? Será que vou ser feliz?”. Porque depois há o preconceito das pessoas, há... há isso tudo. Depois, pronto, como não tinha... ninguém com quem falar... com quem falar sobre isso... eu havia alturas que... tentava-me isolar, e gosto, ainda hoje em dia... há certas alturas, eu gosto de estar sozinha. Deixem-me no meu mundo, deixem-me no meu canto que eu gosto de estar sozinha. Até que... durante a semana passo o fim-de-semana fora, não é, passo o dia inteiro no café, por isso ao fim-de-semana ir ao café é extremamente difícil, que eu passo o dia no café. Prefiro estar... lá está, ela como por norma trabalha ao fim-de-semana, pelo menos... ao fim-de-semana é só da parte da manhã, a parte da tarde, não. Já, pronto, podia ir dar uma volta, ir até à praia. Não! Eu prefiro estar aqui em casa, no meu canto, no meu sossego, levo com muito barulho durante a semana (ri). E eu prefiro uma... eu gosto muito do meu cantinho, do meu sossego, de estar sozinha. Falo muito com os meus gatinhos (ri). Falo muito com eles e eles olham para mim (ri).*

### **Então viveu essa fase de descoberta... viveu isso de forma isolada...**

*Sim, eu isolei-me.*

### **Não contou a ninguém...**

*Não contei a ninguém. Na altura não contei a ninguém. Vivi isso para mim.*

### **Quando é que contou a alguém?**

*Quando eu contei a alguém foi quando eu tive o meu primeiro relacionamento. A essa minha tal amiga. Mas... se calhar já eu estava com a pessoa, já devíamos estar para aí há uns dois ou três anos quando eu, pronto, realmente confirmei que sim, que era verdade.*

### **Foi importante para si...**

*Foi, foi importante. E... portanto foi também, porque também senti o... o apoio dela! “Porque é que não disseste há mais tempo? Eu já sabia isso há muito tempo, M., porque é que nunca disseste?”. E eu na altura, pronto, expliquei-lhe porque é que eu nunca disse, há sempre aquele medo, aquele receio. “Mas tu conheces-me! Porque é que não contaste?!”. E eu disse: “Então, o que é que queres? Eu sou assim, sabes que eu sou assim! (ri)”. E pronto, tive... depois a partir daí tive... tive o apoio dela... se precisava de desabafar... desabafava com ela. Não tinha problema algum em relação a isso.*

[...]

### **Então e diga-me... como é que define o amor? O que é o amor para si?**

(Ri) *O que é que é o amor para mim? É... principalmente é ter, tem que haver... o principal para mim é o respeito. Pronto, se não houver o respeito acho que se perde tudo. Depois há o companheirismo... o saber compreender as coisas, ver o... pronto, porque uma pessoa quando se relaciona tem que se mudar, não é? Claro que eu não posso mudar e ficar completamente ao gosto dela, nem ela para mim, não é? Mas tem que haver umas certas mudanças, tanto da minha parte, como da parte... da pessoa. E tentar, pronto, com que os nossos, com que os nossos feitos das pessoas se encaixem e não haja aquele choque. Tentar haver o respeito... companheirismo, principalmente. Para mim hoje em dia o amor define-se assim.*

[...]

### **Então e qual foi o período mais... feliz da sua vida?**

*Mais feliz?*

**Sim.**

*Se calhar o período mais feliz da minha vida, se calhar... é há coisa se calhar de... de uns seis ou sete anos... foi desde que eu mantive um relacionamento com a R. e vim para cá, pronto... Se calhar está a ser, pronto, o momento mais feliz. Em que eu se calhar consegui abrir-me mais com as pessoas, falar mais sobre... assumir perante certas pessoas, que na altura nunca... que se calhar provavelmente não iria assumir. Embora que hoje, não é, nem toda a gente... saiba, porque eu... tenho que ter confiança na pessoa para chegar ao pé da pessoa. Eu prezo, eu prezo muito a minha privacidade. Se há coisa que eu prezo muito é a minha privacidade. Eu tento sempre manter a minha privacidade, não é daquele tipo de pessoa que vai para o café contar da vida dele, o que é que fez, eu fiz isto. Não... não sou. Gosto muito da minha privacidade. Tenho o meu rol... de amigos que eu sei que posso contar com eles e desse rol toda a gente sabe... e, pronto, e se precisar de alguma coisa sei que posso contar com eles como eles também sabem que podem, pronto, contar comigo. Mas se calhar o... o momento mais... pronto, feliz, lá está, se calhar onde eu consegui buscar algo que eu se calhar nunca tinha tido que era tipo estabilidade. E eu com a R. consegui buscar essa estabilidade. E acho que... para mim, na minha maneira de pensar e de ver as coisas... muito mais feliz para muito, melhor para mim está a ser desde que, pronto, juntei-me com ela e isso tudo.*

### **M... gostava que me falasse um bocadinho mais da sua relação com a sua Mãe...**

*A minha Mãe (ri). Foi sempre um bocado... controverso é uma maneira de falar, mas pronto, a minha Mãe sempre foi senhora de si... A minha Mãe, pronto, independente de gostar muito dos filhos, mas nunca foi uma*

*peessoa... muito de afectos, não é? Eu sei que, pronto, se tinha algum problema, eu, pronto, a minha Mãe era a última pessoa que eu iria contar era à minha Mãe, não é.*

### **Porquê?**

*Porque nunca senti aquela proximidade que a minha Mãe que chegasse ao pé dela e pudesse-lhe contar. A minha Mãe a maior parte das vezes que eu chegasse ao pé da minha Mãe e que fosse contar-lhe arreava-me (ri). É o que eu digo, eu... desde que nasci... eu nunca me recordo do meu Pai me encostar um dedo. Da minha Mãe posso dizer que perdi o conto. A minha Mãe arreava-me bem, pronto (ri). Pronto.*

### **E porquê?**

*Sei lá, se calbar era de ela ser assim...*

### **Mas em que situações...**

*Às vezes também eu fazia coisas que não devia de fazer, mas se calbar ela também poderia lidar com as coisas de maneira diferentes, não é? Ou metia-me de castigo ou coisa assim do género. Mas não, ela gostava mais de... (ri) de arrear (ri). Também não sei se, porque também lá está, isso vai tudo às vezes de como é que foi a infância dela, não é e a educação dela. E eu sei que a educação dela também não deve ter sido fácil. A minha Mãe se calbar tinha para aí se calbar uns onze ou doze irmãos. O meu Avó... gostava da pinga... Eu posso dizer que se calbar – a minha Avó já morreu há bastantes anos... a minha Avó já morreu perto para aí de vinte anos que a minha Avó morreu – e uma das poucas recordações que eu tenho da minha Avó é da minha Avó com o olho negro do meu Avó ter-lhe batido. Pronto, sei que se calbar a infância dela também não foi fácil e na altura... as mulheres tinham que fazer a terceira, quarta classe e vais para o campo trabalhar. Se calbar ela também não teve uma infância fácil! E se calbar também veio daí ter... aquela, a sua maneira de ser, vir... ser também daí! Então a minha relação com a minha Mãe foi sempre, pronto, ela sei que gosta de mim, não é, e eu gosto da minha Mãe, mas nunca foi uma relação muito próxima. Até que, no entanto, eu chego lá se calbar, se for preciso chego lá: “ – Então, Mãe, tudo bem?”, mas não sou pessoa de chegar ao pé da minha Mãe e dar-lhe dois beijos! Porque nunca houve... essa relação! Pronto e a relação com a minha Mãe resume-se um bocado a isso. Embora tenha muito respeito e sempre tive muito respeito pela minha Mãe. Se ela hoje em dia chegar ao pé de mim, se eu faço alguma coisa e se ela vir que eu mereço levar uma chapada, se ela me der uma chapada, dá-me a chapada e eu... posso argumentar, agora chegar ao pé da minha Mãe e bater isso nunca na vida, não é? Que é coisa que hoje em dia não se vê, não é? Ainda existe esse respeito: “ – Porque é que me bateste?”. Embora que hoje em dia ela já não vá fazer isso (ri). Mas pronto... sempre tive esse respeito. Contar coisas à minha Mãe era um bocado difícil.*

*[...]*

### **É diferente...**

*Sempre foi. Sempre foi. Lá está, eu quando tinha os meus problemas tentava eu resolver os... problemas! Aquelas coisas todas do crescimento da pessoa, não é? Tentava resolver eu as coisas sozinha ou... contava com os meus amigos ou quando chegava o fim-de-semana tentava contar com o meu Pai, porque para o lado da minha Mãe já sabia que a coisa não dava.*

### **Contava com o seu Pai...**

*Com o meu Pai era completamente diferente. Só não me fazia as vontades se não pudesse, pronto, mesmo. Porque de resto fazia... fazia-me sempre as vontades, não é? A minha Mãe, não.*

### **E conversava mais com o seu Pai?**

*É assim... conversar mais com o meu Pai... conversava, não é? Embora que nunca dava muito para conversar. Para já ele só estava ao fim-de-semana e do pouco tempo que estava também não dava para conversar, porque a minha Mãe também estava sempre ao pé, não é? Só quando é algo mais coisa... eu chamava o meu Pai à parte ou tentava, o meu Pai vinha cá fora ao quintal ou coisa e eu aproveitava... ia atrás dele, não é? Mas ele também passava a maioria, mas pronto, a relação do meu Pai com a minha Mãe... não tem nada a ver (ri).*

### **A relação do seu Pai... ah, já percebi...**

*Sim, a relação, é uma relação mais... tem mais... como é que eu hei-de explicar? Afecto. Pronto.*

### **Quanto à relação entre eles...**

*É daquelas relações normais, do dia-a-dia, de um casal, pronto. Em toda a minha vida nunca vi os meus pais a discutir. Nunca vi o meu Pai a levantar a voz à minha Mãe ou a minha Mãe a levantar a voz ao meu Pai, ou o meu Pai a levantar a mão à minha Mãe. Nunca... nunca vi nada disso. Por isso considero... uma relação normal.*

[...]

### **M., muito obrigada. Hoje podemos...**

*Está. Posso-lhe dizer que se esta entrevista fosse para aí se calhar há uns cinco anos atrás não tinha sorte. Porque eu sou uma pessoa muito fechada. Já estou bastante melhor. Mas se fosse para aí há uns cinco anos atrás... uuuuuüü era muito difícil. Eu sou uma pessoa, lá está, eu não sei se foi da minha infância, não é, tive sempre que contar comigo própria, então tornei-me numa pessoa fechada. Mas já está melhor, já está melhor. Depois tem outra coisa que eu às vezes não consigo, não sei se reparou.*

**Olhar...**

*Olhar directamente. Já está melhor! Porque eu dantes não olhava! (ri) Estou melhor, estou melhor.*

**O que é que acha que a ajudou nesse aspecto?**

*Não sei, não sei. Se calhar a vivência da vida... Comecei a ter as minhas coisas. Comecei a ver a vida de outra perspectiva, vir para aqui, isso tudo... Pronto, evitar, tentar quebrar essas coisas. Pronto, já está bastante melhor. Eu antigamente nem olhava, mas fosse quem fosse, até às vezes se for preciso olhar directamente para a minha Mãe às vezes se for preciso eu também desvio o olhar. E estou a falar para a minha Mãe, não é? Mas às vezes também acontece.*

[...]

**Marta – Segunda Entrevista**

**E: Como é que recorda a sua vida?**

*M: Como é que recordo a minha vida? Digamos que a minha vida não... não foi uma tristeza, não é, mas também não foi uma alegria. Porque a minha Mãe nunca foi assim uma pessoa de muito afectos. Então com quem eu me dou melhor é com o meu Pai, não é? O meu Pai só estava em casa ao fim de semana, por isso... (ri), resume-se mais ou menos a isso.*

[...]

**E ao longo da sua infância... houve assim algum episódio que a tivesse marcado? Bom ou mau...**

*Não, foi uma infância normal, pelo menos que eu me recorde. Não me recordo assim de nenhum episódio... nem de bom, nem de mau. Foi uma infância normal, pelo menos que eu esteja recordada.*

**Como é que era em criança?**

*Era alegre! (ri) Era uma pessoa... sou bastante tímida, mas depois de conhecer a pessoa... já não me calo. Estou naquela, quando não conheço, estou na minha, mas depois de conhecer a pessoa... ai, já ninguém me cala.*

**E em criança também era assim...**

*Também era assim.*

[...]

**Eu recordo-me de me contar que esta fase corresponderia, talvez, ao período mais feliz da sua vida... qual acha que foi o período menos feliz?**

*É assim, períodos menos felizes... digamos que eu nunca tive um período menos feliz. Sinto-me mais confortável agora, porque estou estável, tenho a minha vida, tenho a minha casa. Pronto... tenho a minha independência, não tenho que estar a depender de ninguém e isso... parecendo que não tem sido uma vida menos infeliz. Só que em casa dos meus pais tive que... como é que eu hei-de explicar... ao fim ao cabo, hum... fazer com a minha Mãe ou o meu Pai – com o meu Pai não, nem tanto – mas a minha Mãe mandava-me fazer, eu tinha que fazer, não é? Obviamente quando comecei a trabalhar... pronto, a partir daí ela... tudo o que era para mim comecei eu a comprar, mas pronto... havia sempre aquele controlo... se chegava muito tarde a casa ou não chegava (ri) e eu houve um dia de um dia para o outro cheguei ao pé dela e disse: “Olha, Mãe, vou para Lisboa”. E peguei nas minhas coisas e vim para Lisboa.*

**E a sua Mãe como reagiu a isso?**

*Ab... Ficou assim um bocado se calhar em choque, porque... por um lado se calhar estava à espera, porque eu nessa altura já andava com a R. e vinha passar todos os fins de semana a Lisboa... por um lado já estava à espera, mas por outro lado não estava. Não estava à espera que eu chegasse ao pé dela: “Olha, vou para Lisboa, para a semana que vem vou para Lisboa e vou ficar lá.”*

**Ela já sabia da sua relação com a R.?**

*É assim... ela nunca me confrontou e eu... nunca lho disse... mas ela também não é burra, não é? Tem dois olhos na cara e sabe perfeitamente bem... e sabe... e falamos, pergunta sempre como é que está a R. e se está tudo bem e quando é que a gente vai lá. Desde que vim para Lisboa... sempre que vou à terra... a R. também vai. Tirando aquele período em que o meu Pai esteve doente, mas aí são situações completamente diferentes, porque ela estava a trabalhar, não podia lá estar a semana toda, porque eu passei lá, pronto, semanas inteiras por causa disso. Mas tirando isso, quando era aqueles fins de semana que a gente ia à terra, sempre foi... nunca houve problemas. Se ela dissesse: “Marta, o que é que vocês são?”, directamente nunca perguntou. Mas também não é burra... sabe perfeitamente... se eu venho para Lisboa morar com ela alguma coisa isso quer dizer, não é?*

**Mas a Marta preferia que lhe perguntassem directamente?**

*Sei lá, eu nunca me habituei a falar sobre assuntos mais íntimos com a minha Mãe, por isso também não me estou a ver agora a falar sobre esses assunto. E iria certamente sentir-me muito desconfortável a falar sobre isso. Por isso se eu não falei também até agora... se ela puxar pelo assunto... falo!, não vou dizer que não, não é. Mas também não estou lá com... a alongar muito a conversa, porque nunca foi assim não vai ser agora que vai ser, não é? (ri)*

### **Mas isso também em relação a outros assuntos, não é... no fundo aos seus assuntos...**

*Sim, ela foi sempre um bocado... é autoritária, mas pronto, manteve sempre a... a distância... era como antigamente... dizia “Ah, dói-te isto, dói, só tens é que aguentar”. Hoje em dia não... dói qualquer coisa vai-se logo ao Hospital ou ao Médico. Dantes tínhamos que aguentar. E era mais ou menos assim. Não sei se também teve a ver com a infância dela, porque sei que ela também não teve uma infância fácil. Para já eram muitos irmãos, não é? E o meu avô... Que eu tenha conhecimento... que ele tenha batido aos filhos, não sei. Mas pelo menos à minha Avó eu sei que ele batia à minha Avó! Também não deve ter sido... tido... uma infância muito fácil. Nunca confrontei-a com isto, mas provavelmente uma das poucas recordações que eu tenho... da minha Avó materna é com o olho todo negro! Porque o meu Avô tinha-lhe batido, não é? Claro que naquela altura eu não sabia o que é que era, mas passado uns anos... as pessoas depois começam a associar e... o meu Avô bebia muito e era alcoólico, até que entretanto morreu com uma bebedeira, não é? Por isso... pode também vir daí o facto de ela... ser assim, não é? Ser distante, não sei...*

### **Marta, apesar de já termos falado um pouco sobre os seus pais, gostava que me falasse um bocadinho mais sobre cada um deles...**

*São pessoas normais... Como é que eu hei-de explicar... O meu Pai sempre viveu em Lisboa, não é, só ao fim-de-semana é que estava... é que estava na terra, ele trabalhava cá... em Lisboa. E como eu disse nunca os vi discutir, nunca ouvi os meus pais a discutirem, muito menos a baterem, não é... o que é que eu posso dizer mais...? Pronto, a relação com a minha Mãe já sabe mais ou menos como é que é... é assim um bocado controversa entre aspas, não é... O que é que eu posso dizer mais... O que é que eu posso dizer mais? (ri)*

### **Como é que os descreve como pessoas?**

*Ah, são boas pessoas, se tiverem que... ajudar alguém, ajudam alguém... Tirando a minha Mãe que é um bocado pessimista... na maneira de pensar, nunca é capaz de ver o lado bom, vê sempre o... o lado pior. Tirando isso... são pessoas normais... se é para ajudar, ajudam... E quando eu lá vou... na terra... ela diz: “Toma lá, que é para a ajuda da gasolina ou do gasóleo”, sabe que as coisas também não estão fáceis, embora também não estejam fáceis para o meu Pai, não é, porque cada vez há mais cortes. Mas pronto, tenta sempre ajudar. Por isso... de certa forma são pais presentes, não é... e preocupam-se e isso... não sei o que é que quer que lhe diga mais (ri).*

### **Aquilo que a Marta tiver vontade de me contar...**

*O meu Pai foi sempre mais dado... A minha Mãe foi sempre mais... reservada... Mas o meu Pai não. O meu Pai só não fazia... se, pronto, se não pudesse, não é? Às vezes pensava mais nos outros do que pensava propriamente nele, que é mesmo assim. De resto... acho que é iguais aos outros, não sei que diga... sei lá! (ri)*

### **Então mas e assim ao longo da sua vida quem foram ou são as pessoas mais importantes para si... que mais a marcaram?**

*(...) Sei lá... eu sempre fui uma pessoa... sempre tento resolver eu... as minhas coisas, não é... Mas tenho uma amiga de infância, que sei que se precisar dela que sei que está lá... para ajudar no que for preciso. De resto não sei... se calhar quando descobri a minha sexualidade, não sei... se calhar foi um dos períodos mais marcantes.*

### **Mas e as pessoas?**

*Pessoas... pronto, tenho essa minha amiga. Essa pessoa com quem me relacionei... também foi marcante... foi a... foi a primeira vez, não é?*

### **Que idade tinha na altura?**

*Dezassete ou dezoito... é que tive o primeiro contacto... mais... (ri). Não sei... que eu esteja assim... não estou a ver assim mais... mais ninguém. Estava rodeada de muitas pessoas... sempre dei-me bem com todas as pessoas, mas uma coisa é uma pessoa dar-se bem... outra coisa é nós falarmos ou confiarmos... nessa pessoas, isso aí já é diferente. Há uma diferença e é o que eu digo, conhecidos tenho muitos, amigos se calhar conto pelos dedos, agora pessoas conhecidas, ah isso conheço aos montes.*

[...]

### **Então e quer falar-me um bocadinho mais sobre a sua relação com a R.?**

*Já teve altos, já teve baixos. Neste momento... digamos que teve assim uma... uma altura que estagnou um bocado, não é, e eu senti-me como um... como um bem adquirido e isso para mim é a pior coisa que podem-me fazer, não é... Uma pessoa nunca deve sentir-se completamente certa, não é. És um bem, eu tenho e já não te vou perder... há que batalhar, senti que caiu um pouco na monotonia. Não deixemos cair na monotonia, porque isso pode ser a pior coisa... por experiência própria, não é. Pronto, tentamos dar a volta por cima e estamos a ver se não... não é (ri). Tentarmos não deixarmos cair a coisa outra vez na monotonia. Porque ela é... eu sou um bocado fechada, mas eu acho que ela ainda consegue ser mais do que eu. Chegava a casa, não dizia nada, às vezes tinha problemas no trabalho, isolava-se. Chegou uma altura... depois é assim, também foi se calhar uma fase que eu passava o dia inteiro em casa, porque estava desempregada... precisava de ter... um companheirismo, não é, porque ao fim ao cabo estava o dia inteiro sozinha, não é, estava com os gatos (ri)... sei lá, falarmos, como é que foi o teu dia... e ela nesse aspecto era um bocado, pronto e a relação andou assim um bocado, pronto, tremida. Foi o que eu disse: "Eu para ti sou um bem adquirido. Tipo, estou aí e já estou... estou certa!". E eu não gosto de me sentir assim.*

### **E porque é que acha que se sente assim?**

*Houve uma altura que pronto, nessa altura já eu estava a trabalhar, eu chegava a casa: “Olha, bom dia, boa tarde, um beijo”. Faço o jantar, vamos para a cama e era assim o nosso dia-a-dia. Pá e eu não... não... não me sentia bem com isso assim. Daí eu dizer que a relação caiu um pouco na monotonia. Nesse aspecto... Até que, pronto, depois conversámos, eu disse: “Olha... as coisas mudam, senão, pronto... não dá.” E às vezes a maneira como ela falava... Às vezes faço lá... faço lá jantares ou almoços em casa... ficava com a sensação que eu era um bem e tipo... chegava a casa e não... não...*

### **Mas a maneira como ela falava consigo ou com quem?**

*Com as pessoas.*

### **E que maneira era essa... que coisas é que ela dizia?**

*Sei lá, como é que eu hei-de explicar... A nível de casa fui sempre eu que... que mais cozinhei, não é... Mas tipo eu estava na sala e ela: “Deixa-te estar sentada que ela faz, deixa estar que ela faz...”. Tem que haver ali também um companheirismo e eu não sentia essa parte. Havia alturas que eu também gostava de outras coisas e não tinha, não é? Podia dar-me... um pouco mais de apoio, não é?*

### **E depois de terem conversado... houve alguma mudança?**

*Houve, houve. Fala mais, se calhar já está mais companheira, já não se isola tanto... já fala do trabalho. Há aquelas alturas que se calhar nem tanto, mas eu também sou assim. Se estiver mesmo chateada... eu se estiver mesmo chateada, chateada é do género deixem-me estar ali no meu canto e não me chateies. Se vais-me chatear, ela sabe, se vais-me chatear vai ser pior, depois ficas amuada e depois ainda fazes-me sentir pior que é pior. Há aqueles dias que estou aborrecida, com isto e com aquilo... às vezes uma pessoa está aborrecida e nem sabe o porquê, não é. Eu quando estou nesses momentos gosto de estar sozinha... deixem-me estar a pensar e sempre a massacrar-me não gosto, deixem-me estar no meu canto. Há momentos para tudo. Já está diferente, pronto... agora jantamos, vamos lá para o sofá e... estamos lá ao pé uma da outra... brincamos com os gatos, isso tudo...*

### **E namoram?**

*Sim, sim. Mas isso aí derivado também um pouco da conversa que tivemos, não é? Porque chegou uma altura que nem isso havia. E isso para mim não dava.*

[...]

### **Bianca – Primeira Entrevista**

**E: Bianca... queria começar por lhe pedir que me falasse um bocadinho de si... Como é que é como pessoa?**

B: Bom. Como pessoa sou bastante extrovertida, falo bastante. Hum... sei lá, é... Ultimamente ando um pouco mais severa com as outras pessoas, mas, no entanto, nenhum assunto me incomoda, falar de nada me incomoda, portanto acho que sou bastante aberta. Sei lá, é isso.

**E porque é que diz que se sente mais severa com as pessoas?**

Sou mais intolerante nesse sentido, não é? Eu acho que a gente passou tanta, tanto tempo vivendo da intolerância dos outros que a dada altura achamos que já basta, já chega, está na hora de me respeitarem. Chega de baixar a cabeça e achar que está tudo bem, acho que é por isso que eu fiquei um pouco mais intolerante em relação aos outros.

**Sente que antigamente era mais tolerante...**

Muito mais, muito mais. Faziam de mim o que queriam e estava sempre tudo bem e... agora já não, já exijo mais reciprocidade, acho que é da idade também, não é? Vai amadurecendo e vai vendo que não podemos ser o tapetinho das pessoas como sempre.

[...]

**Veio com que idade?**

Fiz catorze anos aqui. Uma semana antes de fazer catorze anos.

**E porque é que veio?**

Primeiro porque a cidade onde eu morava estava muito violenta, estavam acontecendo muitos assaltos, entretanto numa ocasião colocaram uma arma na minha cabeça, outra na barriga da minha Mãe, então ficou aquela aflição. A minha Mãe é portuguesa, a família toda materna é portuguesa. Então a minha Mãe decidiu que não queria deixar os filhos naquela situação e trouxe-nos a todos para cá. Foi por esse motivo.

**Então fale-me um bocadinho da sua família...**

A minha família gostaria que fosse um pouco mais estruturada do que é na verdade, nós somos todos muito... cada um com a sua cabeça, então muita coisa não dá certo. Os meus pais são divorciados há muitos, muitos anos, portanto nunca... nunca cresci com aquela família feliz papai-mamãe, não. E também sempre vivi muito bem com isso. Em relação aos meus irmãos... eu tenho um irmão de Pai e Mãe, que é mais novo e é o único rapaz da família, portanto é tratado... tratado de uma maneira excessivamente... é mimo demais, é coisa demais que a minha Mãe tem com ele. Então ele não se dá com (indecifrável), para ele, ele é Rei e nós somos sei lá o quê,

*entendeu (ri)? Então a gente não se bate, não se fala. A minha irmã mais velha, as duas mais velhas estão no Canadá, são filhas do segundo, do primeiro casamento da minha Mãe. E... lido muito bem com uma, com a outra também temos algumas... curiosamente também é homossexual, não é, e a gente não... também não nos batemos muito. Lá está, a tal história da intolerância. Até uma certa altura não me fazia mal, eu falava que sim a tudo. De repente eu falei: não querem, não querem, acabou. Cada um na sua vida e pronto. Portanto não é uma família propriamente unida nem... nem que possa contar grandes vantagens. É uma família bastante destruída, mesmo. Mas pronto, é... cada um vive à sua maneira e vive bem. Mas não tem grandes factos para falar da família, de facto.*

### **Então mas como é que é a sua relação com os seus pais?**

*A minha com eles é ótima. A minha Mãe é a minha melhor amiga, a gente sai junto todo o dia, estamos juntas todos os dias. Temos muito à vontade uma com a outra, contamos tudo uma com a outra. Portanto é uma... é uma relação de amizade mesmo, muito bacana. O meu Pai mora fora de Portugal, então nós falamos menos, mas mantemos contacto na mesma, trocamos mensagens no Facebook, graças a Deus eles adoram essas tecnologias. De maneira que falamos também, mas é uma relação mais afastada, porque não mora cá. Só por isso.*

### **E recorda-se da relação entre os seus pais – não sei que idade tinha quando...**

*Era bastante... bastante... tempestuosa também. Também eram feitiços muito fortes, batiam-se muito assim ideias. Mas não lembro de nada de escandaloso, davam-se bem q.b., quer dizer não eram grandes amores, mas também não era... só briga todos os dias. Mas notava-se que eram duas pessoas muito... de personalidades muito fortes, muito vincadas, então havia sempre muito choque, não é?*

### **Mas que idade é que a Bianca tinha quando eles se divorciaram?**

*Não, quando eles se separaram eu já tinha, eu tinha só sete, oito anos de idade.*

### **Está a falar da relação deles até essa altura...**

*Mesmo depois de se terem separado morávamos em casas muito próximas, no mesmo terreno, praticamente e davam-se, falavam-se, tratavam-se lindamente, de forma civilizada. Portanto nunca houve um afastamento assim tipo da Mãe que fala mal do Pai e vice-versa. Nunca aconteceu nada disso. Também era uma cidade muito pequenina, andávamos todos juntos.*

### **Portanto não houve um distanciamento físico...**

*É. Custou muito mais quando eu vim para Portugal, por exemplo, e o meu Pai ficou no Brasil. Isso acabou por fazer com que nos afastássemos um pouco também. Mas... nada que com a idade depois a gente também não compreenda e saiba moldar de outra forma, não é?*

### **E como é que é cada um deles?**

*Olha o meu Pai é aquele italiano típico, tem aquele feitio meio complicado, é todo muito, parece até que foi Troça. Nunca foi, mas parece aquele General. Mas é uma pessoa também extremamente divertida, muito bem-disposto, é extrovertido e... A minha Mãe, a minha Mãe é uma peça, é uma peça única, toda a gente diz isso (ri), mas é verdade, não é? Com a idade que tem... é cómica, é... faz umas piadas que nem me passa pela cabeça, às vezes até eu me envergonho, às vezes a gente dá risada. É muito batalhadora, muito guerreira também, aliás criou os quatro filhos sozinho, não é? E... acho que cada um deles... são... é que eu não vejo, não consigo ver grandes defeitos. Talvez um defeito do meu Pai, que também é um pouco o meu, seja ser preguiçoso. Hum... um defeito da minha Mãe se calhar é a tal relação que tem com o meu irmão. É muito... não abre mais... uma pessoa tão evoluída como ela é, acho que às vezes ela com o meu irmão falha nesse sentido, mas não... E também, lá está, já deixei de falar. Também a relação é deles, eu já não me meto mais. Eu já me metia pouco. Mas sempre que me metia acabava vindo atritos, não é? Então também já não digo nada, ela desabafa comigo, eu penso minhas coisas, mas já não, já não abro a boca... digo que sim a tudo e pronto.*

### **Mas como é para si essa...**

*Já foi mais doloroso. Hoje em dia eu não... não ligo. Mas já foi, já foi complicado. Já foi... é aquele senso de justiça. Eu achava que estava sendo muito injusta comigo. Porque eu faço tudo, aquele não faz nada, mas aquele leva aqueles mimos... Basta não fazer alguma coisa que é logo um escândalo. De maneira que... já custou mais, hoje em dia acho que não.*

[...]

### **Como é que a B. era em criança?**

*Olha, engraçado, em criança e agora em adulta. A minha Mãe costuma dizer que, ao contrário dos outros filhos, eu não fazia muito disparate. Tinha sempre aquela ideia do “não posso fazer isso, porque vai sair asneira”... e então não fazia. E acho que foi daí que a minha Mãe também comenta que deu uma liberdade logo desde muito cedo e aceitou as minhas escolhas desde muito cedo, porque sabia, sabia que eu ia fazer com cabeça. Hum... de resto acho que o mesmo que era, que... que sou até hoje. Brincava, dava-me com toda a gente, cumprimentava toda a gente. Não fazia nada de especial, acho que era uma criança comum, normal. Bem-disposta, nada de mais.*

### **E a sua adolescência... como foi?**

*A adolescência foi terrível, foi aquela idade de sair à noite com os amigos, de descobrir a minha sexualidade também e graças a Deus conheci logo um grupo de pessoas, não é, que... eram boas pessoas, que não havia maldade e então me incluí logo muito cedo com pessoas muito mais velhas do que eu na altura, não é, eu era muito miúda, mas sentia-me protegida por elas. Portanto andava ali, saía à noite, bebia uns copos, fazia... mas estava protegida por aquele grupo de pessoas. E era fácil, porque nunca tive dificuldade em não ter com quem falar sobre as coisas, primeiro porque tinha uma irmã que... que também era, não é, homossexual, e tinha esses amigos todos que parece que a vida me empurrou para lá em vez de... como há tantos casos que as pessoas acabam por se esconder durante a vida inteira. Eu não, eu pude-me abrir logo de cara, com todo o mundo, não é, inclusive com a minha Mãe, que há essa amizade toda. Então eu acho que a adolescência foi muito bacana, fiz muito disparate. Disparate, lá está, é engraçado quando as pessoas falam isso pensam logo em droga, sexo e rock & roll, não foi o caso, nada disso. Disparate no sentido, está bem, tomei um copo a mais aqui, saí até mais tarde ali, mas também, lá está, era muito responsável com essas coisas. Então não provava coisas esquisitas, não fazia uma data de outras coisas. Excedia-me talvez no álcool, mas no resto...*

### **Quando falou da sua sexualidade e desse grupo de pessoas mais velhas... isso foi já em Portugal?**

*Foi cá em Portugal. Eu no Brasil já, já notava que achava mais piada às meninas do que aos meninos.*

### **Com que idade mais ou menos se lembra de perceber isso?**

*Olha eu com cerca de uns, sei lá, onze, doze anos. Até então andava sempre só com rapazes e... nunca os via com... com os olhos que se calhar muitas meninas dessa idade olham, os rapaziños. Andava com eles para andar de skate, para jogar à bola, eram grandes irmãos. Mas de repente passava uma menininha bonita, eles olhavam e estava eu olhando também (ri). Então acho que foi nessa altura, onze, doze anos, que eu comecei a perceber que, espera lá. Mas era muito miúda, então também não levava isso muito a sério. Quando cheguei em Portugal é que... é que, lá está, conforme fui crescendo, não é, fui começando a perceber as coisas e deixei-me levar, nunca tive vergonha, nunca tive problema nenhum nisso também e assim é que as coisas aconteceram. Tranquilamente.*

### **Então contou às pessoas...**

*Sempre. Desde miúda, contei sempre. Falava sempre. As pessoas perguntavam se eu tinha namorado, a primeira, segunda vez talvez eu tenha dito que sim, tenha enrolado, tenha dito alguma coisa, mas cedo percebi também que eu não podia estar mentindo, porque mais cedo ou mais tarde em vez de João ia dizer que era Maria e ia ser pior ainda. Então logo desde muito cedo eu acho que eu resolvi falar nisso com tanta naturalidade, que às vezes as pessoas ficavam assim a olhar para mim, mas logo a seguir já estavam a falar de outra coisa qualquer, tipo, essa menina é maluca, deixa ela. Com a minha Mãe falei logo, de cara, não é, nunca escondi dela. E pronto, foi... a*

*minha irmã mais velha costuma dizer que foi graças a ela, porque ela já tinha aberto o caminho. E eu acho que não, não é. Eu acho que... que cada caso é um caso, portanto... Mas, de facto, facilita um pouco sempre, claro. Não foi nenhum... nenhum bicho-de-sete-cabeças com a minha Mãe quando ela soube. Já havia aquilo na família, não foi nada de... Mas, lá está, a minha Mãe acho que, claro, aceitou melhor a minha situação do que a dela, talvez a dela por causa do susto, o medo que levou de cara. Comigo ela realmente já tinha uma história parecida, portanto... pronto. Mas desde cedo contei para todo o mundo.*

### **Mas como é que ela reagiu quando a B. lhe contou?**

*Ab, muito bem. Até disse que era... às vezes na brincadeira dizia “Ainda bem”, não é, “Porque assim já não tenho mais netinhos em casa, não há mais confusões, não me aparece aqui grávida” (ri). Eu falei: “Mãe, uma coisa não invalida a outra, mas... tudo bem” (ri). Não, mas foi... foi muito tranquilo. “Faça o que você quiser, o que for melhor para você, o que te deixa feliz, não vou-me meter nisso”. E realmente nunca se meteu. O meu Pai foi uma coisa diferente. Como houve essa distância, não é... ele quando veio-me visitar aqui, eu acho ele... ele já sabia, não é, aliás como qualquer pessoa que conviva comigo um bocado sabe logo, porque eu não escondo, é fácil perceber. Então quando ele veio eu delicadamente levei ele num bar... gay (ri), com show de travestis e tudo o mais. Então acho que ele ficou olhando para a minha cara assim tipo: “Ok, eu já entendi a dica” (ri). Então pronto, ainda bem que já entendeu, estamos esclarecidos.*

### **Então não falaram sobre o assunto...**

*Falámos pouco, por cima, perguntar: “Então a mulher está bem?”, “Está, está bem.”, pronto, mudamos de assunto. Também não é um assunto que ele talvez se sinta tão à vontade, não é. Porque não temos mais esse... antigamente era pai e filha, agora é mais uma questão de amigos, “Então, Paizinho, estás bom?”, “Está, está tudo bem.”, “Então tchau, adeus.”. E ficou assim, acho que é mais por aí, porque se tivéssemos convivido com certeza falaríamos mais, acho que sim.*

### **Quando é que se apercebeu do seu primeiro interesse sexual?**

*Ai esse... esse foi quando cheguei cá, portanto um ano ou dois depois, talvez com os meus quinze, dezasseis anos é que houve mais esse ímpeto, não é, essa... essa... essa vontade e começar-me a aperceber e desde muito nova, eu era muito precoce, então eu percebi logo e não fiz disso um bicho-de-sete-cabeças. Falei: “Ok, se você está apaixonadinha, gostou e tal, e se te apetece, encara, filha, não é, de algum jeito você... você se vira, não é (ri)”. Então esse perceber desse assunto acho que sim, com quinze, dezasseis anos. Não neguei. E é a tal coisa, toda a vida lidei com pessoas que falavam muito abertamente sobre tudo e então a sexualidade para mim não era nenhum bicho-de-sete-cabeças. Hum... não foi o caso de eu ir correndo para a minha Mãe a contar para ela: “Mãe e agora, como é que é que eu tenho que fazer, o que é que eu faço?”, até porque certamente ela não saberia me dizer*

*(ri), acho eu (ri). Mas... não... levei isso com a maior tranquilidade, como se fosse mesmo "Pá é a assim que a vida funciona, vamos embora". Nunca foi um bicho-de-sete-cabeças para mim.*

### **Então mas fale-me um bocadinho desse seu primeiro interesse, lembra-se...**

*Lembro perfeitamente. A primeira namorada chamada V. Eu antes dessa namorada estive com um rapaz, um namorado, mais velho. E cheguei a ter relações sexuais com ele, porque tive que fazer (ri), eu na minha cabeça tipo, não eu tenho que colocar na minha cabeça o que é que eu quero mesmo, não é? Porque eu não sou daquelas que penso: "Não, eu gosto de mulher, então eu não quero ai Credo, homem, não, bicho, não." Mas assim que percebi que não era e assim que me apaixonei pela V., estava claro na minha cabeça que era aquilo.*

[...]

### **E a sua relação actual...**

*A minha relação actual é super conturbada, é muito complicada, somos duas pessoas também com feitios muito... muito diferentes. No tempo em que eu sou extrovertida e falo com as pessoas e não me importo de fazer esse trabalho consigo... ela já é exactamente o contrário. É um bicho-do-mato, não é, não que falar! Não quer que saibam quem ela é! (ri) Coisas assim por demais. Então a gente bate muito de frente uma com a outra. É uma pessoa que vê a vida de uma maneira muito recta e... eu gosto mais de olhar assim para os lados também. Então exige muito de mim também, no que toca... aquelas preocupações normais de saúde, disso, daquilo. Mas é uma exigência quase de Mãe para filha e não de namorada para namorada.*

### **Sente que é maternal consigo...**

*É, é. Demais, até. E a dada altura eu irrito-me também, porque penso que com a idade que eu estou, já não estou para isso, não é?! Então a gente bate bastante de frente. Mas há muito, muito amor, há muito carinho, realmente, de facto. Acho que precisava de ter um pouco mais de amizade, acho que é isso que faltou ali para... para haver uma maior cumplicidade entre a gente. Hum... e depois o factor da diferença de idades eu acho que... começo a perceber que realmente faz diferença.*

### **Qual é a diferença de idades?**

*Nós temos catorze anos de diferença. Catorze... não... É, são catorze anos de diferença. E... e chocamos um pouquinho por causa disso. Ela foi uma pessoa que... apesar de ter sido... sempre soube que era também, saiu do armário muito mais tarde. Viveu às escondidas muito mais tempo e viveu com uma única pessoa antes de mim durante onze anos. Então quando veio para ao pé de mim... não é... veio com aqueles hábitos todos e não estava à espera de encontrar uma pessoa que tem uma vida exactamente diferente. Quando me pergunta do meu passado e*

*eu falo... para todos os efeitos eu sou louca (ri), completamente passada (ri) e ela não, ela é a certinha, ela é a correcta. Então tem esses choques assim.*

### **Ela fica incomodada com o seu passado...**

*Muito, muito. Extremamente ciumenta em relação a isso... que é o que eu sinto com ela. E pergunto: “Mas porquê? Eu nem sabia que você existia, quanto mais.” Mas gosta, gosta de vez em quando de jogar o meu passado na cara... não sei quê, não é... como se eu tivesse ficado com metade de Lisboa... (ri) enfim, mas... é, sente-se muito insegura por isso, não sei se acha que com isso significa que eu me dou muito para as pessoas e vou acabar arranjando outra... se há essa leviandade de pensamentos, porque já falei várias vezes que com a idade em que eu estou agora também pretendo uma pessoa para assentar, para encostar as chuteiras e viver feliz para sempre, acabou, não é? Pode não ser essa relação exactamente por causa deste tipo de atritos. Que é o que eu digo para ela, enquanto eu só ouvir briga, briga, briga também não estou feliz, então vamos ter que resolver aqui um meio... um meio-termo. Hum... Porque ela sente-se muito incomodada, realmente. Até mesmo com o meu jeito de ser, porque se eu estiver falando ou dando muita atenção para você agora, daqui a pouco ela está jogando uns olhos assim tipo (ri), entendeu? É, é muito diferente de mim nesse aspecto. É muito desconfiada... é... é muito insegura, a palavra é essa mesmo, não é? É muito insegura.*

### **Como é que vocês se conheceram?**

*Foi através do Facebook. É daquelas coisas que eu acho que a vida faz que quando tem que acontecer acontece, porque eu nunca aceito ninguém que eu não conheço no Face, a não ser para aqueles aplicativos, está bem, joga lá e não me chateies (ri), caso contrário não dou conversa. Mas naquela noite, naquele momento (bate na mesa) estava aqui sentada sozinha e falei “Ah, apetecia-me conversar um bocado”. Liguei o chat e ao invés de ser uma pessoa que eu conhecia, apareceu essa pessoa. Hum... sempre escondida através de um perfil fake também. Mas ao longo da conversa... dava para notar a sinceridade naquilo que dizia, não é, e a franqueza e uma... uma... uma situação muito frontal também. Então foi assim que aconteceu, houve logo aquela atracção. E é uma atracção gostosa, porque você não conhece a pessoa, você não faz ideia se é bonita, se é feia, se é gorda, se é magra, não é? Mas é um tipo de pessoa que te encanta profundamente.*

### **Há um certo mistério associado...**

*É, é. Que às vezes pode-se dissipar totalmente (ri), brincadeira. Finalmente, porque no meu Face como tem lá as fotos todas, para ela não tinha mistério nenhum quem eu era, não é, mas ao contrário... Até que ela começou, mesmo nas brincadeiras, começou a tirar fotos de longe com o flash que era para ter dificuldade em ver a cara da pessoa, foi todo um jogo muito bacana... só que aí eu percebi a aliança no dedo, eu falei “Pá, espera lá. Aqui a conversa muda de tom, porque eu até então eu não sabia que você tinha alguém.” “Ah, nunca perguntou, portanto*

não pode dizer que eu tenha mentido.” Eu falei: “Está bom. Em jogo de português você é ótima, só que você continua sendo casada, não é?” (ri). Aí ela começou a contar a história, explicou tudo, eu aceitei, mas falei: “Olha, mas vamos dar um tempo então, resolve a tua situação e depois me procura. Porque eu também não quero ser eu chegar aí e estragar a vossa relação, de jeito nenhum.” Pá e assim foi, é a tal coisa... Quem... quem pisa fora da linha às vezes escorrega, não é? E ela... acabou sendo descoberta, da pior maneira possível, foi muito desagradável... E como esse mundo... gay é muito pequenino, a namorada dela sabe quem eu sou, me conheceu há vinte anos atrás, quer dizer, é ridículo, ficou uma situação assim muito desagradável, muito desconfortável. E pronto. Ela estava casada há muitos anos com a mesma pessoa, moravam juntas... e de repente viu... as malas na porta de casa a dizer “Sai daqui”, não é? Porque ela descobriu.

### **Nessa altura já tinha havido um envolvimento entre vocês?**

Não. Foi conversas. Conversas, mas notava-se que já havia um envolvimento emocional ali através daquilo, não é. Mas... mas pronto, não tinha passado disso ainda. Agora, seja como for eu, acho que a relação também já – aliás, acredito que a relação tem sempre que estar de alguma forma tremida, não é? Quando já está à procura de outra coisa qualquer é porque a coisa ali já não está bem. Mas independentemente de tudo fica sempre um bocado chato você saber que foi você que ao fim ao cabo, não é, ... por outro lado, eu não fiz nada com má... com má-fé, não agi com má-fé, porque não sabia, de facto, eu estava às escuras, não sabia que ela tinha uma relação. E assim... tanto que quando soube, afastei-me um bocado, não é? Agora, como a namorada dela resolveu colocá-la fora de casa com os gatos e com as coisas... qual foi a minha atitude? (ri) Abrir a porta de casa e dizer vem você e os gatos para cá que eu não vou-te deixar na rua, não é? E lá foi, e foi assim...

### **Foi assim que se conheceram... ou já se tinham visto antes?**

Tínhamo-nos visto uma vez antes, pouco antes, mas foi ver-nos, mesmo. Foi... estarmos cara a cara. Foi até daquelas situações um bocado ridículas, duas mulheres feitas, não é, já crescidas e as duas a olbarem uma para a outra tipo e agora o que é que a gente faz? (ri). Mas pronto, foi um contacto só assim. Foi uma semana depois já estava dentro de casa, já estava aqui comigo. Até porque eu achei que não... era o mínimo que eu podia fazer, não é? Estando envolvida naquela história daquela maneira. E talvez isso tenha sido mal também, porque não nos deu tempo de nos conhecer a sério uma à outra. Entre amigos ou conversando ou apresentando. Não, foi logo de cara. Foi... foi complicado.

### **Mas como é que foi esse princípio de relação?**

Eu acho que o princípio é como em todos os princípios, é muito gostoso, não é, você está apaixonada, que ótimo, aí que delícia, aí que bom, não vai trabalhar hoje, aí fica aqui. E... e tudo isso é muito gostoso, mas depois criam maus hábitos também, porque a pessoa... Ela já não é uma pessoa que tenha amigos, coisa que me faz uma certa

*confusão, e é exactamente o oposto de mim... hum... não tem amigos, não se dá com ninguém. Portanto, a vida dela sou eu e os gatos. E o trabalho dela. Então não passa disso. Então como eu recebo gente em casa e não sei quê, ela não gosta dessa situação, ela sente-se... invadida, não é? E para mim fica difícil porque depois eu penso: “Espera aí, a casa é minha, pô! Sempre recebi meus amigos aqui, não vou parar”, então começa a vir esses conflitos todos, essa confusão toda, e acaba vindo muitas brigas entre nós. E uma das coisas que me... que me afecta muito depois a relação que eu tenho com ela é a falta de respeito, não é? Quando você começa a chamar nomes e... e ser muito dura nas palavras. Eu tenho tendência a ficar quieta, quieta num canto. E eu sei que vai irritar mais a pessoa, mas prefiro do que estar a falar coisas que não... em que nem acredito depois, não é? E... entretanto já me perdi, a tua pergunta foi? (ri)*

### **Sobre o princípio...**

*O princípio foi. Foi assim, foi gostoso, foi adorável, foi maravilhoso, mas... acho que faz falta de vez em quando. De vez em quando tenho que mandá-la para casa dos pais. Vai lá passar uma noite ou duas na casa da tua Mãe que eu preciso de espaço, entender? Não é pô-la fora de casa, mas é... é de facto, é necessário esse espaço, senão não... não dá.*

### **Então as brigas não começaram logo...**

*Ab, foi logo passou um mês depois (ri), já estávamos assim (ri), porque... é a tal coisa, não tivemos tempo de ver como é que a outra pessoa é, não é? Então você por mensagem ou pelo Messenger você é uma pessoa e de repente na convivência... é totalmente diferente. E... eu fumo e ela implica porque eu fumo, fica controlando o que eu fumo. Sabe, eu sei que é preocupação com a minha saúde, mas por outro lado me deixa... atada. Não posso fazer nada. Tem que controlar tudo o que faço. Então é uma pessoa bastante chatinha. Por outro lado é... pá, é adorável, eu sei que se preocupa comigo, cuida de mim e tudo o mais, mas entramos nesse choque. E então... morar junto logo assim, que foi assim a vida inteira, acho que é mais um erro que eu cometi de novo, não é? É mais um.*

### **Sente isso...**

*Sim. Ainda há dois dias falei para a minha Mãe: “Se alguma vez essa relação terminar e eu começar com outra pessoa vai ser cada uma na sua casa, pelo menos durante os primeiros três anos”, porque senão não dá, não quer dizer que a pessoa não possa passar o fim-de-semana junto ou não sei quê. Agora, conviver com outra pessoa é muito difícil, não é. Eu com ela e ela comigo, porque eu também tenho o meu feitio e... e também posso não ser fácil, mas quer dizer... quando começo a me sentir sem espaço aí começo a ficar: “Ai, ai, ai, não é bom para mim”.*

### **Já lhe aconteceu sentir-se sem espaço noutras relações ou...**

*Eu acho que sinto mais nessa, porque, lá está, porque amadureci, porque tenho outras exigências comigo mesma e com a pessoa que está comigo. E antes se calbar não, antes não ligava, baixava a cabeça, não estava nem aí, não faz mal. Agora sem emprego, estando em casa, também já me sinto mal nesse tipo de situação, ainda ter uma pessoa do lado que está constantemente a cobrar-me... coisinhas bestas, não é, pormenores... parvos... começo a me sentir... lá está, sem espaço. Se eu entrar para a internet... faço quando ela está fora, por exemplo. Quando ela está em casa não ligo, porque senão já sei que vai... me chatear porque eu estou a falar com alguém na internet. E geralmente alguém que ela conhece, que ela sabe quem é perfeitamente, enfim. Não é fazer às escondidas, mas é evitar conflitos. Porque eu detesto conflito. Então acabo me sentindo... encurralada, não é?*

### **Mas porque é que acha que isso gera conflitos?**

*Eu acho que é essa tal insegurança. Ela achar que já está numa certa idade em que também não quer andar a brincar às casinhas, não é, e... às relações e... e acha que, ah e muitas vezes ela fala que por eu ser mais nova que... que ela tem muito receio que a dada altura... eu pule fora da relação e ela fique, não é, sem chão. E... e... por mais que eu diga que não, que não é isso que me passa pela cabeça, que aliás não me passa mesmo pela cabeça, que estou tranquila, que estou bem, que estou feliz... nada... nada a convence. Então de vez em quando há aquelas alturas, que eu também não sei se é a altura da menopausa, da pré-menopausa, e é facto, não é, porque há aqueles picos de humor, aquelas alterações de humor... então, por mais paciência que eu tenha que ter, de vez em quando eu digo “Pelo amor de Deus, que mais é que eu tenho que fazer?”, não é? Não sou uma pessoa que saia à noite, não sou uma pessoa que fale com pessoas, não sou... estou ali na minha, os meus amigos você conhece-os todos, portanto... essa... essa insegurança é que é... é que às vezes dá cabo de tudo.*

### **Sente que é injusto...**

*Sinto, sinto. Acho que se eu tivesse uma restiazinha assim de: “Eu faço porcaria”, entendeu? Eu até percebia, aí eu percebo o porquê, porque eu estou sempre na net, porque eu estou sempre não sei quê, mas não é o caso. Não lhe dou motivo nenhum para isso... e isso começa a fartar um pouquinho, começa a encher um pouquinho. Porque é constante. Já são dois anos assim, quer dizer.*

### **Estão juntas há dois anos.**

*Há dois anos e dois meses. Portanto tendo em conta que foi para aí dois meses depois de morarmos juntas, há dois anos que tem sido esse atrito todo. Então ora está muito bem, damo-nos lindamente, como de repente não podemos olhar uma para a cara da outra. E ela é uma pessoa extremamente agressiva, mesmo na forma de falar, não é. Passa-se completamente (ri). E eu sou exactamente o oposto, eu fico quietinha, sentadinha, tipo ok. E ela vai dormir e eu não ligo o computador para o caso de ela acordar e ela ver que eu estou no computador, apesar de*

*estarmos chateadas! Então respeito isso tudo nela! Mas depois sinto que não sou respeitada também, entendeu? De poder ser eu mesma sem ter problemas ou sem ter... sem ter a preocupação de que alguém vai-se chatear com isso, não é?*

### **Quando conversam sobre isso ela consegue compreender?**

*Ab na altura, claro, ela percebendo que eu estou falando dura, estou falando séria, “eu vou mudar, eu prometo que eu vou mudar, eu vou mudar, eu vou mudar”. Aí ela chega do trabalho, nessa noite está tudo bem e no dia seguinte voltamos tudo à... à estaca zero. E eu já lhe disse, “Eu não vou querer te mudar agora com a idade que você tem”, não é, tudo bem. Só que eu também não vou mudar, então vamos ter que arranjar um... um meio-termo para conseguirmos viver minimamente... felizes nessa relação, não é? Hum... dei-lhe todas as provas que não vou deixá-la na mão, não vou sair e falar “Agora se vira”. Não vou fazer isso, até porque não é do meu carácter. Mas... a dada altura se ela continua a agir dessa maneira comigo eu vou ter que sair, porque senão também a minha sanidade vai por água abaixo. Completamente. Essas relações desgastam-se muito facilmente. Mas acho que sim, acho que com o tempo é capaz de dar uma amenizada.*

### **Têm fases melhores, outras piores...**

*Tem, tem. É o que eu digo, às vezes brinco com ela, digo: “Meu Deus, está com TPM ou então é mais um daqueles picos da pré-menopausa?”, hum... mas acho que ela está muito bem para a idade que tem, mas eu não sei porquê, algo nela, ela sente-se velha por algum motivo. Ou acha que eu sou nova demais... deve ser os conflitos interiores dela, mas é uma pessoa que não fala também. Hum... ela não me conta nada do passado dela, não me conta as histórias dela... e eu também não insisto, respeito, mas... às vezes fica difícil conseguir... tipo “Espera lá, o que é que será isso, não é? Que aflição será essa?”, isso deve ter alguma história por detrás disso tudo. Não é normal (ri).*

### **Ela não fala...**

*Não, não gosta de falar. Já tentei várias vezes, e depois acabei por... por desistir, não... deixo-a no espaçozinho dela também e pronto, tudo bem. A personalidade dela é essa, é uma pessoa muito fechada, é uma pessoa muito insegura. (...) Muito zangada... com alguma coisa... que eu não sei o que é. Hum... é assim uma pessoa mais... mais fechadona do que eu. Não sei, mas depois tem outros extremos também. É uma pessoa extremamente intelectual, é... é inteligente, é, é... é, eh pá, não sei é (ri) é de extremos, é uma pessoa de extremos, totalmente.*

[...]

### **A esse propósito, B., como é que define o amor?**

*(Sorri) ... Eu aprendi a amar com calma... desde que a K. morreu, aprendi a amar com calma, não é... Já não crio grandes expectativas... gosto de amar com clareza e com respeito... uma coisa que eu adorava ter com a C. e que não tenho conseguido é exactamente a cumplicidade de duas pessoas... Eu vejo o amor acho que como eu via antes, ou seja, grande, belo, maravilhoso, ninguém pode viver sem, blá, blá, blá, mas... sem tantas expectativas como antes. Antes acreditava que podia-se morrer de amor e, no entanto, eu não morri, e estou aqui, então eu já deixei de acreditar um pouco nessa... não é? Na altura achei que ia morrer junto, mas não, estou aqui. Tive que me manter por milhões de razões, não que não me tenha passado pela cabeça assim, não é, mas... o amor também é isso, não podia deixar minha Mãe, não podia... não é, não podia ser egoísta a esse ponto. Então o amor para mim deixou de ter aquela poesia só de amor entre duas pessoas como um amor geral, em que as pessoas têm que... respeitar umas às outras. Basta, não é. Já é um bom começo. E o resto vem depois. Já não faço grandes (ri)... grandes alaridos acerca do amor, não.*

[...]

### **Bianca – Segunda Entrevista**

**E: Bianca, queria começar por lhe perguntar se pensou nalguma coisa desde a última vez que falámos...**

*B: Aí depois... entretanto naturalmente comentei com a minha namorada sobre isso, porque ela também é curiosa, quer saber tudo, não é? E na conversa falei que achava bastante pertinente a... uma tese sobre isso até, não é, porque... E falei que achei interessante a J. ter-se lembrado também de mim, não é, porque a gente também já estava sem contacto há algum tempo. E não, estive a pensar nesse sentido, só. Comentar, olha as perguntas foram muito bacanas, a Vera é muito simpática, portanto a conversa correu muito bem. Foi nesse sentido só, depois também não tive, não fico a pensar muito no assunto, não é, naturalmente (ri).*

**Qual foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?**

*No geral... Bem. Eu acho que, lá está, a minha vida mais feliz foi quando eu encontrei a K., que eu já contei, não é, aquela moça que faleceu. Eu acho que a gente se completava muito e naquela altura me deu... meu deus vontade de fazer as coisas com o objectivo de ir ao Brasil, que também já não... já não ia há muitos anos, não é, há vinte anos, praticamente. Então aquilo me criou um certo objectivo, uma certa garra de fazer as coisas e... e o tempo mais infeliz foi exactamente ela ter falecido sem eu ter feito isso (ri). Um momento mais feliz apesar de eu não ter gostado de regressar ao Brasil, foi a minha ida ao Brasil, de facto. Porque ao fim... ao fim ao cabo, estar vinte anos cá sem voltar lá, sem... sem ter a menor ideia do que era, era um capítulo que eu não conseguia virar, então não dava. Apesar de eu não ter gostado, volto a dizer, não, não me senti inteira, não mudou nada... Quer dizer,*

*mudou. Mudou. Voltei para cá, pensando: “Aqui é a minha casa. Está encerrado, de facto. Brasil agora é só férias, nem pensar em morar ali.” Portanto acho que teve sempre a ver com o Brasil. Foi uma história que começou... ficou incompleta, em todos os sentidos, não é só a K., é... a minha adolescência que ficou lá, não é... os meus amigos ficaram lá. Então acho que em todos os sentidos, olhando assim para a minha vida... claro que mais infeliz, de facto, foi ter sofrido um AVC com 29 anos e ter pensado: “Meu Deus, é agora que eu vou bater as botas, não é, tão cedo...”. Mas foi uma coisa que eu também passei... assim que o susto passa você volta a fazer tudo o que não devia (ri), pensando: “Ok, eu sou inquebrável.”. Claro que há aqueles momentos mais... infelizes, tipo: “Meu Deus, eu ainda sou tão nova, não sei quê, será que...”. Portanto foi um momento muito pesado e muito triste. Mas pensando entre o AVC e a minha ida para o Brasil e a morte da K., naturalmente acho que foi a... a morte da K foi realmente o mais infeliz de todos e o... o encerrar do capítulo Brasil na minha vida foi, de facto, o mais importante, foi o mais feliz, também. Me deu aso para continuar a minha vida aqui, tranquilamente.*

**Bianca, fale-me um pouco de si em criança... Houve assim algum episódio, bom ou mau, que tenha marcado a sua infância?**

*Em criança é... em miúda não era uma miúda muito sapeca, como a gente diz no Brasil, nem nada disso.*

**Sapeca o que é?**

*É sapequinha, de correr, de brincar, de pular.*

**Traquinas...**

*Traquinas. Exacto. De não medir as consequências das coisas. Bem pelo contrário, era bem mais calma e bem mais responsável, até. Mas adorava... o que me lembro mais é... é gostar de fazer coisas, criar as coisas... com os filhos às vezes das pessoas que trabalhavam lá em casa. Fazer peão de madeira, com preguinho, com bolinha de gude, com essas coisas, portanto é... é o que eu me lembro melhor na minha infância é disso. Momentos negativos foram os assaltos, a violência que havia no Brasil, de facto, era... ainda bem que não me marcou de uma forma tão, tão pesada, tão negativa, mas é complicado quando você tem doze, treze anos, uma arma apontada na cabeça e do seu lado a sua Mãe com uma apontada no peito, é muito difícil, não é? Por outro lado eu acho que todos os traumas que eu passei na minha vida, no dia seguinte já tinha esquecido. Não gosto muito de ficar mastigando e vivendo dessas coisas, então... foi um momento triste na minha adolescência, mas não foi assim tão marcante quanto isso. Os momentos felizes era brincar com a criançada, apesar de no Brasil a minha Mãe ter uma vida muito confortável. Muito confortável mesmo. Acho que daquilo a gente não... tinha tudo o que era bom, disto, daquilo, para também sustentar a ausência dela, não é, que ela também trabalhava, não é, demais. Eu optava sempre por estar com a criançada da rua, brincar de bicicleta na rua, fazer... joguinhos na rua. Era mais desligada. Portanto esses momentos eram felizes, acho que sim.*

### **A sua Mãe estava ausente...**

*Estava, porque ela tinha um Restaurante. E era um Restaurante com algum sucesso lá na cidade onde a gente morava e... então, sabe como é que é com Restaurantes, não é, é aquela coisa, é de manhã, à tarde e à noite. Então nós tínhamos funcionários para tudo, não é, eu tinha um motorista que levava na escola, eu tinha uma empregada que cuidava de mim de noite, tinha empregada de dia. Tinha sempre rodeada de gente, mas eram pessoas que não eram da família. E era aquela idade difícil, também, vinha da escola, ia directo, pronto, nunca faltava nada, mas faltava um pouco a presença da Mãe.*

### **Como é que isso era para si?**

*Tranquilo, também. Porque era o que eu dizia, saía da escola, ia no Restaurante da minha Mãe, dava uns beijinhos, estava com ela, depois queria era ir brincar de skate e pular na rua. E era uma cidade muito pequena e... que me encanta até hoje, lá está, eu volto lá sempre que for possível para mim. Adoro aquele lugar, em que toda a gente se conhecia, as famílias todas se conhecem, a criançada, parece mesmo história de... não é? As pessoas se encontram na rua: “Ab, deixa o seu filho ir brincar com o meu ali na Praça.”. Deix da noite, onze da noite, não tem problema nenhum. E... então eram momentos assim agradáveis e a minha Mãe no fundo estava por perto. Era só entrar no Restaurante e estar com ela. Porque os fregueses não queriam comer comida que não fosse dela. Então ela tinha que estar ali. E pronto, a vinda para Portugal trouxe esse lado bom, não é, estamos muito mais próximas. É outra idade também, é outra coisa. Mas não foi tão negativo quanto isso. Não foi mau, nem... lá está, nem traumatizante: “Ai, a minha Mãe quando eu era mais nova não estava tão presente” (ri), não. Tínhamos outras coisas e... não era aquela ausência, distância e... portanto, nesse aspecto também era tranquilo.*

**A primeira vez que falámos lembro-me de a B. me ter falado do facto de sentir que o seu irmão acabava por ser de alguma forma desculpabilizado. Eu fiquei sem perceber se sente isso apenas em relação à sua Mãe ou se da parte do seu Pai também foi sentindo isso...**

*Não, pelo contrário. O meu Pai tinha até uma ligação mais próxima comigo. E... apesar de tudo não me mimava como a minha Mãe mima o meu irmão, não é, até hoje. Mas... a diferença é que o meu Pai tinha uma predilecção, sim, eu acho que acontece, não é, não adianta estar a tapar o Sol com a peneira, é verdade, o meu Pai tinha uma predilecção por mim e a minha Mãe pelo menino. Mas o meu Pai não aceitava determinados comportamentos, o meu Pai era uma pessoa muito rigorosa, era e é, não é, uma pessoa muito, não é, cheia de rigores e comportamentos que ele não abre mão. Então com o D. ele foi um pouco... um pouco mais duro, mas tinha que ser, porque lá está, o D. vinha muito macio da... da minha Mãe. Do meu Pai nunca vi esse tratamento com o meu irmão. Pelo*

*contrário, pelo contrário. Era bem rijo mesmo com ele. A minha Mãe sempre protegeu os quatro filhos quase de forma igual. O D. talvez por ser o mais novo e por ser rapaz ainda hoje é o “Ai, ai, ai”, se bem que ainda hoje, não. Porque ainda ontem tiveram uma briga escabrosa (ri) e acho que ela abriu os olhos, finalmente, e disse: “É pá, realmente não posso continuar a tratá-lo...”, porque não é mais um menino, não é, são trinta e quatro anos. Mas continua sempre com as quedas sendo aparadas, não tem um comportamento de homem, como eu costumo ver dos meus amigos da idade dele. É uma pessoa extremamente mimada, extremamente reservado e... e é nesse aspecto que eu acho que o facto de a minha Mãe tratá-lo daquela forma não foi positivo para ele. Não é para mim, é para ele. Mas pronto, o meu Pai era mais rijo, o meu Pai gostava das coisas ali na hora, e como tem que ser, é sangue italiano correndo nas veias, uma alegria, portanto... havia essa... não me favorecia! Não é, não era tipo: “Ai, eu vou fazer isso pela B., mas pelo D., não.” A rigidez era para ambos. Mas como eu acatava melhor, talvez não levasse tantas broncas, não é, o D. já levou mais. Às vezes tinha que ficar o dia inteiro na mesa, porque não queria comer um prato de bife. Tinha que ser pizza e coca-cola, entendeu? Então é nesse aspecto, mas também não senti essa rivalidade mãe e pai.*

### **O seu irmão vive cá?**

*O meu irmão agora está em casa dos meus pais, dos meus pais, não, da minha Mãe e... e agora com essa mudança da minha Mãe vai ter que se mudar também, então...*

### **Mas relacionam-se com o vosso Pai?**

*Olha, eu não tenho uma relação com o meu irmão, portanto eu não sei, não é. Mas aquilo que a minha Mãe de vez em quando fala comigo parece que sim, eles trocam... Neste momento acho até que falo eu mais com o meu Pai do que ele, mas isso é do D. mesmo, ele não... não procura, não quer saber, não fala muito, portanto é, lá está, é reservado.*

### **Mas porque é que não se relaciona com o seu irmão?**

*Exactamente por ser uma pessoa extremamente difícil. Ele acha que... ele acha que, não sei, na verdade o que aconteceu foi: quando eu fui para o Brasil ao fim de vinte anos, eu ganhei a passagem de uma família... cuja menina que veio para cá eu acolhi. Eu disse: “Vem para Portugal, estuda aqui, que eu te dou a minha casa, você tem casa, comida e tudo o mais”. E ao fim de um ano, a Mãe dela disse: “B., obrigada, eu quero-te dar um presente de aniversário.” Eu disse: “Não, o que é isso, imagina, não é preciso.” Ela disse: “Não, eu quero, eu faço questão, é o teu aniversário, há vinte anos que você não vem ao Brasil. Você vem ao Brasil e fica na minha casa.” E ela deu-me a passagem, então foi uma coisa, eu fiquei emocionadíssima, não sei quê. O D. não acredita que foi assim! O D. acha que foi a minha Mãe que me deu, entendeu?! (ri) Então começou a criar esse desconforto e por mais que a*

*gente diga que não foi assim... esse é um exemplo de vários. Tudo o que eu possa fazer na minha vida o D. acha que é a minha Mãe que está aparándo e não é verdade, de todo. Então fica essa, esse jogo, e depois como é um rapazinho mimado não quer conversar, não fala, vira a cara, como eu lhe disse da última vez eu cheguei a um ponto que já não tenho tolerância para isso. Não quer falar, não fala! Não me aquece, nem me arrefece, portanto... ficamos assim. Então cortámos laços, fica ele na dele, eu na minha.*

**Não foi a sua Mãe que lhe ofereceu o voo, mas se tivesse sido realmente a sua Mãe... porque é que isso era um problema?**

*Boa pergunta, também não sei. Porque foi... ainda hoje tive essa conversa com a minha Mãe, o desabafo dela em relação a ele, e eu disse: “Eu nunca lhe questioneei quem é que lhe comprou o carro, quem é que comprou a moto, nunca!” Até porque eu sei que a minha Mãe tem quatro filhos e ela não pode dar o mesmo para os quatro filhos, não é? Cada um tem a sua necessidade. Portanto, nunca questioneei, nunca perguntei, eu vejo ele andando de moto para aqui, de carro para ali, mas não pergunto nada! (ri) E... D., pela sua parte não sei se ele acha que se tivesse sido a minha Mãe que ele também merecia ou... é quase uma novela isso, é um bocado ridículo, mas não sei, talvez seja isso, ou... sente-se lesado de alguma forma, não sei.*

[...]

**Ao longo da sua vida... que considera que foram ou são as pessoas mais importantes para si?**

*Ao longo da minha vida... sem dúvida a minha Mãe, que é... é a minha companheira, mesmo. A minha actual companheira é sem dúvida uma das pessoas mais importantes. A K., obviamente. Tem uma outra amiga minha brasileira, virtual, mas que também já conheço há montes de anos, que é a G., que também é muito importante. E tenho as minhas amigas de quando era mais nova, que têm a sua importância também.*

[...]

**E porque é que refere essas pessoas em particular?**

*Porque eu acho que elas são de uma sensibilidade tal que... que me fascina, que me emociona, também são pessoas que não se esquecem, de pequenas coisas que nós fazemos e que nós não estamos à espera que nos agradeçam, mas que sabe sempre bem quando elas se lembram e dizem: “Olha, não vou-me esquecer”. E... e são de um coração muito bom, porque fazem as coisas sem estarem à espera de nada em troca, e então acho que há uma ligação mesmo de alma, sabe? Não é aquela coisa: “Ai, eu gosto de ti, porque você agora tem isso”, como eu já conheci muita gente assim também, não é? Mas essas, não. Essas ficaram, porque eu acho que há uma... há uma sinceridade na amizade, no sentimento delas, entendem? Acho que isso para mim é o mais marcante.*

**Em relação agora à sua juventude... quando o corpo começou a mudar... como foi essa experiência para si?**

*Olha, não... eu acho que a mudança mais chata e desagradável foi a menstruação, que deve ser geral, não é, o pânico (ri), tipo, o que é isso? O que é que está acontecendo? (ri). Mas de resto, lá está, eu acho que fui uma pessoa muito esclarecida sempre, apesar de tudo, a minha Mãe podia não estar muito presente, mas sempre foi-me esclarecendo tudo, então se as maminhas vão começando a crescer, a gente sente, vai olhando para o espelho, ah e tal... não... também foi alguma coisa que eu também levei com muita naturalidade, nunca fiquei chocada, tipo “peitão”! (ri) Foi uma mudança muito tranquila também, foi muito sossegada. Não fiquei em pânico com nada, não estranhei nada, foi tranquila também.*

**B., apesar de já termos abordado isto na primeira entrevista, gostava que me falasse um bocadinho mais sobre os seus pais... a relação entre eles...**

*Péssima. Havia momentos em que eu via que os dois tinham uma amizade fantástica, outros em que meu Deus do céu, eu parecia que estava num campo de guerra, eu só queria sair dali, não é? Hum... eu nem sei, para lhe ser muito franca, quantos anos eles estiveram casados, não é. Hum... mas devem ter sido uns oito, nove, foi na altura em que se separaram, portanto deve ter sido isso. Vi momentos deles sorrirem muito, de aparecerem nas fotos como um casal apaixonadíssimo, e vê-los mesmo a sorrirem, a brincarem. Porque o Restaurante da minha Mãe era um ambiente muito boémio também, as pessoas iam cantar e estavam ali, eram artistas, eram escritores e eram isso, então era muito giro vê-los ali e tal, e achava aquilo muito bonito. Agora já para o final... era uma guerra autêntica (ri), aquilo era um estado de guerra mesmo, era impressionante (ri), os gritos e quando conseguiam estar juntos, entendeu? Mas, lá está, como eu estava muito pouco com eles. O meu Pai é artista, estava no atelier dele trabalhando. A minha Mãe no Restaurante. Então eram poucos os momentos que eles se batiam de frente. Nunca vi violência, nunca... nada. Ouvi uns palavrões, com certeza, quem não? Mas violência física ou... violência psicológica... isso nunca vi. Mas ouvi várias discussões, de um sair e bater a porta, tipo não te aguento mais. Por isso é que eles quando se separaram também não me custou nada, falei: “Acho ótimo!”, cada um no seu canto, entendeu? Então pronto, foi assim.*

**Achou que era melhor...**

*Achei e assim que se separaram fiquei feliz da vida, porque até a própria relação deles connosco muda. Não há aquele ambiente pesado, aqueles nervos em casa. Além disso, a casa da minha Mãe era aqui, o meu Pai construiu a casinha mesmo do lado, então (ri), portanto era só subir o morro, estava lá na casa dele. E a cidade onde eu morava era, não tinha como, não é? Mas ficaram muito mais leves também, nunca houve aquela coisa da minha Mãe ficar falando mal do meu Pai, do meu Pai ficar falando mal da minha Mãe, pelo contrário. Hum... ainda hoje, trinta anos depois o meu Pai já brincou comigo: “Será que a tua Mãe quer casar comigo de novo?” Eu falei:*

*“Você não é louco, não é!” (ri) E ele aí brincou com a minha Mãe e perguntou: “Vamos casar de novo?” e ela: “Você pirou de vez!” (ri), porque eles hoje em dia se dão lindamente, falam-se e tal. Ficou essa relação engraçada em que foi tudo muito bem aceite, pelo menos falo por mim, acho que a separação foi... foi o melhor que aconteceu, mas depois ficou... ficou essa amizade, ele vinha para cá, nós recebíamos ele aqui, nós também fomos para lá, portanto... ficou bem melhor assim! E ainda hoje eu acredito, se as duas pessoas não se entendem, separem-se, porque não vale a pena, não é.*

### **Então e fale-me um bocadinho mais sobre cada um deles...**

*Bom, o meu Pai... o meu Pai é italiano, mas com alma de brasileiro, apaixonado pelo Brasil, não vale a pena. Mora na Itália, é artista plástico... tem um feitio muito... nómada, gosta de andar por aí, mas acho que isso é coisa de artista mesmo, não se prende a nada, amanhã logo se vê, portanto leva uma vida um bocado errante. A minha Mãe é uma batalhadora, toda a vida foi, com um humor fantástico e uma cabeça muito jovem para a idade que tem... hum... e é guerreira, mesmo, ela não baixa as armas, não vai abaixo. É... acho que são as qualidades de um e de outro que eu vejo melhor. O meu Pai, pelo contrário, o meu Pai abaixa-se e deixa andar. A vida está mal, deixa estar. A minha Mãe, não, se está mal vamos colocar bem. Vamos fazer as coisas de outra forma. E... defeitos... o meu Pai é teimoooso (ri), mas eu acho que eu puxei um pouco ele nisso, por isso a gente de vez em quando bate de frente um com o outro, porque também já deixámos de ter essa relação pai-filho. Estamos a recuperar agora, aquele carinho paternal, não é, mas até então, durante esses últimos anos, temos sido amigos. A gente briga quando tem que brigar, fala e tal. Nunca faltando ao respeito, mas sendo um pouquinho ríspido mais. Coisa que eu não faria com a minha Mãe, por exemplo. Posso não gostar do que ela fala, do que ela diz, mas jamais... falaria num tom acima. E... então vejo ele mais como amigo, agora ele está mais carinhoso também, está envelhecendo... Com a minha Mãe é a relação que eu já comentei, estou com ela todos os dias, não há um dia que eu não esteja com ela e me dá uma força tremenda também.*

### **Há uma grande proximidade...**

*Muito, muito. Muito. Acho que a minha Mãe pecou no sentido de não cobrar mais da gente... como pessoas, como indivíduos, entendeu? Vai, batalha, faz alguma coisa! Não, ela ia aparando sempre as quedas. Encostou-nos um bocado. Hum...*

### **Sente que isso...**

*Prejudicou. Prejudicou, com certeza. Agora já não, que agora também tenho outra idade e outra cabeça, mas em alguma altura eu sei que sim. Inclusive... aquando do meu AVC, do falecimento da K., logo a seguir chegou uma altura que eu falei: “Gente, olha, eu preciso de um psicólogo.”, coisa que eu sentia: “Nem pensar, psicólogo! Lá preciso eu de psicólogo! Eu me aguento!”. Falei: “Não, estou precisando de um.” Fui falar com a minha Médica e*

ela: “Estava a ver que nunca mais pedias. Estava até a estranhar, os anos que estão a passar e você nada.” Hum... fui ter com a Doutora, expliquei-lhe a situação e ela, sem eu explicar mais ou falar sobre a minha Mãe sequer, ela me disse logo: “O teu problema é a tua Mãe. A gente vai ter que esclarecer isso aqui.” (ri) Fui duas ou três vezes mais à consulta com ela, à quarta ela quis que eu fosse a uma terapia de grupo. Eu já torci um pouco nariz, mas falei: “Tudo bem, se a Doutora acha eu vou.” Detestei, falei: “Eu não quero estar aqui”. Porque eu falei: “Não, não, espera aí, os meus problemas eu queria desabafar consigo, que mais ninguém me entende. Até aí tudo bem. Agora, não, sentar ao lado de pessoas que estão com sofrimentos muito, pá, com coisas atrozés, eu saio daqui pior, eu não quero! Então não venho mais.” Ela disse: “Então vem só mais uma, só mais duas.” Fui. Aí continuou empinando com a minha Mãe, falei: “Está vendo, não vai funcionar. Porque se você acha que eu vou sair daqui e virar as costas à minha Mãe ou deixar de falar com ela isso não vai acontecer. Portanto também não está a funcionar. Deixemos isso para lá, então.” Pronto, nunca mais lá fui, gostei das duas, três primeiras vezes gostei, depois acho que aquilo descambou um bocado, tornou-se um bocado exagerado. Mas concordei com ela quando ela disse que de facto era prejudicial essa coisa que... a minha Mãe tem com os filhos, essa coisa de querer abraçar e não e nada vai-te acontecer. Tem que deixar acontecer, não é? Tem que deixar a gente cair, tem que deixar... ter a minha forma de pensar, o meu jeito de ser, e se tiver que ser será... logo se vê. Ela, não, ela acabou por nos coibir um bocado, não é? Tanto que na altura eu sempre dizia: “Eu só faço as coisas com o aval da minha Mãe”, e qualquer coisa que surja na minha vida eu tenho que perguntar: “Mãe, o que é que você acha?”, se ela disser que não, eu desisto logo. E isso é mau. É mau, porque eu até podia querer fazer de facto as coisas, podia ter arriscado mais e não arrisquei, não é? Hum... e eu acho que a minha Mãe às vezes apesar de saber o que eu faço por ela, acho que de vez em quando ela podia dizer mais ou demonstrar mais, não é. Que é aquilo que eu lhe falei em relação às pessoas que me marcaram, acho que são... não preciso que venham-me dizer: “Obrigada, por ter ido comigo hoje.” Mas também não é preciso depois dizer: “Ai, os meus filhos não me ajudam em nada”. Mentira, os teus outros de facto não ajudam, mas eu estou aqui presente todos os dias. Então é nesses aspectos que de vez em quando eu também tenho ali... mas também já aprendi a lidar com isso, é a tal coisa, eu vou-me moldando (ri) e vou aceitando e vou achando, pronto, também não me afecta assim, não fico mal, não fico caída, portanto não tem problema nenhum. E como não convivo com o meu Pai não posso falar mais sobre ele, porque não sei como é que seria uma relação mais próxima, não é, ele mora longe. Pela internet a gente agora se dá muito bem, nós damos risada, sinto muito à vontade com ele para falar sobre tudo e... é essa a relação afectiva que nós temos. É um bocado virtual também, não sei se no dia-a-dia seria assim, não é? Quem sabe se a minha Mãe casar com ele de novo (ri). Nem pense. E pronto, é assim, o que eu posso falar deles é isso, acho que não há mais nada que possa... possa indicar que seja assim pertinente sobre os dois, não sei.

**A questão da proximidade com a sua Mãe, referida até pela psicóloga, ainda que possa ter sido de forma excessiva... é uma questão que a preocupa?**

*Agora já não. Na altura preocupava-me e eu até, como disse, já concordei com a Doutora. E concordei até determinado momento, acho que bater no ceguinho também já é demais (ri). Já entendi, eu não sou burra, calma (ri). Hum... como é assim, por exemplo, pegar na minha Mãe e falar assim a culpa de tudo na sua vida é dela, eu não aceito isso, não admito, fosse uma psicólogo, fosse um juiz, fossem quem, fosse o Papa, não admito, não é. Até porque eu não sou nenhuma criança, sou uma mulher adulta.*

### **Mas sentiu que aquilo que a psicóloga lhe sugeriu era...**

*Foi sair, desligar-me da minha Mãe, cortar o cordão umbilical. Agora eu vejo a minha Mãe com a idade que tem, passando pelas coisas que passa, e sempre trabalhou, não sei quê, não me sinto na capacidade de falar simplesmente: “Agora eu vou à minha vida”, não é? Até porque eu sei que ela não tem apoio dos outros filhos, portanto sinto-me na obrigação, acho que é esse o meu papel aqui é ajudá-la, ué, ajudou-me até hoje, não vou virar-lhe as costas agora? Mas de facto acho que de vez em quando exagero, estou demasiado... disponível. De vez em quando devia dizer: “Mãe, agora não posso. Hoje não dá jeito, hoje não me apetece.” Mas eu sou incapaz de lhe dizer que não. E acho que foi nesse sentido mais que a... que a Médica queria dizer, não é? Tem que aprender a dizer não, não só à sua Mãe, mas às outras pessoas também. Você não quer, não faz! Mas aí está uma capacidade que eu ainda tenho, ainda hoje, muita dificuldade em fazer. As pessoas podem-me pedir o que for ou... querem ajuda, eu posso estar cansada, estoirada, até posso ter vindo de uma noitada... eu faço, não vou dizer que não. Acho sempre que não custa, não tem problema. Depois a gente leva aqueles... aquelas surpresas agradáveis da vida que é as pessoas esquecem-se rapidamente também e depois já não querem saber de você ou quando você precisa também lavam as mãos. Mas eu prefiro continuar a ser como eu sou, estou muito satisfeita com o meu carácter, portanto acho que não mudaria nada, independentemente de achar que está correcto ou não que a minha Mãe use e abuse de mim, quase como se eu fosse uma marioneta, não é? A minha namorada de vez em quando diz: “É pá, de vez em quando tens que mostrar para a tua Mãe que não é assim, não é? Também tens os teus momentos, as tuas crises.” Porque eu também me habituei a que eu nunca estou mal disposta, nunca estou de má cara, eu nunca faço nada de má vontade. Se há um dia que eu estou de TPM com cólicas menstruais (ri) e me apetece estar calada sem sorrir ela acha estranho: “Ai, vai ficar com essa cara? Ai, se é para fazer com má vontade...”. E não é má vontade, eu estou com cólicas, não me apetece ficar carregando móveis, entenderem?*

### **Não gosta de mostrar à sua Mãe...**

*Qualquer tipo de desagrado sobre o que eu estou a fazer não gosto. Não gosto e acho que não devo fazê-lo.*

[...]

### **Gostava que falássemos agora um pouco sobre a sua relação actual...**

*Tem altos e baixos... acho que nós... pelo menos eu com ela conto-lhe tudo também, não... está tudo bem, não sei que mais. Só que eu tenho um feitio, lá está, mais leve do que ela. Enquanto que para mim está sempre tudo bem, não faz mal, eu faço... ela já não. É se não lhe apetece, não faz! Se eu não quero, não quero! E é muito bicho do mato, ela não é uma pessoa sociável, não gosta muito de estar com pessoas. E eu já sou o oposto. Então nessas coisas nós chocamos um bocado, mas ao mesmo tempo quando só estamos as duas – que é o que ela gosta, é só estarmos as duas – fartamo-nos de rir, fartamo-nos de conversar e ela desabafa de um lado, eu desabafó do outro. Então há uma... há uma relação muito bacana entre a gente. Agora... ela também respeita-me muito, apesar de ser durona e às vezes brigar comigo como se eu fosse uma criança, que eu já chamo ela de mãe às vezes, ela fica olhando para a minha cara muito chateada (ri), mas eu digo “É verdade, você quer-me impedir de fazer determinadas coisas... que eu gosto de fazer.” Então... não funciona. Mas acabo domesticando de um lado, ela me domesticando do outro e a gente segue, mas temos feitios completamente opostos. Opostos mesmo! Hum... eu se calhar já sou mais cerimoniosa com as pessoas, estou sempre atenta a ver se está tudo bem, se falta alguma coisa. Ela está-se nas tintas. Quer lá saber (ri). É um bocado assim, mas é o estilo dela, é o jeito dela e a gente consegue viver em harmonia as duas assim. Agora quando tem a casa com mais gente, não sei quê, tem que ter mais cuidado, porque às vezes está, é o ar dela, mas parece que está sempre brava, parece que está chateada e não sei quê. Mas é o feitio dela, é uma pessoa antissocial também, não vale a pena. Ou ela vai muito com a sua cara e aí: “Então, B., convida aí as meninas, não sei o quê, vamos de novo, vamos aqui, vamos ali”. Ou se não for com a sua cara vai dizer logo: “Esquece. Essa pessoa não”. E aí não vale a pena. Aliás, acho que todos os amigos que eu já apresentei para ela, acho que só há uma pessoa com quem ela gosta de estar, hum... mas é uma pessoa que também já está muito habituada à nossa relação, portanto se ela nos ouvir a gritar uma com a outra ela já olha para nós... (ri). E porque, lá está, eu esqueci de falar há bocado, uma das pessoas muito importantes também na minha vida é a R., que é uma grandessíssima amiga minha, nem sei como é que eu fui esquecer dela, que ela conhece bem a nossa relação... então ela já não liga. Mas eu, apesar de ser amiga dela há anos e ela ser a minha melhor amiga, eu faço cerimónia com ela, eu não gosto que a minha namorada esteja de má cara ou que dê... que coloque uma frase mal metida... não é... que aí fico olhando para a C.: “Então?!”. Só que a C. não tem essa sensibilidade, ela está-se nas tintas: “Eu estou sendo honesta, estou sendo sincera, eu não estou nem aí.” Eu falei: “Pois é, mas as relações não funcionam assim”. Eu não vou negar, não vou mentir, mas também não preciso crachar a cara da pessoa, não é, pelo amor de Deus (ri). Eu que tenho uma amizade com ela há tantos anos sou incapaz de dizer determinadas coisas, portanto...*

### **Que ela acaba por ser capaz...**

*Ela diz, porque como para ela é indiferente, é apenas uma pessoa que está ali, não... não há esse laço, não há essa amizade, portanto... Portanto, nesse sentido a gente desatina muito por causa disso. No resto... temos uma relação perfeitamente normal.*

## **Sente então que funciona melhor quando estão só as duas...**

*Funciona melhor quando estamos só as duas, sim. Sem dúvida. Ou com pouca gente, tem que ter uma ou duas pessoas, mais do que isso para ela é multidão e não adianta. Aí já é muita confusão, muita gente, muitas vozes (ri)... portanto não... não dá.*

## **Mas porque é que ela não gosta da maior parte das pessoas que lhe apresenta?**

*Segundo ela diz... ela ao longo da vida dela, das pessoas que ela conhece, porque ela é mais velha do que eu, não é? Eu tenho trinta e... quase sete e ela tem cinquenta e um. E ela diz que ao longo da vida dela... só viu as pessoas a usarem e abusarem. Você convida, você oferece, está todo o mundo lá, depois quando você precisa ninguém aparece. Eu sei que isso é verdade, mas neste mundo, o mundo é assim, não vou conseguir mudar só por me afastar das pessoas, não é? E continuo acreditando que nenhum homem é uma ilha e portanto eu não vou ser feliz só com a minha namorada do lado. Eu preciso de mais gente. Ela não, ela já acha que consegue ser feliz só assim, que não precisa de mais nada. E aí que a gente se bate de frente. Ela disse que é por esse motivo, e eu acredito, conheço muita gente que também já pensa assim, que é melhor não ter ninguém, do que ter gente que só está por interesse. Eu própria já estou afastando muita gente da minha vida que também apercebi-me... disso, não é? Hum... mas eu acho que é um pouquinho jogo de cintura, saber lidar com a pessoa, com que tipo de pessoa, como é que é? Tanto que eu costumo dizer: “C., mas se aquela pessoa a gente oferece e depois esquece da gente... então a gente não oferece, a gente reparte, a gente divide. Não precisa simplesmente aniquilar a pessoa da face da terra (ri), não é.” Mas ela é mais radical, é mais... se eu disse da outra vez que era um pouco mais intolerante, meu Deus, ela então, não sei. Não sei mesmo. E aceito... aceito, não concordo, mas aceito, tudo bem. Continuo trazendo os meus amigos em casa na mesma e ela só tem que aguentar (ri), que eu não vou-me afastar das pessoas, isso ela já sabe. Mas compreendo, acho... acho válida a justificação que ela me deu. Não conheço melhor a história da vida dela, não estava lá para ver, mas... concordo. Segundo consta, do que ela me conta da outra relação que ela teve, foi exactamente assim. Andou onze anos com uma pessoa que pelo que eu sei, que ela me conta, também tinha um feitiço muito complicado e muito parecido com o dela, então, lá está, perfeito, não é? Duas pessoas muito parecidas, que não gostam de convivência, então óptimo. Isolavam-se, se tinham dois ou três amigos mais próximos... era muito. Portanto isto foi uma relação de onze anos, agora imagino... eu percebo que... Como eu percebo que para ela é uma mudança também tento fazer a coisa devagarinho, que é para não chocar logo de uma vez só. Mas há certas alturas em que eu tenho que dar dois gritos e dizer: “Não, espera lá. Eu estou um pouco cansada de dizer tudo bem, eu entendo, eu faço, acontece, mas depois também não há... o outro lado.” E... a gente vai-se entendendo, ao nosso jeito a gente se entende.*

## **Há paixão entre vocês?**

*É, paixão há. Hum... eu acho que já houve mais paixão do que há agora, agora já entramos naquela fase do amor, do... do colinho, do carinho. Agora... desculpe o termo, aquela paixão, aquele tesão, já teve a sua época. Mas eu acho que isso é com todo o mundo. Sempre assim, aquele encantamento, aquele, ai o cheiro, ai que eu vibro, ai que não sei quê. Hoje em dia é uma relação de casal, a gente está sempre junto, quer dizer, acho que a parte cama, a parte... não é, fica um pouco mais... fica aquela coisa: "Ah, lembrei! Ok.", mas caso contrário é uma relação muito mais calma.*